



TATIANA DE ROSNAY

autora de *A Chave de Sarah*

Um Segredo de Família

*“Um romance que se lê de uma tacada só,
e que mantém o suspense mesmo quando investe
na profundidade psicológica.” – LE MONDE*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TATIANA DE ROSNAY

Um Segredo
de Família

Tradução
Livia de Almeida



Copyright © 2009, Éditions Héloïse d'Ormesson

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Boomerang

Capa

Silvana Mattievich

Imagem de capa

Stockbyte/Getty Images

Revisão

Rita Godoy

Patrícia Sotello Soares

Ana Grillo

Coordenação de eBook

Marcelo Xavier

Conversão para eBook

Freitas Bastos



Catálogo na fonte

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R735s

Rosnay, Tatiana de

Um segredo de família [recurso eletrônico] / Tatiana de Rosnay; tradução Lívia de Almeida. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

recurso digital

Tradução de: *Boomerang*

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

302p. ISBN 978-85-8105-067-6 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Lívia de. II. Título.

12-1923.

CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

Em memória de Pierre-Emmanuel (1989-2006)

*"Que o meu nome continue a ser a palavra
corriqueira que sempre foi. Que seja dito sem esforço,
sem que paire qualquer sombra sobre ele."*

HENRY SCOTT HOLLAND

"Manderley não existia mais."

DAPHNE DU MAURIER, *Rebecca*.

Capítulo 1

SOU CONDUZIDO A UMA sala pequena e acanhada, onde me mandam sentar e esperar. Seis cadeiras vazias de plástico marrom estão dispostas de frente umas para as outras sobre um peso de fórmica desgastada. Num canto, uma planta artificial com folhas brilhantes cobertas de poeira. Faço o que me mandam. Sento-me. Minhas coxas tremem. As palmas das mãos estão úmidas, a garganta seca. Minha cabeça lateja. Penso: preciso ligar agora para nosso pai, preciso ligar para ele antes que seja tarde demais. Mas minhas mãos não fazem qualquer movimento para retirar o telefone de dentro do bolso do meu jeans. Ligar para nosso pai e dizer o quê? E dizer como?

A iluminação é agressiva, ofuscantes tiras de neon que riscam o teto. As paredes, amareladas e rachadas. Fico sentado, entorpecido. Desamparado. Perdido. Tenho vontade de fumar. Imagino se vou vomitar e devolver o café amargo e o brioche intragável que consumi algumas horas antes.

Ainda posso ouvir o guincho dos pneus, sentir a guinada súbita do carro ao se voltar bruscamente para a direita, desgovernando-se até se chocar contra a murada. E o grito dela. Ainda posso ouvi-la gritar.

Quantas pessoas já esperaram aqui, penso. Quantas pessoas ficaram sentadas aqui onde estou agora e esperaram notícias de seus entes queridos. Não consigo deixar de pensar no que aquelas paredes amareladas assistiram. O que sabem. O que lembram. Lágrimas, gritos ou alívio. Esperança, dor ou alegria.

Os minutos passam lentamente. Observo a face redonda de um relógio imundo sobre a porta. Não há nada mais a fazer além de esperar. Depois de mais ou menos meia hora, entra uma enfermeira. Tem um rosto longo e equino, braços brancos e esguios.

— Monsieur Rey?

— Sim — digo, com o coração na boca.

— O senhor precisa preencher estes formulários. Com as informações dela.

Ela me entrega um par de folhas e uma caneta.

— Ela está bem? — balbucio.

Minha voz soa fraca e tensa.

Ela pisca para mim com olhos úmidos e sem cílios.

— A médica vai dizer. A médica já vem.

Ela sai. Tem uma bunda reta e sem graça.

Estendo as folhas de papel sobre os joelhos com dedos trêmulos.

Nome, data e local de nascimento, estado civil, endereço, seguro social, seguro de saúde. Minha mão ainda treme enquanto escrevo em letras de imprensa: *Mélanie Rey, nascida em 15 de agosto de 1967 em Boulogne-Billancourt, solteira, rue de la Roquette, 49, Paris, 75.011.*

Não tenho a mínima ideia do número do seguro social da minha irmã. Muito menos do seguro de saúde. Todas essas coisas devem estar na bolsa dela. Cadê a bolsa? Não consigo me lembrar de nada sobre a bolsa. Só do jeito que o corpo dela caiu para a frente quando a arrastaram para fora do carro. Do jeito que os braços sem vida ficaram pendurados, quase tocando o chão, quando ela foi colocada na maca. E lá estava eu, sem um fio de cabelo fora do lugar, sem um arranhão. Eu que estava sentado bem ao lado dela. Sinto um sobressalto. Fico achando que vou acordar de um sonho ruim.

A enfermeira volta com um copo d'água. Eu engulo. Tem um sabor metálico e choco. Eu agradeço. Digo a ela que não tenho o número do seguro social de Mélanie. Ela faz um sinal com a cabeça, leva as folhas e sai.

Os minutos se arrastam. O cômodo está silencioso. É um hospital pequeno. Uma cidade pequena, suponho. Nos arredores de Nantes.

Não tenho muita certeza do local. Estou fedendo. Não há ar condicionado. Dá para sentir o cheiro do suor que escorre sob minhas axilas, acumulando-se próximo à virilha. O cheiro suado e intenso do pânico e do desespero. Minha cabeça ainda lateja. Tento respirar com calma. Consigo fazê-lo por uns poucos minutos, até que a terrível sensação de desamparo me invade e me domina.

Paris está a mais de três horas de viagem. Fico pensando mais uma vez se devo ligar para meu pai. Digo a mim mesmo que preciso esperar. Não sei sequer o que o médico tem a dizer. Olho para o relógio de pulso. Dez e meia. Onde estaria o nosso pai a essa hora? Em algum jantar? Assistindo tevê a cabo em seu escritório enquanto Régine, no outro quarto, fala ao telefone e pinta as unhas?

Decido esperar um pouco mais. Sinto a tentação de ligar para minha ex-mulher. O nome de Astrid ainda é o primeiro que vem à mente nas horas de tensão ou desespero. Mas pensar nela com Serge, em Malakoff, na nossa antiga casa, na nossa antiga cama, e que é ele quem invariavelmente atende o telefone, até o celular dela, pelo amor de Deus — Oi, Antoine, e aí, cara? —, isso é demais para mim. Por isso não ligo para Astrid, embora sinta muita vontade.

Fico na saleta abafada e mais uma vez tento me manter calmo. Tento romper a onda de pânico que cresce dentro de mim. Penso em meus filhos. Arno, no auge da glória e da rebeldia adolescentes. Margaux, misteriosa aos 14 anos. Lucas, ainda um bebê aos 11, se comparado aos outros dois e seus hormônios em ebulição. Simplesmente não consigo imaginar como dizer para eles: "Sua tia morreu. Mélanie morreu. Minha irmã morreu." As palavras não fazem sentido. Afasto-as da minha cabeça.

Outra hora passa. Eu me sento com a cabeça nas mãos. Tento organizar a bagunça que se forma na minha mente. Começo a pensar em prazos que preciso cumprir, amanhã é segunda-feira e depois desse fim de semana prolongado há muita coisa urgente a se fazer, o desagradável Rabagny e aquela creche horrorosa que eu não

deveria ter assumido, Florence, a assistente inútil que sei que tenho que demitir. Mas como posso pensar nisso, percebo chocado comigo mesmo, como posso pensar em meu emprego agora, neste exato momento em que Mélanie está em algum lugar entre a vida e a morte? Digo para mim mesmo com o coração apertado: por que Mélanie? Por que ela? Por que não eu? Essa viagem foi ideia minha. Meu presente de aniversário para ela. O quadragésimo aniversário que ela tanto temia.

Uma mulher da minha idade finalmente aparece. Com uma veste cirúrgica verde e uma daquelas engraçadas touquinhas de papel usadas por cirurgiões. Olhos castanhos e astutos, cabelo castanho curto com toques de prata. Ela sorri. Meu coração dá um salto. Fico de pé.

— Essa foi por pouco, *monsieur* Rey — diz ela.

Reparo nas manchinhas marrons na frente da veste. Imagino com horror se seriam do sangue de Mélanie.

— Sua irmã vai ficar bem.

Para meu horror, meu rosto se contrai, lágrimas escapam. Meu nariz escorre. Estou profundamente constrangido por chorar na frente desta mulher, mas não posso evitá-lo.

— Está tudo bem — diz a médica. Ela segura meu braço. Tem mãos pequenas e quadradas. Ela me coloca de volta na cadeira. Senta-se ao meu lado. Solto o choro da mesma forma que fazia quando era menino. Profundos soluços que partem das vísceras.

— Ela estava dirigindo, não é?

Faço que sim com a cabeça, tento secar minhas narinas úmidas com a parte de trás da mão.

— A gente sabe que ela não bebeu. Verificamos isso. Você pode me dizer o que aconteceu?

Repito as mesmas coisas que contei antes para a polícia e para o pessoal da ambulância. Que minha irmã queria dirigir durante o

resto do caminho para casa. Que era uma boa motorista. Que nunca me deixou nervoso ao assumir o volante.

— Ela desmaiou? — pergunta a médica. No crachá está escrito “Docteur Bénédicte Besson”.

— Não.

E então tudo volta. Algo que não contei para o pessoal da ambulância porque só lembrei agora. Olho para o rosto pequeno e bronzeado da médica. O meu ainda está trêmulo com o choro. Recupero o fôlego.

— Minha irmã estava a ponto de me contar alguma coisa... Ela virou para mim. Foi quando aconteceu. O carro saiu da estrada. Aconteceu tão rápido.

A médica insiste para que eu prossiga.

— O que ela estava te contando?

Os olhos de Mélanie. As mãos agarradas ao volante. *Antoine, tem uma coisa que eu preciso dizer. Passei o dia inteiro sem querer falar sobre isso. Na noite passada, no hotel, lembrei de uma coisa. Uma coisa sobre...* Os olhos agitados, preocupados. E o carro perdendo a direção.

Capítulo 2

ELA ADORMECEU LOGO DEPOIS que conseguiram atravessar o engarrafamento pesado nos subúrbios ao redor de Paris. Antoine sorriu ao ver a cabeça dela caída, apoiada contra a janela do carro. Estava de boca aberta e ele pensou ter ouvido um suave ronco. Ela estivera irritadiça de manhã, quando ele passara para pegá-la logo que amanheceu. Detestava surpresas, sempre detestara. Ele sabia disso, não sabia? Por que cargas d'água havia decidido organizar uma viagem surpresa? Francamente! Fazer 40 anos já não era suficientemente ruim? Ter que superar um rompimento doloroso? Nunca ter casado, nem ter tido filhos e ouvir as pessoas mencionarem o relógio biológico a cada cinco minutos? "Se alguém falar nisso de novo, vou bater", sibilou, rangendo os dentes. Mas a ideia de enfrentar sozinha aquele longo fim de semana lhe era insuportável. Ele sabia. Sabia que ela não aguentava pensar em seu apartamento quente e vazio na barulhenta rue de la Roquette, e em todos os amigos que estariam fora da cidade deixando recados animados na secretária eletrônica: "Puxa, Mel, 40 anos!" Quarenta. Ele voltou o olhar para ela. Mélanie, sua irmãzinha, ia completar 40 anos. Mal dava para acreditar. Isso significava que ele estava com 43. Mal dava para acreditar nisso também.

Mas os olhos enrugados refletidos no retrovisor eram de um homem nos primeiros anos da meia-idade. Cabelos grisalhos espessos, rosto longo e esguio. Ele reparou que Mélanie pintava o cabelo de castanho. As raízes estavam inegavelmente grisalhas. Havia algo de tocante no fato de Mélanie pintar o cabelo. Por que seria?, questionou-se. Tantas mulheres pintavam o cabelo. Talvez porque ela fosse sua irmã caçula. Ele simplesmente não conseguia imaginá-la envelhecendo. O rosto ainda era belo. Talvez mais belo

do que quando estava na casa dos 20, 30 anos, pois a estrutura óssea tinha muita classe. Ele nunca se cansava de admirar Mélanie. Tudo nela era pequeno, feminino, delicado. Tudo nela — os olhos verde-escuros, a bela curva do nariz, o sorriso de dentes espantosamente brancos, os punhos e tornozelos esguios — lembrava sua mãe. Ela não gostava de ouvir que se parecia com Clarisse. Nunca havia gostado. Mas, para Antoine, era como se visse sua mãe espiando através dos olhos de Mélanie.

O Peugeot ganhou velocidade, e Antoine concluiu que chegariam em menos de quatro horas. Tinham saído a tempo de evitar o trânsito. Apesar das perguntas, ele não dissera uma palavra sequer sobre o destino. Apenas sorria:

— Faça a mala para uns dois dias. Vamos celebrar seu aniversário com estilo.

Houve um probleminha com Astrid, a ex-mulher. Algumas negociações a serem feitas. Aquele fim de semana prolongado normalmente era “dele”. As crianças deveriam sair da casa dos pais de Astrid em Dordogne para se encontrarem com ele. Ele foi firme no telefone, era o aniversário de Mel, ela estava fazendo 40, ainda não tinha se recuperado do rompimento com Olivier, passava por uma fase difícil. A voz de Astrid: “Oh, *merde*, Antoine. Eu fiquei com as crianças as duas últimas semanas. Serge e eu precisamos muito passar algum tempo sozinhos.”

Serge. Só o nome já o fazia se encolher. Um fotógrafo com 30 e poucos anos. Do tipo musculoso, sarado, que gosta de atividades ao ar livre. Era especialista em comida. *Natures mortes* para luxuosos livros de culinária. Passava horas tentando fazer com que a massa reluzisse. Que a vitela parecesse irresistível, e as frutas, sedutoras. Serge. Toda vez que Antoine apertava a mão ao aparecer para pegar as crianças era confrontado com a terrível lembrança da câmera digital de Astrid e do que ele achara no cartão de memória enquanto ela fazia compras naquele fatídico sábado. De início, ele, confuso,

vira só um par de nádegas cabeludas subindo e descendo. Então, percebera horrorizado que estavam enfiando um pênis no que se parecia assustadoramente com o corpo de Astrid. Foi assim que ele descobriu. Havia tomado satisfações de Astrid, ainda carregada com sacolas de compras, naquela terrível tarde de sábado. Ela caiu no choro e admitiu que amava Serge e que o caso vinha desde aquelas férias com as crianças no Club Med, na Turquia, e que se sentia muito aliviada porque ele agora sabia.

Antoine ficou tentado a acender um cigarro para afastar as memórias desagradáveis. Mas sabia que a fumaça acordaria a irmã e que ela faria algum comentário ranzinza sobre seu "vício nojento". Em vez disso, concentrou-se na estrada que se abria diante dele.

Astrid ainda se sentia culpada em relação a Serge, lhe parecia. Culpada pela forma como ele, Antoine, descobrira o caso. Culpada pelo divórcio. Pelo desfecho de tudo. E ela amava Mélanie profundamente. Tinham sido amigas por muito tempo, antes mesmo de Antoine. As duas trabalhavam no ramo editorial. Ela não teve coragem de dizer não. Astrid suspirara:

— Tudo bem. As crianças podem ficar com você depois. Dá de presente pra Mel um aniversário incrível.

Quando Antoine parou no posto de gasolina para reabastecer, Mélanie finalmente bocejou e abriu a janela do carro.

— *Hé, Tonio* — falou com a voz arrastada. — Em que raio de lugar nós estamos?

— Você não tem mesmo noção?

Ela deu de ombros.

— Não.

— Você dormiu pelas últimas duas horas.

— Bom, você apareceu quase de madrugada, seu filho da mãe.

Depois de um cafezinho (para ela) e um cigarro (para ele), os dois voltaram ao carro. Ela parecia menos petulante. Antoine percebeu.

— É fofo isso que você está fazendo — disse ela.

- Obrigado.
 - Você é um irmão fofo.
 - Eu sei.
 - Não precisava. Não tinha outra coisa pra fazer?
 - Nenhuma outra coisa.
 - Nenhuma namorada?
- Ele suspirou.
- Nenhuma namorada.

Pensar na sua vida recente lhe dava vontade de parar o carro, saltar e chorar. Desde o divórcio, houvera uma série de mulheres. Uma série de decepções. Mulheres que ele conhecera na internet, naqueles terríveis sites de relacionamento. Mulheres da sua idade, mulheres casadas, mulheres divorciadas, mulheres mais jovens. Havia mergulhado em uma sequência de encontros com vontade, determinado a achar tudo muito estimulante. Mas depois das primeiras manobras sexuais acrobáticas e de voltar para o apartamento vazio com o coração pesado, esgotado e encontrar sua nova cama vazia, ele descobriu a verdade que estava bem diante de seus olhos. Tinha procurado evitá-la por muito tempo. Ainda amava Astrid. Finalmente admitira para si. Ainda amava a ex-mulher. Amava-a tão desesperadamente que chegava a lhe embrulhar o estômago.

Mélanie dizia:

- Você provavelmente tinha coisas melhores e mais divertidas a fazer do que levar sua irmã solteirona para uma viagem no feriadão.
- Não seja boba, Mélanie. É o que eu quero fazer. Quero fazer isso por você.

Ela observou uma placa na estrada.

- Ei! A gente está indo para o oeste!
- Garota esperta.
- O que tem no oeste? — perguntou ela, ignorando a ironia afetuosa na voz dele.

— Pensa.

— Hmm. Normandia? Bretanha? Vendée?

— Está esquentando.

Ela não disse nada, ouvindo o velho CD dos Beatles que Antoine tinha colocado para tocar. Enquanto seguiam, ela deixou escapar um gritinho.

— Já sei! Você está me levando pra Noirmoutier!

— Bingo — disse ele.

Mas o rosto dela ficara sério. Olhava para as mãos pousadas no colo, os lábios apertados.

— Qual o problema? — perguntou ele, preocupado. Havia esperado risadas, gritinhos, sorrisos, qualquer coisa menos aquele rosto sem expressão.

— Nunca mais voltei lá.

— E daí? Nem eu.

— Foi em... — ela fez uma pausa para fazer contas com os dedos esguios — 1973. Não foi? Faz 34 anos. Não vou me lembrar de nada! Eu tinha 6 anos de idade.

Antoine diminuiu a velocidade do carro.

— Não importa. É só pra comemorar seu aniversário, sabe? A gente passou o seu aniversário de 6 anos lá, lembra?

— Não — disse ela, lentamente. — Não lembro de nada sobre Noirmoutier.

Ela devia ter percebido que estava se comportando como uma criança mimada, pois colocou rapidamente a mão no braço do irmão.

— Ah, mas não faz mal, Tonio. Estou feliz. De verdade. E o tempo está maravilhoso. É tão bom estar com você e deixar tudo pra trás.

“Tudo”, como Antoine bem sabia, significava Olivier e o estrago feito pelo rompimento. E o trabalho altamente competitivo de editora em uma das mais famosas companhias da França.

— Fiz reservas no hotel Saint-Pierre. Você se lembra de lá, não é?

— Sim! — exclamou ela. — Eu lembro! Aquele hotel antigo e lindo no bosque! Com Grand-père e Grand-mère... Meu Deus, faz tanto tempo...

Os Beatles continuavam a cantar. Mélanie também cantarolava. Antoine sentiu um alívio, uma sensação de paz. Ela gostou da surpresa. Estava feliz em voltar. Mas havia uma coisinha que o perturbava. Uma coisinha que ele não tinha levado em consideração quando tivera a ideia de voltar.

O verão de 1973 em Noirmoutier havia sido o último com Clarisse.

Capítulo 3

POR QUE NOIRMOUTIER?, PENSOU ele, enquanto o carro avançava e Mélanie cantarolava *Let it Be*. Nunca tinha se considerado uma pessoa nostálgica. Nunca olhava para trás. Mas, desde o divórcio, ele havia mudado. Incessantemente, se via pensando mais no passado do que no presente ou no futuro. O peso daquele último ano, o primeiro ano sozinho, aquele terrível ano solitário havia despertado crises de arrependimento, saudades da infância, desejo por lembranças felizes. Foi assim que voltara a se lembrar da ilha, timidamente a princípio, e depois com mais intensidade e precisão à medida que as lembranças se precipitavam como cartas amontoadas em uma caixa do correio.

Os avós, a altiva Blanche, de cabelos brancos, com o guarda-sol, e Robert, com a cigarreira de prata que nunca saía do seu lado, sentados na sombra da varanda do hotel, bebendo café enquanto ele acenava do jardim. A irmã de seu pai, Solange, gorducha e queimada de sol, lendo revistas de moda na espreguiçadeira. Mélanie, pequena e rija, com um chapéu de abas moles a emoldurar-lhe as bochechas rechonchudas. Clarisse, erguendo o rosto em forma de coração para o sol. E seu pai, que aparecia nos finais de semana cheirando a charutos e à cidade. E a estrada de pedras que submergia, coisa que o fascinara quando criança e ainda fascinava. A Passagem de Gois. Só era possível utilizá-la na maré baixa. Antes que a ponte fosse construída em 1971, era a única forma de se chegar à ilha.

Ele queria fazer alguma coisa de especial no aniversário de Mélanie. Vinha pensando naquilo desde abril. Não queria apenas outra festa surpresa, com amigos risonhos escondidos no banheiro, carregados com garrafas de champanhe. Não. Alguma coisa

diferente. Algo que ela não esqueceria. Precisava tirá-la da rotina que a aprisionava. O emprego que consumia toda a sua vida, a obsessão com a idade e, acima de tudo, sua dificuldade em esquecer Olivier.

Ele nunca tinha gostado de Olivier. Esnobe, pomposo, arrogante. Cozinhava maravilhosamente bem. Sabia fazer sushi. Era especialista em arte oriental. Ouvia Lully. Falava quatro línguas fluentemente. Sabia dançar valsa. E não conseguia lidar com compromissos. Mesmo depois de seis anos com Mélanie, Olivier não estava pronto para morar com alguém. Apesar de ter 41 anos. Acabou largando Mélanie só para engravidar imediatamente uma manicure de 25 anos. Era agora o pai orgulhoso de gêmeos. Mélanie nunca o perdoou.

Por que Noirmoutier? Porque haviam passado verões inesquecíveis ali. Porque Noirmoutier era o símbolo da perfeição da juventude, dos dias despreocupados quando as férias de verão pareciam infundáveis, quando parecia que os dez anos de idade durariam para sempre. Quando não havia nada mais promissor do que um dia perfeito com os amigos na praia. Quando a escola estava a um século de distância. Por que ele nunca tinha levado Astrid e as crianças para a ilha?, se perguntou. Naturalmente, tinha contado tudo isso a elas. Mas Noirmoutier era o seu passado particular, ele percebeu. Seu e de Mélanie. Um passado puro e intocado.

E ele queria passar um tempo com a irmã, ficar com ela. Sozinhos. Eles não se viam tanto em Paris, refletiu. Ela estava sempre ocupada, almoçando ou jantando com algum escritor, ou então participando de uma turnê de divulgação. Ele passava muito tempo fora, visitando obras fora da cidade ou tentando cumprir o prazo de algum trabalho. Algumas vezes, ela aparecia para o brunch nas manhãs de domingo, quando as crianças estavam com ele. Fazia os ovos mexidos mais cremosos do mundo. Sim, agora ele descobria que precisava estar com ela, sozinho com ela, nesse momento frágil

e complicado de sua vida. Os amigos eram importantes para ele, precisava da alegria e da diversão que lhe proporcionavam, mas o que ele mais desejava agora era o apoio de Mélanie, sua presença, o fato de ser o único elo que o ligava ao passado.

Ele havia se esquecido como era longa a viagem partindo de Paris. Recordava-se de dois carros. Robert, Blanche e Solange no Citroen DS negro e letárgico. Clarisse e Mélanie no Triumph sacolejante, com o pai no volante, fumando charutos, e Antoine no banco de trás, enjoado. Eram seis ou sete horas, incluindo o almoço tranquilo no pequeno *auberge* perto de Nantes. Grand-père era especialmente exigente em relação a comida, vinho e garçons.

Ele se perguntou se Mélanie se lembrava da viagem interminável. Afinal de contas, era três anos mais nova. Tinha dito que não se lembrava de nada. Ele olhou para ela. Tinha parado de cantarolar e observava as mãos com aquela expressão intensa e austera que às vezes o assustava.

Será que foi mesmo uma boa ideia?, questionou-se. Será que ela estava mesmo feliz em voltar a um lugar onde pairavam memórias esquecidas da infância, imóveis, por enquanto, como a superfície de águas calmas?

— Você se lembra disso? — perguntou Antoine enquanto o carro subia na curva larga da ponta. À direita, no continente, fileiras de gigantescos moinhos prateados.

— Não — disse ela. — Só lembro de ficar sentada no carro e de esperar a maré. E de atravessar a Passagem de Gois. Era divertido. E do papai, que ficava tão impaciente porque Grand-père sempre errava o horário da maré.

Ele também se lembrava de esperar pela maré. De esperar durante horas que a Passagem de Gois aparecesse sob as ondas que recuavam lentamente. E finalmente ali estava ela, com pedrinhas reluzindo com a água do mar, uma estrada anfíbia de quatro quilômetros, pontilhada por postes elevados nos quais ficavam

pequenas plataformas para os motoristas e pedestres infelizes, pegos de surpresa pela chegada da maré.

Ela pousou rapidamente a mão no joelho dele.

— Antoine, a gente pode ir até o Gois? Queria muito ver de novo.

— Claro!

Ele ficou exultante por ela ter finalmente se lembrado de algo. E de algo tão importante e misterioso quanto a *Passage du Gois. Gois*. O próprio nome o fascinava. Pronunciado como Boá. Era um nome antigo para uma antiga estrada.

Grand-père nunca atravessou a nova ponte. Resmungava que o pedágio era caro demais e que a gigantesca estrutura de concreto estragava a paisagem. Portanto, se manteve fiel à Passagem de Gois, apesar dos protestos do filho e da longa espera.

Enquanto seguiam para a ilha, Antoine percebeu que as memórias de Gois estavam intactas. Ele podia revê-las na cabeça como se fosse um filme. Imaginava que Mélanie talvez sentisse a mesma coisa. A grande cruz austera no início do caminho voltou à lembrança. “Para proteger e amar”, costumava sussurrar Clarisse, apertando com força sua mão. Lembrava-se de sentar na costa da ilha e observar as ondas diminuírem até que o enorme banco de areia aparecesse como num passe de mágica. Assim que o oceano se afastava, o banco de areia ficava repleto de catadores de concha com redes de pescar camarão. Se lembrou das perninhas de Mélanie correndo pela faixa e do balde plástico de Clarisse que logo transbordava de mariscos, moluscos e búzios. Se lembrou do cheiro pungente, intenso das algas marinhas, da força da maresia. Os avós assistiam, benevolentes e envelhecidos, de braços dados. E os cabelos negros esvoaçantes de Clarisse. Os carros se arrastando pela passagem. Noirmoutier não era mais uma ilha. Ele gostava da ideia. Mas pensar que o oceano se levantaria de novo, inexoravelmente, era ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante.

Ele nunca se cansava de ouvir as histórias dos horrendos desastres de Gois. No hotel Saint-Pierre, o jardineiro, o velho *père* Benoît, revelava todos os detalhes terríveis. A história favorita de Antoine era a do acidente de junho de 1968, em que três pessoas da mesma família morreram afogadas. O carro atolou quando a maré subiu. Não pensaram em escalar um dos postes de salvamento nas proximidades. A tragédia rendeu manchetes de jornais. Antoine não conseguia compreender como um carro podia ser carregado pela água e como as pessoas não tinham conseguido escapar. Por isso o velho *père* Benoît o havia levado para observar a chegada da maré na Passagem de Gois.

Por muito tempo, nada acontecera. Antoine já se sentia entediado. O velho *père* Benoît fedia a Gitanes e vinho tinto. Então o garoto percebeu que mais e mais pessoas se aproximavam deles.

— Olha só, garoto — sussurrou o velho. — Eles vieram ver a Passagem de Gois se fechar. Todos os dias, na maré alta, as pessoas vêm de longe pra olhar.

Antoine viu que não havia mais carros atravessando o caminho. À esquerda, a imensa baía se encheu lentamente, em completo silêncio, como se fosse um enorme lago transparente. A água parecia mais profunda e mais escura, avançando sobre sulcos de areia enlameados. À direita, subitamente, ondas fortes apareceram do nada e já lambiam a passagem, impacientes. Os dois fluxos separados de água se juntaram em um abraço estarrecedor que o surpreendeu, formando uma longa fita de espuma sobre a estrada de pedras. A Passagem de Gois desapareceu em segundos, engolida pela maré. Era impossível imaginar que uma estrada passara um dia por ali. Agora havia apenas o mar azul e nove postes de salvamento emergindo da superfície revolta. Noirmoutier voltava a ser uma ilha. Gaivotas triunfantes grasnavam e voavam em círculos sobre suas cabeças. Antoine se espantou.

— É assim, garoto — disse *père* Benoît. — É rápido assim. Tem gente que acha que pode chegar à terra firme antes da maré, porque são só quatro quilometrosinhos. Mas você viu aquela onda, não viu? Não brinque com Gois. Lembre-se disso.

Antoine sabia que todos os moradores da ilha tinham uma cópia dos horários das marés guardada no bolso ou no porta-luvas. Sabia que as pessoas nunca diziam: “Quando se pode atravessar?” e sim “Quando se pode passar?” Sabia que não mediam a Passagem de Gois em metros, mas em postes de salvamento: “O parisiense atolou no segundo poste. O motor foi inundado.” Quando garoto, ele lera atentamente todos os livros sobre Gois que conseguira encontrar.

Antes da viagem para celebrar o aniversário de Mélanie, ele havia catado aqueles livros. Levou algum tempo para lembrar que estavam num amontoado de caixas de papelão no porão. Caixas que ele nunca se dera ao trabalho de abrir desde o recente divórcio e a mudança. O favorito estava ali: *A Extraordinária História da Passagem de Gois*. Ele o abriu, sorridente, lembrando-se de como passava horas examinando com cuidado as velhas fotos em preto e branco dos carros destruídos, com os para-choques saindo da água do mar, sob um determinado poste. Decidiu levar o livro consigo, e quando o fechou, um cartão branco saiu esvoaçando. Intrigado, ele o pegou.

Para Antoine em seu aniversário, para que a Passagem de Gois não tenha mais segredos para você. Da sua querida Maman. 7 de janeiro de 1972.

Ele não via a letra da mãe fazia muito tempo. Sentiu alguma coisa arranhar o fundo da garganta. Guardou logo o cartão.

A voz de Mélanie o devolveu ao presente.

— Por que não fomos pela Passagem de Gois? — perguntou.

Ele sorriu pedindo desculpas.

— Desculpe. Esqueci de verificar os horários da maré.

A primeira coisa que repararam foi como Barbâtre havia prosperado. Não era mais a pequena aldeia na beira da praia de que eles se lembravam, mas sim um lugar movimentado, ostentando bangalôs modernos e centros comerciais. Outra surpresa desagradável: as estradas da ilha estavam engarrafadas. A temporada de verão atingia o auge no fim de semana prolongado de 15 de agosto. Mas ao chegarem à extremidade norte da ilha, perceberam com alívio que quase nada havia mudado. Entraram no Bois de la Chaise, uma extensão verdejante de pinheiros e carvalhos salpicada por casas de estilos curiosamente diferentes, o que divertia Antoine quando criança: chácaras em estilo gótico do século XIX, chalés de verão em madeira, fazendas bascas, mansões inglesas, todas com nomes que voltavam à lembrança de Antoine como rostos de velhos amigos: “Le Gaillardin”, “Les Balises”, “La Maison du Pêcheur”.

De repente, Méline exclamou empolgada:

— Eu me lembro disso! — Fez um gesto com a mão na direção do vidro dianteiro. — Me lembro de tudo isso!

Antoine não conseguia decifrar se ela estava feliz ou nervosa. Sentia também um pouco de ansiedade. Chegaram ao portão do hotel, as rodas esmagando o cascalho branco. Medronheiros e mimosas estavam enfileirados na passagem. Não mudou, pensava Antoine, ao bater a porta do carro. Não, não tinha mudado nada, mas parecia bem menor. A mesma cobertura de hera subia pela fachada. A mesma porta verde-escura, a mesma entrada com carpete azul, com escadas à direita.

Foram para a grande janela da sacada que dava para o jardim. A mesma malva, as mesmas árvores frutíferas, romanzeiras, eucaliptos e oleandros. Tudo surpreendentemente familiar. Até o cheiro que pairava na entrada era familiar. Um odor úmido e embolorado combinado com cera de polir e lavanda, roupa de cama limpa e nova e vestígios de comida boa e farta. O cheiro especial que os antigos

casarões à beira-mar costumam manter ano após ano. Antes que Antoine pudesse mencionar aquele cheiro maravilhosamente conhecido para a irmã, os dois foram saudados por uma jovem rechonchuda na mesa da recepção. Quartos 22 e 26. Segundo andar.

No caminho, deram uma olhada na sala de jantar. Havia sido repintada. Nenhum dos dois se lembrava daquele rosa pavoroso, mas o resto estava exatamente igual. Fotografias de Gois desbotadas, em sépia, aquarelas do castelo de Noirmoutier, dos pântanos salgados, da regata de Bois de la Chaise. As mesmas cadeiras de vime, as mesmas mesas quadradas cobertas com toalhas brancas engomadas. Nada mudara.

Mélanie cochichou:

— A gente descia a escada pra jantar, você de cabelo empapado de *eau de Cologne*, usando blazer azul-marinho e camisa Lacoste amarela...

— Isso! — ele riu e apontou para a maior mesa da sala, a que ficava no meio. — A gente sentava ali, lembra? Era a nossa mesa. E você usava vestido bordado em branco e rosa daquela loja grã-fina na avenue Victor-Hugo e laço de fita no cabelo, combinando com a roupa.

Como ele se sentia orgulhoso e importante ao descer as escadas cobertas por carpete azul, vestido com seu blazer, o cabelo penteado como o de um “petit Monsieur”, enquanto eram observados da mesa, carinhosamente, por Robert e Blanche. Um martíni para Blanche, um uísque com gelo para Robert. Solange bebericando champanhe com o dedinho para o alto. E todo mundo tirava os olhos da refeição para admirar a chegada daquelas crianças tão arrumadas, com as bochechas rosadas de sol, o cabelo para trás. Sim, era a família Rey. Ricos, respeitáveis, impecáveis, distintos. Ficavam com a melhor mesa. Blanche dava as melhores gorjetas. Parecia ter um estoque infindável de notas de dez francos enroladas dentro da sua bolsa Hermès. A mesa dos Rey exigia atenção

constante e cuidadosa dos empregados. O copo de Robert devia estar sempre meio cheio. Blanche não queria nenhum sal por causa da sua pressão arterial. A *sole Meunière* de Solange tinha que ser perfeitamente preparada, sem uma espinhazinha sequer, ou então ela criava caso.

Antoine ficou imaginando se alguém ali se lembraria da família Rey. A garota da recepção era jovem demais. Quem se lembraria dos avós aristocráticos, da filha impertinente, do filho talentoso que só aparecia nos fins de semana, das crianças bem-comportadas?

E da bela nora.

Subitamente, uma recordação muito nítida da mãe, descendo as escadas em um tomara que caia preto, atropelou seu peito como um soco. O cabelo longo e negro ainda úmido do banho, torcido em um *chignon*, os pezinhos esguios em sandálias de camurça. Todo mundo olhava enquanto ela deslizava pela sala com aquele passo de bailarina que legou a Mélanie. Ele a via com tanta clareza que chegava a doer. As sardas na parte superior do nariz. As pérolas nos lóbulos das orelhas.

— Que foi? — indagou Mélanie. — Você está com uma cara estranha.

— Não foi nada — ele disse. — Vamos até a praia.

Capítulo 4

ALGUNS MOMENTOS DEPOIS, FORAM caminhando para a Plage des Dames, a poucos minutos de distância do hotel. Ele também se lembrou desta pequena caminhada, da emoção de chegar à praia, de como os adultos andavam devagar e de como era irritante ter que esperar por eles.

O caminho estava cheio de corredores, ciclistas, adolescentes de lambreta, famílias com cachorros, crianças, bebês. Ele apontou para a grande chácara marrom de telhas vermelhas que Robert e Blanche quase compraram certo verão. Uma caminhonete Audi estava estacionada em frente. Um homem da sua idade e dois adolescentes estavam retirando compras de mercado do porta-malas.

— Por que será que eles acabaram não comprando? — perguntou Mélanie.

— Depois que Clarisse morreu, acho que ninguém voltou à ilha — disse ele.

— Por que será? — repetiu Mélanie.

Antoine apontou mais uma vez, para o outro lado da rua.

— Tinha uma quitanda bem ali, você lembra? Blanche comprava doces pra nós. Não existe mais.

Caminharam em silêncio por mais algum tempo. Então, no final da estrada, a praia apareceu. Os dois sorriram, as memórias se derramando como ondas. Mélanie mostrou o longo píer de madeira à esquerda, enquanto Antoine fazia gestos para a fileira irregular de barracas de praia.

— Lembra da nossa, que tinha aquele cheiro salgado meio misturado com madeira e borracha? — gargalhou ela. E então exclamou: — Nossa, olha, Tonio, o farol Plantier! Como ele parece tão pequeno de repente!

Antoine não conseguiu esconder um sorriso diante do seu entusiasmo. Mas ela estava certa. O farol que ele tanto admirara quando criança, que costumava se elevar sobre os pinheiros, parecia ter encolhido. É porque você cresceu, seu otário, pensou ele. Isso, você cresceu. Mas como desejava, subitamente, voltar a ser aquele menino na praia, aquele menino que construía castelos de areia, corria pelo píer e arranjava farpas nos pés, e que puxava o braço da mãe para tomar mais um sorvete de morango.

Não, não era mais aquele menino. Era um homem de meia-idade solitário e divorciado, cuja vida nunca parecera mais vazia nem mais triste do que hoje. A esposa o deixara, ele detestava seu trabalho e seus filhos adoráveis haviam se transformado em adolescentes irritadiços. Ele foi arrancado de suas recordações por um urro de gelar o sangue. Mélanie, que não estava mais ao seu lado, tinha tirado a roupa e agora, com um biquíni mínimo, se jogava no mar. Ele a olhou embasbacado. Parecia estar queimando de alegria, os cabelos longos pendendo como uma cortina negra nas suas costas.

— Vem logo, seu bobão! — gritou. — É divino.

Ela pronunciou “divino” do jeito que Blanche costumava dizer, “dii-vino”. Ele não via a irmã de maiô fazia anos. Ela estava bem, com o corpo firme e definido. Com certeza melhor do que ele. Ele engordara naquele primeiro ano do divórcio. Aquelas noites solitárias diante do computador ou do DVD custaram caro. Não havia mais os pratos saudáveis de Astrid, com equilíbrio perfeito de proteínas, vitaminas e fibras. Agora ele só comia congelados ou pedia, pelo telefone, comida gordurosa que dava para aquecer rápido no micro-ondas e que lhe valera alguns quilos a mais naquele primeiro e insuportável inverno. Sua figura alta e esbelta tinha ganhado uma pança parecida com a do pai, com a do avô. Fazer regime era esforço excessivo. Já era difícil levantar da cama de manhã, tentar funcionar e dar conta do volume de trabalho acumulado. Já era difícil morar sozinho depois de ter passado os últimos 18 anos

criando uma família. Já era difícil tentar convencer todo mundo e principalmente a si mesmo de que era feliz.

A ideia dos olhos de Mélanie pousados sobre sua barriga pálida e flácida fez com que ele amarelasse.

— Deixei o calção no hotel! — respondeu aos berros.

— Débil mental!

Foi para o píer de madeira que se estendia até bem longe, no meio da água. A praia não parava de se encher com famílias, velhos, adolescentes mal-humorados. Não havia mudado. O tempo não havia alterado nada. Aquilo o fez sorrir, mas também trouxe lágrimas a seus olhos. Ele as afastou, zangado.

Barcos de todas as formas e tamanhos remexiam-se no mar agitado. Ele andou até a ponta do frágil píer, voltou os olhos para a praia e então de novo para o mar. Havia esquecido como a ilha era linda. Inalou grandes e gulosas golfadas do ar marinho.

Observou a irmã deixar a água e sacudir o cabelo, como um cachorro. Apesar de ser baixa, tinha pernas compridas. Como Clarisse. De longe, parecia bem mais alta do que realmente era.

— Foi incrível — disse ela, passando o braço pelos ombros dele.

— Você lembra do velho jardineiro do hotel? *Père Benoît*?

— Não, não lembro.

— Um cara velho de barba branca. Ele nos contava histórias horríveis de gente se afogando na Gois.

— Acho que eu lembro disso. Tinha um hálito terrível, não era? Uma mistura de camembert e vinho tinto barato. E Gitanes.

— É ele — divertiu-se Antoine. — Uma vez, ele me trouxe aqui, nesse píer, e me contou tudo sobre o desastre de Saint Philibert.

— O que houve com o pobre do Saint Phili? Não é ele o monge padroeiro da igreja daqui?

— Ele morreu no século VII, Mel — disse Antoine, com um sorriso. — Não, é uma história mais recente. Eu adorava. Tão gótica.

— Mas o que aconteceu?

— Havia um navio com o nome do monge. Afundou em 1931. Acho que foi bem ali. — Antoine apontou para a baía de Bourgneuf. — Foi uma tragédia e tanto. Um míni *Titanic*. Acho que o navio estava voltando para Saint-Nazaire. Os passageiros tinham acabado de fazer um piquenique aqui na praia des Dames. Tempo bom e tudo mais. Então, pouco depois de o barco sair desse píer, entrou uma tempestade das grandes. Uma onda virou o navio. Umas quinhentas pessoas morreram. Um monte de mulheres e crianças. Quase não houve sobreviventes.

Mélanie engoliu em seco.

— Como é que aquele velho te contava essas coisas?! Que maldade! Você era só um garotinho.

— Não, não era maldade. Era tremendamente romântico. Eu lembro que ficava arrasado. Ele disse que o cemitério em Nantes estava cheio de corpos da tragédia de Saint Philibert. Me disse que um dia me levaria lá.

— Graças a Deus ele não cumpriu o prometido e já bateu as botas.

Os dois riram e continuaram a contemplar o mar.

— Sabe que eu achei que não ia me lembrar de nada? — murmurou ela. — Mas tantas lembranças estão voltando. Estou ficando emocionada. Só espero não cair em prantos.

Ele apertou o braço dela.

— Também estou me sentindo assim. Não se preocupe.

— Somos uns bobocas chorões!

Riram de novo enquanto caminhavam de volta à praia, onde Mélanie havia deixado a calça jeans e as sandálias em um montinho de areia. Sentaram-se.

— Vou fumar — avisou Antoine. — Goste ou não goste.

— São seus pulmões, não os meus. Joga a fumaça pra longe de mim.

Ele se virou de costas para ela. Ela se apoiou nele. Tinham que gritar para se fazer ouvir com o barulho do vento.

— Tanta coisa está me vindo à mente... Sobre ela.

— Sobre Clarisse?

— Sim — disse ela. — Estou enxergando ela aqui. Nessa praia. Ela estava de maiô laranja. Um tecido felpudo. Lembra? Costumava correr atrás da gente na água. Nos ensinou a nadar, você deve se lembrar disso.

— Sim, me lembro. Nós dois aprendemos a nadar no mesmo verão. Solange não parava de zombar e dizer que você, com 6 anos, não tinha idade para nadar.

— Ela já era mandona, não era?

— Mandona e encalhada, como é agora. Você a visita em Paris?

Mélanie sacudiu a cabeça.

— Não. E também acho que ela não visita muito o papai, sabe? Acho que eles tiveram algum estremecimento quando Grand-père morreu. Questões de dinheiro, coisa de herança. E ela não se dá bem com Régine. Cuida muito de Blanche. Contrata a equipe médica, garante que o apartamento esteja bem-cuidado, essas coisas.

— Ela tinha um fraco por mim, antigamente — disse Antoine. — Sempre me comprava sorvete, me levava para longas caminhadas na beira da praia, segurava minha mão. Chegava a velejar comigo e com aqueles garotos do clube da vela.

— Você lembra que Robert e Blanche nunca entravam na água? Ficavam sentados ali, naquele café.

— Estavam velhos demais para entrar na água.

— Antoine! — exclamou Mélanie, zombeteira. — Foi há mais de trinta anos. Eles estavam na casa dos 60.

Ele soltou um assobio.

— É verdade. Mais novos que papai! Eles agiam como velhos. Atenciosos com todos os detalhes. Exigentes. Implicantes.

— Blanche continua assim — disse ela. — Visitá-la tem sido duro.

— Quase não vou mais lá — admitiu Antoine. — Da última vez, foi horrível. Ela estava de mau humor, se queixava de tudo. Não fiquei muito. Não consegui aguentar. Aquele apartamento enorme e escuro.

— O sol nunca bate lá — disse Mélanie. — É do lado errado da avenida Henri-Martin. Você lembra de Odette? Patinando por toda parte com aqueles chinelos de feltro para lustrar o piso de madeira. Sempre nos mandando fazer silêncio.

Antoine riu.

— O filho dela, Gaspard, parece muito com a mãe. Ainda bem que ele continua lá tomando conta da casa. Aguentando as enfermeiras que Solange contrata. Aguentando o temperamento de Blanche.

— Blanche foi uma avó carinhosa, não foi? Agora virou uma tirana.

— Não sei — disse Mélanie vagarosamente. — Ela era um doce conosco, mas só quando a gente obedecia. O que era sempre.

— Como assim?

— Bem, nós éramos os típicos netos silenciosos, educados, obedientes. Nunca fizemos manha nem malcriação.

— Pela forma como fomos educados — disse Antoine.

— Sim — respondeu Mélanie, virando-se para encarar o irmão e arrancando o cigarro esfumaçado de seus dedos. Enterrou na areia sem ligar para seus protestos. — Fomos educados daquela forma.

— O que você está querendo dizer? — perguntou.

Ela apertou os olhos.

— Estou tentando me lembrar de como Clarisse se relacionava com Blanche e Robert. Se ela aprovava o fato de termos de ser educados e obedientes o tempo todo. O que você lembra?

Ele coçou a parte de trás da cabeça.

— O que eu lembro?

— Sim. Sobre eles e Clarisse.

— Não me lembro de nada — respondeu enfaticamente.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Você vai ver. Você vai ver. Se eu comecei a lembrar, você também vai.

Capítulo 5

***E**SSA NOITE EU TE esperei no píer, mas você não apareceu. Esfriou e depois de um tempo eu fui embora, pensando que talvez tenha sido difícil pra você sair dessa vez. Disse a eles que só precisava de uma rápida caminhada pela praia depois do jantar e não sei se acreditaram. Ela sempre me olha como se soubesse de alguma coisa, embora eu tenha certeza, certeza absoluta, de que ninguém sabe de nada. Ninguém sabe. Como poderiam? Como alguém poderia imaginar? Quando me olham, veem uma mãe simpática e tímida, com um casal de filhos educados e encantadores. Quando olham você... ah, mas qualquer um que te olhe vê a tentação. Como alguém consegue resistir a você? Como eu poderia ter resistido a você? Sabe disso, não é? Você soube no minuto em que pôs os olhos em mim, naquele primeiro dia na praia, no ano passado. Você é o diabo disfarçado.*

Vi um arco-íris mais cedo, uma coisa linda, e agora a noite está caindo bem rápido, trazendo as nuvens e a escuridão. Saudades.

Capítulo 6

ELAS ALMOÇARAM TARDE NO Café Noir, em Noirmoutier-en-l'Île, a maior cidade da ilha. Era um lugar cheio e barulhento, obviamente um dos preferidos dos habitantes. Antoine pediu sardinhas grelhadas e uma taça de vinho branco. Mélanie bateu um prato de *bonnottes*, as famosas batatinhas redondas, refogadas com bacon, manteiga e sal grosso. Tinha esquentado, mas um vento fresco mantinha o calor em nível suportável. A varanda do café se abria para o pequeno porto e para a fina faixa de um canal turvo, ladeado por antigos armazéns de sal, coalhado de barcos de pesca enferrujados e pequenos veleiros.

— A gente não vinha muito aqui, não é? — perguntou Mélanie, de boca cheia.

— Não. Blanche e Robert preferiam ficar no hotel. O mais longe que iam era até a praia.

— A gente também não vinha com Solange e nem com Clarisse, não é?

— Solange nos levou uma ou duas vezes para visitar o *château* de Noirmoutier. Lembra? Clarisse deveria ter ido conosco, mas teve uma daquelas enxaquecas.

— Eu não me lembro de nada do *château* — disse Mélanie. — Mas das enxaquecas eu me lembro.

Ele observou uma mesa próxima ser tomada por adolescentes bronzeadas. A maioria das garotas usava biquínis minúsculos. Eram só um pouco mais velhas do que Margaux, sua filha. Ele nunca sentira atração por mulheres bem mais jovens do que ele. Mas aquelas que ele conhecera depois do divórcio, via internet ou através dos amigos, o haviam impressionado com a total desinibição de seu comportamento sexual. Quanto mais jovens, mais atiradas e

violentas na cama. A princípio, se sentira incrivelmente excitado. Mas em pouco tempo, havia cansado da novidade. Onde estava o romance? Onde estava a emoção, as dores, o ato de compartilhar, a encantadora falta de jeito? Essas moças exibiam os movimentos fluidos e experientes das estrelas de filmes pornô. Faziam boquete com tanta indiferença, que aquilo o repelia.

— No que você está pensando? — perguntou Mélanie, passando filtro solar na ponta do nariz.

— Você está saindo com alguém? — ele devolveu a pergunta. — Quer dizer, você tem um namorado?

— Nada de sério. E você?

Ele observou novamente o grupo de adolescentes. Uma das meninas era espetacular. Cabelos louro-escuros e longos, corpo de egípcia: ombros largos e quadris estreitos. Um pouco magrela demais, avaliou. E um pouco metida demais.

— Já te falei no carro. Ninguém.

— Nem casos de uma noite só?

Ele suspirou, pediu mais vinho. Não era bom para a barriga, pensou por um segundo. Que pena.

— Já me enchi de casos de uma noite só.

— Eu também.

Ele ficou surpreso. Não pensava que Mélanie fizesse essas coisas.

Ela soltou uma gargalhada de deboche.

— Você acha que eu sou toda puritana, não é?

— Claro que não — disse ele.

— Você acha, está na cara. Bem, para sua informação, querido irmão, estou tendo um caso com um homem casado.

Ele ficou olhando para ela.

— E aí?

— Eu detesto.

— Então por que está tendo o caso?

— Porque não aguento ficar sozinha. A cama vazia. As noites solitárias. Por isso.

Ela falou aquilo de uma forma brusca, quase ameaçadora. Comeram e beberam em silêncio por um momento. Então ela prosseguiu.

— Ele é bem mais velho que eu. Está na casa dos 60. Acho que isso me faz sentir jovem. — Deu um sorriso amargo. — A mulher dele detesta sexo, é do tipo intelectual, segundo ele. Ele tem casos. É um empresário poderoso. Trabalha com finanças. Tem muito dinheiro. Me compra presentes. — Ela mostrou uma pesada pulseira de ouro. — É viciado em sexo. Se joga por cima de mim e me chupa toda. Parece um vampiro maluco. Na cama, é dez vezes mais homem do que o Olivier jamais foi e do que qualquer dos meus casos recentes, na verdade.

Pensar em Mélanie fazendo malabarismos sexuais com um sexagenário depravado não era nada agradável. Ela riu da cara de Antoine.

— Acho que é difícil imaginar sua irmã caçula fazendo sexo. Da mesma forma que é difícil imaginar os pais fazendo sexo.

— Ou os filhos — ele acrescentou com voz sombria.

Ela engoliu em seco.

— Puxa, não tinha pensado nisso. Você está certo.

Ela não pediu maiores detalhes, e ele se sentiu aliviado. Lembrou-se das camisinhas que encontrara na sua bolsa de ginástica, havia alguns meses. Arno tinha usado a bolsa por um tempo. Ele devolvera as camisinhas, e Arno sorrira envergonhado. Antoine acabou ficando mais constrangido do que o filho.

Não houvera aviso. O garoto engraçadinho tinha crescido da noite para o dia e se transformado em um gigante magro, com pelos na cara, que se comunicava à base de resmungos. Antoine já esperava por isso. Tinha testemunhado a mesma transformação brutal nos filhos dos amigos. Mas aquilo não ajudou a tornar tudo mais fácil

quando aconteceu. Especialmente porque a evidente entrada de Arno na puberdade havia coincidido com a traição de Astrid. O mais infeliz dos momentos. Isso queria dizer que Antoine tinha de lidar com os inevitáveis conflitos de fim de semana sobre voltar para casa antes da meia-noite, terminar o dever de casa, tomar ao menos uma chuveirada. É claro que Astrid também tinha que lidar com essas questões, mas do lado dela havia outro homem. O que provavelmente contribuía para que ficasse menos rabugenta e menos impaciente do que seu ex-marido. Antoine se sentia abatido, deprimido em seu isolamento. Suportar o impacto dos conflitos cada vez mais frequentes com Arno fazia com que se sentisse pior. Astrid e ele formavam uma equipe. Sempre faziam as coisas juntos. Tomavam decisões juntos. Enfrentavam o inimigo juntos. Mas isso tinha acabado. Agora Antoine estava sozinho. E quando chegava a noite de sexta-feira e ouvia o barulho da chave das crianças na fechadura, ele precisava de todas as forças, erguia os ombros como um soldado a ponto de entrar na batalha.

Margaux também já dera partida na chegada de peito aberto à adolescência. Antoine achava o caso dela ainda mais difícil de lidar. Não tinha ideia do que fazer. Ela era como um gato, silenciosa, sinuosa, reservada. Passava horas batendo papo no computador ou grudada ao telefone celular. Um torpedo "ruim" podia fazer com que chorasse ou ficasse em completo silêncio. Fugia do pai, evitava contato físico com ele. Ele sentia falta dos abraços, das demonstrações de afeto. A tagarela de sorriso torto e trancinhas tinha ido embora para sempre. Em seu lugar, estava uma *femme-enfant* alta e esguia, com seios que começavam a despontar, pele reluzente e sardenta e uma maquiagem horrível nos olhos, coisa que ele desejava tirar com os próprios dedos. O fato de não poder mais contar com Astrid tornava o complexo crescimento de Margaux ainda mais difícil de avaliar.

Capítulo 7

OBRIGADA PELO GENTIL BILHETE. Sei que não posso guardar suas cartas, embora desejasse muito, da mesma forma que você não pode guardar as minhas. Não consigo acreditar que o verão esteja quase acabando e que você vai embora de novo. Você transmite calma, confiança, mas eu tenho medo. Talvez seja porque você tem mais sabedoria do que eu. Não se preocupa. Acha que há esperança para nós. Acha que tudo dará certo. Não sei. Isso me assusta. Você assumiu tal controle da minha vida no último ano. É como a maré, varrendo incessantemente a Gois. Eu me entrego mais uma vez. Mas o medo logo substitui o êxtase.

Ela costuma olhar para mim com curiosidade, como se soubesse o que se passa. Acho que temos que agir com cuidado. Como poderia saber? Como poderia supor? Será que alguém imaginaria? Não me sinto culpada porque meus sentimentos por você são puros. Não sorria ao ler isso, por favor. Não ria de mim. Tenho 35 anos, dois filhos e com você me sinto como se fosse uma criança. Você sabe disso. Você sabe o que despertou dentro de mim. Você me deu vida. Não ria.

Você vem de um país moderno, tem cultura e sofisticação, um diploma, um emprego, status. Eu sou só uma dona de casa. Cresci em um vilarejo ensolarado que cheirava a lavanda e queijo de cabra. Meus pais vendiam frutas e azeite na feira. Quando morreram, eu e minha irmã trabalhamos nas barracas de Le Vigan. Nunca tinha andado de trem antes de conhecer meu marido. Eu tinha 25 anos e descobri outro mundo. Tinha ido para Paris para umas férias rápidas. Mas nunca mais voltei. Eu o conheci em um restaurante, em um dos grands boulevards, onde eu tomava um drinque com uma amiga. Foi assim que começou, ele e eu.

Algumas vezes fico pensando no que você viu em mim. Cada vez mais, sinto que você me procura, até na forma como me olha silenciosamente. Seus olhos me procuram.

O amanhã trará você para mim, meu amor.

Capítulo 8

DEPOIS DO ALMOÇO, FORAM nadar na piscina do hotel. Antoine estava com tanto calor que decidiu encarar Mélanie de calção. Ela não fez qualquer comentário sobre sua forma física. Ele se sentiu grato. Como se odiava. E pensar que, quando Astrid ainda era sua esposa, ele pesava oito quilos a menos. Precisava fazer alguma coisa. Precisava também parar de fumar.

A piscina tinha um tom de azul artificial e estava cheia de crianças barulhentas. Nos anos 70 ela não existia. Robert e Blanche teriam odiado, pensou Antoine. Eles detestavam vulgaridade, gente barulhenta, qualquer coisa nouveau riche. O apartamento imenso e gelado na silenciosa avenida Henri-Martin, perto do Bois de Boulogne, era um oásis de elegância, refinamento e silêncio. Odette, a criada sem queixo, mancava para cima e para baixo, abrindo e fechando portas sem fazer barulho. Até o telefone tocava de uma forma discreta. As refeições demoravam horas, e a pior coisa de que ele lembrava era ter que ir para a cama na véspera do Natal, logo depois do jantar, para ser despertado à meia-noite para abrir os presentes. Ele nunca esqueceria aquela sensação de torpor, de fuso trocado, de tropeçar de volta para a sala de estar com os olhos nublados. Por que não tinham permissão de ficar acordados e esperar pelo *Père Noël*? O Natal era só uma vez por ano.

— Não parei de pensar naquilo que você falou — disse ele.

— O quê?

— Sobre Clarisse e nossos avós. Acho que você tem razão. Acho que eles eram muito duros com ela.

— Do que você se lembra?

— Pouca coisa — deu de ombros. — Nada em particular, só como eram tradicionais em relação a tudo.

— Então as lembranças estão voltando...

— Alguma coisa está voltando.

— O quê, por exemplo?

— Eu lembro de uma briga. No último verão que a gente passou aqui.

Mélanie se ergueu na cadeira.

— Uma briga? Ninguém brigava. Tudo era sempre tão tranquilo, tão pacífico.

Antoine também se ergueu. A piscina transbordava com corpos reluzentes que se remexiam, e pais estoicos que contemplavam tudo.

— Certa noite, elas tiveram uma discussão. Blanche e Clarisse. No quarto da Blanche. Eu escutei.

— O que você ouviu?

— Ouvi Clarisse chorando.

Mélanie não disse nada.

Ele prosseguiu.

— Blanche tinha uma voz fria e dura. Eu não conseguia entender o que ela estava dizendo, mas parecia estar muito zangada. E quando Clarisse saiu, ela me viu. Me abraçou e secou as lágrimas. Sorriu e disse que tinha tido uma pequena discussão com Grand-mère. Perguntou o que eu estava fazendo fora da cama e me mandou de volta pro quarto.

— O que você acha? — refletiu Mélanie.

— Não sei. Não tenho a mínima ideia. Talvez não tenha sido nada.

— Você acha que os dois eram felizes?

— Ela e papai? Sim, eles eram. Acho que sim. Sim, lembro que Clarisse fazia as pessoas felizes. Você se lembra disso, não lembra?

Ela fez que sim com a cabeça. Uma pausa.

E então murmurou:

— Sinto falta dela.

Ele percebeu um soluço abafado na voz e estendeu a mão para apertar a dela.

— Voltar aqui é como voltar para ela — murmurou.

Ele apertou sua mão com força, aliviado pelo fato de ela não poder ver os olhos dele, escondidos pelos óculos escuros.

— Eu sei. Sinto muito. Não pensei nisso quando marquei a viagem.

Ela sorriu para ele.

— Não se lamente. Pelo contrário. Foi um lindo presente. Você a está devolvendo a mim. Muito obrigada.

Ele queria deixar que as lágrimas descessem por seu rosto, mas se conteve em silêncio, controlando a emoção, do jeito que tinha feito a vida inteira, do jeito que ele tinha aprendido a fazer.

Recostaram-se de novo, com os pálidos rostos parisienses voltados para o sol. Ela tinha razão. A mãe estava voltando para eles, lentamente, como a água do mar deslizando sobre a Gois. Fragmentos de memórias, como borboletas escapulindo de uma rede. Nada cronológico, nada preciso, mais como um sonho preguiçoso e nebuloso. Imagens dela na praia com o maiô laranja, seu sorriso, seus olhos verdes pálidos.

Lembrou-se de como Blanche era categórica em proibir que as crianças nadassem antes que se passassem duas horas do almoço. Era muito ruim nadar depois de uma refeição, repetia sem parar. Então eles ficavam construindo infundáveis castelos de areia e esperavam. Esperavam tanto, lembrava Antoine. Mas algumas vezes Blanche adormecia durante a longa espera. Lá estava ela, de boca aberta sob o guarda-sol, abafada pela saia comprida e o colete de lã, os sapatos sujos de areia, o tricô largado no colo. Solange estava fora, fazendo compras, e voltaria para o hotel mais tarde, carregada com presentes para todos. Robert havia caminhado de volta para o hotel, fumando Gitanes, o chapéu de palha enfiado na cabeça. Clarisse então assobiava e levantava o queixo na direção do mar.

— Mas a gente ainda tem que esperar mais meia hora! — murmurava Antoine. E Clarisse lhe dava um sorriso endiabrado.

— Ah, é? Quem disse? — E os três partiam silenciosamente para a água, deixando Blanche roncar na sombra.

— Você tem alguma foto dela? — perguntou Antoine. — Só tenho uma ou duas.

— Tenho muito poucas — disse Mélanie.

— Eu também. Não acredito que a gente não tenha mais fotos da nossa mãe.

— Não temos — disse ela.

Uma criança pequena ao lado deles abriu o berreiro ao ser arrastada para fora da água por uma mulher de rosto vermelho.

— Não tem mais fotografias dela no apartamento da avenue Kléber.

— Mas antigamente tinha — retrucou ele, ficando agitado. — Aquela que mostrava eu, você e ela no Jardin d'Acclimatation, no trezinho. O que aconteceu com ela? E aquela da cerimônia de casamento?

— Não me lembro dessas.

— Ficavam na entrada e na mesa do papai. Mas todas desapareceram depois que ela morreu. Os álbuns de fotos também.

Ele ficou imaginando onde estariam aquelas fotos e álbuns agora. O que o pai teria feito com eles?

Não havia nada que provasse que Clarisse havia morado durante dez anos na avenue Kléber, que aquele tinha sido seu lar.

Régine, a madrasta, tinha assumido o controle, redecorado a casa e apagado todos os vestígios de Clarisse, a primeira esposa de François Rey. E Antoine só estava percebendo isso agora.

Capítulo 9

AS VEZES, QUANDO ESTOU nos seus braços, fico pensando se alguma vez já fui tão feliz. Quero dizer, antes de conhecer você, um ano atrás. Devo ter me sentido feliz, parecido feliz, sempre me considerei uma pessoa feliz, e, mesmo assim, tudo que experimentei antes de você parece ralo e sem graça. Posso imaginar sua sobrancelha esquerda se erguendo por completo, do jeito que costuma fazer quando você abre aquele sorriso irônico. Não me importo. Essas cartas serão destruídas de qualquer maneira, destroçadas em milhares de pedaços e, por isso, posso escrever o que quiser.

Fui uma criança feliz na minha aldeia à beira do rio e a gente falava com aquele sotaque feio do sul que a família do meu marido desaprova por não ser parisiense, por não ser chique. Eu não sou burra, sabe? Se eu não tivesse a aparência que tenho, eles nunca teriam me aceitado. Aturam o sotaque porque eu fico bem em um vestido de noite. Porque eu sou bonita. Não, não sou vaidosa e você sabe disso. A gente sabe logo que é bonita. Você sabe pela forma como as pessoas olham para você. É o que vai acontecer com a minha filha. Ela é tão nova, só tem 6 anos, mas vai ser linda. Por que eu estou contando isso a você? Você não se importa que eu venha do sul e tenha o sotaque errado. Me ama do jeito que eu sou.

Capítulo 10

JANTARAM NA SALA COR-DE-ROSA. Antoine quis reservar a mesa “deles”, mas a moça rechonchuda disse que aquela era só para *familles* grandes. O cômodo ficou cheio de crianças, casais, velhos. Mélanie e Antoine se sentaram e observaram. Nada havia mudado. Sorriram enquanto examinavam o menu.

— Você lembra do suflê de Grand Marnier? — sussurrou Antoine.
— A gente pediu uma vez, só uma vez.

Mélanie riu.

— Como é que eu poderia me esquecer do suflê de Grand Marnier?

Antoine lembrou. O garçom chegando com ele, com ar solene e cerimonioso, os demais comensais fascinados pelas chamas laranjas e azuis. O silêncio tomando conta da sala. O prato foi colocado diante das crianças. Todo mundo suspendeu a respiração.

— Éramos uma família tão perfeita — observou Mélanie, ironicamente. — Absolutamente perfeita.

— Perfeita demais, você acha? — ele perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Sim. Entediadamente perfeita. Olha para a sua família. É o que eu chamo de uma família de verdade, com crianças com personalidade, mudanças de humor, crianças que às vezes são abusadas, mas é o que eu gosto nelas. A sua família é o que eu chamaria de perfeita.

Ele sentiu o rosto revelar seu desânimo e tentou sorrir.

— Mel, eu não tenho mais uma família.

Ela tapou a boca com a mão.

— Tonio, me desculpe. Acho que ainda não consegui aceitar o divórcio.

- Nem eu — disse ele com desprezo.
- Como você está aguentando?
- Vamos falar de outro assunto.
- Sinto muito.

Ela deu tapinhas apressados na manga da camisa dele. Fizeram os pedidos e comeram em silêncio. Antoine sentiu que o vazio de sua vida se apoderava dele novamente. Imaginou se este vácuo não seria a devastação de uma crise de meia-idade. Provavelmente. Um homem que vê praticamente tudo que tinha na vida ir para o ralo. A esposa o deixou para ficar com outro. O trabalho de arquiteto que não lhe dá mais prazer. Como foi que isso aconteceu?, pensou ele. Tinha lutado tanto para criar sua própria empresa, tinha levado tanto tempo para colocar o pé na porta, precisara de tantos e incessantes esforços. E agora era como se tivesse sido sugado. Tudo parecia chocho e sem graça. Não queria sequer trabalhar com sua equipe, dar ordens, visitar as obras, fazer as coisas que sua posição exigia. Não tinha mais energia. Estava esgotado.

Lembrou da festa à qual tinha ido no mês anterior, onde fora confrontado pelos amigos do passado, pessoas que não via desde os 15 anos de idade, todos da sua antiga escola, o rigoroso Collège Stanislas, famoso pela excelência dos resultados, pela torturante educação religiosa e pela desumanidade de seus mestres (*Francês sem medo e cristão sem repreensão*, era o sombrio lema da escola). Jean-Charles de Rodon, um CDF seboso de quem ele nunca gostara, o achara na internet. Ele pretendia recusar o convite para jantar com “a turma toda”, mas a visão da sua miserável sala de estar lhe obrigara a aceitar. E viu-se sentado em uma mesa redonda, em um apartamento abafado perto de Parc Monceau, cercado por gente casada havia muito tempo, que aparentemente não parava de produzir herdeiros e erguia sobranceiras piedosas ao ouvi-lo mencionar a palavra “divórcio”. Nunca se sentira mais excluído. Seus colegas tinham virado senhores calvos, metidos, bem de vida e

aborrecidos, todos envolvidos com finanças, seguros e bancos, acompanhados pelas esposas frescas que talvez fossem ainda piores, escondidas pelo requinte parisiense, ocupadas em minuciosas conversas que tratavam invariavelmente da educação dos filhos.

Como sentira falta de Astrid naquela noite, ela e suas roupas nada convencionais: o redingote de veludo vermelho que a fazia parecer uma heroína de Brontë, os enfeites de brechó, as *leggings*. Como sentia falta das piadas, da risada autêntica. Resmungou alguma coisa sobre ter que acordar cedo para escapar o mais rápido possível. O alívio era intenso enquanto dirigia pelas ruas desertas do 17^o *arrondissement*. Ele preferia de longe seus cômodos vazios a mais meia hora com monsieur de Rodon e sua turma.

Enquanto se aproximava de Montparnasse, tocou na Radio Nostalgie uma canção dos Stones que ele adorava. *Angie*. Ele cantou junto.

Angie, I still love you baby

Everywhere I look, I see your eyes.

There ain't a woman that comes close to you

Ele quase se sentiu feliz.

Capítulo 11

ANTOINE TEVE DIFICULDADE PARA dormir na primeira noite no hotel Saint-Pierre. Apesar de não haver qualquer barulho. O lugar era calmo e silencioso. Era sua primeira noite ali desde 1973. Da última vez que havia dormido sob esse mesmo teto, pensou, ele tinha 9 anos e sua mãe ainda estava viva. Havia algo de perturbador nisso.

Os quartos tinham mudado muito pouco. O mesmo tapete espesso, cor de musgo, o papel de parede azul, as fotografias antigas de lindas banhistas. O banheiro fora reformado, ele reparou. O bidê dera lugar a um vaso sanitário. Nos velhos tempos, era preciso mijar no banheiro do mezanino, lembrou-se. Ele olhou para fora, por trás das cortinas azuis e desbotadas, para contemplar o jardim lá embaixo, às escuras. Não havia ninguém. Era tarde. As crianças barulhentas finalmente estavam na cama.

Ele tinha passado na frente do antigo quarto dela, no primeiro andar. Lembrava bem, era de frente para a escada. Número 9. Ele tinha apenas recordações nebulosas do pai naquele quarto. O pai raramente aparecia na ilha. Ocupado demais. Durante as duas semanas de estada da família Rey, provavelmente fazia uma ou duas breves aparições.

Mas quando o pai aparecia, era como se fosse um imperador retornando a seu reino. Blanche fazia questão de que flores frescas fossem enviadas para o quarto do filho e deixava os empregados do hotel alucinados com todos os detalhes cansativos que tinham que ver com os vinhos e as sobremesas preferidos de François. Robert olhava o relógio a cada cinco minutos, dando baforadas impacientes nos Gitanes e fazendo um comentário atrás do outro sobre em que parte do caminho François devia estar. Papa está chegando, Papa está chegando, Mélanie não parava de repetir, febril, pulando de

quarto em quarto. E Clarisse usava o vestido preto preferido dele, o curtinho, que deixava seus joelhos de fora. Apenas Solange, tomando sol no terraço, parecia imune ao retorno do filho pródigo, o favorito dos pais. Antoine adorava ver o pai saltar do Triumph com um rugido vitorioso, esticando os braços e as pernas. A primeira pessoa que ele procurava era sempre Clarisse. Havia algo na forma com que o pai olhava para a mãe, nessa hora, que lhe dava vontade de afastar o olhar. Havia amor bruto e desnudo nos olhos do pai. As mãos dele se demorando sobre os quadris da mãe o constrangiam.

Ao subir, Antoine havia parado também em frente ao quarto de Blanche. A avó nunca aparecia antes das dez da manhã, no mínimo. Tomava o café da manhã na cama enquanto ele, Solange, Mélanie e Clarisse comiam com Robert na varanda, junto das plantas tropicais. Mais tarde, Blanche fazia sua grande aparição, o pequeno guarda-sol pendurado no braço, o odor forte de *Heure Bleue* precedendo sua descida das escadas.

Quando Antoine acordou na manhã seguinte, cansado depois de uma noite insone, ainda era cedo e Mélanie não tinha acordado. O hotel parecia vazio. Apreciou o café, espantado que os pãezinhos redondos continuassem iguais àqueles que ele devorava havia mais de trinta anos. Que vida lenta e bem-comportada eles levavam, pensou. Aqueles verões infindáveis, preguiçosos.

O ponto alto da estação eram os fogos de artifício na Plage des Dames, no dia 15 de agosto, que coincidiam com o aniversário de Mélanie. Quando ela era bem pequena, achava que os fogos eram para ela, que toda aquela gente na praia se reunia especialmente para o seu aniversário. Lembrou de um 15 de agosto terrivelmente chuvoso, em que os fogos foram cancelados e todos tiveram que ficar lá dentro, mal-humorados, amontoados no hotel. Houve uma tempestade violenta. Ele ficou pensando se Mélanie se lembrava. Ela tinha ficado apavorada. Mas Clarisse também tinha ficado. Sim, Clarisse tinha medo das tempestades, ele agora se recordava, ela se

encolhia e enterrava a cabeça sob os braços, trêmula. Como uma garotinha.

Ele acabou o café da manhã e esperou um pouco por Mélanie. Uma senhora de uns 50 anos estava sentada na mesa da recepção. Ela baixou o telefone e sorriu quando ele passou.

— Você não se lembra de mim, não é? — disse, delicadamente.

Ele olhou para ela com atenção. Havia algo ligeiramente familiar em seus olhos.

— Sou Bernadette.

Bernadette! Bernadette havia sido uma garotinha linda, morena e atraente, nada parecida com a senhora respeitável que o encarava. Quando era menino, era apaixonado por Bernadette e suas tranças lustrosas. Ela sabia disso e sempre lhe dava o melhor pedaço de carne, um pãozinho a mais, ou mais *tarte Tatin*.

— Eu o reconheci imediatamente, monsieur Antoine. E mademoiselle Mélanie também!

Bernadette com os dentes brancos e a silhueta graciosa. O sorriso alegre.

— Que ótimo encontrá-la — balbuciou, constrangido por não a ter reconhecido.

— O senhor não mudou — disse entusiasmada, prendendo as mãos. — Que família vocês tinham. Seus avós, sua tia, sua mãe.

— Você se lembra deles? — perguntou sorridente.

— Mas é claro, monsieur Antoine. Sua avó nos dava as maiores gorjetas da temporada! Sua tia também! Como uma garçonetezinha se esqueceria disso? E sua mãe, tão linda e gentil. Acredite em mim, ficamos todos arrasados porque sua família nunca mais voltou.

— Nunca mais voltou? — repetiu ele.

— Sim — disse ela —, sua família passou uma série de verões aqui e então, de repente, houve um verão em que ninguém apareceu. A dona, a velha madame Jacquot, lembra dela?, foi quem ficou mais abalada. Ficou pensando se seus avós estavam

insatisfeitos com o hotel, se algo os havia desagradado. Esperamos ano após ano, mas a família Rey nunca mais voltou. Até você vir. Hoje.

Antoine engoliu em seco.

— Nosso último verão, acho que foi o de 1973.

Bernadette fez que sim com a cabeça e curvando-se, depois de um momento de hesitação, retirou um velho livro negro de dentro de uma grande gaveta. Abriu, virou algumas páginas amareladas. O dedo parou em cima de um nome escrito a lápis em uma coluna.

— Isso mesmo, 1973. O último verão.

— Bem, veja só — vacilou ele. — Nossa mãe morreu no ano seguinte. Foi por isso que ninguém voltou.

O rosto de Bernadette ficou intensamente vermelho. Ela abriu a boca, apertou uma mão esvoaçante contra a clavícula.

Houve um silêncio desconfortável.

— Sua mãe morreu? Eu não sabia, nós não soubemos... Sinto muito...

— Tudo bem — murmurou Antoine. — Você não sabia. Aconteceu há muito tempo.

— Não posso acreditar — sussurrou ela —; uma mulher tão linda e jovem...

Ele desejou que Mélanie se apressasse. Não podia suportar a ideia de ouvir as perguntas de Bernadette sobre a morte da mãe. Esperou em profundo silêncio, a mão pousada na mesa da recepção, os olhos baixos.

Mas Bernadette não disse nada. Permaneceu imóvel, o rubor desaparecendo lentamente do rosto, os olhos perturbados e tristonhos.

Capítulo 12

A DORO NOSSO SEGREDO. ADORO nosso amor secreto. Mas por quanto tempo? Por quanto tempo esse segredo vai durar? Já se passou um ano. Passo minha mão sobre sua pele sedosa e imagino se quero mesmo que tudo seja revelado. Posso imaginar o que virá. É como cheirar a chuva na ventania. Sei das consequências, o que significa para você, o que significa para mim. Mas também sei, lá no fundo, tão intimamente que chega a me ferir, que preciso de você. Você é a pessoa certa. Isso me assusta tanto, mas você é a pessoa certa.

Como isso pode funcionar? E meus filhos? O que vai acontecer com eles? Como vamos encontrar um jeito de morar todos juntos, eu, você e os pequeninos? Onde? Quando? Você diz que não tem medo de contar para o mundo inteiro. Mas com certeza compreende por que isso é mais fácil para você. É independente, ganha dinheiro, cuida da sua própria vida. Não se casou. Não tem filhos. É livre. Olha para mim. Uma dona de casa de Cévennes. Uma mulher que fica bem de vestidinho preto.

Não volto à minha cidade natal há tanto tempo. A casa de pedras, velha, distante nas colinas. Lembranças dos balidos das cabras no quintal ressecado, das oliveiras, da minha mãe pendurando os lençóis para secar. A vista para o Mont Aigoual. Os pêssegos e damascos que meu pai costumava segurar com as mãos cheias de calos. Se eles ainda estivessem vivos, se soubessem, se a irmã que eu nunca mais vi desde que fui para o norte casar com um parisiense soubesse, fico pensando o que teriam a dizer. Se pudessem compreender.

Amo você, amo você, amo você.

Capítulo 13

MÉLANIE TINHA DORMIDO BEM e até tarde. Os olhos estavam inchados, ele reparou, mas o rosto resplandecia, suavizado por uma boa noite de sono e rosado pelo sol da véspera. Ele decidiu não contar a ela sobre Bernadette. Por que mencionar aquela conversa? Era inútil. Só causaria dor, como tinha lhe causado. Ela tomou o café da manhã em paz e silêncio, enquanto ele lia o jornal local e tomava café. O tempo ia ficar bom, anunciou ele. Ela sorriu. Mais uma vez ele questionou se a viagem tinha sido uma boa ideia. Seria saudável reviver o passado? Especialmente o passado deles?

— Dormi feito uma pedra — disse ela, colocando o guardanapo no colo. — O que não acontecia há muito tempo. E você?

— Dormi muito bem — mentiu. Por alguma razão, ele não queria lhe contar que tinha ficado acordado pensando simplesmente no último verão que tinham passado ali. Mais e mais imagens do passado apareceram enquanto mantinha os olhos fechados.

Uma jovem e seu filhinho entraram e se sentaram em uma mesa próxima. A voz da criança era manhosa e alta e ela parecia hermeticamente fechada às broncas da mãe.

— Você não fica feliz por seus filhos já terem passado dessa fase?
— sussurrou Mélanie.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Atualmente, meus filhos me parecem desconhecidos.

— Como assim?

— Eles têm suas próprias vidas sobre as quais eu não sei nada. Quando vêm e ficam comigo, passam o tempo em frente ao computador, à televisão ou então enviando mensagens de texto pelo celular.

— Não posso acreditar — disse ela.

— É verdade. Nos encontramos na hora das refeições, que transcorrem em silêncio. Algumas vezes, Margaux chega a ir para a mesa com o iPod. Graças a Deus, Lucas ainda não está nessa fase, mas logo vai estar.

Mélanie ficou olhando para ele.

— Por que não manda ela parar? Por que não obriga Arno e Margaux a conversarem com você?

Ele contemplou a irmã do outro lado da mesa. O que poderia dizer? O que ela sabia sobre crianças, sobre adolescentes em particular? Os silêncios, as explosões, a fúria interior? Como ele poderia lhe dizer que às vezes sentia tão intensamente o desprezo dos filhos que se horrorizava?

— Você precisa fazer com que eles o respeitem, Antoine.

Respeito. Claro, do jeito que ele havia respeitado o pai na adolescência. Sem nunca passar dos limites. Sem se rebelar. Sem responder aos gritos. Sem bater a porta.

— Acho que eles estão passando por algo que é saudável e normal — balbuciou ele. — É normal ser rude e difícil nessa idade. É preciso colocar para fora.

Ela não falou nada, bebericando o chá. Ele prosseguiu, com o rosto um pouquinho mais rubro. O menininho da mesa ao lado continuava a berrar.

— O difícil é ter que enfrentar tudo isso sozinho. Sem Astrid. Tudo aconteceu tão de repente. De um dia para o outro. São seus filhos, mas são desconhecidos. Você não sabe nada sobre a vida deles, com quem se encontram, aonde vão.

— Como é possível?

— Por causa da internet, dos telefones celulares. Quando nós tínhamos a mesma idade, nossos amigos precisavam ligar para nossa casa, falar com papai ou Régine, pedir para falarem conosco. Isso acabou. Agora você não sabe mais com quem seu filho se encontra. Você nunca fala diretamente com os amigos.

— A não ser quando eles os trazem para casa.

— Coisa que não acontece muito.

O menino tinha finalmente parado de choramingar e estava ocupado mastigando um croissant do tamanho do prato.

— Margaux ainda se dá com Pauline? — perguntou Mélanie.

— Claro. Mas Pauline é exceção. Estão na mesma escola desde que tinham 6 anos. Você não reconheceria Pauline.

— Por quê?

— Ela está com um corpo de Marilyn Monroe.

— Tá brincando? Pauline, a menininha magricela, dentuça, com sardas?

— Exatamente. Pauline, a menininha magricela.

— Meu Deus — exclamou Mélanie, impressionada. Depois, estendeu a mão e bateu nele suavemente. — Você está indo muito bem, Antoine. Estou orgulhosa de você. Deve ser um trabalho infernal criar dois adolescentes.

Os olhos dele se umedeceram. Ele se levantou apressadamente.

— Que tal um mergulho matinal? — disse, sorrindo para ela.

Depois do banho e do almoço, mais tarde, Mélanie foi para o quarto terminar a leitura de um original. Antoine decidiu descansar na sombra. O calor era menos intenso do que ele esperara, mas em algum momento ele acabaria na piscina, imaginava. Ele se instalou em uma espreguiçadeira de madeira no terraço, debaixo de um grande guarda-sol, e tentou ler algumas páginas de um romance que Mélanie havia lhe dado, escrito por um dos seus principais autores, um jovem insolente que mal havia completado 20 anos, de cabelo oxigenado e ar desafiador. Logo perdeu o interesse.

Em volta da piscina, as famílias iam e vinham. Era bem mais divertido observá-los. Havia um casal de quarentões que poderiam ter sido Astrid e ele, pensou. O sujeito estava em ótima forma, com o abdômen malhado e braços musculosos, ela não tão bem, quase gorda. Os dois filhos adolescentes eram quase a réplica exata dos

dele. A garota tinha um beicinho eterno, fones de ouvido enfiados e esmalte preto nas unhas. O garoto, mais novo, mais parecido com Lucas, decidiu ele, estava grudado no Nintendo. Quando os pais falavam com eles, respondiam levantando os ombros ou grunhindo. Bem-vindos ao clube, pensou Antoine. Mas pelo menos esse casal está nisso juntos. São uma equipe. Podem lidar com as tempestades vindouras. Ele tinha de enfrentá-las sozinho.

Quando fora a última vez que ele conversara com Astrid sobre as crianças? Não conseguia se lembrar. E como se comportavam com ela e Serge? Seria tão ruim? Pior? Melhor? Como ela lidava com a situação? Perdia as estribeiras? Gritava com elas? E Serge? Como ele lidava com três crianças que nem eram dele?

Antoine reparou em outra família, mais jovem, com dois pequenos. Vinte e tantos anos, 30 e poucos, dois filhos pequenos. A mãe estava sentada na grama com a garotinha, ajudando-a pacientemente a montar um grande quebra-cabeça de plástico. Todas as vezes que a menina acertava, a mãe batia palmas e demonstrava aprovação. Ele também fazia aquilo, lembrou. Naquele tempo feliz em que as crianças eram pequenas e doces. Você podia abraçá-las e fazer cócegas. Brincar de esconde-esconde. Brincar de monstro. Correr atrás delas, agarrá-las nos braços e jogá-las sobre os ombros. Gritinhos e berros em suas orelhas. Podia cantar para que dormissem e contemplá-las durante horas, espantando-se com a perfeição de todos os pequenos traços.

Ele observou o pai que dava a mamadeira ao neném, enroscando cuidadosamente, colocando o bico de borracha na boca do filho. Sentiu-se esmagado pela tristeza pelo que tinha acabado, pela época abençoada de sua vida em que ele e Astrid ainda estavam bem, quando ele gostava do seu trabalho, achava que estava progredindo, sentia-se em paz consigo mesmo, sentia-se jovem. Lembrou de caminhar por Malakoff com a família nas manhãs de domingo, na feira. Lucas ainda no carrinho empurrado por Astrid, e

os outros dois a saracotear, segurando-o com mãos quentes e grudentas. Os vizinhos e os vendedores acenavam e os saudavam. Ele se sentia tão orgulhoso. Tão seguro em seu próprio mundo. Nada poderia destruí-lo. Como se nada pudesse mudar.

Como é que tudo havia começado? Ele não tinha visto os sinais. E se tivesse, se tivesse sido avisado, teria sido mais fácil? Aquilo era envelhecer? Era o que o esperava agora? Sentia que não podia mais suportar a visão da familiazinha feliz que o fazia se lembrar do passado, por isso levantou-se, encolheu a barriga e deslizou para dentro da piscina. A água fresca lhe fez bem e ele nadou para cima e para baixo por algum tempo, até que os braços e as pernas doessem e ele perdesse o fôlego. Voltou para a espreguiçadeira e esticou a toalha na grama.

O sol bateu nele forte e feroz. Era exatamente o que precisava. O perfume embriagante das rosas entrou em suas narinas e, dolorosamente, ele se recordou de ter tomado o chá da tarde com os avós naquele mesmo gramado, junto às rosas. Lembrava-se das pequenas e fofas *madeleines* que ele mergulhava no chá Darjeeling com leite, do cheiro acre do charuto do avô, da entonação aveludada de soprano da avó, da risada áspera e abrupta da tia. E lembrou-se da mãe e de seu sorriso, do jeito que seus olhos se iluminavam quando olhava para os filhos.

Acabado. Tudo acabado. Ele ficou tentando imaginar o que lhe traria o próximo ano. E como poderia superar a tristeza paralisante da qual era cruelmente refém. Nunca havia sentido essa tristeza com tanta intensidade antes de voltar para Noirmoutier. Podia viajar. Podia tirar algumas folgas e ir para algum lugar distante, algum lugar para onde não voltava havia muito tempo, como a China ou a Índia. Mas a ideia de fazer aquilo sozinho o desanimava. Poderia pedir para um de seus amigos mais próximos, Hélène, Emmanuel ou Didier. Besteira. Quem poderia se dar ao luxo de viajar por algumas semanas, ou mesmo um mês, nesses dias, com essa idade? Hélène

tinha três filhos que exigiam cuidados. Emmanuel trabalhava em publicidade e tinha os piores horários do mundo. Didier também era arquiteto e parecia nunca parar de trabalhar.

Amanhã era o aniversário de Mélanie. Ele tinha feito reserva em um dos melhores restaurantes de Noirmoutier, L'Hostellerie du Château. Um que eles nunca haviam visitado nem nos velhos tempos, com Blanche e Robert. Enquanto deitava de bruços, pensou na semana que o aguardava. Pessoas voltando para a cidade depois das férias. Visões de rostos bronzeados nas ruas parisienses. A carga de trabalho que tinha de enfrentar. O novo assistente que precisava encontrar. A volta às aulas dos filhos. Agosto se transformando rapidamente em setembro. E em como iria ele enfrentar outro inverno sozinho.

Capítulo 14

***D**URANTE AQUELA TEMPESTADE TERRÍVEL no aniversário da pequena, fiquei assustada como sempre, mas enquanto estavam todos amontoados na sala de jantar, à luz de velas, você chegou até mim na escuridão, as luzes estavam apagadas, mas não precisávamos delas, suas mãos eram como feixes de luz brilhando para mim, me ofuscando, quase brancas de paixão, e você me levou para outro patamar, um que eu nunca havia conhecido antes, aonde meu marido nunca me levara, um aonde ninguém, preste atenção, ninguém me levou. Voltei para eles quando as luzes se acenderam e o bolo chegou, voltei para o papel de mãe e esposa perfeita, mas estava reluzindo com o seu desejo, recoberta por ele, e ela me olhou novamente como se suspeitasse de alguma coisa, como se soubesse. Olha, não tenho medo, não tenho mais medo deles. Sei que logo vou ter que ir embora, voltar para Paris, recomeçar minha vida diária na atmosfera tranquila e refinada da avenue Kléber, as crianças...*

Falo demais sobre as crianças, não é? Mas são meus pequenos tesouros. Significam tudo para mim. Você conhece aquela expressão, a menina dos olhos? É o que são, meus queridos anjinhos, minhas meninas dos olhos. Se vou dividir minha vida com você, que é o que desejo mais do que qualquer coisa no mundo, meu amor, então minha vida é para ser dividida entre você e eles. Nós quatro. Como uma pequena família. Mas será que é possível? Será?

Meu marido cancelou a viagem para cá neste fim de semana. O que significa que você pode voltar ao meu quarto mais uma vez, no silêncio da noite. Estarei esperando. Chego a tremer ao imaginar o que você há de fazer e como eu vou te amar.

Destrói essa carta.

Capítulo 15

SUA IRMÃ ESTAVA DESLUMBRANTE naquela noite, o cabelo jogado para trás, preso por um arco negro, a figura esguia delineada por um simples vestido preto. Sua mãe estava olhando diretamente para ele, através dos olhos dela. Mas ele não lhe disse isso. Era sua lembrança íntima. Estava feliz por ter escolhido aquele restaurante. A um passo do castelo de Noirmoutier, parecia enganadoramente simples do lado de fora, com uma varanda estreita e persianas cor de oliva. O salão principal era imenso, com pé-direito alto, paredes cor de creme, mesas de madeira e uma grande lareira, mas ele tinha reservado uma mesa do lado de fora, no pequeno *terrasse*, mais intimista, coberto por um toldo, onde a mesa os aguardava embaixo de uma figueira perfumada que crescia junto a uma parede em ruínas. Ali não havia famílias barulhentas, reparou ele, nenhum bebê gritando, nenhum adolescente temperamental. O lugar perfeito para se comemorar o quadragésimo aniversário de Mélanie. Ele pediu duas taças de champanhe rosé, a favorita dela, e então, tranquilamente, examinaram o menu. *Foie gras poêlé au vinaigre de framboises et au melon. Huîtres chaudes au caviar d'Aquitaine et à la crème de poireaux. Homard bleu à l'Armagnac. Turbot de pleine mer sur galette de pommes de terre ailées.*¹

— Isso foi realmente muito legal, Tonio — disse finalmente, depois de juntarem as taças. — Muito obrigada.

Ele sorriu. Era exatamente o que tinha na cabeça quando planejara esta viagem, havia alguns meses.

— E o que você acha de estar com 40 anos?

Ela fez uma careta.

— Horrível. Eu odeio.

Engoliu o champanhe.

— Você está muito bem para quem tem 40 anos, Mel.

Ela deu de ombros.

— Isso não me faz sentir menos solitária, Tonio.

— Talvez este ano...

Ela fez um ar de desdém.

— É, talvez este ano. Talvez este ano eu conheça um cara legal. É o que eu digo todo ano. O problema, como todo mundo sabe, é que os caras da minha idade não estão procurando mulheres de 40. Ou são divorciados e querem uma esposa mais jovem ou são solteiros, o que os torna ainda mais suspeitos, e também fogem de mulheres da idade deles.

Ele sorriu.

— Bom, *eu* não quero nada com mulheres mais jovens. Já tive a minha cota. Tudo o que querem fazer é ir a boates, fazer compras ou se casar.

— A-há! — disse ela. — Se casar. É o x do problema. Você pode me explicar por que ninguém quer se casar comigo? Vou acabar como Solange? Uma velha gorda e mandona?

Os olhos verdes dela se encheram de lágrimas. Ele não poderia suportar que aquela noite agradável fosse estragada pela tristeza. Apagou o cigarro e agarrou seu punho com suavidade e firmeza. Os pratos vieram e ele esperou que a garçonete saísse de perto.

— Mel, você só não conheceu o cara certo. Olivier foi um erro e durou tempo demais. Você sempre esperou que ele a pedisse em casamento, e ele não pediu, e estou feliz que não tenha pedido porque ele não prestaria pra você. Você sabe disso.

Ela secou as pálpebras lentamente e sorriu para ele.

— É, eu sei disso. Ele roubou seis anos da minha vida e olha o trapo que deixou pra trás. Às vezes eu me pergunto se estou no ramo certo pra conhecer homens. Talvez a área editorial não seja o lugar certo. Muitos escritores e jornalistas são gays ou então complicados e neuróticos. Não aguento mais ter casos com homens

casados, que nem o meu amante velho e tarado. Talvez eu devesse ir trabalhar com você. Você vê homens o dia inteiro, não é?

Ele riu ironicamente. É, ele via, via homens o dia inteiro e até algumas mulheres. Homens como Rabagny, que tinham tão pouco charme que chegava a dar pena, homens como os capatazes grosseiros com quem precisava lidar constantemente e com quem às vezes tinha menos paciência do que com os filhos, homens como os bombeiros, marceneiros, pintores e eletricitas que ele conhecia havia anos e cujas piadas grosseiras aprendera a aguentar.

— Você não gostaria daqueles homens — retorquiu, engolindo uma ostra.

— Como você sabe? Faz uma experiência. Me leva a uma das suas obras.

— Tudo bem — sorriu. — Vou te apresentar a Régis Rabagny. Não vá dizer que eu não avisei.

— Mas quem diabos é Régis Rabagny?

— A cruz da minha vida. Um empreendedor jovem e ambicioso. Amigo do peito do prefeito, frequentador da prefeitura no 12^o *arrondissement*. Acha que é o presente dos deuses para os pais parisienses porque criou uma linha de creches bilíngues de vanguarda que, na verdade, é mesmo espetacular. Mas ele anda tendo dificuldades para conseguir a aprovação do conselho de segurança. Por mais que eu tente avisar que a gente precisa seguir as regras e não correr riscos quando se trata de crianças, ele não me ouve. Acha que eu não compreendo a “arte”, as “criações” dele.

Esperava fazer Mélanie rir com alguns exemplos bem escolhidos dos famosos ataques de raiva de Rabagny, mas percebeu que ela não estava mais ouvindo. Olhava por trás dele.

Um casal havia entrado no terraço e tinha sido conduzido a uma mesa não muito distante da deles. Um homem e uma mulher na casa dos 50 anos, altos e fantasticamente elegantes. Ambos tinham cabelos brancos — os dela mais brancos, os dele mais grisalhos — e

rostos bronzeados, mas com aquele bronzeado de quem veleja ou monta, e não fica só deitado em uma espreguiçadeira. Eram tão estarrecidamente belos que um certo silêncio tomou conta do terraço. Todos os comensais se voltaram para o casal. Imunes à atenção que recebiam, eles se sentaram e logo estavam sendo servidos com champanhe trazido pela garçonete. Antoine e Mélanie observaram enquanto os dois sorriram um para o outro, fizeram um brinde e ficaram de mãos dadas.

— Uau — disse Mélanie suavemente.

— Beleza e harmonia.

— Amor verdadeiro.

— Então isso existe.

Mélanie inclinou-se para a frente.

— Talvez sejam impostores. Só um casal de atores interpretando papéis.

Antoine riu.

— Você quer dizer que é só para nos dar inveja?

O rosto dela se iluminou.

— Não! Para nos dar esperança. Para nos fazer acreditar que é possível.

Ele sentiu um aperto no coração ao vê-la ali, de vestido preto, segurando a taça de champanhe, com o delicado contorno dos ombros e braços gravados contra a figueira ao fundo. Tinha de haver um homem, pensou, um homem bom, simpático, inteligente, que pudesse se apaixonar por uma mulher como Mélanie. Não precisava ser tão perfeito como o homem da outra mesa, não precisava ser tão bonito, mas podia ser forte e honesto e fazê-la feliz. Ele se perguntou onde estaria tal homem naquele momento. A milhares de quilômetros de distância ou bem na esquina? Não suportava a ideia de ver Mélanie envelhecendo sozinha.

— No que você está pensando? — indagou ela.

— Quero que você seja feliz — respondeu.

A boca da irmã estremeceu.

— Quero o mesmo para você.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo e comeram o jantar, tentando não fitar o casal perfeito.

Finalmente, ela falou.

— Você precisa esquecer Astrid.

Ele suspirou.

— Não sei como fazer isso, Mel.

— Eu quero que você esqueça, quero muito.

— Às vezes, eu também quero.

— Às vezes, eu a odeio pelo que fez com você — balbuciou.

Ele estremeceu.

— Não. Não faça isso.

Mélanie brincou com o isqueiro dele. Disse:

— Não consigo. Ninguém consegue odiar Astrid. É impossível odiar Astrid.

Como ela estava certa. Era impossível odiar Astrid. Ela era como um raio de sol. Seu sorriso, sua gargalhada, seu passo atrevido, sua risada, sua voz melódica guardavam luz e movimento. Ela abraçava, beijava, cantava, pegava sua mão e segurava com força, estava sempre disponível para os amigos, para a família. Você podia ligar para Astrid a qualquer hora. Ela ouviria, balançaria a cabeça, daria conselhos, tentaria ajudar. Nunca perdia a paciência, e se perdia, era porque era o melhor para você.

O bolo chegou, as velas iluminavam a escuridão. Todo mundo bateu palmas e o belo casal de cabeça branca ergueu as taças de champanhe para saudar Mélanie, como todos os presentes. Antoine sorriu e bateu palmas.

Por trás do sorriso, ainda sentia a antiga dor. Ardia tão fundo que ele quase gemeu. Ele havia deixado Astrid ir embora. Nem havia percebido que ela estava lhe escapulindo. Não percebera nada. Foi como uma batida de frente.

Enquanto tomavam café e chá de ervas, o chef apareceu para cumprimentar os convidados mesa a mesa, para se assegurar de que tinham apreciado a refeição. Ao se virar para eles e ver Mélanie de vestido preto, subitamente ele exclamou, assustando os dois:

— Madame Rey!

O rosto de Mélanie ficou vermelho. O de Antoine também. Aquele sessentão certamente achava que estava olhando para Clarisse.

Ele pegou a mão de Mélanie e a beijou entusiasticamente.

— Há quanto tempo, madame Rey. Mais de trinta anos, eu diria! Mas nunca a esqueci. Nunca! A senhora costumava jantar aqui com os amigos do hotel Saint-Pierre, parece que foi ontem. Eu estava começando minha carreira naquela época.

Houve um silêncio tenso. O chef olhou para Mélanie e Antoine, dançando com os olhos. Então, lentamente, começou a compreender. Soltou a mão dela delicadamente.

Mélanie continuou sem dizer nada, com um pequeno sorriso constrangido nos lábios.

— *Mon Dieu*, que velho tonto eu sou! A senhora não pode ser madame Rey, é jovem demais...

Antoine pigarreou.

— Mas parece tanto com ela... Só pode ser...

— Filha dela — disse Mélanie finalmente, com calma. Ajeitou uma mecha de cabelo que escapava do rabo de cavalo.

— A filha! É claro! E você deve ser...

— O filho — disse Antoine com esforço, esperando que o homem resolvesse ir embora. Ele provavelmente nem sabia que a mãe tinha morrido. Antoine não ia aguentar ter de lhe contar. Esperava que Mélanie também não dissesse nada e ela não disse, mantendo-se em silêncio enquanto o homem tagarelava. Antoine se concentrou na conta e deixou uma boa gorjeta. Ele e Mélanie se levantaram para ir embora. O chef insistiu em apertar as mãos deles.

— Por favor, dê minhas lembranças à madame Rey. Diga-lhe como me sinto honrado em ter conhecido seus filhos, embora a surpresa mais esplêndida fosse ela voltar para me ver.

Os dois assentiram, murmuraram agradecimentos e fugiram.

— Eu me pareço *tanto assim* com ela? — sussurrou Mélanie.

— Olha, parece. Parece sim.

¹ Em francês, respectivamente: fígado de ganso grelhado com vinagre de framboesa e melão; ostras quentes com caviar da Aquitânia e purê de alho-poró; lagosta azul ao Armagnac; linguado de águas profundas servido com batata rosti ao alho. (N. do E.)

Capítulo 16

*V*OCÊ ACABOU DE SAIR do quarto e eu vou colocar esta mensagem debaixo da porta, sem deixá-la no nosso esconderijo habitual. Torço para que você a receba antes de pegar o trem de volta para Paris. Dormi com suas rosas e foi como dormir com você. São delicadas e preciosas como a sua pele, como os lugares secretos do seu corpo que eu adoro visitar, aqueles lugares que são meus agora, porque eu desejo deixar a minha marca neles para que você não possa me esquecer, não possa esquecer da primeira vez, não possa esquecer como nos conhecemos no ano passado, aquele primeiro olhar, aquele primeiro sorriso, aquela primeira palavra, aquele primeiro beijo. Sei que você está sorrindo ao ler isso, mas eu não me importo, não me importo nada porque sei como nosso amor é forte. Às vezes você acha que eu sou jovem e muito tola. Logo a gente vai encontrar um jeito de enfrentar o mundo, eu e você. Logo.

Destrua isso.

Capítulo 17

ELLES SE SENTARAM JUNTOS, ombro contra ombro, observando o mar a deslizar lentamente sobre Gois. Mélanie falava muito pouco, os cabelos escuros ao vento, o rosto sombrio. Não tinha dormido bem, explicou ao descer para o café da manhã, e seus olhos pareciam pequenas fendas naquela manhã, conferindo uma aparência quase asiática. Ele não se incomodara a princípio, mas conforme a manhã avançava e ela se tornava mais e mais silenciosa, recolhida, ele perguntou delicadamente se alguma coisa estava errada e ela ignorou a pergunta. Tinha desligado o celular, reparou ele, coisa que raramente fazia. Normalmente ficava grudada nele, verificando o tempo todo se havia mensagens de texto ou chamadas perdidas. Ele se perguntou se aquilo tinha alguma relação com Olivier, talvez ele tivesse telefonado no aniversário, ou deixado um recado, e revivido a velha ferida. Filho da mãe desajeitado, pensou ele. Ou seria porque o namorado idoso havia esquecido de lhe telefonar ontem?

Ele observou com o mesmo fascínio da juventude as águas devorarem avidamente a estrada. Pronto. Feito. Não havia mais estrada. Uma dorzinha lancinante o atravessou, como se um momento especial estivesse perdido para sempre, como se nunca mais fosse voltar a acontecer. Talvez ele preferisse assistir à Passagem de Gois emergir do mar, firme e acinzentada, uma comprida faixa partindo as águas em vez de olhá-la desaparecer sob a espuma das ondas, como se testemunhasse um afogamento. Agora preferia que tivessem escolhido outro momento para vir para cá. Havia algo de sinistro no lugar hoje e o estranho humor de Mélanie não ajudava a amenizá-lo.

Era a última manhã deles aqui. Seria por isso que ela continuava em silêncio, indiferente ao que se desenrolava à sua volta, as

gaivotas voando em círculo, o vento fustigando as orelhas, as pessoas voltando para terra firme agora que Gois estava fechada? Ela tinha encolhido os joelhos e descansava o queixo neles, com os braços apertados em torno das pernas. Os olhos verdes pareciam atordoados. Ficou se perguntando se ela estava com enxaqueca, como acontecia com a mãe, uma daquelas enxaquecas poderosas e perversas, que literalmente a deixavam de cama. Pensou na longa viagem de volta para Paris, nos inevitáveis engarrafamentos. Seu apartamento vazio. O apartamento vazio dela. Talvez também estivesse pensando nisso. Voltar para um lugar imóvel, silencioso. Ninguém à espera. Ninguém para saudar a sua chegada depois de horas atrás do volante, ninguém para abraçar. Havia, naturalmente, o velho libertino, mas ele provavelmente estaria com a esposa durante esse longo fim de semana em que metade da França saía em viagem. Talvez ela estivesse pensando sobre amanhã, segunda-feira, e na volta ao escritório em Saint-Germain-des-Prés, para lidar com os escritores neuróticos e egoístas de quem ela havia lhe falado ou com seu chefe impaciente e exigente e o auxiliar deprimido dele.

O mesmo tipo de gente com que Astrid lidava em uma editora concorrente. Antoine nunca se sentira parte da cena editorial. Nunca apreciara as badaladas festas em que o champanhe rolava solto e escritores se misturavam com jornalistas, *publishers*, editores e divulgadores. Costumava observar Astrid esvoaçando em meio à multidão com um lindo vestido de noite e saltos altos, um sorriso nos lábios, indo de grupo em grupo com o mesmo desembaraço, a mesma forma graciosa de saudar, enquanto ele ficava no bar, fumando um cigarro atrás do outro e se sentindo infeliz, um peixe fora d'água. Depois de algum tempo, tinha parado de acompanhá-la. Talvez tivesse sido uma ideia ruim, ele pensava agora. Talvez seu primeiro erro tivesse sido se afastar da vida profissional da esposa. Como tinha sido cego. Como tinha sido estúpido.

Amanhã, segunda-feira. O escritorzinho lamentável na avenue du Maine. A dermatologista que dividia o espaço com ele, mulher silenciosa, de rosto leitoso, cujo único prazer aparente era queimar verrugas dos pés dos pacientes.

Florence, sua assistente. Bochechas rechonchudas, testa brilhante, olhos pequenos e reluzentes, cabelo castanho gorduroso. Os tornozelos infelizes, os dedos curtos e grossos. Florence tinha sido um desastre desde o início. Nunca fazia nada certo — embora estivesse absolutamente convencida de que fazia e que *e/le* é que não explicava nada direito — e era excessivamente suscetível, capaz de acessos de feminismo militante que invariavelmente terminavam em soluços sobre o teclado.

Amanhã, segunda-feira, e a sequência de noites desagradáveis se amontoava na cabeça dele como um engarrafamento em uma estrada infundável. Uma réplica do ano passado, costurada com solidão, tristeza e autodepreciação.

Teria sido boa ideia voltar para cá?, questionou, contemplando discretamente o rosto exaurido da irmã. Ser confrontado por lembranças tão distantes, reviver os olhos, a voz, a risada da mãe, a forma como desfilava nessa mesma praia. Talvez devesse ter deixado tudo de lado e partido com Mélanie para Deauville, Saint Tropez, Barcelona, Amsterdã, qualquer lugar, desde que aquelas memórias familiares não retornassem para perturbá-los.

Passou o braço em torno dos ombros dela e a sacudiu desajeitadamente, como se estivesse dizendo “ei, anime-se, não estrague tudo”. Ela não devolveu o sorriso. Em vez disso, virou a cabeça e olhou para ele atentamente, como se estivesse tentando decifrar alguma coisa escondida dentro de seus olhos. Então afastou os lábios como se estivesse a ponto de falar alguma coisa, mas os fechou em seguida, sacudiu a cabeça com uma cara triste e suspirou.

— O que houve, Mel?

Ela sorriu e ele não gostou daquele sorriso, era forçado, desagradável, um simples tensionar dos lábios que a fez parecer mais velha e mais triste.

— Nada — murmurou ela contra o vento. — Nada mesmo.

A manhã se arrastou e ela continuou sem falar. Foi só mais tarde, quando carregaram a bagagem para o carro, que ela pareceu relaxar um pouco. Quando já estavam a caminho, ele ao volante, ela deu alguns telefonemas, até cantarolou uma velha canção dos Bee Gees. Ele sentiu-se tomado pelo alívio, ela estava bem, ia ficar bem, era só uma dor de cabeça forte, um momento complicado.

Capítulo 18

EM ALGUM PONTO DEPOIS de Nantes, eles pararam na estrada para tomar café e fazer um lanche. Ela disse que estava com vontade de dirigir. Era boa motorista, sempre fora. Ele trocou de lugar com ela, observou enquanto puxava o banco para a frente, apertava o cinto de segurança e ajustava o espelho retrovisor. Tão pequena, tão delicada, as pernas finas, os braços elegantes. Tão frágil também. Ele sempre sentira tanta vontade de protegê-la. Mesmo antes da morte da mãe. Ele se lembrava de como Mélanie ficara com medo do escuro nos anos sombrios e confusos que se seguiram à morte de Clarisse, de como sempre gostava de deixar uma luz acesa enquanto dormia, igual a Bonnie, a filha de Scarlett O'Hara. Ele se lembrou que as babás sempre diferentes, mesmo as mais gentis, nunca sabiam o que fazer para confortá-la quando ela tinha pesadelos, só ele conseguia, abraçando-a, cantando suavemente as mesmas cantigas de ninar que Clarisse cantava para que adormecessem. O pai raramente aparecia. Não parecia tomar conhecimento de que Mélanie tinha pesadelos, até com as luzes acesas, e de que noite após noite ela chamava pela mãe. Antoine se lembrava da dificuldade de Mélanie em compreender a morte de Clarisse. Ela perguntara sem parar, cadê Maman? Cadê Maman? Quando a Maman volta para casa? E ninguém respondia, nem mesmo Robert e Blanche, nem o pai, nem Solange, nem o infindável séquito de amigos da família que passou pela avenue Kléber depois da morte da mãe, que deixavam manchas de batom nas suas bochechas e lhes passavam a mão nos cabelos. Ninguém sabia o que dizer para aquela menininha assustada. Ele sabia intuitivamente, aos 10 anos, o que era a morte, compreendia seu senso de finitude e que a mãe jamais voltaria.

As mãos delicadas e pequenas de Mélanie no volante. Apenas um anel, na mão direita, um simples aro grosso de ouro que havia pertencido à mãe. O trânsito ficou mais pesado nas imediações de Angers, enquanto se dirigiam de volta a Paris. Provavelmente terminariam em um engarrafamento monstro, pensou ele, com os pulmões pedindo um cigarro.

Depois de um longo silêncio, Mélanie falou.

— Antoine, tem uma coisa que eu preciso dizer.

A voz pareceu tão tensa que ele logo se virou para olhá-la. Ela mantinha o olhar na estrada, mas o queixo parecia endurecido.

Ela ficou em silêncio.

— Pode me contar — disse ele suavemente. — Não se preocupe.

Os nós dos dedos dela estavam brancos, reparou. Seu coração começou a bater mais rápido.

— Passei o dia inteiro sem querer falar sobre isso — disse apressadamente. — Na noite passada, no hotel, lembrei de uma coisa. Uma coisa sobre...

Aconteceu tão rápido que ele mal teve tempo de respirar. Primeiro, ela voltou o olhar para ele, escuro, perturbado, então se virou e pareceu-lhe que o carro também virava, para a direita. A mão de Mélanie, subitamente, parecia impotente no volante. Então veio o guinchar intenso dos pneus, a explosão de uma buzina atrás dele, e a estranha e nauseante sensação de perder o equilíbrio enquanto Mélanie erguia-se sobre ele, seu grito intensificando-se na medida em que eram jogados para um lado, a corrente de ar fechando seus ouvidos enquanto o airbag se inflava dolorosamente branco em seu rosto. O grito de Mélanie era um gemido estrangulado, perdido em meio ao som do vidro partido e do metal amassado. Então apenas o som abafado de seu coração.

Capítulo 19

ANTOINE, TEM UMA COISA que eu preciso dizer. Passei o dia inteiro sem querer falar sobre isso. Na noite passada, no hotel, lembrei de uma coisa. Uma coisa sobre...

A médica espera que eu fale. Que responda à pergunta:

— O que ela estava te contando?

Como posso repetir as palavras que Mélanie pronunciou antes de o carro perder a direção na estrada? Não quero tocar nesse assunto com a médica. Não quero falar com ninguém sobre o que Mélanie disse, não ainda. Minha cabeça dói e os olhos vermelhos coçam, ainda ardendo com as lágrimas.

— Posso vê-la? — pergunto para a dra. Besson, rompendo finalmente o silêncio entre nós. — Não suporto ficar sentado aqui sem poder vê-la.

Ela sacode a cabeça com firmeza.

— Você vai vê-la amanhã.

Eu a fito com olhar vazio.

— Quer dizer que não podemos ir embora agora?

A médica devolve o olhar.

— Sua irmã quase morreu.

Engulo em seco. Sinto-me tonto.

— O quê?

— Tivemos de operá-la, ela teve um problema no baço. E quebrou algumas vértebras na parte superior das costas.

— O que isso quer dizer? — gaguejo.

— Quer dizer que ela vai ficar aqui por algum tempo. E quando puder ser removida, ela vai para Paris de ambulância.

— Em quanto tempo?

— Diria que em umas duas semanas.

— Mas eu pensei que a senhora tinha dito que ela ficaria bem!

— Ela está bem, agora. Vai precisar de tempo para se recuperar. E o senhor teve muita sorte. Não se machucou. Preciso examiná-lo agora. Pode vir comigo, por favor?

Atordado, eu a sigo para uma sala de consultas nas proximidades.

O hospital parece vazio, silencioso. Acho que *docteur* Besson e eu somos as únicas pessoas por ali. Ela me manda sentar, dobra minhas mangas, verifica o pulso. Enquanto cuida do seu trabalho, lembro de ter me levantado do carro, caído de lado como um animal ferido. Mélanie estava encolhida no canto esquerdo, imóvel. Eu não conseguia ver o rosto dela, pois o airbag inflado não deixava. Lembro de chamar por ela, de berrar o nome dela com toda força.

Depois de um tempo, *docteur* Besson me diz que estou bem, com pressão arterial ligeiramente alta.

— Pode passar a noite aqui. Temos quartos para os parentes. A enfermeira já vem.

Eu agradeço e saio, me dirigindo para a entrada do hospital. Sei que tenho que telefonar para o nosso pai. Tenho que lhe contar o que aconteceu, não dá mais para esperar. Já é quase meia-noite. Saio do prédio e acendo um cigarro. A cidade parece estar adormecida. Acima de mim, o céu se estende com uma cor azul-escura. As estrelas reluzem. Sento-me em um banco de madeira. Termino o cigarro e jogo fora a guimba. Experimento ligar para o número residencial da avenue Kléber. Entra a secretária eletrônica com a voz anasalada de Régine. Desligo e tento o telefone celular.

— O que é? — ele rosna, antes que eu possa dizer uma simples palavra.

Desfruto o pequeno poder que tenho agora, o minúsculo poder que posso usar contra nosso pai envelhecido, dominador, tirânico. O pai que ainda me faz sentir como se tivesse 12 anos de idade, completamente inútil, que considera meu trabalho de arquiteto

mediocre e sem graça, desaprova meu recente divórcio, o fumo, a forma como educo meus filhos, meu corte de cabelo que, segundo ele, deixa meu cabelo comprido demais, o fato de que uso jeans em vez de terno, e nunca gravata, meu carro importado, meu lamentável apartamento novo na rue Froidevaux, com vista para o cemitério de Montparnasse. O prazer que extraio disso é intensamente doce, como uma rápida punheta no chuveiro.

— Sofremos um acidente. Mélanie está no hospital. Quebrou alguma coisa nas costas e tiveram que operar o baço.

Saboreio a forma como ele inspira rapidamente.

— Onde você está? — balbucia finalmente.

— No hospital de Le Loroux-Bottereau.

— Onde fica isso?

— A 20 quilômetros de Nantes.

— O que vocês dois estavam fazendo aí?

— Fizemos uma viagemzinha para comemorar o aniversário dela.

Pausa.

— Quem estava dirigindo?

— Ela.

— O que aconteceu?

— Não sei. O carro simplesmente saiu da estrada.

— Vou estar aí de manhã. Vou tomar conta de tudo. Não se preocupe. Tchau.

Ele desliga. Dou um gemido interior. Ele, aqui, amanhã. Dando ordens para as enfermeiras. Sendo respeitado. Desprezando a médica. Nosso pai já não é mais alto, mas ainda se sente assim. Quando entra em um lugar, os rostos se voltam para ele como girassóis à luz do sol. Também não é especialmente atraente: tem entradas, um narigão, olhos escuros reluzentes. Foi atraente na juventude, pelo que me contam. Costumam dizer que pareço com ele, a mesma altura, os mesmos olhos castanhos. Mas não há nada de autoritário em mim. Ele ganhou peso, coisa que percebi na última

vez que o vi. Há seis meses. Não nos vemos muito, e agora que as crianças já estão suficientemente crescidas para visitarem o avô sem mim, eu o vejo com menos frequência ainda.

Nossa mãe morreu em 1974. Desde então, Mélanie e eu nos referimos a ela pelo primeiro nome, Clarisse. Parecia difícil demais dizer “Maman”. Aneurisma. François — sim, esse é o nome do nosso pai, François Rey, não passa uma aura de autoridade real e de grandeza? — tinha só 37 anos quando a esposa morreu. Era seis anos mais novo do que eu sou agora. Não consigo me lembrar onde foi que conheceu Régine (decoradora de interiores), loura, de lábios finos, ambiciosa, mas lembro do casamento pomposo em maio de 1977, no apartamento de Robert e Blanche Rey com vista para o Bois de Boulogne, e de como eu e Mélanie ficamos desconcertados. Nosso pai não parecia apaixonado de forma alguma, nunca voltava o olhar para Régine, não lhe fazia carinho. Por que então estava se casando com ela, nos perguntávamos. Por se sentir solitário? Por precisar de uma mulher que cuidasse de seu lar enlutado? Sentimo-nos traídos. Lá estava Régine, nos seus 30 anos, sorrindo de maneira afetada, com um conjunto Courrèges bege que não valorizava seu traseiro. Claro, tinha conseguido um bom partido. Um viúvo, mas um viúvo rico. Um dos advogados mais brilhantes de Paris. Herdeiro de um sobrenome conhecido e respeitado, filho de um renomado advogado e da rica filha de um pediatra famoso, neta de um abastado dono de terras, *crème de la crème* da conservadora e exigente burguesia da *rive droite* parisiense, de Passy. Um apartamento soberbo na *bon chic bon genre* avenue Kléber. O único problema eram os dois filhos, de 13 e 10 anos, ainda abalados pela morte da mãe. Ela nos aguentou. Lidou bem com a situação. Redecorou o apartamento, transformou suas esplêndidas proporções haussmanianas em espaços brancos e quadrados ultramodernos, desmontou as lareiras e o gesso, arrancou os antigos tacos de madeira que rangiam e transformou tudo em um décor marrom-

avermelhado e cinza que lembrava o portão de embarque de um aeroporto. Todos os amigos acharam que foi a reforma mais audaciosa e inteligente que já tinham visto. Nós odiamos.

Ela nos educou daquela tradicional forma *bourgeois* francesa. *Bonjour Madame. Au revoir Monsieur.* Modos impecáveis, excelentes resultados na escola. Missa toda manhã de domingo em Saint-Pierre de Chaillot. Qualquer tipo de emoção mantido sob controle. As crianças eram para ser vistas, não ouvidas. Nunca se fala de política, sexo, religião, dinheiro ou amor. O nome de nossa mãe nunca era mencionado. Logo entendemos que era melhor não mencioná-lo. Também nunca falávamos da sua morte. Ou de qualquer assunto relacionado com nossa mãe.

Nossa meia-irmã, Joséphine, nasceu em 1982 e virou a favorita do pai. Havia uma diferença de 15 anos entre Mélanie e ela. E eu, que só tinha 18, dividia um apartamento na Rive Gauche com alguns amigos e estudava ciência política na *faculté* da rue Saint-Guillaume.

Eu tinha saído de casa, se é que dava para chamar de casa a avenida Kléber, tudo aquilo que se tornara após a morte de Clarisse.

Capítulo 20

A CORDEI NA MANHÃ SEGUINTE me sentindo dolorido. A cama irregular do hospital é a coisa mais desconfortável em que já dormi. Será que tinha chegado a dormir? Só consigo pensar em minha irmã. Será que está bem? Vai se recuperar? Olho para minha mala e o laptop, guardado em uma bolsa especial, do outro lado do quarto. Passaram pelo acidente incólumes. Nem um rasgão ou arranhão. Tentei ligar o computador antes de ir para a cama na noite passada e ele funcionou sem problemas. Como era possível? Eu tinha visto o estado do carro. Eu estava dentro do carro. No entanto, apesar do desastre, minha mala, meu computador e eu estávamos bem.

A enfermeira desta manhã é diferente, mais gordinha e sardenta.

— Você pode ir ver a sua irmã — diz ela, sorrindo. Eu a sigo por alguns corredores em que pessoas idosas, semiadormecidas, se arrastam, e depois subo um lance de escadas para chegar ao quarto no qual Mélanie se encontra em uma cama complicada, com todo tipo de aparelho à volta. Seu peito todo está engessado, dos ombros à cintura. O pescoço emerge, fino e longo, como o de uma girafa. Parece mais alta e mais magra do que é.

Está acordada. Os olhos verdes escurecidos, maculados por sombras. A pele está muito pálida. Nunca a vi tão pálida. Ela parece diferente e eu não entendo muito bem como ou por quê.

— Tonio — arfa.

Quero demonstrar força e me comportar como um irmão mais velho, mas aquela visão me deixa com os olhos úmidos. Não ousa tocá-la. Estou com medo de quebrar alguma coisa, de machucá-la. Sento-me na cadeira ao lado da cama, sentindo-me desajeitado.

— Você está bem? — sussurra ela.

— Estou bem. E você? — respondo baixinho.

— Não consigo me mexer. Esse negócio coça pra burro.

Rapidamente, me pergunto se ela está mesmo bem, se vai ser capaz de se mexer algum dia, se a dra. Besson contou toda a verdade.

— Está doendo? — pergunto.

Ela sacode a cabeça.

— Eu estou me sentindo esquisita. — A voz é lenta e fraca. — Como se eu não soubesse mais quem sou.

Faço carinho na sua mão.

— Antoine — diz ela. — Onde nós estamos?

— Numa cidade chamada Le Loroux-Bottereau. Nós sofremos um acidente na estrada, depois de passar por Nantes.

— Acidente?

Percebo que ela não se lembra de nada.

Decido não lembrá-la. Por enquanto. Digo que também não me lembro. Ela parece ser tranquilizada pela informação e também aperta minha mão.

Então eu digo.

— Ele está vindo.

Ela sabe de quem estou falando. Suspira e vira a cabeça. Vejo como os cílios se fecham no seu rosto pálido. Continuo olhando para ela. Me sinto como se fosse seu anjo da guarda. Não observo uma mulher adormecer desde Astrid. Costumava observar Astrid por horas. Nunca me cansava de contemplar seu rosto em paz, o tremor dos lábios, as pálpebras brancas como pérolas e o movimento lento de seu peito. No sono, ela parecia frágil e jovem, como Margaux é agora. Não observo o sono de Astrid desde nosso último verão, há um ano.

No ano em que nosso casamento se desfez, Astrid e eu alugamos uma casa branca e quadrada na ilha grega de Naxos. Já havíamos decidido nos separar em junho (ou melhor, Astrid havia decidido me deixar para ficar com Serge), mas era impossível cancelar o aluguel,

as passagens aéreas e de barco em tão pouco tempo. Então fomos em frente com o suplício do último verão oficial como um casal. Não havíamos contado nada para as crianças e tentamos agir como sempre, como seus pais. Acabamos agindo com um entusiasmo tão falso que as crianças perceberam que havia algo errado. Astrid passou a maior parte do tempo lendo, nua, na cobertura. Ganhou um bronzeado cor de chocolate que me deixava doente, pois eu sabia que logo seria Serge, e não eu, a passar as patas ali.

Durante as três semanas de nossa torturante estada, tive vontade de dar um tiro na cabeça. Ficava sentado no terraço inferior, com vista para Orkhos e Plaka, fumando um cigarro atrás do outro, intercalados por goles constantes de *ouzo*² morno. A vista era estupenda e eu a admirava sob uma névoa bêbada de intensa infelicidade. A ilha de Paros, marrom e arredondada, parecia estar a um mergulho de distância, o mar reluzia com um azul profundo, pontilhado por manchinhas de espuma branca provocadas pelo vento acachapante. Quando ficava desesperado demais, ou bêbado demais, ou ambos, cambaleava pelo caminho íngreme e poeirento até o riacho e me jogava na água. Uma vez fui queimado por uma água-viva, mas estava tão perturbado que mal senti. Mais tarde, Arno me chamou a atenção e, ao olhar, descobri uma marca vermelha inflamada, como se alguém tivesse me chicoteado o peito.

Um verão dos infernos. Para aumentar meu desconforto mental, a serenidade do início das manhãs era destroçada pelo rangido de escavadoras e furadeiras no alto da colina, no lugar onde um italiano megalomaniaco construía um palacete que parecia ter saído de um filme de James Bond. Caminhões pesados, carregados de terra, percorriam com dificuldade, para cima e para baixo, a estradinha que passava bem na frente da nossa casa. Indiferente, eu me deitava no terraço, com a fumaça preta soprada no meu rosto. Os motoristas eram amistosos, acenavam para mim todas as vezes que

passavam, com as máquinas monstruosas a apenas alguns metros do meu desjejum intocado.

Para completar, a água era escassa, faltava luz todas as noites, os mosquitos eram famintos e Arno quebrou o vaso sanitário de mármore suspenso, high-tech, só de sentar nele. Todas as noites eu dividia a cama com minha futura ex-mulher, olhava-a dormir e chorava em silêncio. Ela murmurava várias vezes, como uma mãe paciente que lida com uma criança teimosa: “Antoine, é só que eu não amo mais você do jeito que eu amava”, me abraçava com entusiasmo maternal enquanto eu ainda tremia de desejo ao ser tocado por ela. Como era possível? Como podia acontecer? Como um homem podia superar uma coisa dessas?

Eu apresentara Astrid a Mélanie 18 anos antes. Astrid era assistente de divulgação de uma editora concorrente. Elas logo se tornaram boas amigas. Lembro do contraste interessante entre elas: Mélanie, pequena, delicada, de cabelos escuros, e Astrid de cabelos claros e olhos azuis. A mãe de Astrid, Bibi, é sueca de Uppsala, descontraída, artística, e definitivamente estranha. Mas encantadora. O pai de Astrid, Jean-Luc, é um famoso nutricionista, um desses homens bronzeados, revoltantemente em forma, que fazem você se sentir um desleixado carregado de colesterol. Obcecado com a regularidade do movimento intestinal, ele joga aveia em cima de tudo que Bibi cozinha.

Pensar em Astrid me faz sentir vontade de telefonar para ela e contar o que aconteceu. Saio do quarto na ponta dos pés. O telefone toca e toca. Ela não atende. A paranoia me faz pensar que eu deveria evitar que o meu número aparecesse no visor, para que ela não saiba que sou eu. Deixo um recado curto. Nove horas da manhã. Ela provavelmente está no carro agora, no nosso velho Audi. Sei seus horários de cor, já deixou Lucas na escola do bairro, Arno e Margaux em Port Royal, onde fica o *lycée*, e está enfrentando o trânsito matinal para chegar a Saint-Germain-des-Prés, a seu

escritório na rue Bonaparte, bem em frente à igreja de Saint-Sulpice. Está passando a maquiagem nos sinais vermelhos, com os homens olhando para ela dos outros carros e pensando: bela mulher. Então me recordo que ainda estamos no meio de agosto. Ela ainda está de férias. Com ele. Provavelmente voltaram a Malakoff com as crianças, vieram de Dordogne nesse fim de semana.

Quando volto para o quarto de Mélanie, lá está um velho com uma pança diante da porta. Preciso de alguns segundos para me lembrar quem ele é.

Ele me abraça de forma bruta. Sempre me assusto com os abraços abruptos de meu pai. Nunca abraço meu filho dessa forma. Arno está na idade em que detesta ser abraçado, por isso, quando o abraço, eu o faço delicadamente.

Ele dá um passo para trás e aperta os olhos para me olhar. Olhos castanhos salientes, lábios vermelhos cheios, mais finos agora, virados para baixo. As mãos cheias de veias parecem frágeis, os ombros caídos. Sim, meu pai está velho. Isso me choca um pouco. Será que nossos pais também percebem que estamos envelhecendo? Mélanie e eu não somos mais jovens, apesar de ainda sermos suas "crianças". Lembro de uma das amigas cuidadosamente plastificadas de nosso pai, Janine, dizendo para Mélanie e para mim: "É tão estranho ver os filhos dos amigos chegando à meia-idade." Mélanie havia retorquido com um sorriso gentil: "É ainda mais estranho ver as amigas do seu pai ficando velhas."

Meu pai pode parecer decrepito, mas não perdeu a personalidade.

— Onde raios anda o médico? — rosna. — O que diabos está acontecendo aqui? Esse hospital é uma porcaria.

Eu não digo nada. Estou acostumado aos seus rompantes. Não me assustam mais. Uma enfermeira jovem passa correndo como um coelho assustado.

— Você viu a Mel? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Está dormindo — grunhe.

— Ela vai sair dessa — digo.

Ele me lança um olhar furioso.

— Vou transferi-la para Paris. Não há motivo para mantê-la aqui.
Ela precisa dos melhores médicos.

Penso nos olhos castanhos e pacientes de Bénédicte Besson, nas manchas de sangue na frente de sua veste, no que ela fez na noite passada para salvar a vida de minha irmã. Meu pai desaba pesadamente em uma cadeira próxima. Me olha como se esperasse uma resposta ou uma reação. Não lhe dou nada.

— Me conta de novo o que aconteceu.

Eu conto.

— Ela tinha bebido?

— Não.

— Como é que alguém simplesmente perde a direção na estrada?

— Foi o que aconteceu.

— Cadê o seu carro?

— Está mais ou menos acabado.

Ele me observa, mal-humorado, ambíguo.

— Por que vocês dois foram para Noirmoutier?

— Eu quis fazer uma surpresa para o aniversário da Mel.

— Que surpresa — resmunga.

A raiva sobe. Ele ainda me afeta, me espanto que ele ainda consiga, que eu ainda permita que isso aconteça.

— Ela adorou — digo irritado. — Passamos três dias maravilhosos.
Foi...

Paro. Pareço um menino zangado. Exatamente o que ele queria. A boca treme da forma que costuma fazer quando ele se diverte. Será que Mélanie está fingindo dormir? De alguma forma, sei que está ouvindo cada palavra por trás da porta fechada.

Nosso pai nem sempre foi assim. Depois que Clarisse morreu, ele se fechou. Tornou-se duro, amargo e sempre apressado. Era difícil lembrar do pai de verdade, o pai feliz, aquele que sorria e gargalhava, o que puxava nosso cabelo e fazia crepes nas manhãs de domingo. Mesmo se estava ocupado, mesmo se chegava em casa tarde, arranjava tempo para a gente. Brincava conosco, nos levava ao Bois de Boulogne ou dirigia o carro até Versailles para caminhar no parque e empinar a pipa de Mélanie. Ele não demonstra mais seu amor. Não o faz desde 1974.

— Nunca gostei de Noirmoutier — anuncia.

— Por que não?

Ele ergue as sobrancelhas cabeludas.

— Mas Robert e Blanche gostavam, não é? — pergunto.

— Sim, gostavam. Quase compraram uma casa lá, você lembra?

— Sim — digo. — Uma casa grande, perto do hotel. Com persianas vermelhas. No bosque.

— *Les Bruyères*.

— Por que não compraram?

Ele dá de ombros. Mas mais uma vez, não me responde. Sei que nunca se deu bem com os pais. Robert, meu avô, detestava ser contrariado. E embora Blanche tivesse um temperamento mais manso, também não fazia o gênero de mãe devotada. E ele nunca foi muito próximo de Solange, a irmã.

Será que meu pai é esse homem endurecido porque os pais nunca lhe deram carinho? Será que eu sou um pai mole e doce ("Mole demais, doce demais!", reclamava Astrid depois de outra briga com Arno) porque tenho medo de cortar as asinhas de Arno da mesma forma que meu pai cortou as minhas? A verdade é que percebo que não me importo de ser considerado fraco, pois não conseguiria, de forma alguma, reproduzir a dureza de meu pai com meu próprio filho.

— Como vai aquele seu adolescente inútil? — pergunta. Nunca faz perguntas sobre Margaux ou Lucas. Tem algo a ver com Arno ser o herdeiro do nome.

O rosto pálido e anguloso de Arno me vem à cabeça. O corte de cabelo espetado, cheio de gel, as costeletas, o piercing na sobrancelha esquerda. Os vestígios irregulares de barba. Dezesesseis anos. Uma criança no corpo de um homem.

— Vai bem — digo. — Está com Astrid.

Imediatamente me arrependo de ter pronunciado o nome. Sei que ele vai repisar o assunto, que aquilo vai iniciar um monólogo infundável. Como pude permitir que aquela mulher me deixasse para ficar com outro, como pude aceitar o divórcio, não sabia o que isso faria comigo, com as crianças, não tinha orgulho, colhões? *Des couilles*. Com meu pai, tudo acabava sendo uma questão de colhões. Busco forças para aguentar, enquanto ele entra em ação a todo vapor, mas a médica aparece. As sobrancelhas dele baixam. O queixo se projeta.

— Diga-me exatamente qual é a situação, mademoiselle. Agora.

— Sim, senhor — responde ela, com toda seriedade.

E quando ele se vira para abrir a porta do quarto de Mélanie, os olhos dela se encontram com os meus. Para minha surpresa, ela dá uma piscadela.

Ou seja, a impressão que ele passa é de um velhinho exasperante. Ninguém tem medo dele. Não é mais o advogado impressionante, de língua afiada. E de alguma forma, aquilo me deixa triste.

— Temo que sua filha não possa ser transferida no momento — diz a dra. Besson pacientemente, com os olhos apenas ligeiramente tingidos de impaciência.

Meu pai interrompe.

— Ela precisa estar nas melhores mãos, em Paris, com os melhores médicos. Ela não pode ficar aqui.

Bénédicte Besson mal reage. Mas posso ver, pelo endurecimento de sua boca, como o golpe a atingiu profundamente. Ela nada diz.

— Preciso falar com seu superior. A pessoa que comanda este lugar.

— Eu não tenho um superior — diz a dra. Besson, tranquilamente.

— Como assim?

— Como assim que este é meu hospital. Eu o comando. Sou responsável pelo hospital e por cada paciente daqui.

Ela diz isso com tal tom de comando tranquilo que meu pai afinal cala a boca.

Mélanie tinha aberto os olhos. Nosso pai agarra a mão dela, segurando como se fosse a última coisa que fosse fazer na vida, ou como se fosse a última vez que ele a tocaria. Se abaixa na direção dela, metade do corpo na cama. A forma como prende a mão dela me comove. Ele está percebendo que quase perdeu a filha. A *petite Mélabelle*. Apelido de muito tempo atrás. Enxuga os olhos com um lenço de algodão que sempre mantém no bolso. Pelo jeito, não consegue dizer nada. Só ficar sentado ali, respirando pesado.

Mélanie se desconcerta com tal demonstração de emoção da parte dele. Não quer ver seu rosto úmido e arrasado. Por isso, olha para mim. Por todos esses anos, nosso pai jamais demonstrou sentimentos, só desprazer ou raiva. Este é um flashback inesperado do pai carinhoso e cuidadoso que ele costumava ser, antes da morte de nossa mãe.

Sentamo-nos em silêncio por algum tempo. A médica sai, fechando a porta. A mão de meu pai segurando a mão da filha me faz lembrar todas as vezes que estive na emergência por conta dos meus filhos. Quando Lucas caiu da bicicleta e abriu a testa. Quando Margaux caiu da escada e quebrou a tíbia. Quando Arno teve a febre mais alta que eu já vira. A correria. O pânico. Astrid pendurada em mim. O rosto branco como giz. As mãos dadas.

Olho para meu pai, consciente de que compartilhamos algo em silêncio dessa vez, embora ele não saiba disso, embora não possa perceber. Compartilhamos daquele poço sem fundo de medo que você só sente quando tem um filho e algo acontece a ele.

Meus pensamentos se voltam para este quarto e o porquê de estarmos aqui. O que Mélanie tinha tentado me contar antes do acidente? Que ela havia se lembrado de algo durante a última noite no hotel Saint-Pierre. Algo que guardara para si o dia todo. O que ela poderia ter lembrado? Mentalmente, tento reconstituir nossa viagem. Tantas memórias tinham voltado. O que poderia ter sido? Por que ela havia “guardado para si”? Era por isso que parecia estranha desde o café da manhã, quase atordoada? Enquanto estávamos sentados juntos, perto de Gois, eu lhe perguntara se alguma coisa estava errada e ela dissera que não era nada. Não tinha dormido bem, balbuciara. E durante toda a manhã, me lembro, ela parecera distante. O comportamento estranho só começou a mudar quando entramos no carro para voltar para Paris, de tarde.

Uma enfermeira agitada entra, empurrando um carrinho à sua frente. Está na hora de verificar a pressão de Mélanie, checar se os pontos estão bem. Ela pede que meu pai e eu deixemos o quarto por um minuto. Pontos? Então me lembro. O baço foi operado. Meu pai e eu ficamos do lado de fora, desconfortáveis, tensos. Ele parece ter recuperado a compostura, embora o nariz ainda esteja vermelho. Queimo os miolos tentando pensar em algo para dizer a ele. Nenhuma ideia aparece. Internamente, rio da ironia da situação. Pai e filho reúnem-se na cabeceira da cama da irmã adoentada e são incapazes de trocar palavras.

Felizmente, o telefone vibra no meu bolso traseiro. Rapidamente deixo o prédio para atendê-lo. É Astrid. A voz é chorosa. Digo a ela que acho que Mel vai ficar bem. Digo como tivemos sorte. Ela pergunta se eu gostaria que ela viesse com as crianças. Sinto uma onda de pura alegria me atravessar. Se ela fala coisas assim, então

quer dizer que ainda se importa comigo? Não significa que ainda me ama, de alguma forma? Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a voz áspera de Arno se faz ouvir. Ele também parece perturbado. Sei como é ligado à minha irmã. Quando era pequeno, ela desfilava com ele pelos Jardins de Luxemburgo, fingindo que era seu filho. Ele adorava isso. Ela também. Digo a ele que Mel vai precisar ficar aqui por algum tempo, que está engessada da cintura ao pescoço. Ele diz que quer vir e vê-la. Diz que Astrid vai levá-los. A ideia de rever minha família, todos juntos como nos velhos tempos, e não só passando a guarda dos meninos na entrada de casa com observações irritadas como "Ah, não esquece de novo de dar o xarope pra ela" ou "Você podia lembrar de assinar os boletins, por favor?", me dá vontade de começar a cantar e dançar. Astrid pega o telefone novamente e pede instruções de como chegar. Tento manter minha voz tranquila e controlada. Ela então põe Margaux na linha. Suave, baixinha, feminina. Papa, diz para a Mel que nós a amamos e estamos a caminho. Ela desliga antes que eu tenha chance de falar com o exuberante filho número três, Lucas. Estamos a caminho, disse ela.

Acendo um cigarro e fumo com prazer. Não posso suportar a ideia de voltar lá para dentro e ter de falar com meu pai. Por isso fumo mais um e aprecio da mesma forma. Estão a caminho. Com ou sem Serge?, me pergunto.

Quando volto ao quarto de Mélanie, encontro nossa meia-irmã Joséphine encostada na parede. Deve ter vindo com nosso pai. Estou surpreso de vê-la, não é particularmente próxima a Mélanie. Ou a mim. Não a via há meses, provavelmente desde o último Natal na avenue Kléber. Vamos para a lanchonete vazia no térreo. Mélanie aparentemente está descansando, e nosso pai, sentado no carro, fala ao telefone.

Joséphine é magra, nos padrões da moda, veste jeans desbotados de cintura baixa, tênis All Star Converse e uma camiseta cáqui. O

cabelo louro é curto como o de um menino. Ela tem a pele amarelada e a boca fina de Régine, e os olhos castanhos de nosso pai.

Acendemos os cigarros. É provavelmente só o que temos em comum. Fumar.

— Pode-se fumar aqui? — cochicha ela, se aproximando de mim.

— Não tem ninguém por perto — respondo, dando de ombros.

— O que você e Mel estavam fazendo em Noirmoutier? — pergunta ela, tragando profundamente.

Ela nunca faz rodeios. Vai direto ao assunto. Gosto disso nela.

— O aniversário de Mel. Uma surpresa.

Ela assente e beberica o café.

— Vocês costumavam ir lá quando eram crianças, não é? Com a sua mãe.

A forma como ela diz aquilo me faz olhar para ela com atenção.

— Sim. Nossa mãe, pai e avós — digo.

— Você nunca fala da sua mãe — diz ela.

Está com 25 anos. Não é burra. Um pouco fútil, embora para mim seu visual *gamine* não seja particularmente espetacular. O fato de que compartilhamos do sangue de nosso pai nunca me fez sentir muito fraternal em relação a ela.

— Nós dois não conversamos muito — ela prossegue.

— Isso te incomoda?

Ela torce os anéis nos dedos, o cigarro pendurado na boca de forma masculina.

— Sim, me incomoda. Não sei nada sobre você.

As pessoas entram na lanchonete e nos dão olhares ultrajados porque estamos fumando. Apagamos nossos Marlboro.

— Não se esqueça de que eu já não morava mais na avenue Kléber quando você nasceu — digo.

— Pode ser. Mas você ainda é meu meio-irmão. Estou aqui porque me importo. Me importo com a Mel. Me importo com você.

É tão inesperado vindo dela que só posso ficar boquiaberto.

— Fecha a boca, Antoine — diz, com um sorriso afetado.

Solto uma gargalhada. Ela diz:

— Me fala da sua mãe. Ninguém nunca fala dela.

— O que você quer saber?

Ergue uma sobrancelha.

— Qualquer coisa.

— Morreu em 1974. Teve aneurisma cerebral. Tinha 35 anos.

Aconteceu muito rápido. Chegamos em casa depois da escola, e ela tinha sido levada para o hospital. Estava morta. — Olho para ela. — Nem Régine nem Papa contaram isso para você?

— Não — diz ela. — Continue.

— É tudo.

— Não, quero dizer, como era ela?

— Mélanie se parece com ela. *Petite*, olhos verdes, cabelos escuros. Ria muito. Nos deixava felizes.

A mim pareceu que nosso pai parou de sorrir depois que Clarisse morreu e que sorri menos ainda depois do casamento com Régine. Eu não quero dizer isso para Joséphine, por isso calo a boca. Mas tenho certeza de que sabe tão bem quanto eu que os pais levam duas vidas separadas. Meu pai se encontra com seus amigos advogados aposentados, passa horas no escritório lendo ou escrevendo, reclama muito e Régine suporta pacientemente as lamentações, sai para jogar bridge no clube de senhoras e tenta fingir que está tudo bem na avenue Kléber.

— E a família dela? Vocês se veem?

— Morreram quando ela era nova. Tinham origem modesta e rural. Eu lembro que ela tinha uma irmã mais velha, que não via muito. Depois que ela morreu, aquela irmã sumiu das nossas vidas. Nem sei onde mora.

— Qual era o nome dela?

— Clarisse Elzyère.

— De onde era?

— De Cévennes.

— Você está bem? — pergunta ela subitamente. — Está com uma cara horrível.

Sorrio.

— Obrigado.

Então digo, depois de uma ligeira pausa:

— Para falar a verdade, você está certa. Eu de fato estou exausto.

E *e/e* ainda resolveu aparecer.

— É — diz ela. — Você não se dá bem com *e/e*, não é?

— Não muito.

O que é uma meia verdade, pois eu me dava bem com ele quando Clarisse ainda estava viva. Foi o primeiro a me chamar de Tonio. Tínhamos uma cumplicidade tranquila que se adequava ao garotinho calmo que eu era. Nenhuma correria para jogar futebol. Nada de atividades suadas, máscaras, nos fins de semana. Em vez disso, passeios contemplativos pelo bairro e visitas frequentes ao Louvre, à ala egípcia, minha favorita. Às vezes, entre sarcófagos e múmias, eu ouvia alguém cochichar: “Não é aquele advogado, François Rey?” Eu tinha orgulho de ser visto segurando sua mão, orgulho de ser seu filho. Mas foi há mais de trinta anos.

— Ele ladra mais do que morde.

— É fácil para você que é a pequena *chouchou*, a favorita dele.

Ela reconheceu aquilo com certa elegância.

— Bem, nem sempre é fácil ser a *chouchou* — resmungou. Então falou: — Como está sua família?

— Estão a caminho. Você vai vê-los se ficar mais um pouco.

— Ótimo — disse ela, com uma vivacidade um tanto excessiva. — E o trabalho, como vai?

Me pergunto por que ela está se esforçando tanto para continuar com esse questionário falsamente preocupado. Joséphine nunca me pediu nada além de cigarros. A última coisa que gostaria de falar é

sobre meu trabalho. Até pensar nele me traz o gosto de alguma coisa estragada.

— Bem, ainda trabalho como arquiteto e ainda me sinto infeliz com isso.

Antes que ela possa me perguntar o motivo, lanço para ela uma das minhas próprias perguntas.

— E você, como está? Namorado, trabalho, essas coisas? Como estamos? Você ainda sai com o cara que é dono de boate? Ainda trabalha para o designer no Marais?

Não toco na história do homem casado com quem ela teve um caso ano passado, ou da longa temporada sem emprego, quando parecia passar a maior parte do tempo vendo DVDs no escritório do pai ou fazendo compras no reluzente Mini preto da mãe.

Subitamente, ela abre um sorriso para mim. Mais parece uma careta. Arruma o cabelo e pigarreja.

— Para falar a verdade, Antoine, eu gostaria muito se você pudesse... — faz uma pausa, pigarreja novamente. — Se você pudesse me emprestar algum dinheiro.

Os olhos castanhos, ao mesmo tempo suplicantes e atrevidos, voltam a me fitar.

— Quanto? — pergunto.

— Bem, uns mil euros.

— Você está com algum problema? — pergunto, usando a voz de pai que emprego com Arno.

Ela sacode a cabeça.

— Não, claro que não! Só preciso de algum dinheiro. E você sabe, prefiro não pedir nada para eles.

Presumo que “eles” são os pais dela.

— Não ando com tanto dinheiro.

— Tem um caixa automático do outro lado da rua — diz ela, prestativamente.

Ela espera.

— Você está precisando disso agora?

Ela assente.

— Joséphine, não tenho problema em te emprestar, mas preciso que você me pague. Desde o meu divórcio, eu não ando exatamente nadando em dinheiro.

— Claro, sem problemas. Prometo.

— E não acho que consigo retirar essa quantia toda.

— Bem, que tal assim: você me dá o que a máquina te entregar em dinheiro e o resto em cheque?

Ela se levanta e sai toda reboiativa, sacudindo os quadris esqueléticos em pose de triunfo. Enquanto saímos do hospital para ir ao banco, acendendo cigarros no caminho, não consigo deixar de me sentir enganado. Aquela nova atitude fraternal não durou muito.

2 Aperitivo com sabor de anis, muito popular na Grécia. (N. do E.)

Capítulo 21

DEPOIS DE ENTREGAR AS notas e um cheque para Joséphine, que me dá uma beijoca no rosto e vai embora, dou uma volta pela cidade, sem querer retornar ao hospital no momento. É daqueles vilarejos de interior sem nada de notável. A pequena prefeitura ostenta uma bandeira tricolor desbotada e fica diante de uma igreja austera. Há uma tabacaria e uma padaria, um hotel despretensioso chamado "L'Auberge du Dauphin". Não vejo ninguém. A tabacaria está deserta. É cedo demais para o almoço. Um jovem mal-humorado ergue o queixo para mim quando entro. Peço um café e me sento. Um rádio invisível trombeteia as notícias da estação Europe 1. As mesas cobertas de plástico são grudentas ao toque. Será que eu devo dar alguns telefonemas, avisar aos meus amigos mais próximos o que aconteceu? Ligar para Emmanuel, Hélène, Didier. Fico adiando. Será porque não quero pronunciar aquelas palavras de novo? Descrever o acidente mais e mais vezes? E os amigos de Mélanie? O chefe? Quem vai contar a eles? Provavelmente eu. A semana que vem é importante para Mélanie, com a preparação para a temporada literária de outono. A época mais ocupada do ano para qualquer um que trabalhe numa editora, o que inclui minha ex-mulher. E há também meu próprio trabalho, Rabagny e seus acessos, os layouts que ele quer alterar de novo, a assistente que preciso encontrar depois que conseguir demitir Florence, a atual.

Acendo um cigarro.

— Você não vai mais poder fazer isso no ano que vem — zomba o jovem com um sorriso grosseiro. — Todo mundo vai precisar sair para fumar. Ou não vão mais passar por aqui. Ruim para a gente. Muito ruim. Talvez isso aqui acabe fechando.

Ele parece tão agitado que decido, de forma covarde, não arriscar uma conversa. Em vez disso, sorrio, balanço a cabeça, dou de ombros e mergulho no alegre estudo de meu telefone celular.

Voltei a fumar quando Astrid me contou que amava Serge. Tinha parado por dez anos. E, no piscar de um isqueiro, me tornei um fumante. Todo mundo me infernizava a vida por isso. Eu não me importava. Astrid, uma autêntica xiita da saúde, ficara arrasada. Eu continuei a não me importar. Fumar era a única coisa que ninguém podia tirar de mim. Era a única parte da minha vida atual que me dava algum tipo de satisfação. Eu sabia que era um mau exemplo para os meus filhos, especialmente nas idades frágeis e influenciáveis de Arno e Margaux, quando fumar é considerado uma coisa atrevida, legal de fazer. O apartamento da rue Froidevaux tem cheiro de cigarro. Quando chego em casa, é o que me saúda. Além da vista para o cemitério. Contemplar a morte. Claro. Não posso me queixar, meus falecidos vizinhos são uma turma de peso: Baudelaire, Maupassant, Beckett, Sartre, de Beauvoir. Mas logo aprendo a não olhar pela janela da sala de estar. Ou a só fazê-lo à noite, quando os crucifixos austeros e as sepulturas de pedra já não estão mais visíveis, quando o longo trecho até a Tour Montparnasse é apenas um misterioso espaço negro cheio de nada.

Eu dedicara tempo a tentar fazer com que o apartamento tivesse a aparência e o aconchego de um lar. Em vão. Havia pilhado os álbuns de fotos de Astrid, arrancando impiedosamente meus retratos favoritos das crianças, de nós, e os colando por todas as paredes. Arno ao nascer, nos meus braços confusos, Margaux com o primeiro vestido, Lucas triunfante no alto da Torre Eiffel, empunhando um pirulito grudento. Férias na neve, férias de verão, visitas aos castelos do Loire, aniversários, peças da escola, festas de Natal: uma infindável e desesperada exposição de como nossa família fora feliz.

Apesar das fotos, apesar das cortinas coloridas (Mélanie tinha ajudado a escolhê-las), da cozinha alegre, dos confortáveis sofás da

loja Habitat, da iluminação inteligente, há uma dolorosa sensação de vazio naquele lugar. Ele só se enche de vida quando os meninos aparecem para os fins de semana predeterminados. Ainda acordo na cama nova, coço a cabeça e me pergunto onde estou. Não aguentaria voltar para Malakoff e ser confrontado por Astrid e sua nova vida na nossa antiga casa. Por que as pessoas são tão ligadas às casas? Por que dói tanto deixar uma casa?

Compramos aquela casa juntos, há 12 anos. Era uma área pouco valorizada na época, considerada desenxabida e proletária, e a mudança para aquele “suburbiozinho desagradável” ao sul de Paris tinha feito muita gente erguer as sobancelhas. E havia tanto para ser feito. O *pavillon de banlieue*, alto e estreito, estava caindo aos pedaços, cheio de umidade, desgastado. Por isso foi barato. Encaramos tudo como um desafio. Adoramos cada minuto, mesmo os imprevistos, os problemas com o banco, com um colega arquiteto, o bombeiro, o pedreiro, o marceneiro. Trabalhamos na casa dia a dia. E finalmente ficou perfeita. Malakoff, nosso pequeno *paradis*. Nossos invejosos amigos parisienses perceberam como ficava perto da cidade, como era fácil de chegar, bastava passar por Porte des Vanves. E nós tínhamos até um jardim — quem pode ostentar um jardim em Paris? —, o que significava que fazíamos refeições ao ar livre no verão, apesar do rumor abafado do *périphérique* nas imediações, com que logo nos acostumamos. Um jardim que eu cuidava com carinho e um cachorro, um labrador velho e desajeitado, que ainda não consegue entender por que eu saí de casa e quem é esse outro sujeito na cama de Astrid. O bom e velho Titus.

Meu coração ainda sofre por aquela casa. Os invernos, a lareira aconchegante. A grande sala de estar, surrada pelo desgaste imposto por três crianças e um cachorro. Os desenhos de Lucas. Os palitos de incenso de Astrid que me deixavam com dor de cabeça. O dever de casa de Margaux. Os tênis de Arno, tamanho 44. O sofá

vermelho-escuro que já tinha visto dias melhores, mas continuava confortável o bastante para que se dormisse nele. As poltronas moles que abraçavam você como velhos amigos.

Nosso lar. O dia em que tive de ir embora. O dia em que fiquei na porta, dei meia-volta e a olhei pela última vez. A última vez como nosso lar. As crianças não estavam. Astrid me observou com olhos tristes. Você vai ficar bem, Antoine. Os garotos vão aparecer e ver você nos fins de semana, de 15 em 15 dias. Você vai ver, vai ser ótimo. E eu assentira, sem querer ver seus olhos cheios de lágrimas. Ela dissera: leve o que quiser. Leve o que você acha que é seu. Eu tinha começado a encher caixas de papelão com todo o meu lixo, raivosamente, furiosamente, então diminuíra o ritmo. Não queria lembranças além das fotos. Não queria nada além das fotos. Não queria nada da casa a não ser que ela voltasse a me amar.

Meu escritório ficava no andar de cima. O escritório ideal. Espaço, luz e silêncio. Eu mesmo planejei. Quando estava lá em cima, observando os telhados vermelhos e a faixa cinzenta do anel viário, sempre entulhada de carros, eu me sentia como Leo de Caprio quando exclama "Eu sou o rei do mundo" no convés do malfadado *Titanic*, de braços abertos para o horizonte. Meu malfadado escritório. Era minha toca, meu esconderijo. Astrid costumava se esgueirar para lá, nos velhos tempos, depois que as crianças dormiam, e fazíamos amor no carpete ouvindo Cat Stevens. *Sad Lisa. Lisa Lisa, sad Lisa Lisa*. Imagino que Serge agora ocupe o escritório. Não quero pensar no que eles fazem no carpete.

Enquanto espero que minha família apareça, naquele café sujo, ouvindo uma canção piegas de Michel Sardou, me pergunto subitamente se meu pai não está certo, afinal de contas.

Eu nunca lutei por ela. Nunca criei caso. Nunca soltei os cachorros. Deixei que ela partisse. Fui manso e comportado, como o garotinho que eu era. Aquele de cabelo penteado para trás e casaco azul-marinho. Que dizia *s'il vous plaît, merci e pardon*.

Finalmente vislumbro o Audi da família, coberto de poeira. Vejo minha família saltar do carro. Não sabem que estou ali, não conseguem me ver ainda. Estou escondido atrás de uma grande árvore perto do estacionamento. Meu coração se regozija. Não os via há um tempo. O cabelo de Arno está mais louro, clareado pelo sol. Ele o deixou crescer até a altura dos ombros. Vejo que está tentando deixar crescer um cavanhaque precário, o que estranhamente fica bem nele. Margaux está com uma bandana na cabeça. Ganhou corpo, não é mais tão magricela. Caminha desajeitadamente, pouco à vontade consigo mesma. Lucas é o que mais me surpreende. O garoto rechonchudo agora tem braços e pernas compridos. Posso ver que o futuro adolescente dentro dele está lutando para se manifestar como se fosse o incrível Hulk.

Não quero olhar ainda para Astrid, mas não consigo resistir por mais tempo. Ela usa um vestido comprido de jeans desbotado que eu adoro, abotoado na frente, justo. O cabelo louro, um pouco mais prateado, reparo, está preso para trás. Ela parece pálida. Mas ainda tão linda. Serge não está com eles. Solto um suspiro de alívio.

Observo-os deixarem o estacionamento e se dirigirem ao hospital. Faço minha aparição. Lucas urra e se joga em cima de mim, braços e pernas me envolvendo. Arno agarra minha cabeça e beija minha testa. Com toda certeza, já está mais alto do que eu. Margaux fica parada a distância, com o peso sobre uma perna, como um flamingo, então avança e esconde a cabeça no meu ombro. Percebo que, sob a bandana, o cabelo está pintado de laranja vivo. Fico horrorizado, mas não digo nada.

Deixo Astrid por último. Espero até que as crianças fiquem satisfeitas comigo e a procuro, dou-lhe um abraço com certa fome febril que ela provavelmente confunde com angústia relativa à minha irmã. É incredivelmente bom voltar a apertá-la. Seu perfume, a maciez, o toque aveludado de seus braços desnudos me deixam louco. Ela não me afasta. Devolve o abraço com intensidade. Quero

beijá-la e quase o faço. Então lembro que não vieram aqui para me ver. Vieram para ver Mel.

Eu os levo para dentro, para que a vejam. No caminho, esbarramos em meu pai e Joséphine. Meu pai saúda a todos com abraços brutais. Puxa o cavanhaque de Arno.

— O que é isso, pelo amor de Deus? — ruge, dando um tapa nas costas de Arno. — Levanta as costas, ô vagabundo idiota. Seu pai nunca diz isso para você? Sinceramente, ele é tão ruim quanto você.

Sei que é brincadeira, mas, como sempre, há uma agressividade embutida. Desde que Arno era pequeno, meu pai não larga o meu pé em relação à forma como o educo, sempre errada, segundo ele. Entramos na ponta dos pés no quarto de Mélanie. Ela ainda está dormindo. O rosto está mais pálido do que naquela manhã. Parece frágil, subitamente mais velha que seus 40 anos. Os olhos de Margaux ficam úmidos e vejo o brilho das lágrimas. Parece horrorizada com a aparência da tia. Passo o braço em torno do seu ombro e a trago para perto de mim. Ela está com um cheiro salgado e suado. Não tem mais aquele cheiro de canela de menininha. Arno a encara fixamente, de boca aberta, Lucas está inquieto, olha para mim, para a mãe e novamente para Mélanie.

Então Mélanie vira a cabeça e abre os olhos lentamente. Vê as crianças e seu rosto se ilumina. Dá um sorriso fraco. Margaux cai em prantos. Vejo que os olhos de Astrid também estão úmidos, que sua boca treme, e é demais para mim. Recuo discretamente e vou para o corredor. Pego um cigarro e apenas o seguro.

— É proibido fumar — diz uma enfermeira de aspecto respeitável, sacudindo um dedo irado para mim.

— Só estou segurando — explico. — Segurando, não fumando.

Ela me olha furiosamente, como se eu fosse um ladrão de lojas pego em flagrante. Devolvo o cigarro ao maço. Subitamente, penso em Clarisse. Ela é a única ausente aqui. Se ainda estivesse viva, estaria aqui agora, naquele quarto, com a filha, os filhos, os netos. O

marido. Teria 69 anos. Por mais que eu tente, não consigo imaginar minha mãe com 69 anos. Será sempre uma mulher jovem. Eu estou na meia-idade. Ela nunca conheceu a meia-idade. Nunca soube como era cuidar de filhos adolescentes. Morreu antes disso. Fico pensando em que tipo de mãe ela teria sido quando entramos na adolescência. Teria sido diferente se ela estivesse viva. Tudo teria sido diferente. Mélanie e eu mantivemos a puberdade sob controle. Fomos coagidos à submissão. Nenhuma explosão, nenhum grito, nenhuma porta batendo, nenhum insulto. Nenhuma saudável rebelião adolescente. A rígida Régine nos manteve amordaçados. Blanche e Robert assistiram e aprovaram. Era o correto, aos seus olhos. Vistos e não ouvidos. E nosso pai, da noite para o dia, se transformara em outra pessoa. Alguém que realmente não se interessava muito pelos filhos, uma pessoa em quem eles não se transformariam algum dia.

 Não tivemos permissão para ser adolescentes.

Capítulo 22

ENQUANTO ACOMPANHO MINHA FAMÍLIA de volta ao lado de fora, uma mulher alta com uniforme azul-claro passa por mim e sorri. Tem um crachá, mas não consigo distinguir se é enfermeira ou médica. Devolvo o sorriso. Me pergunto rapidamente quem é ela e como é simpático que nesses hospitais de interior as pessoas se saúdem, o que nunca acontece em Paris. Astrid ainda parece cansada e começo a achar que dirigir de volta para a cidade neste calor torturante talvez não seja uma boa ideia. Será que não podem ficar mais um pouco? Ela hesita, então resmunga alguma coisa sobre o fato de Serge estar esperando por ela. Acrescento que peguei um quarto em um hotel próximo, pois Mélanie ainda não pode ser transferida. Por que ela não vai até lá e descansa um pouco? O quarto é pequeno, mas fresco. Ela pode até tomar uma chuva. Ela inclina a cabeça e parece gostar da ideia. Entrego-lhe a chave e mostro onde fica o hotel, passando a prefeitura. Observo enquanto ela e Margaux se afastam.

Arno e eu voltamos para o hospital e nos sentamos no banco de madeira diante da entrada.

— Ela vai sobreviver, não vai?

Faço que sim com a cabeça.

— Mel? É claro que sim. Ela vai ficar bem.

Mas minha voz parece tensa até para mim.

— Você disse que o carro perdeu a direção na estrada, pai.

— Sim. Mel estava dirigindo. E aconteceu.

— Como? Como foi que aconteceu?

Decido lhe contar a verdade. Recentemente, Arno tinha se fechado, estava distante, só respondia minhas perguntas com alguns grunhidos. Não consigo sequer me lembrar da última vez que

tivemos uma conversa razoável. Ouvir sua voz de novo, vê-lo olhar nos meus olhos e não para algum lugar perto dos meus pés me faz desejar que esse contato inesperado se prolongue, não importa como.

— Ela estava a ponto de me contar alguma coisa que a tinha perturbado. Foi aí que aconteceu.

Os olhos dele, tão azuis quanto os de Astrid, se fixam nos meus.

— O que ela estava te contando? — murmura.

— Ela só teve tempo de dizer que se lembrava de alguma coisa. Alguma coisa que incomodava ela. Mas desde o acidente, ela não se lembra.

Arno permanece em silêncio. Tem as mãos tão grandes agora. Mãos de homem.

— O que você acha que é?

Respiro profundamente.

— Acho que é alguma coisa sobre a nossa mãe.

Ele parece surpreso.

— A mãe de vocês? Você nunca fala dela.

— Não. Mas passar três dias em Noirmoutier trouxe velhas lembranças.

— Por que você acha que Mel se lembrou de alguma coisa sobre a sua mãe?

Gosto da forma como me faz perguntas. Perguntas simples, rápidas, sem rodeios, sem enrolação.

— Porque nós passamos muito tempo da viagem conversando sobre ela. Lembrando de todo tipo de coisas.

Paro. Como posso explicar tudo isso para o meu filho de 16 anos? O que ele vai entender? Por que se importa?

— Continue — insiste ele. — Que coisas?

— Tipo quem ela era.

— Você não lembra?

— Não é isso que eu quis dizer. Eu lembro do dia em que ela morreu como sendo o pior da minha vida. Imagina se despedir da sua mãe, ir para a escola com a babá, passar um dia normal lá, voltar para casa de tarde de novo com a babá, igual a todas as tardes, com um *pain au chocolat* nas mãos. E quando você chega, encontra seu pai, seus avós e eles estão com uma cara terrível. E então te contam que a sua mãe morreu. Aconteceu alguma coisa no cérebro dela e ela morreu. E aí, no hospital, te mostram um corpo embaixo de um lençol e dizem que é a sua mãe. Tiram o lençol, mas você fecha os olhos. Foi o que eu fiz.

Ele me encara, chocado.

— Por que você nunca me contou isso?

Dou de ombros.

— Porque você nunca me perguntou.

As sobrancelhas, uma delas com um piercing prateado que acho repugnante, baixam.

— Essa é uma desculpa idiota.

— Eu não sabia como falar desse assunto com você.

— Por quê? — pergunta.

Agora as perguntas começam a me incomodar. Mas quero continuar a respondê-las. Sinto uma enorme necessidade de desabafar e contar a meu filho pela primeira vez.

— Porque quando ela morreu, tudo mudou pra mim e pra Mel. Ninguém nos explicou o que tinha acontecido. Lembre que isso foi nos anos 70. As pessoas agora são mais cuidadosas com as crianças, põem elas na terapia quando uma coisa dessas acontece. Mas ninguém nos ajudou. Nossa mãe desapareceu das nossas vidas. Nosso pai se casou de novo. O nome de mamãe nunca era mencionado. Todas as fotos sumiram.

— Verdade? — balbucia Arno.

Sacudo a cabeça.

— Ela foi apagada das nossas vidas. E nós deixamos que isso acontecesse porque estávamos atordoados pela dor, éramos crianças, indefesas. E quando ficamos velhos o suficiente pra nos defender, já estava na hora de sair da casa do nosso pai. E foi o que nós fizemos, Mélanie e eu. E em algum ponto no meio do caminho, nós deixamos que todas as coisas da nossa mãe fossem encaixotadas e trancadas. E eu não estou falando das roupas, dos livros, dos objetos. Estou falando das nossas lembranças dela.

Sinto dificuldades para respirar, subitamente.

— Como ela era? — pergunta ele.

— Fisicamente, como a Mel. Mesma cor, mesma silhueta. Era agitada, alegre. Cheia de vida.

Paro. Alguma coisa perto demais do meu coração está doendo. Não consigo falar. As palavras não saem.

— Desculpa — resmunga Arno. — A gente fala disso outro dia. Sem problema, pai.

Ele estica as pernas compridas e bate carinhosamente nas minhas costas. Parece constrangido pela minha emoção e não sabe como lidar com ela.

A mulher de blusa azul em quem reparei antes passa mais uma vez na nossa frente e sorri de novo. Lindas pernas. Lindo sorriso. Devolvo o sorriso.

O telefone de Arno começa a tocar e ele se levanta para atender. Abaixa a voz e se afasta de mim. Não consigo entender o que ele está dizendo. Não tenho qualquer pista sobre a vida íntima do meu filho. Ele raramente traz os amigos para casa, a não ser por uma garota do tipo gótico, com cabelo pintado de preto e lábios roxos que me assustam e dão a ela um ar de Ofélia afogada. Eles ficam no quarto dele e ouvem música no volume máximo. Não gosto de ficar fazendo perguntas. Uma vez, minhas perguntas aparentemente animadas foram saudadas com um gélido “Você é da Gestapo ou o quê?” Desde então, fico de boca fechada. Lembro de odiar que meu

pai se metesse na minha vida quando eu tinha a idade de Arno. Só que eu não ousaria dar uma resposta dessas.

Acendo um cigarro e me levanto para dar alguns passos. Fico pensando no que deveria fazer agora, em como organizar a vida em torno da temporada de Mélanie no hospital. Por onde começar.

Sinto uma presença próxima a mim e, quando me viro, vejo que é a mulher alta, com blusa em azul-claro.

— Posso pegar um cigarro?

Minhas mãos se atrapalham quando lhe ofereço o maço. Voltam a se atrapalhar ao procurar o isqueiro.

— Você trabalha aqui?

Ela tem interessantes olhos dourados. Quarenta e poucos anos, mas sou ruim em adivinhar idades. Pode ser que seja mais jovem. Tudo que sei é que ela é bem agradável aos olhos.

— Sim — diz ela.

Ficamos um tanto sem jeito. Olho para o crachá. Angèle Rouvatier.

— Você é médica? — pergunto.

Ela sorri.

— Não, não exatamente.

Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, ela diz:

— Aquele rapaz é seu filho?

— É. Nós estamos aqui porque...

— Eu sei por que vocês estão aqui — diz ela. — Esse hospital é pequeno.

A voz é baixa, amigável. Mas há algo de estranho nela, algo ligeiramente altivo, que não consigo apontar.

— Sua irmã teve sorte. Foi um acidente horrível. Você também teve sorte.

— É — digo. — Muita sorte.

Damos baforadas em silêncio.

— Então você trabalha com *docteur* Besson? — pergunto.

— Ela é a chefe.

Assinto. Reparo que ela não usa aliança. É o tipo de coisa que reparo agora. Nunca tinha reparado antes.

— Preciso ir. Obrigada pelo cigarro.

Ela parte. Admiro as pernas longas e esguias. Não consigo sequer me lembrar da última mulher com quem tive sexo. Provavelmente alguma garota que conheci na internet. Algum caso desolador que durou um par de horas. Uma camisinha usada, uma despedida apressada, e acabou.

A única moça bacana que conheci desde o divórcio era casada. Hélène. Uma de suas filhas fazia aula de arte na turma de Margaux. Mas ela não estava interessada em ter um caso. Só queria amizade. E por mim estava tudo bem. Se tornou uma aliada próxima e preciosa. Me levava para jantar em alguma *brasserie* barulhenta do Quartier Latin, segurava minha mão e ouvia minhas lamúrias. O marido não parecia se importar. Não que eu seja capaz de deixar algum marido com ciúmes. Hélène mora no boulevard de Sébastopol, num apartamento enorme que herdou do avô e reformou com ousadia. O prédio tem uma fachada velha e decadente na região esmagada entre o Halles e o centro Pompidou, dois símbolos escancarados da vaidade presidencial. Visitar Hélène sempre me traz as dores da infância, a saudade dos tempos em que meu pai e eu costumávamos perambular pelas perfumadas bancas do mercado que não existe mais. Ele gostava de me tirar do 16^o *arrondissement* e me mostrar a *vieux* Paris e lembranças dos tempos de Zola. Lembro-me de ficar babando pelas prostitutas vestidas de forma espalhafatosa, enfileiradas pela rue Saint-Dennis, até meu pai severamente me mandar parar.

Observo Astrid e Margaux de volta do hotel, refrescadas pelo banho. O rosto de Astrid se suavizou, ela parece menos cansada. Está segurando a mão de Margaux e balançando, como fazia quando Margaux era uma menininha.

Sei que logo vai chegar a hora de partirem. Sei que preciso estar pronto para este momento. Preciso sempre de algum tempo.

Capítulo 23

NO FINAL DO DIA, o rosto de Mélanie parece mais rosado, contrastando com o travesseiro branco. Ou seria minha imaginação esperançosa? Nossas famílias partiram e estamos sozinhos agora com o ronco do ventilador nas orelhas, enquanto o calor de agosto cede lentamente. Esta tarde, liguei para o chefe dela, Thierry Drancourt, sua assistente, Lucie, seus amigos Valérie, Laure, Édouard. Tentei explicar a situação da melhor forma possível, com a voz mais firme e segura — acidente, fraturas, hospital, repouso, vai ficar bem — mas todos pareceram preocupados. Podiam mandar alguma coisa? Podiam ajudar de alguma forma? Ela estava sofrendo? Rapidamente, acalmei-os com um tom confiante. Ela iria ficar bem, totalmente bem. No telefone de Mel, que eu recuperei, encontrei alguns recados do namorado velho, mas não liguei para ele.

Então, na privacidade do banheiro masculino no final do corredor, liguei para meus amigos mais próximos, Hélène, Didier, Emmanuel, e lhes contei com uma voz muito diferente, trêmula, como tinha ficado assustado, como ainda estava assustado ao vê-la deitada ali, engessada, imóvel, com um olhar morto. Hélène parecia estar chorando e Didier mal podia falar. Só Emmanuel conseguiu me oferecer algum conforto com sua ensurdecadora voz de barítono e a risada calorosa. Ele se ofereceu para se encontrar comigo e flertei com a ideia por algum tempo.

— Nunca mais vou querer dirigir — disse Mélanie fracamente.

— Esquece isso. É muito cedo, de qualquer maneira.

Ela dá de ombros, ou tenta fazê-lo, e geme.

— Os meninos cresceram. Lucas está um rapaz. Margaux com o cabelo cor de laranja. Arno e o cavanhaque.

Ela abre os lábios ressequidos e sorri.

— E Astrid... — diz ela.

— Sim... — suspiro. — E Astrid.

Lentamente, ela toma minha mão. Aperta com força.

— O sujeito lá não apareceu, não é?

— Graças a Deus.

A médica entra com uma enfermeira para o exame da noite. Deixo o quarto depois de beijar minha irmã e me despedir. Caminho pelos corredores, a sola emborrachada dos tênis fazendo barulhos esganiçados. Enquanto me dirijo para a entrada principal, eu a vejo de novo, lá fora.

Angèle Rouvatier. Está de jeans e uma camiseta sem mangas pretos. Está montada em uma magnífica Harley Davidson preta, modelo clássico, com o capacete debaixo do braço. Com a outra mão, segura o telefone. O cabelo castanho despenca em seu rosto e não consigo ver sua expressão. Fico ali e a observo por algum tempo, meus olhos percorrendo a extensão esguia de suas coxas, até a parte mais estreita das costas, os ombros arredondados, femininos. Os braços estão bronzeados. Ela deve ter passado uma temporada ao sol. Imagino como fica de biquíni. Imagino como deve ser a vida dela, se é casada, solteira, se tem filhos ou não. Imagino seu cheiro bem ali, sob a reluzente cortina dos cabelos. Ela deve ter sentido alguma coisa, pois se vira e percebe que a estou examinando. Dou um passo para trás rapidamente, com o coração batendo forte por causa do embaraço. Ela sorri para mim, põe o telefone no bolso, faz um pequeno gesto com o dedo: vem cá. Caminho até ela me sentindo um idiota.

— Como está a sua irmã esta noite? — pergunta.

Os olhos estão dourados, mesmo com essa luz.

— Parece melhor — balbucio. — Obrigado.

— Você tem uma linda família. A esposa, a filha e o filho.

— Muito obrigado.

— Já foram?

— Sim.

Silêncio.

— Eu sou divorciado.

Não sei por que disse isso. Sou patético.

— Você vai ficar preso por aqui algum tempo, não é?

— É. Ela não pode ser removida.

Ela assente com a cabeça, salta da Harley. Admiro a forma ágil com que passa a perna sobre o assento.

— Você tem tempo para tomar um drinque? — pergunta.

Olha direto no meu olho.

— Claro — digo, tentando parecer que coisas assim acontecem comigo todos os dias. — Alguma ideia de onde nós podemos ir?

— Não há muitas opções. Tem um bar lá embaixo, perto da prefeitura. Mas provavelmente já está fechado a essa hora. Ou tem o bar no hotel Dauphin.

— É onde eu estou hospedado — digo.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Não há outro lugar para ficar. É o único hotel aberto nessa época do ano.

Ela caminha mais rápido do que eu. Fico sem fôlego tentando seguir seu ritmo. Estamos silenciosos, mas não é um silêncio pesado. Quando chegamos ao hotel, não há ninguém no bar. Esperamos um pouco. O lugar parece completamente vazio.

— Você deve ter um frigobar no quarto — diz ela.

Mais uma vez aquele olhar direto, penetrante. Há alguma coisa ao mesmo tempo aterradora e estimulante nela. Ela me segue até o quarto. Procuo as chaves. A porta desliza, fecha e lá está ela em meus braços, o cabelo brilhante roçando em meu rosto. Beija-me profundamente, intensamente. Tem gosto de tabaco e hortelã. É mais forte, mais alta que Astrid. Do que qualquer outra mulher que tive nos braços recentemente.

Me sinto estúpido ali, sendo beijado, como um adolescente desajeitado, sobrepujado por minha própria inércia. Minhas mãos subitamente ganham vida. Eu a agarro como um afogado que se prende a um colete salva-vidas, me prendo a ela febrilmente, as palmas das mãos espalmadas contra a parte mais estreita de suas costas. Ela se derrete, solta pequenos suspiros que vêm bem de dentro dela. Nós caímos na cama e ela monta em mim com a mesma agilidade que empregou com a motocicleta. Os olhos parecem brilhar como os de um gato. Ela sorri lentamente e então desfaz meu cinto, abre o zíper. Me toca com uma sensualidade precisa, porém gentil, que me faz ficar duro em segundos. Nunca para de me olhar, de sorrir para mim, até quando a penetro. Imediatamente me faz diminuir o ritmo, com maestria, impede meus quadris de arremessar, e sei que essa não será uma daquelas trepadas rápidas, básicas, que acabam em minutos. Essa vai ser diferente.

Ela monta em mim e observo as marcas de bronzeado em seu corpo. Ela se abaixa para prender meu rosto entre as mãos e me beija com um carinho que me surpreende. Ela se demora, aproveita. O que acontece é algo lento, sem pressa, mas a tensão é tão poderosa que posso senti-la percorrendo a ponta dos meus pés até o cóccix e a coluna, me queimando, quase como uma dor. Ela se joga sobre mim, sem fôlego. Sob a palma da minha mão, a pele dela está úmida.

— Obrigada — ela murmura. — Eu estava precisando disso.

Consigo soltar um riso seco.

— Peço licença para discordar. Eu também precisava disso.

Ela estende a mão sobre a mesa, pega um cigarro, acende e me entrega.

— Eu sabia no momento em que pus os olhos em você.

— Sabia o quê?

— Que eu te teria.

Ela tira o cigarro dos meus dedos.

Subitamente, percebo que estou usando uma camisinha. Não tenho a menor lembrança de vê-la sendo colocada. Ela deve ter usado de tal agilidade que eu sequer havia sentido.

— Você ainda a ama, não é?

— Quem?

Eu digo isso, mas sei exatamente de quem ela está falando.

— Sua mulher.

Por que me dar ao trabalho de esconder alguma coisa desta desconhecida linda e incomum?

— Sim, eu ainda a amo. Ela me trocou por outro homem, há um ano. Me sinto um merda.

Angèle apaga o cigarro. Então volta o rosto para mim novamente.

— Dá para notar. Pela forma como você olha para ela. Deve doer.

— Dói.

— O que você faz? De trabalho, quero dizer.

— Sou arquiteto. Mas do tipo chato. Reformo escritórios e galpões. Hospitais, bibliotecas, laboratórios. Nada de muito excitante. Não crio.

— Você gosta de se diminuir, não é?

— Não — digo ferido.

— Então para com isso.

Continuo em silêncio, retirando discretamente a camisinha. Me levanto para jogá-la fora na lixeira do banheiro. Evito me olhar no espelho, como sempre.

— E você, madame Rouvatier? Faz o quê? — digo, voltando para a cama e encolhendo a barriga.

Ela olha para mim indiferente.

— Sou preparadora de cadáveres.

Engulo em seco.

Ela sorri. Dentes quadrados brancos e perfeitos.

— Lido com gente morta o dia inteiro. Com as mesmas mãos que estavam te punhetando agora há pouco.

Observo suas mãos. Fortes e capazes. Ao mesmo tempo tão femininas.

— Alguns homens acham o meu trabalho um corta-tesão. Eu não falo nada. Se falo, ficam de pau mole. Você ficou incomodado?

— Não — digo sinceramente. — Acho que fiquei surpreso. Me fala do seu trabalho. Nunca conheci uma preparadora de cadáveres.

— Meu trabalho é aprender a respeitar a morte. É isso. Se a sua irmã tivesse morrido na noite passada, naquele acidente, e graças a Deus ela não morreu, seria minha tarefa fazer com que ela parecesse estar em paz. Para que você e a sua família pudessem pousar os olhos nela mais uma vez, sem medo.

— Como você faz isso?

Ela dá de ombros.

— É um trabalho. Assim como você enfeita escritórios, eu enfeito a morte.

— É difícil?

— É. Quando são crianças. Ou bebês. Ou mulheres grávidas.

Estremeço.

— Você tem? Filhos, bebês?

— Não — diz ela. — Não sou uma pessoa muito família. É por isso que admiro a família dos outros.

— É casada?

— Você parece que é da polícia. Também não sou do tipo que se casa. Mais alguma coisa?

Sorrio.

— Não.

— Ótimo. Porque eu tenho que ir. Meu namorado deve estar se perguntando por onde eu ando.

— Namorado? — Não posso disfarçar a confusão da minha voz.

Ela mostra os dentes para mim.

— É. Eu tenho alguns.

Ela se levanta, vai para o banheiro. Escuto a água cair rapidamente. Ela aparece enrolada em uma toalha. Eu a observo. Não consigo deixar de achá-la fascinante. Ela sabe. Põe a lingerie, os jeans, a camiseta.

— Eu vou te ver de novo. Você sabe disso, não é?

— Sim — suspiro.

Ela se abaixa e me beija em cheio na boca, com fome.

— Vou querer mais, monsieur parisiense. Não precisa prender a barriga assim. Você já é gostoso o suficiente.

A porta fecha. Ela se foi. Tento me recompor. Ainda me sinto exaurido, como se tivesse sido atropelado por um tsunami. Não consigo deixar de rir enquanto tomo uma chuveirada, lembrando de sua ousadia. Mas por trás da audácia, há algo incrivelmente atraente nela, um calor, um encanto irresistível. Ela conseguiu algo excelente, decido, enquanto ponho jeans e camiseta, ela fez com que eu me sentisse bem comigo e isso não acontecia há séculos. Me pego cantarolando e quase caio na gargalhada.

Me olho direito no espelho. Não faço isso há muito tempo. Meu rosto comprido. As sobrancelhas espessas. Os membros esguios, apesar do barrigão. Sorrio. O homem que me encara não parece mais com o Droopy do desenho animado. Não, ele é até sexy, acho eu, com cabelo grisalho despenteado e um brilho endiabrado nos olhos castanhos.

Se Astrid pudesse me ver agora. Se Astrid pudesse me querer tanto quanto Angèle Rouvatier-que-vai-querer-mais. Solto um gemido. Quando vou parar de sofrer por causa da minha ex-mulher? Quando vou ser capaz de virar aquela página e seguir em frente?

Penso no trabalho de Angèle. Não tenho ideia do que um preparador de cadáveres faz exatamente. Será que quero saber? Me fascina, de alguma maneira obscura que não desejo examinar a fundo. Lembro de um documentário de tevê sobre o que se faz com

os corpos após a morte. Soluções injetadas neles, rostos crispados que se suavizam, feridas costuradas, membros arrumados, maquiagem especial aplicada. Um trabalho sombrio, comentei com Astrid, que estava assistindo comigo. Aqui nesse hospital de interior, que tipo de mortes Angèle Rouvatier recebe todos os dias? Gente velha. Acidentes de carro. Câncer. Ataques cardíacos. Me pergunto subitamente se um preparador de defunto havia cuidado do corpo da minha mãe há tantos anos. Lembro do dia em que fomos levados ao hospital. Eu fechei os olhos. Não sei se Mélanie também fechou. O funeral aconteceu na igreja de Saint-Pierre de Chaillot, a dez minutos da avenue Kléber. Minha mãe foi enterrada no cemitério de Trocadéro, nas proximidades. Na tumba da família Rey. Eu levei as crianças lá, anos atrás, para mostrar a sepultura, a sepultura da avó que nunca conheceram. Como é que posso me lembrar tão pouco do enterro? Só uns flashes rápidos da igreja escura, pouca gente, cochichos, lírios brancos e seu perfume avassalador, desconhecidos que nos abraçavam sem parar. Preciso falar com minha irmã sobre isso, ver do que ela se lembra, saber se ela lembra do rosto de nossa mãe morta, mas sei que não é o momento.

Penso mais uma vez no que Mélanie queria me contar quando o carro perdeu a direção na estrada. Isso não saiu da minha cabeça desde o acidente, permanece comigo desde então, no fundo da minha cabeça como um peso que me puxa para baixo. Me pergunto se devo falar com a dra. Besson, como explicar para ela, o que ela poderia pensar. O que sugeriria. Mas a única pessoa com quem desejo falar sobre o assunto nesse momento é minha ex-mulher, e ela não está aqui.

Ligo o celular e escuto os recados. Um é de Florence, sobre um novo contrato. Três de Rabagny. Eu só havia aceitado criar sua moderníssima creche perto da Bastilha porque o dinheiro era bom e eu não andava em condições de ser exigente. A pensão que pago a Astrid mensalmente é considerável. Nossos advogados estipularam.

Não houve nada que eu pudesse fazer a respeito. Sempre ganhei mais do que ela. Acho que foi um acordo justo. Embora no final do mês eu sinta o aperto.

Rabagny não consegue entender onde estou e por que não retorno suas ligações, embora eu ontem tenha enviado uma mensagem de texto explicando o acidente na volta para Paris, sem entrar em detalhes. Detesto o som da voz dele. Esganiçada e manhosa, como a de uma criança mimada. Há um problema com a superfície do playground. A cor está errada. A consistência está errada. Ele reclama e reclama, cospe as palavras. Quase posso ver seu rosto de rato, olhos esbugalhados, orelhas enormes. Não gostei dele desde o começo. Tem pouco mais de 30 anos e é tão arrogante quanto desagradável de se olhar. Olho o relógio. Sete horas. Ainda dá tempo de retornar a ligação. Eu não tento. Apago todas as mensagens dele com uma selvageria reconfortante.

A mensagem seguinte é de Hélène. A voz suave, de pomba. Quer saber como Mélanie está, como eu estou desde a última conversa algumas horas atrás. Ainda está em Honfleur com a família. Estive frequentemente naquela casa desde o divórcio. É de frente para o mar, uma casa feliz, desarrumada e aconchegante, onde me sinto bem. Hélène é uma amiga querida, pois sabe exatamente como me fazer sentir melhor em relação a mim mesmo e à minha vida. Pelo menos por um tempinho. O que eu detestei no divórcio foi que dividimos os nossos amigos. Alguns escolheram Astrid, outros me escolheram. Por quê? Nunca entendi. Será que não acham estranho jantar na casa de Malakoff e ver aquele sujeito sentado no meu lugar? Não acham triste me visitar no apartamento vazio da rue Froidevaux, onde é tão óbvio que não consigo me organizar desde que ela me deixou? Alguns desses amigos escolheram Astrid porque ela exala felicidade. É mais fácil socializar com alguém feliz, pelo jeito. Ninguém quer sentar e se lamentar com o perdedor. Ninguém quer ouvir sobre a minha solidão, como eu me senti perdido

naqueles primeiros meses em que me descobri sem uma família depois de 18 anos como *pater familias*. Como pareceram silenciosas aquelas primeiras manhãs na minha cozinha da Ikea, só com o cheiro de baguete queimada e o jingle do noticiário da RTL no rádio para me fazer companhia. Eu ficava amortecido pela falta de barulho: os gritos de Astrid para as crianças se apressarem, o som retumbante de Arno descendo as escadas, Titus latindo animadamente, Lucas berrando porque não conseguia encontrar a bolsa de educação física. Um ano depois, admito que me acostumei à novidade do silêncio matinal. Mas ainda sinto falta do barulho.

Há também mais algumas mensagens de outros clientes. Algumas urgentes. As férias de verão acabaram, as pessoas estão de volta ao trabalho, colocando as coisas em dia. Começo a pensar quanto tempo deverei passar por aqui. Quanto tempo a mais posso permanecer aqui. Logo serão três dias. E Mel ainda não pode ser transferida. *Docteur* Besson não vai me dar mais detalhes. Acho que ela quer esperar para ver como o estado de Mélanie progride antes de me dar informações mais precisas. Mais mensagens da companhia de seguros sobre o carro acidentado e a documentação que preciso preencher. Escrevo tudo diligentemente no meu caderninho.

Ligo o computador e uso a linha telefônica próxima da cama para checar os e-mails. Há alguns de Emmanuel, outros tantos de negócios. Respondo tudo rapidamente e abro os arquivos AutoCAD relativos aos projetos em que deveria estar trabalhando. Quase me divirto ao constatar o quão pouco interessado estou em vê-los. Houve um tempo em que visualizar novas áreas para escritórios, uma biblioteca, um hospital, um centro esportivo, um laboratório me estimulava. Agora me desanima. Pior ainda, me faz sentir como se tivesse desperdiçado minha vida em um ramo que simplesmente não me mobiliza. Como isso aconteceu? Onde perdi o gás? Provavelmente quando Astrid me deixou. Talvez eu esteja passando

por uma depressão, talvez seja mesmo uma crise de meia-idade. É só que eu não previ a sua chegada. Mas será que a gente consegue prever esse tipo de coisa?

Fecho o computador e deito de novo na cama. Os lençóis ainda guardam o cheiro de Angèle Rouvatier, o que me agrada. O quarto é pequeno, moderno, desprovido de charme, suficientemente confortável. As paredes são cinza pérola, e o carpete desgastado, bege desbotado. A janela dá para um estacionamento. A esta altura, Mélanie já jantou, uma refeição servida ridiculamente cedo, como sempre acontece nos hospitais. Tenho que optar entre um McDonalds nos confins da cidade e uma pequena *pension de famille* na avenida principal, onde já estive duas vezes. O serviço é lento, o salão cheio de octogenários desdentados, mas as refeições são saudáveis. Esta noite, decido, vou jejuar. Vai me fazer bem.

Ligo a televisão e tento me concentrar no noticiário. Distúrbios políticos no Oriente Médio, bombas, tumultos, morte, violência. Passo de canal em canal, doente com o que vejo, até que finalmente dou de cara com *Cantando na Chuva* pela metade. Como sempre, fico hipnotizado pelas pernas esculturais de Cyd Charisse e o corpete justo, verde-esmeralda, que ela usa para girar ao redor de um Gene Kelly abobado, de óculos.

Enquanto estou ali, admirando aquelas coxas longas, firmes, arredondadas, sinto uma espécie de paz tomando conta de mim. Continuo a assistir ao filme com a placidez de uma criança sonolenta. É uma felicidade tranquila que eu não sentia há muito tempo. Por quê?, me pergunto. Que motivo eu teria para me sentir feliz esta noite? Minha irmã está engessada da cintura para cima e só Deus sabe quando será capaz de voltar a andar, ainda estou apaixonado pela minha ex-mulher e detesto o meu trabalho.

Mas o sentimento potente e pacífico me varre, mais forte do que todos aqueles pensamentos negativos. Elimina a dor das lembranças de Astrid que ficam voltando como um polichinelo dentro de uma

caixa, acalma a preocupação em relação a Mélanie, apaga a raiva e a frustração decorrentes do trabalho. Eu me deito e me rendo. Como é linda, Charisse com aquele véu branco enrolado, os braços abertos, convidativa, contra o cenário roxo. As pernas tão compridas que parecem infundáveis, mesmo quando está descalça. Sinto que posso ficar ali para sempre, confortado pelo cheiro almiscarado de Angèle Rouvatier e pelas coxas de Cyd Charisse.

Meu telefone apita, dizendo que uma mensagem de texto chegou. Com pesar, tiro os olhos de Charisse para pegar o celular.

Dream a little dream of me.

O número que enviou a mensagem de texto é desconhecido. Sorrio. Sei quem mandou. Só pode ter sido Angèle Rouvatier. Ela provavelmente achou meu número na ficha de Mélanie, a que ela tem acesso por trabalhar no hospital.

O sentimento de tranquilidade e satisfação lentamente me envolve como o ronronar de um gato. Quero aproveitá-lo ao máximo porque, de alguma maneira, no fundo, eu sinto que não vai durar. É como encontrar abrigo no olho do furacão.

Capítulo 24

POR MAIS QUE TENTE, não consigo deixar de reviver incessantemente na cabeça a fatídica viagem em que Astrid conheceu Serge. Foi há quatro anos. As crianças ainda não tinham entrado no turbilhão da adolescência. Tínhamos planejado férias na Turquia, no Club Med em Palmiye. Tinha sido ideia minha. Costumávamos passar a maior parte do verão com os pais de Astrid, Bibi e Jean-Luc, na casa deles perto de Sarlat, na região da Dordogne. Meu pai e Régine tinham uma casa no vale do Loire, uma residência paroquial que Régine transformara em outro horror escandalosamente moderno, onde raramente éramos convidados e não costumávamos nos sentir bem-vindos.

Os verões com Bibi e Jean-Luc tinham começado a pesar. Apesar da beleza grandiosa do Périgord Noir, dividir a casa com os sogros foi ficando cada vez mais difícil. Havia algo de enfadonho na obsessão de Jean-Luc com movimentos intestinais, consistência das fezes, cardápios frugais, contagem de calorias e exercícios perpétuos. Bibi suportava tudo, ocupada como uma formiguinha na cozinha, o rosto rosado de lua, enrugado, o cabelo branco como a neve preso em um coque, ocupada em cantarolar feliz e dar de ombros de forma bem-humorada. Todas as manhãs, eu bebia meu café preto com açúcar — “Isso faz tanto *mal* a você!”, rosnava Jean-Luc, “que você vai estar *morto* quando chegar aos 50!” —, me escondia atrás de um arbusto de hortênsias para fumar um cigarro apressadamente — “Um cigarro tira cinco minutos da sua vida, sabia?” —, Bibi caminhava energeticamente pelo jardim, totalmente embrulhada em plástico para suar o máximo possível, empunhando dois bastões de esqui. Isto se chama caminhada nórdica, e como ela

é sueca, suponho que fosse adequado para ela, embora parecesse ridículo.

A queda de meus sogros pela prática da nudez ao estilo dos anos 60, na beira da piscina e também em casa, havia começado a me cansar. Eles desfilavam como faunos envelhecidos, indiferentes ao fato de que seus traseiros murchos não eram capazes de inspirar nada além de pena. Mas eu não ousava tocar no assunto com Astrid, ela mesma adepta do nudismo de verão em uma escala mais moderada. O alarme disparou quando Arno, então com apenas 12 anos, resmungou alguma coisa na hora do jantar sobre se sentir constrangido ao convidar os amigos para a piscina, por causa da exibição de órgãos genitais. A essa altura, decidimos passar os verões em outras bandas, embora ainda aparecêssemos para visitá-los.

Assim, trocamos as florestas de carvalho da Dordogne, os sogros nudistas e comedores de cereais pelo escaudante Club Med e sua animação excessiva. Não havia reparado em Serge, a princípio. Não captei qualquer sinal de perigo. Astrid frequentava as aulas de tênis e hidroginástica, os meninos iam para o Mini-Club e eu passava horas na areia ou na água, cochilando, nadando, tomando sol ou lendo. Li muito naquele verão, eu me lembro. Romances da editora de Mélanie, de autores novos e talentosos, autores consagrados, autores estrangeiros. Li todos superficialmente, com facilidade, sem me concentrar por completo. Tudo que fiz naquele verão foi com preguiça. Devia ter ficado atento. Em vez disso, lagarteei ao sol, convencido de que tudo ia bem no meu mundinho.

Acho que ela o conheceu nas quadras de tênis. Tinham o mesmo instrutor, um italiano puxa-saco que usava shorts brancos apertados e rebojava como Travolta na pista de dança. Não tive nenhuma sensação esquisita até mais tarde, durante uma viagem para Istambul. Serge fazia parte do grupo, 15 pessoas do Club Med, com um guia, um turco esquisito educado na Europa que falava francês

com um surpreendente sotaque belga. Vagamos por Topkapi, a Mesquita Azul, Santa Sofia, as antigas cisternas com as cabeças de Medusa viradas, o bazar, entorpecidos pelo calor e pela exaustão. Lucas só tinha 6 anos e reclamou muito. Era a menor criança no grupo.

Reparei primeiro que Astrid estava rindo. Estávamos em um barco que navegava pelo Bósforo, enquanto o guia apontava para as atrações na margem asiática, quando a ouvi rir e rir. Serge estava de costas para mim, com o braço em volta de uma moça, e todos riam juntos. A garota era jovem, com rosto viçoso e o cabelo preso para trás em um rabo de cavalo. Ei, Tonio, vem conhecer Serge e Nadia. Então eu havia me arrastado para lá e trocado um aperto de mão, comprimindo os olhos contra o sol para conseguir olhar seu rosto. Nada de especial nele. Mais baixo que eu, musculoso. Traços comuns. Mas reparei que Astrid ficava olhando para ele. E ele para ela. Estava lá com a namorada e não conseguia tirar os olhos da minha mulher. Tive vontade de jogá-lo no mar.

O que eu também percebi, com angústia crescente, foi que quando voltamos para Palmiye, não parávamos de esbarrar com ele por todos os lados. Surpresa! Lá estava Serge no banho turco, lá estava Serge participando do jogo de mímica habitual com os meninos, perto da piscina, lá estava Serge na mesa de jantar do lado da nossa. Algumas vezes Nadia estava lá, outras não. "É um casal moderno", Astrid explicara. Eu não tinha a mínima ideia do que isso significava, mas não gostava nem um pouco.

Durante as aulas de hidroginástica, ele infalivelmente estava lá, caminhando na água ao lado da minha esposa, massageando suas costas e ombros durante a sessão de relaxamento no final. Não havia nada que eu pudesse fazer para me livrar dele. Comecei a compreender, com uma desesperança tola, que teria de esperar até o final da nossa estada para vê-lo pelas costas. Não tinha ideia de que o caso entre eles começara logo depois de voltarmos para a

França. Para mim, Serge fora uma parte desagradável de umas férias que haviam sido, no geral, bem-sucedidas. Como fui cego.

Foi quando Astrid começou a mostrar sinais de tensão. Estava sempre cansada, de mau humor. Parecia que nunca mais transávamos, ela adormecia cedo, encolhida no seu lado da cama, com as costas para mim. Uma ou duas vezes, à noite, depois de as crianças terem ido para a cama, eu a peguei chorando sozinha na cozinha. Ela sempre conseguia me convencer de que era simplesmente pela exaustão ou por causa de algum problema no trabalho, nada de sério. E eu acreditava nela.

Era tão fácil acreditar nela. Não lhe fazer perguntas. Não me fazer perguntas.

Ela estava chorando porque amava Serge e não sabia como me contar.

Capítulo 25

NO DIA SEGUINTE, VALÉRIE, a melhor amiga de Mélanie, aparece com Léa, a filha de 4 anos (afilhada de Mélanie), o marido Marc e Rose, a jack russel terrier da família. Tive de esperar lá fora com a criança e o cão, enquanto eles entravam no hospital para passar um tempo com Mélanie. O cachorro é do tipo agitado, que não consegue ficar quieto, parece ser feito de molas e não para de latir. A menina é tão ruim quanto ele, apesar da aparência angelical. Para tentar acalmar os dois, dou voltas com eles em torno do hospital, para a diversão de Angèle Rouvatier, que me observa de uma janela do primeiro andar. Sinto um calor irradiar-se lentamente a partir da minha pélvis enquanto seus olhos tremulam sobre mim. Mas é difícil parecer sexy carregando uma criança que berra e um cachorro que late. Rose se agacha e mijá, com pouca elegância, em tudo o que pode, até na roda dianteira da Harley de Angèle, Léa quer a *maman* e não consigo entender por que foram largá-la comigo no calor de agosto em um lugar infeliz onde não há um espaço decente para se brincar ou para se tomar sorvete. Percebo como me sinto perdido quando confrontado por crianças de qualquer idade. Tinha esquecido como podem ser tirânicas, obtusas, barulhentas. Percebo que estou sentindo saudades dos nebulosos silêncios da adolescência, com os quais me acostumei e acho que sei lidar. Pelo amor de Deus, por que as pessoas têm filhos? É o que penso enquanto a combinação de uivos de Léa e rosnados de Rose fazem com que as enfermeiras abram as janelas e me olhem com ar de desespero ou desdém.

Valérie afinal sai do prédio e assume o controle da dupla do barulho, para o meu alívio. Espero Marc sair e levar Rose e Léa para darem uma volta. Sento com Valérie à sombra de uma castanheira.

O calor está pior hoje, de rachar, do tipo impiedoso e empoeirado que faz você ter vontade de ir para fiordes profundos e gelados. Valérie parece majestosa, bronzeada, recém-chegada de férias na Espanha. Mélanie e ela são amigas há anos, da escola Sainte-Marie de l'Assomption, frequentada pelas duas na rue de Lubeck. Subitamente, fico pensando se Valérie teria conhecido minha mãe. Quero perguntar mas não pergunto. Valérie é uma escultora bem conhecida. Acho seu trabalho bom, embora explicitamente sexual. Explícito demais para se ter em uma casa cheia de crianças, mas deve ser porque sou um "burguesinho obsessivo do 16^o arrondissement". Quase consigo ouvir a voz de Mel implicando comigo.

Valérie parece perturbada. Nos últimos dias, me acostumei com o estado de Mélanie e tenho que me lembrar que o primeiro contato provoca, inevitavelmente, um choque. Seguro sua mão.

— Ela parece tão frágil — sussurra.

— Sim — digo —, mas está com uma aparência melhor do que no primeiro dia.

— Você não está me escondendo nada, não é? — pergunta com dureza.

— O que você quer dizer?

— Tipo se ela não vai ficar parálitica ou outra coisa horrível?

— Claro que não. Mas a verdade é que a médica não me conta muita coisa. Não tenho a mínima ideia do tempo que Mel vai precisar ficar por aqui, nem quando vai voltar a ficar de pé.

Valérie coça o alto da cabeça.

— A gente viu a médica quando ela passou por lá. Mulher simpática, achei.

— Ela é.

Ela se volta para me olhar.

— E você, Tonio? Como está lidando com tudo isso?

Sorriso e dou de ombros.

— Me sinto um pouco atordoado.

— Deve ser horrível, especialmente depois de um fim de semana tão agradável. Falei com Mel no dia do aniversário e parecia que vocês estavam se divertindo muito.

— É — digo sem jeito —, nós estávamos.

— Fico tentando entender como isso foi acontecer.

Ela me olha de novo. Não sei o que responder, por isso desvio o olhar.

— Ela perdeu a direção, Valérie — suspiro finalmente. — É isso. Aconteceu assim.

Ela me envolve com um braço bronzeado.

— Sabe do que mais? Por que você não me deixa ficar por aqui alguns dias? Você pode ir para Paris com Marc, no carro, e eu fico e tomo conta da Mel por um tempo.

Fico flertando com a ideia silenciosamente.

Ela prossegue:

— Não há muito que você possa fazer por aqui, no momento. Ela não pode ser transferida, por que você não volta para casa, deixa que eu tome conta de tudo e a gente vê o que acontece?

— Eu me sinto mal por deixá-la.

Ela faz troça.

— Ah, poxa, eu sou a amiga mais antiga, mais próxima dela. Estou fazendo isso por ela e por você. Pelos dois.

Aperto seu braço. Faço uma pausa. Então digo:

— Valérie. Você se lembra da minha mãe?

— Da sua mãe?

— Você é amiga da Mel há tanto tempo, pensei que talvez se lembrasse dela.

— Nos conhecemos pouco depois de ela ter morrido. Tínhamos 8 anos, acho eu. Mas lembro de os meus pais me dizerem que eu nunca devia perguntar nada sobre o assunto pra Mel. Mas a Mel me mostrou fotos dela, cartas, coisinhas que pertenceram a ela. Aí o seu

pai casou de novo. Aí nós viramos adolescentes frívolas e ficamos interessadas em meninos e outras coisas. Não falávamos muito da sua mãe. Mas eu tinha pena de vocês dois. Eram as únicas crianças que eu conhecia que tinham perdido a mãe. Aquilo me fazia sentir culpada e triste.

Culpada e triste. Lembro dos amigos da escola agindo assim também. Alguns ficaram tão chocados que não conseguiam mais falar normalmente comigo. Me ignoravam ou coravam quando eu falava com eles. A diretora tinha feito um discurso desajeitado, eu lembro, e houve uma missa especial para Clarisse. Todos os professores foram muito gentis comigo por alguns meses. Eu virei o menino que tinha perdido a mãe. Cochichos nas minhas costas, cutucões, queixos levantando-se. Olha, é aquele ali, a mãe dele morreu.

A distância, vejo Marc de volta com a menina e o cachorro. Sei que posso confiar em Valérie para cuidar de minha irmã. Ela explica que está com uma sacola com suas coisas, que pode ficar por alguns dias. É algo simples e necessário e ela quer fazer.

Assim, me decido bem rápido. Decido partir com Marc, Rose e Léa. Só preciso de tempo para fazer a mala, avisar ao hotel que Valérie vai precisar de um quarto e me despedir da minha irmã, que está tão feliz em ver sua melhor amiga que não parece incomodada pela minha partida.

Perambulo do lado de fora daquilo que acredito ser o escritório de Angèle, esperando encontrá-la. Ela não parece estar por ali. Penso no que está fazendo naquele momento, no cadáver de que cuida naquele momento. Enquanto me afasto, vejo a dra. Besson e lhe explico que estou deixando minha irmã na companhia de uma grande amiga e que logo estarei de volta.

Ela me tranquiliza, me diz que Mélanie vai receber os melhores cuidados e então sai com esta frase estranha:

— Presta atenção no seu pai.

Assinto e me afasto, mas não consigo parar de pensar no que ela quer dizer com isso. Será que ela acha que meu pai parece doente? Será que reparou em alguma coisa que eu não notei? Estou quase decidido a dar meia-volta e pedir explicações, mas Marc está me esperando, a criança já começou a criar caso e por isso precisamos partir rapidamente, acenando para a figura alta e reconfortante de Valérie, no umbral.

A viagem é longa e calorenta, mas milagrosamente tranquila, pois o cão e a criança pegaram no sono. Marc é do tipo silencioso, ouvimos música clássica e não conversamos muito, coisa que me deixa aliviado.

A primeira coisa que faço ao chegar em casa é escancarar todas as janelas. Os cômodos estão abafados e fedorentos. Paris tem aquele cheiro empoeirado, pesado, arrasador no verão, carregado de escapamentos, fumaça e cocô de cachorro. Três andares abaixo, a barulhenta rue Froidevaux vomita o incessante rumor do trânsito. Nunca posso deixar as janelas abertas por muito tempo. O barulho é terrível.

A geladeira está vazia. Não consigo enfrentar a ideia de uma refeição solitária. Ligo para Emmanuel, cai na secretária eletrônica, imploro que atravesse a causticante e engarrafada Paris, lá do Marais, para me dar apoio moral e companhia no jantar que ele, sem dúvida, acabará cozinhando. Meu telefone apita alguns minutos depois e espero encontrar uma mensagem de texto de Emmanuel. Não.

Isso se chama sair à francesa. Quando você volta?

O sangue dispara no meu peito, me fazendo suar ainda mais. Angèle Rouvatier. Não consigo deixar de sorrir. Ajeito o telefone na mão como um adolescente sentimental. Respondo rápido: "Saudades. Te ligo logo." Imediatamente, me sinto tolo. Deveria ter mandado aquilo? Deveria ter admitido que sinto a falta dela? Vou

correndo até o Monoprix na avenue du Général Leclerc, compro vinho, queijo, presunto e pão. O telefone apita novamente, quando estou deixando a loja. É mensagem de Emmanuel, dizendo que está a caminho.

Enquanto espero por ele, escolho um velho CD de Aretha Franklin e coloco o som bem alto. A velha do andar de cima é surda como uma pedra e o casal de baixo ainda está de férias. Sirvo uma taça de chardonnay e caminho pelo apartamento vazio, cantarolando "Think". No próximo fim de semana, as crianças vão aparecer. Examinei seus quartos. Eles gostaram da ideia de ter dois quartos em duas casas diferentes, me lembro, logo que o divórcio começou a andar. Aquilo ajudou. Deixei que decorassem cada quarto do seu jeito. As paredes de Lucas estão cobertas por Jedis e Darth Vaders. Arno pintou as suas de azul-escuro, o que deu ao ambiente um ar estranhamente aquático. Margaux pendurou um pôster dos mais horríveis de Marilyn Manson. Só olho para ele quando sou obrigado. Há outra perturbadora foto de Margaux e Pauline, sua melhor amiga, ambas com muita maquiagem, exibindo o dedo do meio. A faxineira, a enérgica e tagarela madame Georges, reclama do estado do quarto de Arno. Diz que não consegue nem abrir a porta, de tanta coisa largada pelo chão. O de Margaux está igual. Só Lucas faz um pequeno esforço em arrumar as coisas. Deixo que vivam com sua bagunça. Passam pouco tempo comigo e a ideia de mandar mais uma vez que arrumem o quarto não me agrada de forma alguma. Deixo isso para Astrid. E para Serge.

Reparo que Lucas tem uma árvore genealógica sobre a escrivaninha. Nunca tinha visto. Pousei a taça para observá-la melhor. Os pais de Astrid, franceses de um lado e suecos do outro, até seus avós. Do nosso lado, a família Rey e um ponto de interrogação ao lado da foto de meu pai. Percebo que Lucas sabe muito pouco sobre minha mãe. Chego a duvidar que ele saiba o nome dela. O que contei sobre ela para as crianças? Quase nada.

Agarro um lápis na mesa e escrevo cuidadosamente em letras de imprensa "Clarisse Elzyère 1939-1974" na caixinha ao lado de "François Rey 1934".

Há fotos de todos os integrantes daquela árvore, exceto de minha mãe. Uma estranha frustração toma conta de mim.

Capítulo 26

A CAMPAINHA ANUNCIA A CHEGADA de Emmanuel. Subitamente, fico feliz em vê-lo, muito feliz por não estar sozinho e avidamente envolvo seu corpo truncado e robusto em meus braços. Ele me dá tapas nas costas de uma forma reconfortante e paternal.

Conheço Emmanuel há mais de dez anos. Conhecemo-nos quando eu reformei os escritórios de sua agência de publicidade junto com minha equipe. Tem a minha idade, mas parece mais velho, acho eu, por ser totalmente calvo. Ele compensa a falta de cabelo com uma barba densa e avermelhada que gosta de manusear. Emmanuel usa cores berrantes, extravagantes, que eu nunca ousaria experimentar e se sai relativamente bem. Esta noite, a camisa Ralph Lauren é laranja tropical. Os olhos dele reluzem para mim, muito azuis, por trás dos óculos sem armação.

Quero dizer como estou feliz por ele estar aqui, como estou grato por sua presença, mas como sempre, bem no estilo da família Rey, as palavras desaparecem da minha língua e eu as mantenho enjauladas dentro de mim.

Agarro o saco plástico que ele carrega e ele me segue até a cozinha. Começa a trabalhar imediatamente, eu o observo e ofereço ajuda, embora saiba ser totalmente inútil. Ele toma conta do lugar como se fosse dele e eu permito.

— Você ainda não tem um avental decente, não é? — resmunga.

Aponto para o avental rosa de Mickey Mouse de Margaux, pendurado perto da porta. Ela o tem desde os 10 anos. Ele suspira e dá um jeito de amarrá-lo em torno de seus quadris volumosos. Tento não cair na gargalhada. A vida pessoal de Emmanuel é um mistério para mim. Ele é mais ou menos envolvido com uma criatura complicada e deprimida chamada Monique, que tem dois filhos

adolescentes de um casamento anterior. Não sei bem o que ele vê nela. E tenho certeza de que ele tem casos quando ela não está por perto, como agora, já que ela continua de férias na Normandia com os filhos. Dá para ver que ele andou aprontando, pois assobia enquanto pica o abacate, com a expressão de menino travesso que costumo ver no seu rosto nessa época do ano.

Apesar de ser tão rechonchudo, Emmanuel nunca parece sentir o efeito do calor. Enquanto eu me sento, bebericando vinho e sentindo o suor se formar em minhas têmporas e sobre meu lábio superior, ele parece ter o frescor de um pepino. A janela da cozinha está aberta e se abre para um pátio tipicamente parisiense, escuro como uma caverna mesmo ao meio-dia, contemplando em frente a vidraça suja do vizinho e panos úmidos de cozinha pendurados na beirada. Não há um sopro de brisa na sala. Odeio Paris no calor. Sinto saudades de Malakoff e do pequeno e fresco jardim, a mesa e as cadeiras de vime sob o velho choupo. Emmanuel se agita, reclamando da falta de boas facas e de um moedor de pimenta.

Nunca fui muito de cozinhar. Astrid era a cozinheira do casal. Ela preparava as receitas mais deliciosas e originais e nunca deixava de impressionar nossos amigos. De repente, me pego pensando se a minha mãe cozinhasse bem. Não tenho lembrança de cheiros apetitosos da cozinha da avenue Kléber. Antes de nosso pai se casar com Régine, uma governanta foi contratada para tomar conta da casa e de nós. Madame Tulard. Uma mulher magra, com pelos no queixo. Sopa aguada. Couve-de-bruxelas sem graça. Vitela dura feito couro. *Riz-au-lait* empapado. Subitamente, lembro de queijo de cabra bem quente em pão integral. Aquilo vinha da nossa mãe. O sabor acre do queijo derretido, a textura granulada do pão, um toque doce de tomilho e manjeriço frescos, uma gota de azeite de oliva. Lembro que ela me contava que costumava comer queijo de cabra quando era criança, em Cévennes. Eles tinham um nome, aqueles queijinhos redondos... Pélardons... Picadons...

Emmanuel me pergunta como está Mel. Conto para ele que Valérie apareceu para ficar no meu lugar por alguns dias. Digo a ele que não sei bem como está minha irmã, mas que gosto e confio em sua médica, Bénédicte Besson, como ela é sincera e gentil, como me reconfortou na noite do acidente, como aguentou nosso pai. Então ele pergunta como as crianças estão, apresentando dois primorosos pratos com verduras frescas picadinhas, fatias de Gouda, molho de iogurte com um toque de acidez e presunto italiano. Isto é só a entrada, pois conheço bem o seu apetite robusto. Enquanto começamos a comer, conto que as crianças vão aparecer no fim de semana. Observo-o devorar a comida. Como Mélanie, o que Emmanuel entende de filhos? O que sabe sobre adolescentes? Nada. Que homem de sorte. Escondo um sorriso malicioso. Por mais que eu tente, não consigo imaginar Emmanuel no papel de pai.

Aguardo ele terminar seu prato e ir de novo para a cozinha preparar o salmão, o que faz com rapidez e habilidade. Observo-o, espantando-me com seu talento. Ele salpica endro no peixe e me entrega minha porção e meio limão. Então digo:

— Mélanie perdeu a direção na estrada por causa de alguma coisa que se lembrou sobre nossa mãe.

Ele olha para mim atônito. Um pedacinho de endro está preso entre seus dentes. Ele o retira.

— Ela não se lembra de nada agora — prossigo, comendo o salmão sem parar. Ele também come, com os olhos em mim.

— Mas vai lembrar — diz ele. — Você sabe disso.

— Sim — digo. — Ela vai lembrar. Por enquanto, não lembra e não consigo parar de pensar nisso. Estou ficando maluco.

Espero até ele terminar o salmão e então acendo um cigarro. Sei que ele detesta, mas estou, afinal de contas, na minha casa.

— O que você acha que era?

— Alguma coisa que a abalou tremendamente. O suficiente para que perdesse o controle da direção.

Fumo em silêncio enquanto ele tenta desalojar outro pedaço de endro.

— E então, eu conheci essa *mulher* — digo exagerando.

Seu rosto se ilumina. Ele ergue a sobrancelha.

— É preparadora de cadáveres.

Ele solta uma gargalhada.

— Você está brincando.

Sorriso.

— É a coisa mais gostosa.

Ele esfrega o queixo, com olhos brilhantes.

— E aí? — me provoca. Emmanuel adora esse tipo de conversa.

— Bom, ela me atacou. Ela é incrível. Magnífica.

— Loura?

— Não. Morena. Olhos verdes amarelados. Um corpo incrível.

Tremendo senso de humor.

— Onde ela mora?

— Em Clisson.

— Onde é isso?

— Ali por perto de Nantes.

Ele dá risada.

— Bom, você devia voltar a encontrar com ela, porque ela te fez um bem, meu amigo. Você não fica com essa cara desde que...

— Desde que Astrid me largou.

— Não, antes disso. Você não anda com uma cara tão boa há anos.

Ergo minha taça de chardonnay.

— A Angèle Rouvatier.

Nossas taças tilintam.

Penso nela naquele hospital de interior. Penso em seu sorriso lento, na pele macia e em seu gosto. Eu a quero tanto que quase explodo. Emmanuel está certo. Não me sinto assim há anos.

Capítulo 27

NA TARDE DE SEXTA-FEIRA, deixo o escritório para ver meu pai. O calor não diminuiu. Paris está pegando fogo. Os turistas marcham para lá e para cá, exauridos. As árvores estão murchas, a poeira e a sujeira pairam em grandes nuvens cinzentas. Decido caminhar a distância entre a avenue du Maine e a avenue Kléber, o que deve levar mais ou menos 45 minutos. Está quente demais para andar de bicicleta e estou com vontade de fazer algum exercício.

As últimas notícias do hospital são boas. A dra. Besson e Valérie ligaram para dizer que Mélanie está recuperando as forças. Também recebi várias mensagens de texto de Angèle Rouvatier, mas tinham uma natureza mais erótica, o que naturalmente me encantou; armazenei cada uma delas no telefone.

Ao virar à esquerda, depois de passar pelo Invalides, meu telefone vibra dentro do bolso. Vejo o número que aparece na tela. Rabagny. Atendo, embora na mesma hora me arrependa.

Ele não se dá ao trabalho de me saudar. Nunca saúda. Ele é 15 anos mais novo do que eu, no mínimo, e não tem respeito algum por mim.

— Acabei de passar na creche — rosna. — E tudo que eu posso dizer é que estou chocado com a sua falta de profissionalismo. Contratei você por causa da sua boa reputação e porque algumas pessoas pareciam impressionadas com o seu trabalho.

Deixo que ele fale à vontade. Não é novidade. Acontece quase todas as vezes que nos falamos. Frequentemente, havia tentado lembrá-lo, com a maior calma possível, que na França, em agosto, é impossível realizar qualquer trabalho com rapidez e que é igualmente difícil esperar entregas velozes.

— Não acho que o prefeito vá gostar de saber que a creche não vai estar pronta para ser inaugurada no início de setembro, como planejado. Já pensou nisso? Sei que você anda com problemas familiares, mas às vezes fico pensando se você não está usando esses problemas como desculpa.

Coloco o telefone no bolso da camisa sem desligá-lo e caminho mais rápido, ganhando velocidade conforme me aproximo do Seine. Houve uma série de imprevistos infelizes relativos à creche: carpintaria errada e um pintor (que não fazia parte da minha equipe) que errou as cores. Nenhum desses acontecimentos tinha qualquer relação comigo. Mas Rabagny não ligava. Queria me pegar de qualquer jeito. Desde o início, não tinha ido com minha cara. Não importava o que eu fazia ou dizia, eu sabia só pelo jeito que ele olhava para mim. Às vezes, fitava meus sapatos de uma forma incisiva. Não sabia quanto tempo eu ia aguentar seu comportamento. O trabalho pagava bem acima da média. Eu sabia que precisava continuar com ele. A pergunta era: como?

Depois da Place de l'Alma e das hordas de turistas chorosos contemplando o túnel onde Lady Di morreu, começo a lenta subida pela avenue du Président Wilson. Há menos carros por aqui, a área é mais residencial. Meu bairro da infância. O 16^o *arrondissement*, calmo, plácido, abastado, conservador, sombrio. Se você admite para um parisiense que morou no 16^o *arrondissement*, ele ou ela pensa de cara: "Dinheiro." É onde os ricos vivem, onde eles ostentam. Há famílias tradicionais e há nouveaux riches. Ambos coabitam mais ou menos em paz. Não sinto falta do 16^o *arrondissement*. Fico feliz em viver na margem esquerda do Sena, na colorida, barulhenta e modernosa área de Montparnasse, mesmo num apartamento com vista para o cemitério. No verão, este bairro se esvazia assustadoramente. Todo mundo vai embora para a Normandia, a Bretanha, a Riviera.

Enquanto me dirijo para a avenue Kléber, fazendo um atalho pela rue de Longchamp, minha infância volta a me visitar e a sensação não é boa. Vejo o menininho tranquilo e sincero que eu era, de short de flanela cinza e suéter azul-marinho. Por que, penso, há algo de triste e sinistro nessas ruas vazias alinhadas com majestosos prédios dos tempos de Haussman? Por que tenho dificuldade de respirar ao passar por eles?

Quando chego à avenue Kléber, olho o relógio e descubro que está cedo. Continuo a andar até a rue des Belles-Feuilles. Não passo aqui há anos. Lembrava de um lugar movimentado, cheio de vida. Costumava vir aqui quando criança. Era uma rua comercial. Você encontrava o peixe mais fresco, a carne mais suculenta, baguete crocante recém-saída do forno. É onde minha mãe fazia compras todas as manhãs, com uma bolsa de vime no braço, carregando Mel e eu, sentindo o cheiro de dar água na boca de frango assado e croissants quentes. Hoje a rua está abandonada. Um McDonald triunfante impera onde já houve um bom restaurante, e uma loja de congelados substitui um cinema. A maior parte das bancas de alimentos foi substituída por lojas chiques de roupas e sapatos. Os cheirinhos irresistíveis se foram.

Chego ao fim da rua. Se viro à esquerda na rue de la Pompe, chego direto à casa de minha avó na avenue Henri-Martin. Examinando a ideia de visitá-la agora. O lento e gentil Gaspard abriria a porta, sorridente, tão feliz em ver "monsieur Antoine". Deixo a visita para outro dia. Me dirijo de volta para a casa de meu pai.

Em meados dos anos 70, lembro, depois que nossa mãe morreu, construíram a Galerie Saint-Didier logo em frente, um triângulo desagradável, gigantesco, que consumiu uma parte dos elegantes *hôtels particuliers* da área e semeou centros comerciais e supermercados. Ao passar em frente, reparo que a enorme construção não envelheceu bem. Sua superfície está marcada por ferrugem e manchas. Me apresso. Alguém deixou duas mensagens

em minha secretária eletrônica. Não as ouço porque sei que devem ser de Rabagny.

Capítulo 28

MINHA MADRASTA ABRE A porta e dá uma beijoca no meu rosto. Régine está com um bronzeado escuro, intenso, que a faz parecer mais velha e acabada do que é. Como sempre, veste um de seus trajes Courrèges e exala Chanel nº 5. Ela me pergunta como está Mel. Eu respondo enquanto a sigo até a sala de estar. Nunca gostei de vir aqui. É como voltar no tempo, para um lugar onde fui infeliz. Meu corpo se lembra disso e sinto todas as suas partes ficando tensas, como para se defenderem. O apartamento, como a Galerie Saint-Didier, também não envelheceu bem. A modernidade ousada desapareceu e ele parece terrivelmente fora de moda. A decoração em marrom-avermelhado e cinza, o carpete fofo que recobre todo o piso, tudo perdeu brilho e textura. Tudo parece gasto, manchado.

Meu pai entra, arrastando os pés. Fico desconcertado por sua aparência envelhecida, embora eu o tenha visto praticamente há uma semana. Parece exausto. Os lábios estão sem cor. A pele tem uma estranha tonalidade amarelada. Mal posso acreditar que este é o advogado formidável que fazia seus adversários tremerem de medo ao entrar no tribunal.

O deplorável caso Vallombreux, no início dos anos 70, deu alento à carreira de meu pai como advogado de renome. Edgar Vallombreux, um influente assessor político, foi encontrado quase morto em sua casa de campo, perto de Bordeaux, devido a uma suposta tentativa de suicídio, após uma eleição cujo resultado fora desastroso para seu partido. Paralisado, incapaz de falar, deprimido, foi confinado a um leito de hospital pelo resto da vida. A esposa, Marguerite, nunca acreditou na história do suicídio. Para ela, estava claro que o marido tinha sido atacado por ter, involuntariamente,

tomado conhecimento de irregularidades fiscais cometidas por ministros bem conhecidos.

Eu me lembro quando *Le Figaro* publicou uma página inteira sobre François Rey, o jovem e atrevido advogado que ousou enfrentar o ministro das Finanças sem pestanejar e que, depois de semanas de um julgamento palpitante que fez o país inteiro suspender a respiração, provou que Vallombreux tinha sido, de fato, a vítima de um consistente escândalo financeiro que fez diversas cabeças rolarem em consequência. Na adolescência, costumavam me perguntar se eu tinha algum parentesco com o “advogado lendário”. Algumas vezes, incomodado ou constrangido, eu dizia que não. Mélanie e eu fomos mantidos longe da vida profissional de nosso pai. Raramente o vimos em ação no tribunal. Simplesmente sabíamos que ele era respeitado e temido.

Meu pai dá um tapinha no meu ombro e se dirige ao bar, de onde me traz uísque despejado com uma mão trêmula. Não gosto de uísque, mas não tenho coragem de lhe lembrar. Finjo bebericar. Ele se senta com um grunhido e massageia os joelhos. Está aposentado e não se sente feliz com isso. Advogados mais jovens o substituíram e ele não faz mais parte da cena judiciária. O que faz o dia inteiro, penso eu? Será que lê, vê amigos? Fala com a esposa? Não sei nada sobre a vida de meu pai. Ele não sabe nada da minha. E o que acha que sabe, ele desaprova.

Joséphine aparece, balbuciando no celular que prende entre o rosto e o ombro. Sorri para mim e me entrega algo. Baixo os olhos e vejo uma nota dobrada de 500 euros. Ela pisca e faz uma espécie de gesto para explicar que o resto vem depois.

Meu pai fala comigo, alguma coisa sobre problemas de encanamento na casa de campo, mas não ouço. Contemplo o cômodo e tento me lembrar como era quando minha mãe ainda estava viva. Havia plantas perto da janela, o assoalho reluzia castanho, havia livros em um canto, um sofá revestido de chitão e

uma escrivadinha em que ela costumava se sentar e escrever sob o sol da manhã. O que escrevia? E para onde foram suas coisas? Todos os livros, as fotos, as cartas? Quero perguntar a meu pai, mas não o faço. Sei que não posso. Ele agora reclama do novo jardineiro contratado por Régine.

Ninguém fala sobre minha mãe. Especialmente aqui. Ela morreu aqui. Seu corpo foi retirado por aquela mesma entrada, desceu as escadas de carpete vermelho. Onde morreu exatamente? Nunca me disseram. No seu quarto, logo depois da entrada, aqui, na cozinha lá no fundo do infundável corredor? Como aconteceu? Quem estava lá? Quem a encontrou?

Aneurisma. Eu buscara informações recentemente na internet. Acontecia. Como um relâmpago. Acontecia com pessoas de qualquer idade. Sem mais nem menos.

Há 33 anos, minha mãe morrera neste mesmo apartamento em que estou agora. Não lembro da última vez que a beijei. Não lembrar me faz sofrer.

— Você está escutando alguma coisa que eu estou falando, Antoine? — pergunta meu pai, sarcástico.

Capítulo 29

QUANDO CHEGO EM CASA, as crianças já estão lá. Ouço o rumor de suas presenças enquanto luto para subir as escadas. Música, passos, vozes altas. Lucas está assistindo à televisão, os sapatos sujos no sofá. Quando entro, ele corre para me cumprimentar. Margaux aparece no umbral da porta. Ainda não consegui me acostumar com o cabelo cor de laranja, mas não digo nada.

— Oi, pai... — diz de forma arrastada.

Há um movimento por trás dela e vejo Pauline aparecer por trás de seu ombro. Sua melhor amiga desde que as duas eram pequenas. Só que agora Pauline parece ter 20 anos. Um minuto atrás e ela era uma coisinha magrela. Agora é impossível não notar o busto grande e os quadris femininos. Não a abraço do jeito que costumava fazer quando era pequena. Para falar a verdade, nem lhe dou um beijo no rosto. A gente troca uma espécie de aceno de uma distância educada.

— Tem problema se Pauline passar a noite aqui?

Sinto um aperto no coração. Sei que, se Pauline passar a noite, eu não vou ver minha filha a não ser no jantar. As duas vão se retirar para o quarto de Margaux, darão risinhos e cochicharão a noite toda. Não vou ter a oportunidade de desfrutar de “tempo de qualidade” com minha filha.

— Tudo bem — digo sem muito entusiasmo. — Tudo bem com seus pais?

Pauline dá de ombros.

— Claro. Tudo bem.

Ela cresceu mais ainda durante o verão, ao que parece, e está bem maior que Margaux. Usa minissaia jeans e camiseta roxa apertada. Catorze anos. Olhando, ninguém acredita. Provavelmente

já ficou menstruada. Sei que Margaux ainda não ficou. Astrid me falou sobre isso há pouco tempo. Percebo que, com um corpo desses, Pauline atrai todo tipo de homem. Colegas da escola e outros, mais velhos. Sujeitos da minha idade. Como será que os pais dela lidam com essas questões? O que dizem para ela? O que ela sabe? Talvez já tenha um namorado, talvez já tenha feito sexo e já tome pílula. Catorze anos.

Arno entra animadamente, dando um tapa nas minhas costas. O telefone toca e ele atende, me dizendo: "Espera só um minuto." Desaparece. Lucas se volta para a televisão e as meninas debandam. Fico sozinho na entrada. Me sinto um idiota.

Vou para a cozinha, o assoalho de madeira range e meus pés fazem muito barulho. Não há mais nada a fazer a não ser lhes preparar o jantar. Uma salada de massa com muçarela, tomates-cereja, manjericão fresco e cubinhos de presunto. Enquanto estou ali picando o queijo, minha vida parece tão vazia que eu quase rio. Eu rio. Mais tarde, quando a comida fica pronta, parece que leva um século para eles aparecerem e se sentarem. Todos têm coisa melhor para fazer.

— Sem iPods, Nintendos ou celulares à mesa — digo com firmeza, assentando a comida sobre a mesa.

Minhas palavras são saudadas com suspiros e movimentos de ombros. Então há um silêncio pontuado por sons de mastigação ruidosa, enquanto enchem a barriga. Olho nosso grupinho como se estivesse longe dali. Meu primeiro verão sem Astrid. Sim, odeio cada minuto dele.

A noite se estende à minha frente como um prado ressequido. As meninas estão trancadas no quarto de Margaux, Lucas grudado no Nintendo, e Arno absorvido pela internet, em seu quarto. Foi um erro, percebo agora, ter instalado WiFi na casa e ter disponibilizado computadores para cada um deles. Eles se voltam para seus espaços

peçoais e mal consigo vê-los. Ninguém mais assiste à televisão *en famille*. A internet tomou conta de tudo, silenciosa e predatória.

Deito no sofá e assisto a um DVD. Um filme de ação com Bruce Willis. A certa altura, faço uma pausa para ligar para Valérie e Mélanie, e mandar uma mensagem de texto para Angèle, falando de nosso próximo encontro. A noite avança. Risinhos abafados vêm do quarto de Margaux, apitos de pings e pongs vêm do de Lucas, e do quarto de Arno sou capaz de perceber a batida metálica que sai de seus fones de ouvido. O calor me pega e acabo cochilando.

Quando abro os olhos, grogue, são quase duas horas da manhã. Levanto-me com dificuldade. Lucas dorme profundamente, o rosto apertado contra o Nintendo. Ponho ele na cama delicadamente, fazendo todo o possível para não acordá-lo. Decido não bater na porta de Arno. Afinal de contas, ele ainda está de férias e não conseguiria encarar mais um conflito sobre horários e sobre como ele deveria estar na cama a essa hora. Enquanto caminho próximo ao quarto de minha filha, o cheiro inconfundível de cigarro alcança meu nariz. Vem direto do quarto dela. Faço uma pausa, a mão na maçaneta. Mais risadas abafadas. Bato na porta. A risada cessa. Margaux abre a porta. O quarto está turvo de tanta fumaça.

— Vocês estão fumando aqui? — minha voz sai estrangulada, quase humilde, e eu me encolho ao ouvi-la.

Margaux dá de ombros. Pauline está caída na cama, usando nada além de calcinhas azuis sumárias e um sutiã rendado. Desvio o olhar do contorno de seus seios, que parecem saltar para mim.

— Só uns cigarros, pai — diz Margaux, revirando os olhos.

— Mas você só tem 14 anos — ralho —, que coisa mais idiota de se fazer...

— Se é tão idiota, por que é que você fuma, pai? — ela me ridiculariza.

Ela fecha a porta na minha cara.

Fico ali, de braços caídos. Ergo a mão para bater novamente. Não o faço. Recolho-me a meu quarto e me sento na cama. O que Astrid faria nessa situação? Teria gritado? Punido? Ameaçado? Será que Margaux ousa fumar sob o teto da mãe? Por que me sinto tão inútil? Não pode ficar pior do que isso. Ou será que pode?

Capítulo 30

MESMO COM A BLUSA azul severa do uniforme do hospital, Angèle é sexy. Ela me envolve em seus braços, indiferente ao fato de que estamos no necrotério, de que cadáveres nos espreitam do outro lado da porta e que famílias enlutadas sentam-se em choque na sala de espera nas imediações.

Seu toque me eletriza.

— Quando você vai estar livre? — sussurro. Não a via há mais de três semanas. Na última vez que passei para visitar Mélanie, estava com meu pai e não tive a menor possibilidade de ficar um tempo com Angèle. Meu pai estava cansado e precisava ser levado de carro para casa.

Ela suspira.

— Uma batida com vários carros na autoestrada, uns dois ataques cardíacos, um câncer, um aneurisma. Parece que todo mundo escolheu a mesma hora para morrer.

— Aneurisma... — murmuro.

— Uma mulher na casa dos 30.

Seguro-a perto de mim, afagando seu cabelo macio e reluzente.

— Minha mãe também morreu de aneurisma, na mesma idade.

Ela levanta o olhar.

— Você era um menino.

— Sim.

— Você a viu morta?

— Não. Fechei os olhos no último momento.

— Os mortos por aneurisma geralmente têm boa aparência. Essa moça está bem bonita morta. Mal precisei trabalhar nela.

O lugar em que nos encontramos é fresco, tranquilo, um corredorzinho que sai da sala de espera.

— Já esteve com a sua irmã? — indaga.

— Acabei de chegar. Ela está com as enfermeiras. Vou voltar ao quarto agora.

— O.k. Me dá mais umas duas horas. Aí eu já devo ter acabado.

Ela me beija na boca, um beijo quente e úmido. Retorno até a ala onde Mélanie se encontra. O hospital parece mais cheio, mais movimentado do que o habitual. O rosto de minha irmã está menos pálido, quase rosado. Seus olhos se iluminam quando me vê.

— Mal posso esperar a hora de sair daqui — ela sussurra. — São todos muito gentis, mas eu só quero ir para casa.

— O que diz a dra. Besson?

— Diz que pode ser logo.

Ela me pergunta como foi a semana. Sorrio, sem saber muito bem por onde começar. Uma semana miserável, sob qualquer aspecto. Burocracia cansativa para o seguro do carro. Outra discussão com Rabagny sobre a creche. Mais exasperação por conta de Florence. Nosso pai e seu rosto cansado e envelhecido, irritadiço. Um fim de semana difícil com as crianças. As aulas haviam começado e todo mundo estava tenso. Nunca me senti mais aliviado por ter que entregá-las em Malakoff. Digo a Mélanie só que foi uma daquelas semanas desastrosas em que tudo dá errado.

Fico com ela por algum tempo. Falamos sobre as cartas que ela vem recebendo, as flores, os telefonemas. O namorado idoso enviou um anel de rubi de uma joalheria da place Vendôme. Algumas vezes acho que ela vai falar sobre o acidente, mas ela não fala. Nada voltou ainda. Preciso ser paciente.

— Mal posso esperar pelo outono, pelo inverno — suspira Mélanie.

— Detesto o fim do verão. Detesto o calor. Detesto tudo. Mal posso esperar pelas manhãs geladas de inverno e as garrafas de água quente.

A dra. Besson entra, aperta minha mão. Ela nos conta que Mélanie deve poder voltar a Paris de ambulância nas próximas

semanas, provavelmente em meados de setembro. Ela poderá convalescer em sua própria casa por pelo menos dois meses, sob a supervisão de um fisioterapeuta, com visitas regulares ao médico.

— Sua irmã foi muito corajosa — diz mais tarde, enquanto preenchemos formulários em seu escritório. Ela me entrega uma pilha de documentos do seguro social e da seguradora. Então olha direto para mim. — Como está seu pai?

— Você acha que ele está doente, não é?

Ela faz que sim com a cabeça. Digo:

— Ele não disse nem para mim nem para minha irmã o que há de errado com ele. Reparei como está cansado, mas é tudo que eu posso dizer.

— E a sua mãe? — pergunta ela. — Ela sabe de alguma coisa?

— Nossa mãe morreu quando éramos novos.

— Puxa, sinto muito — diz ela rapidamente.

— Nosso pai casou de novo. Mas não tenho certeza se minha madrasta pode falar alguma coisa sobre a saúde dele. Nós não somos muito próximos.

Ela sacode a cabeça. Faz uma curta pausa. Então diz:

— Eu só queria ter certeza de que ele está sob supervisão médica.

— Por que você está preocupada?

Ela me olha, com olhos de íris castanhas, sagazes.

— Só queria ter certeza.

— Você quer que eu fale com ele?

— Sim — responde. — Pergunte apenas se ele tem visitado o médico.

— Tudo bem — digo. — Vou fazer isso.

No caminho de volta para o escritório de Angèle, fico pensando no que será que a dra. Besson percebeu em meu pai. O que seus olhos de médica, de especialista, viram que eu não vi? Sinto-me incomodado, preocupado. Não vejo meu pai desde minha última

visita. Nem falei com ele. Mas tenho sonhado com ele nas últimas semanas, como sonho com minha mãe. Noirmoutier volta para mim como a maré tomando conta da Passagem de Gois, e as gaivotas sobrevoam os postes de resgate. Sonhos com meu pai, com minha mãe, quando eram jovens, na praia. O sorriso de minha mãe, a gargalhada de meu pai. Sonhos da estada recente com Mélanie. A noite do seu aniversário, como estava linda de vestido preto. O casal elegante e grisalho ao nosso lado, erguendo as taças de champanhe em nossa direção. O chef exclamando "madame Rey!" Quarto número 9. O quarto de minha mãe. Desde a noite do acidente, sonho sem parar com Noirmoutier. Noirmoutier nunca me deixou.

Capítulo 31

"NECROTÉRIO", DIZ A PLACA. Bato uma vez, duas vezes. Nenhuma resposta. Fico diante da porta de Angèle por muito tempo. Acho que ela ainda não acabou. Vou me sentar na pequena sala de espera reservada aos enlutados. Está vazia agora e fico aliviado de ser o único ali. O tempo se arrasta. Verifico o telefone. Não há chamadas perdidas. Não há recados. Não há mensagens de texto.

Um barulhinho me faz levantar o olhar. Uma pessoa com óculos de proteção, máscara, touca de papel, luvas de látex, macacão azul-claro, enfiada em botas de borracha, está diante de mim. Levanto-me depressa. Uma mão enluvada retira os óculos e a máscara. Os belos traços esculpidos do rosto de Angèle aparecem.

— Dia infernal — exclama. — Lamento ter te feito esperar.

Ela parece cansada. O rosto está tenso.

Atrás dela, a porta do escritório está parcialmente aberta. Espio o espaço que posso ver daqui. Uma sala pequena e azul. Completamente despojada. Revestimento plástico. Por trás, outra porta, também aberta. Paredes brancas, piso de cerâmica branca. Macas. Ampolas e diversas ferramentas que não consigo identificar direito. Um cheiro estranho e forte paira no ar. Ela também tem este cheiro, consigo senti-lo no macacão. Será o cheiro da morte? De formol? Tudo que sei é que essa é a primeira vez que sinto esse cheiro e a primeira vez que o percebo nela.

— Está com medo?

— Não — respondo.

— Quer entrar?

Não hesito.

— Quero.

Ela retira as luvas e a carne quente da sua mão encontra a minha.

— Bem-vindo à toca da Morticia — sussurra. Fecha a porta pesada por trás dela. Estamos no primeiro cômodo, pequeno e azul. — Aqui é o lugar para onde os corpos são removidos, a fim de que as famílias possam vê-los pela última vez. A sala de observação.

Tento imaginar o que acontece aqui. Será que foi em um lugar como esse que mostraram o corpo de mamãe para mim e Mélanie? Deve ter sido. Alguma coisa na minha cabeça se apaga e não consigo imaginar nem me lembrar de nada. Se eu a tivesse visto morta, tantos anos atrás, se eu não tivesse fechado os olhos, teria sido em um cômodo como este. Sigo Angèle até a outra sala, maior e branca. O cheiro aqui está mais forte, quase avassalador. Parecido com enxofre. Há um corpo coberto por um lençol branco de hospital, deitado em uma maca. O lugar é muito limpo. Superfícies imaculadas. Instrumentos reluzentes. Nenhuma mancha. A luz penetra através da persiana. Ouço o zumbido do ar condicionado. Está mais fresco aqui dentro, mais fresco do que em qualquer outro lugar do hospital.

— O que você quer saber? — pergunta Angèle.

— O que você puder me dizer.

Ela sorri.

— Deixa eu te apresentar ao paciente desta tarde.

Ela remove suavemente o lençol que cobre a forma sobre a maca. Sinto uma tensão crescente, a mesma de todos aqueles anos atrás, quando retiraram o lençol do corpo de minha mãe, mas o rosto que aparece é sereno e tranquilo. Um velho com uma barba branca cerrada, camisa branca, gravata azul-marinho e sapatos de couro envernizado. As mãos estão cruzadas sobre o peito.

— Pode se aproximar — diz ela. — Ele não vai morder.

Ele parece adormecido, mas quando me aproximo, posso perceber a completa imobilidade da morte.

— Este é monsieur B. Teve um ataque cardíaco. Estava com 85 anos.

— Ele chegou aqui com essa aparência boa?

— Quando entrou, o pijama estava manchado, o rosto crispado e ele estava roxo.

Estremeço.

— Eu começo lavando meus pacientes. Leva tempo. Dou um banho da cabeça aos pés. Uso esta mangueira especial. — Ela indica uma pia e uma torneira nas imediações. — Uso esponja e detergente. Enquanto faço isso, movimento os braços e as pernas para que o *rigor mortis* não se estabeleça rápido demais. Fecho os olhos com tampinhas especiais e faço sutura na boca, mas detesto essa palavra. Prefiro dizer que *fecho* a boca. Às vezes uso um adesivo porque parece mais natural. Detesto essas bocas costuradas com pontinhos que alguns preparadores de cadáveres fazem. Se houve trauma na face ou no corpo, trabalho nessas áreas com cera ou outros métodos. Às vezes demora um pouco. Então começo o processo de embalsamamento. Você sabe o que é isso?

— Não exatamente — digo com sinceridade.

— Injeto fluido de embalsamamento através da carótida. Bem aqui. — Ela aponta o pescoço do monsieur B. — Faço com que entre lentamente. E retiro o sangue da veia jugular. Você sabe o que o fluido faz?

— Não.

— Ele restaura a cor natural. Torna mais lenta a decomposição, pelo menos por um tempo. Quando dei a injeção no monsieur B, por exemplo, o rosto dele perdeu a cor roxa. Depois do embalsamamento arterial, uso um aspirador para retirar todos os fluidos corporais. Estômago, abdômen, coração, pulmão, bexiga. — Ela faz uma pausa. — Você está bem?

— Sim — digo e, mais uma vez, é verdade. É a primeira vez que vejo um cadáver, além da forma sob o lençol que um dia fora a minha mãe. Tenho 43 anos e nunca deitei meus olhos sobre a

morte. Intimamente, agradeço ao monsieur B por parecer tão rosado e tranquilo. Será que minha mãe também tinha essa aparência?

— E depois, o que você faz?

— Preencho todas as cavidades com produtos químicos concentrados e então suturo todas as incisões e orifícios. Isso também leva tempo. Não vou entrar em detalhes. Você não ia gostar. E aí eu visto os meus pacientes.

Adoro a forma como ela diz “meus pacientes”. Eles estão duros e frios, mas ainda são seus pacientes. Reparo que durante o tempo todo em que ela falou comigo sua mão desenluvada descansava no ombro do monsieur B.

— A última coisa que eu faço, que era o que eu estava fazendo quando você bateu, é a maquiagem. Tem que ser natural. Às vezes peço para ver fotos recentes dos meus pacientes, para saber a aparência que tinham quando vivos. Tento ser fiel a isso.

— A família do monsieur B já veio vê-lo?

Ela olhou o relógio.

— Amanhã. O monsieur B me deixou muito feliz. Por isso eu o mostrei a você. Estou menos feliz... com os outros pacientes de hoje.

— Por quê? — pergunto.

Ela se afasta da maca, vai para diante da janela e fica em silêncio por um tempo.

— A morte pode ser muito feia. Não importa o que se faça, ou o quanto você se esforce, não dá para tornar um cadáver sereno o suficiente para a família ver.

Senti um calafrio, pensando no que ela vê todos os dias.

— Como você não deixa isso tudo te abalar?

— Ah, mas abala. — Ela suspira e volta a cobrir o rosto de monsieur B. — Eu faço esse trabalho por causa do meu pai. Ele se suicidou. Eu tinha 13 anos. Fui eu que o encontrei. Voltei da escola e

lá estava ele, caído em cima da mesa da cozinha com os miolos espalhados pela parede.

— Meu Deus! — digo, engolindo as palavras.

— Minha mãe ficou em tal estado que fui eu quem deu todos os telefonemas, arrumou tudo, organizou o funeral. Minha irmã mais velha desabou. Eu fiquei adulta naquele dia. Me tornei a mulher durona que sou hoje. O preparador de cadáver que cuidou dele fez um trabalho incrível. Reconstruiu a cabeça do meu pai com cera. Minha mãe e a família puderam olhar para o corpo sem desmaiar. Mas eu era a única que tinha visto meu pai logo depois de morrer. Era a única que podia comparar. Eu fiquei tão impressionada com a habilidade do profissional que, mais tarde, quis fazer a mesma coisa. Passei na prova e me tornei preparadora de cadáveres com 22 anos.

— Foi difícil?

— No começo, foi. Mas sei como é importante, quando se perde alguém, ser capaz de olhar com serenidade para o corpo de uma pessoa amada pela última vez.

— Existem muitas mulheres trabalhando como preparadoras de cadáveres?

— Mais do que você imagina. Quando recebo bebês ou crianças, os pais se sentem aliviados por eu ser mulher. Acho que pensam que uma mulher vai ser mais cuidadosa, vai ser mais delicada, vai prestar mais atenção aos detalhes e à dignidade.

Ela vira para mim, pega minha mão. Sorri aquele sorriso lento.

— Deixa eu tomar uma chuveirada e já, já te tiro daqui. Vamos lá para casa.

Vamos para a sala adjacente. Atrás fica um banheiro com azulejos brancos.

— É um minutinho só — diz ela. Sai da sala.

Sobre a escrivaninha, vejo as fotografias. Fotos em preto e branco de um homem na casa dos 40 anos. Parece tanto com ela que só pode ser seu pai. Os mesmos olhos, o mesmo queixo. Sento à mesa,

olhando os documentos, agendas, computador, cartas. Parafernália. A bagunça normal depois de um dia de trabalho. Há um caderninho perto do telefone celular dela. Fico tentado a pegá-lo. Folheá-lo. Quero saber tudo sobre a fascinante Angèle Rouvatier. Seus encontros, seus casos, seus segredos. Mas acabo não fazendo isso. Fico satisfeito só de sentar aqui e esperar por ela, mesmo sendo provavelmente mais um namoradinho de quem ela faz gato e sapato. Ouço o chuveiro aberto ao lado. Água em sua pele nua. Fico pensando em minhas mãos sobre esta pele, sobre aquele corpo macio. Fico pensando na sua boca morna e úmida. Sobre o que vou fazer com ela quando chegarmos à sua casa. Penso detalhadamente. Começo a ficar de pau duríssimo. Será que isso é adequado no necrotério?, penso com meus botões.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto que a vida se iluminou afinal. Como aquele sol frágil e renovado logo após a chuva. Como a Passagem de Gois emergindo durante a maré baixa.

Quero aproveitar ao máximo.

Capítulo 32

EM MEADOS DE SETEMBRO, Mélanie finalmente volta para casa. Fico com ela diante da porta do apartamento e não consigo deixar de reparar em como está frágil e pálida. Ainda caminha com dificuldade, com o auxílio de muletas, e sei que as próximas semanas serão ocupadas por sessões de fisioterapia e reeducação. Ela está muito feliz de voltar para casa. Seu rosto se ilumina ao ver todos os amigos reunidos para saudá-la, carregados com presentes e flores.

Todas as vezes que passo pela rue de la Roquette, tem alguém na casa dela, alguém preparando chá ou cozinhando, ouvindo música com ela ou lhe fazendo rir. Se tudo der certo, ela nos conta, pode estar de volta ao trabalho na primavera. Se ela quer ou não voltar, é outro problema. “Não sei se o mundo editorial continua tão interessante quanto era”, ela admite para mim e Valérie certa noite, no jantar. “Tenho dificuldades para ler. Simplesmente não consigo mais me concentrar. Nunca fui assim.”

O acidente transformou minha irmã. Ela parece mais quieta, mais pensativa, menos estressada. Parou de pintar o cabelo e os fios grisalhos destacados nas mechas escuras ficam bem nela, dando-lhe ainda mais classe. Uma amiga lhe ofereceu um gato de presente, uma criatura negra, de olhos dourados, chamada Mina.

Quando estou conversando com minha irmã, muitas vezes tenho vontade de perguntar: “Mel, você lembra do que ia me dizer logo antes do acidente?” Mas não ousa. A fragilidade dela ainda me assusta. Eu praticamente desisti de esperar que ela se lembre do que estava tentando me contar. Mas o pensamento não sai da minha cabeça.

— Que fim levou o seu admirador idoso e libidinoso? — pergunto-lhe certo dia, provocando, enquanto Mina ronrona sobre meus joelhos.

Estamos na sala de estar ampla e iluminada. Prateleiras e prateleiras de livros, paredes oliva pálido, um grande sofá branco, uma mesa redonda de mármore, uma lareira. Mel fez maravilhas com este apartamento. Ela o comprou há 15 anos sem pegar dinheiro emprestado com nosso pai, quando ainda era uma série de quatinhos de empregados apertados no alto de um prédio acanhado em um *arrondissement* pouco elegante. Ela derrubou as paredes, restaurou o assoalho de madeira, instalou uma lareira. Fez tudo isso sem minha ajuda nem sugestões, o que eu na época achei um insulto. Mas acabei entendendo que era a forma de Mélanie se afirmar. E eu a admirei.

Ela joga a cabeça para trás.

— Ah, ele... Ainda me escreve e manda rosas. Chegou a me convidar para um fim de semana prolongado em Veneza. Você pode me imaginar em Veneza, de muletas? — Rimos. — Meu Deus, quando foi a última vez que eu fiz sexo? — Ela me olha com ar vazio. — Nem consigo lembrar. Deve ter sido com ele, coitado. — Ela lança então um olhar questionador na minha direção. — E como anda a *sua* vida sexual, Tonio? Você anda muito misterioso e eu não via você tão animado há anos.

Sorrio, pensando nas coxas macias de Angèle. Não tenho muita certeza de quando vou vê-la de novo, mas a espera ansiosa, de certa forma, torna tudo mais excitante. A gente se fala no telefone todo dia, várias vezes, e há também mensagens de texto e e-mails. De noite, posso vê-la nua na webcam, trancando-me no quarto como um adolescente culpado. Acabo admitindo para minha irmã que estou mantendo um relacionamento a distância com uma preparadora de cadáveres incrivelmente sexy.

— Uau — suspira ela. — Eros e Tanatos. Que combinação mais freudiana. Quando vou poder conhecer esta mulher?

Digo que nem eu sei quando vou voltar a vê-la em carne e osso. Depois de um tempo, a webcam vai perder a graça, tenho certeza, e vou precisar tocá-la ao vivo para possuí-la. Para possuí-la de verdade. Não digo isso para Mélanie com essas palavras, mas ela capta a ideia geral.

Mais tarde, em uma mensagem de texto particularmente ousada, admito isso para Angèle. Recebo uma resposta instantânea dela com o horário do próximo trem da estação de Montparnasse para Nantes. Não posso pegar o trem porque tenho uma reunião importante para um novo contrato. Escritórios para um banco, a serem construídos no 12^o *arrondissement*, perto de Bercy. Outro trabalho tedioso, porém, mais uma vez, nada que eu possa me dar ao luxo de recusar.

Meu desejo por Angèle permanece vivo, dia após dia. Da próxima vez que a encontrar, sei que será como uma explosão de fogos de artifício. Só este pensamento me dá forças para ir em frente.

Capítulo 33

ENCONTRO UM TESOURO NO porão, certa noite em outubro. Estava procurando uma boa garrafa de vinho para fazer um mimo para Hélène, Emmanuel e Didier no jantar. Queria algo de que eles gostassem e se lembrassem depois. Mas em vez de voltar com uma garrafa de Croizet Bages, voltei triunfante, escalando as escadas com um velho álbum de fotos. Nem me lembrava que estava comigo. Tinha sido enfiado dentro de uma caixa de papelão que eu não me dera ao trabalho de abrir desde o divórcio, perdido em uma pilha desorganizada de boletins, mapas, capas amassadas de travesseiro e toalhas mofadas com personagens da Disney. Encontrei por acaso. Como tinha vindo parar em minhas mãos e por que eu não conseguia me lembrar? Velhas fotos em preto e branco de Mélanie e eu. Minha primeira comunhão. Sete anos. Vestes compridas e brancas. Rosto sério. Relógio novo no pulso. Mélanie aos 4 anos de idade, bochechas rechonchudas e vestido bordado cheio de babados. A reunião no apartamento da avenue Henri-Martin. Champanhe, suco de laranja e *macarons* de um salão de chá das proximidades, o Carette. Meus avós me contemplando com benevolência. Solange. Meu pai. Minha mãe. Tive de me sentar. Lá estava ela. Cabelos escuros. Sorriso lindo. A mão no meu ombro. Tão jovem. Tinha apenas mais três anos de vida. Era difícil crer, olhando aquela foto. Ela era a própria imagem da juventude.

Viro as páginas lentamente, tomando cuidado para não sujá-las com cinza de cigarro. Estão mofadas por causa da temporada no porão. Noirmoutier. O último verão. 1973. Minha mãe deve ter colocado todas essas fotos no álbum, percebo. É sua letra, arredondada e infantil. Dá quase para vê-la, sentada à mesa na avenue Kléber, curvada sobre as páginas, concentrada. Cola e

tesoura. A caneta especial que escrevia sobre papel preto. Mélanie posando no Gois, na maré baixa, com o balde e a pá. Solange fumando um cigarro, no píer. Será que minha mãe tirou essas fotos? Tinha uma câmara? Não consigo me lembrar. Eu, na frente do cassino. Meu pai refestelado ao sol. Todos nós na varanda do hotel. Quem foi que tirou essa, me pergunto. Bernadette? Outra garçonete? A família Rey, perfeita, em seu apogeu.

Fecho o álbum. Quando faço isso, alguma coisa branca sai voando. Me abaixo até o chão para pegar. É um antigo cartão de embarque. Fico olhando, perplexo. Um voo para Biarritz, na primavera de 1989. Sob o nome de solteira de Astrid. Claro. Foi neste voo que eu a conheci. Ela ia ao casamento de uma amiga e eu estava reformando salas comerciais em um novo shopping center para o arquiteto com quem trabalhava na época. Lembro de ficar secretamente animado por ter uma jovem tão bonita sentada do meu lado.

Ela tinha uma aparência saudável, nórdica, de quem vive ao ar livre, e aquilo me agradou de imediato. Não era a típica parisiense bem-cuidada. Durante o voo, queimei os miolos tentando pensar em alguma coisa para lhe dizer, mas ela estava com um walkman preso aos ouvidos e parecia grudada a uma revista *Elle*. Perto da aterrissagem, o voo, de repente, começou a sacolejar muito. Parecia que havíamos chegado ao País Basco justamente quando a mãe de todas as tempestades estava se formando. O piloto tentou pousar o avião duas vezes e em ambas precisou arremeter, as turbinas gemendo e estremeando. Os ventos nos envolviam aos uivos e o céu escurecera como se estivesse a ponto de anoitecer, apesar de ser ainda duas da tarde. Astrid e eu trocamos sorrisos preocupados. O avião balançava para a frente e para trás, sacudindo nossas tripas impiedosamente a cada tranco.

O homem barbudo sentado do outro lado do corredor parecia ter ficado verde. Com um gesto preciso, ele alcançou o saco de papel

enfiado no bolso do assento, abriu com destreza e vomitou ruidosamente pelo que pareceu ser uma eternidade. Um fedor de alho e vômito chegou até nós, Astrid e eu. Ela me olhou indefesa. Eu percebia que estava apavorada. Eu não. O que me assustava não era a iminência de um acidente, mas a possibilidade de botar para fora espaguete à bolonhesa nos joelhos dessa garota bonita. Tudo que ouvíamos era o som dos outros passageiros passando mal. Enquanto o avião rodava vertiginosamente, e eu lutava com todas as forças para não olhar para o barbudo que acabara de encher um segundo saco com vômito roxo, a sua mão trêmula pousou lentamente sobre a minha.

E foi assim que conheci minha esposa. E o fato de ela ter guardado aquele bilhete por todos aqueles anos aqueceu meu coração. Os 15 anos que separavam a morte de minha mãe de Astrid pareciam um borrão, uma travessia por um túnel escuro. Não gosto de pensar naqueles anos. Eu era como um cavalo de corrida, com antolhos, tomado por uma solidão gelada que me consumia, da qual eu não conseguia me livrar. Depois que saí da avenue Kléber e fui morar na Rive Gauche com dois colegas de faculdade, minha vida pareceu ligeiramente menos desolada. Houve uma ou duas namoradas, viagens ao estrangeiro, a descoberta da Ásia, da América. Mas quando Astrid entrou na minha vida, subitamente, havia luz. E felicidade. E risadas. E alegria.

Quando meu casamento acabou, quando finalmente compreendi que Astrid não me amava mais, que amava Serge, senti o chão fugir de meus pés. Eu estava de volta àquele túnel longo e tenebroso. Fragmentos da minha vida com Astrid vinham para mim em redemoinhos, nos sonhos, durante o dia. Enquanto avançávamos inexoravelmente até o divórcio, eu incrédulo e ela determinada, agarrei-me freneticamente a todas as lembranças que tinha para continuar a viver. Uma delas sempre voltava a me assombrar. Nossa primeira viagem como casal. San Francisco. Os dois com 25 anos,

pouco antes do nascimento de Arno. Éramos jovens e despreocupados, como se costuma dizer. Loucamente apaixonados. Há uma série de memórias que posso invocar daquela viagem memorável, atravessar a Golden Gate num conversível, com os cabelos de Astrid voando no meu rosto, o hotelzinho em Pac Heights onde fizemos amor em um frenesi enlouquecido, os passeios bagunceiros nos bondinhos.

Mas o que me volta à cabeça é Alcatraz. Tínhamos pegado um barco para visitar a ilha e acompanhamos uma visita guiada. Podia-se contemplar a cidade em toda a sua glória, reluzente, cheia de colinas, a quase 3 quilômetros de distância, do outro lado do mar gelado e traiçoeiro. Tão perto e ao mesmo tempo tão distante. As celas do "Bloco Nojento" eram as mais desejáveis, porque a luz do sol entrava pelas janelas. Os prisioneiros preferiam este lado, segundo o guia. As celas eram mais quentes, menos gélidas, mesmo nas noites frias de inverno. E em algumas noites, prosseguiu ele, como na véspera de Ano-Novo, por exemplo, se o vento batesse do lado certo, os prisioneiros podiam ouvir o som de festas vindo do St. Francis Yacht Club, do outro lado da baía.

Há muito tempo me sinto como um prisioneiro de Alcatraz, me alimentando das sobras que o vento me envia, risos, cantorias e música, o rumor de uma multidão que consigo ouvir, mas que nunca vou ver.

Capítulo 34

ATARDE DE UM DESOLADO dia de novembro. Faltam quatro semanas para o Natal. Paris está enfeitada com ornamentos cintilantes, como uma cortesã escandalosa. Estou sentado à minha mesa, trabalhando pela quinta vez esta manhã no complicado layout dos escritórios do banco de Bercy. Tenho que fazer múltiplas reimpressões. A impressora solta gemidos como uma mulher em trabalho de parto. Florence está gripada. Ainda não tive coragem de demiti-la. Há algo de profundamente patético nela. Hoje, não para de assoar o nariz. Cada vez que faz isso, enfia os indicadores robustos, revestidos de Kleenex, dentro das narinas e os gira como se fossem hélices. Tenho vontade de ir até ela e dar-lhe um tapa na cara.

Os dois últimos meses foram um redemoinho de conflitos e brigas. Arno está com problemas sérios na escola. Astrid e eu fomos chamados duas vezes para falar com os professores. Se ele continuar assim, fomos avisados, não vai só repetir de ano. Vai ser expulso. Notas baixas, insolência, destruição de material escolar, faltas. Para nosso horror, descobrimos a extensão das sinistras proezas de Arno. Como nosso simpático filho, tão tranquilo, virou esse marginalzinho rebelde? Tão silenciosa quanto o irmão é tempestuoso, Margaux anda fechada em um mundo de silêncio e desprezo. Mal fala conosco. Fica ouvindo o iPod o dia inteiro. A única forma de se comunicar com ela é através de mensagens de texto, mesmo quando ela se encontra no quarto ao lado. Apenas Lucas permanece razoavelmente agradável. Por enquanto.

Além de Angèle, a única notícia boa que eu tenho é a rápida recuperação de Mélanie. Agora ela caminha em um ritmo normal, sem hesitação. Exercícios regulares e fisioterapia que deram aquela

força a mais de que ela necessitava. Voltar ao trabalho não é sua prioridade. Suponho que esteja aproveitando ao máximo sua licença. Ela finalmente foi para Veneza com o velho, mas há novos pretendentes, mais jovens, à sua volta, que nunca parecem se cansar de levá-la a restaurantes, concertos e vernissages.

Viro as costas para nossa árvore de Natal de plástico, postada na entrada, piscando luzes verdes e vermelhas. Nosso segundo Natal como casal divorciado está chegando. Astrid está em Tóquio com Serge, que tinha “uma importante sessão de fotos de sushis” (frase que fez Emmanuel se dobrar de tanto rir) para um reluzente catálogo de comida. Ela ainda vai demorar uma semana para voltar. As crianças estão passando a semana inteira comigo e, até agora, a temporada tem sido torturante.

O celular vibra. Mélanie. Ficamos um pouco no telefone, tratando de presentes de Natal, quem precisa do quê, quem gostaria de tal coisa. Falamos de papai. Estamos convencidos de que ele tem alguma doença, mas não nos conta nada. Confrontada, Régine responde simplesmente que não sabe de nada. Uma vez, tentamos extrair alguma coisa de Joséphine. Mas ela, sem graça, admitiu que nem tinha reparado que nosso pai andava com aparência tão ruim.

Mélanie mexe comigo por causa de Angèle. “Sua Morticia”, ela a chama assim. Já admiti para Mel — não que eu tenha nada a esconder — que essa mulher é o que me leva para a frente no momento. Mesmo só tendo conseguido vê-la umas poucas vezes desde o verão, Angèle é uma nova energia em minha vida. Sim, é exasperantemente independente; sim, é provável que saia com outros homens; sim, ela me vê só quando quer. Mas ela tira minha ex-mulher da minha cabeça. Ressuscitou minha masculinidade em toda a acepção da palavra. Todos os amigos repararam na mudança. Desde que Angèle Rouvatier apareceu em minha vida, perdi peso, estou de bom humor, parei de reclamar. Ando mais cuidadoso com minhas roupas. Gosto que minhas camisas estejam bem brancas,

bem passadas, jeans bem cortados, agora pretos como os dela. Uso um casaco preto, comprido, que Arno acha “legal” e que até Margaux olha com aprovação. E, todas as manhãs, me perfumo com a água-de-colônia que Angèle me deu, uma fragrância picante italiana, que sempre me faz pensar nela, pensar em nós.

Durante a longa conversa com Mel, o telefone apita. Chamada em espera. Eu digo: “Espera aí!” e olho para a tela. É o número de Margaux. Ela liga para mim tão pouco que digo para minha irmã que preciso atender e que telefono mais tarde.

— Oi, é seu pai! — exclamo animadamente para minha filha.

Ouçõ apenas o silêncio do outro lado da linha.

— Você está aí, Margaux?

Um soluço abafado. Meu coração começa a bater mais rápido.

— Meu bem, o que houve?

O rosto curioso de Florence, com cara de fuinha, vira para mim. Levanto e caminho rapidamente para a entrada do escritório.

— Pai...

Margaux parece estar a quilômetros de distância, a voz é fraca.

— Fale, querida!

— Pai! — Agora ela começou a gritar. O som atravessa meu crânio.

— O que é?

Meus dedos tremem tanto que quase deixo o telefone cair.

Ela está soluçando, as palavras saem desordenadas. Não consigo compreender o que ela fala. Digo:

— Margaux, querida, por favor, se acalme. Não estou conseguindo entender!

Atrás de mim, o assoalho range à medida que Florence disfarçadamente se aproxima, sem querer perder uma palavra do que está havendo. Me viro e a confronto com um olhar glacial. Ela interrompe o movimento e recolhe-se de volta à mesa.

— Margaux, fale comigo. Por favor!

Retiro-me para a entrada, encontrando abrigo atrás de um grande arquivo.

— Pauline morreu.

— O quê? — balbucio.

— A Pauline está morta.

— Como? — gaguejo. — Onde você está? O que aconteceu?

A voz agora está indiferente, despida de qualquer emoção.

— Foi na aula de educação física, logo depois do almoço. Ela desabou.

Minha mente voa. Sinto-me indefeso, confuso. Arrasto-me de volta para a mesa, agarro o casaco, o cachecol, as chaves.

— Você ainda está no ginásio?

— Não. A gente voltou para a escola. Levaram a Pauline para o hospital. Mas era tarde demais.

— Alguém ligou para Patrick e Suzanne?

— Acho que sim.

Quase desejo que ela volte a chorar. Não posso suportar aquela voz robotizada. Digo a ela que estarei lá imediatamente. Não olho para Florence enquanto saio apressado. Corro para a escola em um atordoamento frenético.

No fundo da cabeça, penso, com completo terror, *Astrid não está aqui. Astrid está fora, você vai ter de lidar com isso sozinho, você, o pai, você, o papai. Você, o cara com quem sua filha mal falou no último mês, o cara para quem ela nem olha.*

Não sinto o frio. Corro o mais rápido que posso. Minhas pernas parecem feitas de chumbo. O vapor da minha respiração me envolve. Meus pulmões recobertos de alcatrão palpitam. Port Royal fica a 20 minutos de distância. Quando chego à escola, há grupos de adolescentes e adultos do lado de fora do prédio. Todos têm olhos inchados e vermelhos, expressões transtornadas. Finalmente vejo Margaux. Seu rosto está pálido, reluzindo com lágrimas. As pessoas fazem fila para abraçá-la, para chorar com ela e, a princípio, me

pergunto por quê. Então a ficha cai. Ela era a melhor amiga de Pauline. Estudavam juntas aqui desde que mal sabiam caminhar. Duas professoras que conheço se aproximam para falar comigo. Balbucio qualquer coisa como resposta, abrindo caminho na multidão para me aproximar de minha filha. Quando chego perto dela, quando a envolvo em meus braços, ela parece uma menininha frágil. Não a abraço há tanto tempo.

— O que você quer fazer? — pergunto.

— Quero ir para casa — responde baixinho.

Presumo que, dadas as circunstâncias, as aulas foram canceladas pelo resto do dia. Já são quatro horas e está escurecendo. Ela se despede das amigas e caminhamos penosamente pelo boulevard de l'Observatoire. O trânsito é barulhento, as buzinas soam, os motores roncam, mas entre nós há apenas silêncio. O que posso lhe dizer? As palavras não vêm. Só posso apertá-la com o braço enquanto caminhamos. De repente, percebo que ela está carregada com várias bolsas diferentes. Tento pegar uma delas, para diminuir sua carga, mas ela chia de forma selvagem: "Não!" Ela me entrega outra, uma que reconheço, a Eastpak gasta e familiar. Ela segura a outra perto de si, com todas as forças. Deve ser a mochila de Pauline.

Passamos pelo hospital Saint-Vincent de Paul. Foi aqui que meus filhos nasceram. E Pauline também. Pauline nasceu aqui, há 14 anos. Foi como conhecemos Patrick e Suzanne, pois as meninas nasceram com dois dias de diferença. Astrid e Suzanne ficaram na mesma enfermaria. Quando olhei Pauline pela primeira vez, foi neste mesmo hospital, em um pequeno berço de plástico que ficava ao lado do berço da minha filha.

Pauline está morta. Não consigo aceitar. Essas palavras não fazem sentido. Quero ter certeza, quero bombardear Margaux com perguntas, mas seu rosto abatido me impede. Vamos em frente. A noite cai. Está gelado. O caminho de volta parece infinito.

Finalmente vislumbro o enorme lombo de bronze do leão de Denfert-Rochereau. Faltam só alguns minutos.

Assim que entramos no apartamento, vou fazer chá. Margaux se senta no sofá, com as mãos no rosto, a mochila de Pauline no colo. Quando chego com a bandeja, ela me olha com o rosto duro e fechado de um adulto. Coloco a bandeja na mesa de centro e sirvo na xícara para ela, ponho leite e açúcar, e a entrego. Ela toma em silêncio. Luto contra a necessidade imperativa de fumar um cigarro. Ia me fazer bem um cigarro agora, mas fumar me parece errado no momento.

— Você pode me contar o que aconteceu?

Ela dá goles lentamente. Então diz com uma voz baixa e tensa:

— Não.

Subitamente, a xícara cai no chão estrepitosamente, fazendo com que eu dê um pulo, derrubando chá com leite e formando uma mancha com formato de estrela. Margaux engasga e as lágrimas brotam. Tento abraçá-la, mas ela me afasta com fúria. Nunca a tinha visto tão zangada, suas feições estão deformadas, inchadas com raiva. Ela berra o mais alto que pode, cuspidando partículas de saliva no meu rosto.

— Por que isso aconteceu, pai? Por que Pauline? Ela só tinha 14 anos!

Não sei como acalmá-la, nenhuma palavra de consolo sai dos meus lábios. Sinto-me inútil. Não tenho a mínima ideia do que dizer. Estou desamparado, perdido. O que posso dizer para minha filha? Como posso ajudá-la? Por que não sei o que fazer? Se Astrid estivesse aqui, pensei. Ela saberia o que fazer, o que dizer, as mães sempre sabem. Os pais não sabem. Pelo menos esse aqui.

— Vamos ligar para a sua mãe — balbucio sem segurança, tentando calcular a diferença de horário para o Japão. — Por que a gente não liga para ela?

Minha filha me fita com desdém. Fica em pé me encarando, agarrada à mochila de Pauline.

— Isso é tudo que você consegue me dizer? — sussurra, ultrajada. — *Vamos ligar para a sua mãe?* É assim que você acha que vai me ajudar agora?

— Margaux, por favor... — gaguejo.

— Você é patético — ela sibila. — Esse é o pior dia da minha vida. E você não tem a mínima ideia de como me ajudar. Eu te odeio. Eu te odeio.

Ela se vira e vai para o quarto. A porta bate. As palavras dela me cortam por dentro. Elas ferem. Não me importo com a hora no Japão. Procuo e encontro um pedaço de papel que tem o telefone do hotel em Tóquio. Disco o número com dedos hesitantes. *Eu te odeio. Eu te odeio.* Essas palavras não saem da minha cabeça.

A porta da frente se abre e os meninos entram. Arno está no telefone, como sempre. Lucas começa a me dizer alguma coisa no momento em que alguém atende a ligação, no hotel em Tóquio. Ergo a mão para fazer com que se cale. Pergunto por Astrid, usando seu nome de solteira, subitamente me lembro que ela se registrou sob o nome de Serge. A recepcionista me informa, indiferente, que é quase uma hora da madrugada. Digo que é uma emergência. Os meninos me olham, surpresos. A voz sonolenta de Serge atende. Ele começa a reclamar que foi acordado, mas eu lhe dou um corte e peço para chamar Astrid. E aí vem a voz dela, fraca, alarmada.

— O que é, Antoine?

— Pauline morreu.

— O quê? — ela ofega a tantos quilômetros de distância.

Os meninos me encaram horrorizados.

— Não sei o que aconteceu. Margaux está em estado de choque. Pauline passou mal durante a aula de ginástica. Acabei de descobrir.

Silêncio. Eu a imagino sentada na cama, o cabelo desarrumado, ele a seu lado, um desses quartos de hotéis high-tech e elegantes

em um arranha-céu, o banheiro ultramoderno, a vista, a escuridão do meio da noite. O catálogo de "sushi" aberto sobre a mesa grande, com o equipamento fotográfico. Um computador aberto. Uma proteção de tela espiralada que brilha no escuro.

— Você está aí? — digo finalmente, diante do silêncio que se estende.

— Sim — ela responde afinal, calma, quase fria. — Posso falar com Margaux?

Os meninos, de boca aberta e sem jeito, dão passos para trás para me deixar passar com o telefone na mão. Bato na porta fechada do quarto da minha filha. Sem resposta.

— É a sua mãe.

Uma fresta se abre para o telefone ser retirado da minha mão. A porta bate de novo. Consigo ouvir um soluço abafado e então a voz amedrontada de Margaux. Volto para a sala de estar onde os meninos me aguardam, petrificados. Lucas ficou branco. Está tentando não chorar.

— Pai — murmura. — Por que Pauline morreu?

Antes que eu possa responder, o celular vibra. O número de Patrick aparece na tela. O pai de Pauline. Com o coração apertado, atendo a chamada. Minha boca fica seca. Conheço este homem desde o dia em que a filha dele nasceu. Nos últimos 14 anos, tivemos infindáveis conversas sobre jardins de infância, escolas, férias, viagens, professores ruins, professores bons, quem pega quem e quando, Disneylândia, festas de aniversário, festas de pijama, acampamentos de férias. Consigo apenas pronunciar seu nome enquanto pressiono o telefone contra a orelha.

— Oi, Antoine... — A voz está exausta, quase inaudível. — Escute... — Ele suspira. Fico imaginando onde ele está. Provavelmente ainda no hospital. — Preciso da sua ajuda.

— Claro, qualquer coisa...

— Acho que Margaux ficou com as coisas de Pauline. A mochila e as roupas.

— Isso. O que você quer?

— Fique com elas por enquanto. A identidade, as chaves, o telefone de Pauline... Estão aí. A carteira... Eu acho. Fique com tudo por enquanto, ok? Guarde um pouco...

A voz dele falha. Suas lágrimas fazem meus olhos umedecerem.

— Meu Deus, Patrick... — deixo escapar.

— Eu sei. Eu sei — diz ele, lutando para manter a firmeza da voz.
— Obrigado. Obrigado, amigo.

Ele desliga abruptamente.

As lágrimas jorram, lágrimas grossas. Não consigo impedi-las. É estranho, porque não há soluços nem gemidos, como no meu choro na noite do acidente. Uma torrente espessa de lágrimas simplesmente sai de mim.

Muito lentamente, pouso o telefone, desabo no sofá, com as mãos no rosto. Meus filhos ficam ali por um momento, sem saber o que fazer. Lucas vem primeiro, enfiando a cabeça sob meus braços, para se aconchegar perto de mim, as bochechas úmidas e escorregadias contra as minhas. Arno pousa a meus pés, com os braços ossudos envolvendo minhas pernas.

É a primeira vez na vida que os meninos me veem chorar. É tarde demais. Não consigo parar. Me entreguei.

Ficamos assim durante muito tempo.

Capítulo 35

A MOCHILA DE PAULINE ESTÁ na entrada. Ao lado, uma pilha de roupas cuidadosamente dobradas. Meus olhos viajam sem parar da mochila até as roupas e vice-versa. É tarde, duas ou três da manhã. A noite parece um poço sem fundo. Esvaziei todas as lágrimas. Sequei. Fumei quase meio maço. Meu rosto está inchado. Os membros estão doloridos. Mas a ideia de ir para a cama me assusta.

A luz do quarto de Margaux ainda está acesa. Encostando a orelha na porta, dá para ouvir a respiração regular. Ela apagou. Os meninos também. O apartamento está silencioso. Quase não há trânsito na rue Froidevaux. Tento não olhar para a mochila, mas ela parece estar me chamando. Depois de um tempo, desisto. Aproximo-me dela na ponta dos pés e a levanto cuidadosamente. Sento com a bolsa e as roupas no colo. Como é possível isso?, me pergunto. Pauline está morta. Mas as coisas dela estão aqui, no meu colo. Abro o zíper da mochila. Fuxico. Uma escova de cabelo. Fios louros e compridos ainda presos nela. Pauline está morta, e seus fios de cabelo ainda estão aqui, reluzindo entre meus dedos. Não consigo compreender. O telefone está no modo silencioso. Há 32 chamadas perdidas. Será que os amigos ligaram só para ouvir a voz dela? Talvez eu tivesse feito a mesma coisa se meu melhor amigo tivesse morrido. Livros escolares. Letra bonita. Era boa aluna. Melhor do que Margaux. Queria ser médica. Patrick estava orgulhoso. Catorze anos e já sabia o que queria fazer. A carteira. Uma coisa com diamantes púrpuras. Identidade. Tirada há dois anos. Na foto, a Pauline que eu conhecia. A menina magrela com quem eu brincava de esconde-esconde. Maquiagem, gloss, desodorante. Agenda. Dever de casa para as próximas duas semanas. Folheio as páginas. "Dallad no domingo." Coração cor-de-rosa. Dallad era o apelido de

Margaux. Pauline era “Pitou”. Desde que eram pequenas. As roupas. Aquelas que ela tirou para colocar o uniforme de educação física. Um suéter branco e jeans. Aproximo o suéter do meu rosto, delicadamente. Há uma mistura de cheiro de cigarro e de um perfume frutado. Pauline está morta, e seu cheiro ainda está naquele suéter.

Penso em Patrick e Suzanne. Onde estarão agora? Junto ao corpo da filha? Em casa, onde o sono não virá? Será que Pauline poderia ter sido salva? Alguém sabia que ela tinha problemas no coração? Se ela não tivesse jogado basquete, poderia estar viva? As perguntas não param de passar pela minha cabeça. Sinto um pânico terrível crescer dentro de mim. Levanto, vou até a janela e a abro, permitindo que o ar gelado invada. O cemitério se estende diante de mim, vasto e sombrio. Fico pensando em Pauline, em seu cadáver. Seu aparelho ortodôntico. O que fazer com o aparelho? Vai ser enterrada com ele? Será que um dentista vai ter de retirá-lo? Ou seria tarefa para um preparador de defuntos? Estendo a mão para pegar o telefone. Preciso falar. Preciso falar com Angèle.

Ele toca algumas vezes e ela atende. Voz sonolenta e quente.

— Olá, monsieur Parisiense. Está tão solitário assim?

Fico tão aliviado em ouvir sua voz no meio da noite, neste momento tão abominável, que quase caio em prantos. Conto a ela rapidamente o que aconteceu.

— Ui — diz ela. — Pobre da sua filha. Viu a amiga morrer. Que coisa horrível. Como ela está?

— Não muito bem — admito.

— E sua esposa não está por aí, certo?

— Certo.

Silêncio.

— Você quer que eu vá para aí?

Ela foi tão direta que me espanto.

— Você viria?

— Se você quiser.

Claro, sim, claro que sim, por favor, vem, vem, monta na Harley agora e dirige feito um morcego fugido do inferno, sim, por favor, por favor, vem, Angèle, preciso de você. Vem, vem! O que ela pensaria de mim se eu dissesse isso, se lhe implorasse para vir agora? Iria me achar um fraco? Teria pena de mim? Será que tem pena de mim?

— Eu não quero te dar trabalho. É uma viagem longa.

Ela suspira.

— Homens. Vocês não conseguem mesmo falar nada de forma direta, né? Eu vou, se você precisar. É só me avisar. Agora tchau. Acordo cedo amanhã.

Ela desliga. Sinto vontade de ligar de novo, mas não o faço. Enfio o telefone no bolso e me recosto no sofá. Finalmente cochilo. Quando acordo, os meninos estão preparando o café da manhã. Me olho no espelho. Pareço uma mistura enrugada de Mr. Magoo e Boris Yeltsin. Margaux já está no banheiro e provavelmente vai ficar lá por um bom tempo. Ouço o som do chuveiro.

Olho para o quarto dela ao passar na frente da porta. Os lençóis estão jogados. Estranho, penso, lençol novo. Nunca tinha visto esse antes. Grandes flores vermelhas. Chego mais perto. Não são grandes flores vermelhas. São manchas de sangue. Margaux ficou menstruada durante a noite. E pelo que Astrid me dissera, essa é a primeira vez.

Será que ela está bem? Está chocada? Como se sente? Será que está sentindo medo, alívio, desgosto, constrangimento, dor, tudo ao mesmo tempo? Margaux ficou menstruada. Minha menininha. Pode ter filhos. Está ovulando. Produzindo ovos. Não sei se gosto de pensar no assunto. Não sei se estou pronto para isso. Mas Astrid não está aqui e preciso cuidar de tudo. Naturalmente, sabia que minha filha ficaria menstruada um dia desses. Mas acreditava, de forma covarde e obscura, que isso pertencia à seara feminina de Astrid e

não tinha nada a ver comigo. Como os pais lidam com isso? O que devo fazer? Deixo ela saber que eu sei? Que estou orgulhoso? Que estou aqui para ajudar, se ela precisar de mim, com uma fanfarronice meio machista, à la John Wayne, porque, naturalmente, sei tudo sobre tampões (com ou sem aplicadores) e absorventes (para fluxo leve e intenso) e sobre as torturas da TPM? Sou um homem moderno, não é? Como posso falar sobre menstruação com a minha filha? Especialmente hoje, depois de tudo que aconteceu na noite passada? Parece impossível. A única coisa que passa pela minha cabeça é ligar para Mélanie. Não tenho lembranças da primeira menstruação de Mel, de quantos anos ela tinha, mas, na ausência de Astrid, ela é a única aliada feminina de que disponho.

Ouço a tranca do banheiro se abrir e saio do quarto furtivamente.

Margaux aparece, o cabelo enrolado na toalha. Círculos escuros sob os olhos. Ela resmunga “bom dia” e passa por mim. Estendo o braço e raspo no ombro dela. Ela se afasta.

— Como você está, amorzinho? — arrisco. — Como... você está se sentindo?

Ela dá de ombros. A porta fecha com estrondo. Fico pensando se ela sabe o que fazer com relação à menstruação. Absorventes, tampões. Claro que sabe, Astrid já deve ter explicado tudo para ela, as amigas também. Pauline também. Vou preparar café para mim. Os meninos estão saindo para a escola. Os dois me abraçam, desajeitados. Quando saem, a campainha toca.

É Suzanne, mãe de Pauline. Há um momento doloroso, comovente, quando nos encaramos na porta. Suas mãos encontram as minhas quando os meninos beijam seu rosto e escapam, perturbados.

Seu rosto está inchado, os olhos são pequenas fendas. Mas ela sorri corajosamente para mim. Eu a abraço. Ela cheira a hospital, a dor, a medo, a perda. Ficamos juntos, balançando lentamente. É

uma mulher pequena, a filha era muito mais alta que ela. Olha para mim. Olhos cheios de água.

— Eu bem que gostaria de tomar um café.

— Claro! Saindo.

Eu a levo até a cozinha. Ela se senta, tirando o casaco e o cachecol. Sirvo-lhe uma xícara, minhas mãos trêmulas. Sento-me diante dela.

— Pode contar comigo, Suzanne. — É tudo que consigo dizer.

Mas ela parece gostar de ouvir aquilo, apesar da fragilidade, pois balança a cabeça afirmativamente e dá um gole trêmulo no café. Ela diz:

— Fico pensando que vou acordar. Que tudo isso é só um pesadelo.

— Sim — digo suavemente.

Ela usa um cardigã verde. Blusa branca. Calça preta. Botas de cano curto. Seriam as roupas que usava ontem, quando lhe telefonaram para dizer que a filha estava morta? O que ela estaria fazendo naquela hora? Estaria no escritório? No carro? O que ela teria pensado ao ver o número da escola aparecer, que Pauline tinha matado aula ou que havia um problema com algum professor? Quero lhe dizer como me sinto péssimo desde a ligação de Margaux.

Quero expressar toda a minha simpatia, toda a minha tristeza, o quanto estou devastado, mas não consigo dizer nada. Só consigo segurar-lhe a mão e apertá-la com força. É tudo que consigo fazer.

— O enterro vai ser terça. No interior. Em Tilly. É onde meu pai está enterrado.

— Nós vamos estar lá. Claro.

— Muito obrigada — murmura. — Eu vim pegar as coisas de Pauline. A mochila, eu acho, e algumas roupas.

— Está tudo aqui.

Quando me levanto para pegar a mochila e as roupas, Margaux entra. Ela vê Suzanne e solta um gritinho agudo que me fere e se

joga nos braços de Suzanne, enterrando a cabeça em seu ombro, os soluços sacudindo seu corpo esguio. Observo enquanto Suzanne a conforta, passando a mão em seus cabelos. Margaux chora e as palavras jorram, palavras que ela não queria me dizer ontem.

— A gente estava na aula de educação física, que nem toda quinta-feira, jogando basquete. Pitou caiu encolhida no chão. Quando o professor virou ela, eu sabia. Os olhos estavam revirados, só dava pra ver o branco. O professor tentou reanimar ela, fazer tudo aquilo que a gente vê na tevê. Demorou muito. Alguém chamou a ambulância, mas quando chegaram, tudo havia acabado.

— Não teve dor — sussurra Suzanne, acariciando o cabelo molhado de Margaux. — Ela não sentiu dor, tudo acabou em segundos. Os médicos me disseram.

— Por que ela morreu? — pergunta Margaux com simplicidade, apoiando-se nos calcanhares para olhar o rosto de Suzanne.

— Eles acham que Pauline tinha um problema no coração. Um problema que ninguém sabia que existia. O irmãozinho dela vai fazer exames esta semana para ver se tem o mesmo problema.

— Eu quero ver ela — diz Margaux. — Quero me despedir.

Os olhos de Suzanne encontram os meus.

— Não tenta me impedir, pai — diz Margaux rapidamente, sem me olhar. — Eu quero ver ela.

— Eu não vou te impedir, meu amor. Eu entendo.

Suzanne termina o café.

— Claro que você pode ir vê-la. Ela ainda está no hospital. Posso te levar até lá, ou a sua mãe pode fazer isso mais tarde.

— Minha mãe está no Japão — diz Margaux.

— Seu pai pode te levar — diz Suzanne, se levantando. — Eu tenho que ir. Tenho muita coisa para fazer. Formulários. O enterro. Quero que seja um enterro lindo. — Ela faz uma pausa e morde os lábios. A boca treme. — Para a minha filha linda.

Ela se vira rapidamente, mas vejo seu rosto desmoronar. Ela recolhe a mochila, as roupas e se dirige para a saída. Quando chega à porta, ergue as costas como um soldado que se prepara para a batalha. Minha admiração por ela é imensa.

— Até mais tarde — sussurra, sem levantar os olhos, abrindo a porta da frente e segurando a maçaneta com dificuldade.

Capítulo 36

PARECE QUE ANDO PASSANDO muito tempo em necrotérios, penso com meus botões, enquanto Margaux e eu esperamos em La Pitié Salpêtrière, para ver o corpo de Pauline. Este necrotério parisiense é uma coisa tenebrosa e deprimente, se comparado ao lugar luminoso em que Angèle trabalha. Não há janelas, a pintura está descascando, o piso está arranhado e não parece ter havido nenhum esforço para alegrar a sala. Estamos sozinhos e o único som que ouvimos é de passos percorrendo o corredor, além do murmúrio de vozes baixas em algum lugar. O preparador de cadáver é um homem robusto, na casa dos 40 anos. Não diz palavras de condolências nem sequer sorri. Ele provavelmente lida com tantas mortes que se tornou indiferente. Pelo jeito, até uma menina de 14 anos morta por problemas cardíacos significa pouco para ele. Mas estou errado. Quando ele volta para nos acompanhar, abaixa-se na direção de Margaux e diz:

— Sua amiga está pronta. A senhorita vai ficar bem?

Margaux faz que sim com a cabeça, o queixo erguido.

— Não é fácil ver alguém que você ama morto. Talvez seu pai devesse lhe acompanhar.

Minha filha levanta os olhos e o observa, atenta à sua pele ruim e avermelhada.

— Ela era a minha melhor amiga e eu vi ela morrer — diz com uma voz tensa e estrangulada.

Ela vai dizer essa frase pelo resto da vida. O preparador de cadáveres assente.

— Seu pai e eu vamos ficar bem atrás da porta, se você precisar da gente, ok?

Ela se levanta, ajeitando as roupas e o cabelo. De novo, o rosto parece de alguém mais velho. Será que ela ficará bem? Será forte o bastante? Será que vai desabar? Será que isto deixará marcas eternas? Luto contra a ânsia de puxá-la pela manga.

O homem a conduz até a próxima sala, abre a porta e a deixa entrar.

Suzanne e Patrick aparecem com o filho. Nós nos abraçamos e nos beijamos em silêncio. O garotinho está pálido, cansado. Esperamos mais um pouco.

E aí escuto a voz de Margaux. Ela diz meu nome. Não “pai”, mas “Antoine”. Ela nunca me chamou assim antes. Ela repete meu nome duas vezes.

Entro na sala. Tem as mesmas proporções daquela no hospital de Angèle. Reconheço o cheiro familiar, predominante. Permito que meus olhos se desviem para o corpo estendido diante de nós. Pauline parece muito jovem. Me aproximo. Tão jovem, tão frágil. O corpo atraente parece ter encolhido. Ela usa uma blusa cor-de-rosa e jeans. Tênis Converse. As mãos estão cruzadas sobre o estômago. Olho finalmente o seu rosto. Nenhuma maquiagem. Pele branca e pura. Os cabelos louros estão penteados para trás com simplicidade. A boca fechada tem um aspecto natural. Angèle teria aprovado.

Margaux está inquieta perto de mim. Ponho a mão na parte de trás da sua cabeça, como costumava fazer quando ela era pequena. Ela não me afasta da forma que tem feito ultimamente.

— Isso é uma coisa que eu não consigo entender — diz ela.

Ela sai da sala. Fico diante do corpo de Pauline, sozinho. Astrid não vai ver isso. Ainda está em Tóquio, vai pegar o avião para estar no enterro, na terça. Serge e ela não conseguiram mudar as reservas no último minuto. Ela provavelmente viu Pauline pela última vez em Malakoff, uma semana atrás ou coisa parecida. Quando Astrid aterrissar, Pauline vai estar no caixão, pronta para o enterro. Ela nunca vai ver Pauline morta. Não sei se isso vai ser melhor ou

pior para ela. Nunca enfrentei este tipo de situação com minha ex-mulher.

Aqui nesta sala, penso em meu pai. Como Pauline, minha mãe morreu de um minuto para o outro. Será que meu pai ficou assim no necrotério do hospital, contemplando o corpo da esposa, tentando lidar com a situação? Onde ele estava quando soube da morte dela? Quem ligou para ele? Não havia celulares em 1974. Ele provavelmente estava no escritório, que na época ficava perto do Champs-Élysées.

Fito o rosto morto diante de mim. Tão jovem. Tão viçoso. Catorze anos. Pouso minha mão sobre sua cabeça, suavemente. Se comparada à cabeça de Margaux, ao calor vivente de Margaux, Pauline está completamente gelada. Nunca toquei em um morto em toda a minha vida. Deixo a mão ali. Adeus, Pauline. Adeus, pequena.

O horror que senti na noite passada enquanto segurava a mochila de Pauline toma conta de mim. O rosto pálido de Pauline subitamente parece se transformar no de Margaux. Estremeço. A morta poderia ser a minha filha. Eu poderia estar olhando o corpo da minha filha. Tocando seu cadáver. Tento parar de tremer. Queria que Angèle estivesse ao meu lado. Penso no conforto que ela poderia me dar, em seu bom-senso, seu conhecimento íntimo da morte. Tento imaginar que foi Angèle quem cuidou do corpo de Pauline, com a atenção e o respeito que sei que ela dedica aos "pacientes".

Uma mão sobre meu ombro. Patrick. Ele não diz nada. Nós dois ficamos ali e olhamos Pauline. Ele pode sentir que estou tremendo. Segura meu ombro com força, em silêncio. Continuo trêmulo e penso em tudo que poderia vir a acontecer com Pauline. Tudo que estava guardado para ela e que ela jamais saberá, que nós jamais saberemos. Os estudos. Viagens. Namorados. Independência. Trabalho. Amor. Maternidade. Meia-idade. Envelhecimento. Sua vida inteira. O que estava adiante e o que não mais existe.

O medo dentro de mim diminui e a raiva entra em cena. Catorze anos. Pelo amor de Deus, 14 anos. Por que essas coisas acontecem? E quando acontecem, como você se recompõe e leva a vida adiante? Onde encontra coragem, forças? Será que a resposta está na religião? É isso que dá conforto para Patrick e Suzanne? É o que os está ajudando agora?

— Suzanne vestiu ela. Sozinha. Não queria que outra pessoa o fizesse — diz Patrick. — Escolhemos as roupas juntos. Seus jeans favoritos, sua blusa favorita.

Ele estende o braço e acaricia suavemente o rosto frio da filha. Olho para a blusa rosa. A imagem dos dedos de Suzanne fechando cuidadosamente a longa sequência de botões e esbarrando com a pele sem vida de Pauline vem à minha mente com todo o seu horror.

Capítulo 37

MARGAUX PRECISA FICAR COM Suzanne e Patrick. Acho que é a sua forma de estar perto de Pauline. Enquanto deixo La Pitié, verifico o telefone. Há uma mensagem de voz da minha irmã. *Liga para mim, urgente.* Acho a voz de Mélanie estranhamente baixa, mas estou tão transtornado pelo que acabei de ver, o corpo de Pauline, que não menciono nada quando ligo para ela. Falo apressadamente da morte de Pauline, de Margaux, de como tudo foi horrível. A ausência de Astrid. A menstruação de Margaux. O corpo de Pauline. Patrick e Suzanne. Suzanne vestindo Pauline.

— Antoine — diz Mélanie incisivamente, me interrompendo. — Escuta.

— O quê? — exclamo, quase com impaciência.

— Preciso conversar com você. Você precisa vir agora.

— Não posso. Estou a caminho do escritório.

— Você precisa vir.

— Por quê? O que aconteceu?

Breve silêncio.

— Porque eu me lembrei. Lembrei por que o acidente aconteceu.

Uma apreensão bizarra trespassa meu coração. Estive esperando por este momento pelos últimos três meses e agora que chegou, que finalmente chegou, não sei se posso enfrentá-lo. Não sei se sou forte o bastante. A morte de Pauline me exauriu.

— Está certo — digo fracamente. — Vou já para aí.

A viagem do hospital La Pitié até a Bastilha é lenta, mesmo sem estar distante da casa de Mel. O trânsito avança com dificuldade. Tento permanecer calmo atrás do volante. Passo horas procurando vaga na movimentada rue de La Roquette. Mélanie está me esperando com o gato nos braços.

— Sinto muito por Pauline — ela diz, me beijando. — Deve ter sido horrível para Margaux... Não podia haver hora pior... É só que... Tudo voltou. Hoje de manhã. E eu tinha que te contar.

O gato pula para o chão e vem se esfregar contra minhas pernas.

— Não sei como dizer — fala com simplicidade. — Acho que vai ser um choque para você.

— Tente.

Sentamos face a face. Seus dedos delicados brincam com as pulseiras em seu pulso. Batidinhas que me deixam nervoso.

— Durante a nossa última noite no hotel, eu acordei. Estava com sede. Não consegui voltar a dormir. Tentei ler, tomei um copo d'água, mas nada funcionou. Então saí do quarto e fui para baixo. O hotel estava totalmente silencioso, não havia ninguém acordado. Passei pela recepção, pela sala de jantar e finalmente voltei para cima. Foi quando aconteceu.

Ela faz uma pausa.

— O que aconteceu?

— Você se lembra do quarto número 9?

— Sim — digo. — O quarto de Clarisse.

— Eu passei por aquele quarto enquanto subia. Então, subitamente, tive um flashback. Foi tão forte que precisei me sentar na escada.

— O que você viu? — sussurro.

— O nosso último verão. 1973. Eu estava assustada, tinha havido uma tempestade. Era meu aniversário, você lembra?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu não conseguia dormir naquela noite. Me esgueirei para baixo, para o quarto da nossa mãe.

Ela faz outra pausa. O gato ronrona contra mim.

— A porta não estava trancada e eu a abri bem suavemente. As cortinas estavam afastadas e o luar iluminava o quarto. Então eu vi que havia alguém na cama com ela.

— Nosso pai? — pergunto, surpreso.

Ela balança a cabeça.

— Não. Eu me aproximei. Não conseguia entender, eu tinha só 6 anos, lembra? Eu distinguia o cabelo negro de Clarisse. E ela estava com alguém nos braços. Não era nosso pai.

— Quem era? — balbucio.

Nossa mãe, com um amante... Nossa mãe, com outro homem. Com meus avós, e nós, seus filhos, dormindo a apenas alguns quartos de distância. Nossa mãe. O maiô cor de laranja felpudo. Brincando conosco na praia. À noite, nossa mãe com outro homem.

— Não sei quem era.

— Como ele era? — pergunto acaloradamente. — Você já tinha visto ele antes? Era um hóspede do hotel? Você lembrava dele?

Mélanie morde o lábio e desvia o olhar. Então diz suavemente:

— Era uma mulher, Antoine.

— Como assim?

— A nossa mãe tinha uma mulher nos braços.

— Uma mulher? — repito atônito.

O gato salta de volta aos seus joelhos e ela o abraça com força.

— Sim, Antoine, uma mulher.

— Você tem certeza?

— Sim. Eu fui para perto da cama. Elas estavam dormindo. Tinham afastado os lençóis e estavam nuas. Lembro de pensar que as duas eram bonitas, muito femininas. A mulher estava bronzeada, era magra, tinha cabelos longos. Não consigo dizer a cor por causa do luar. Parecia um louro prateado. Eu fiquei ali, olhando as duas por um tempo.

— Você acha mesmo que elas eram amantes?

Ela sorri ironicamente.

— Bem, aos 6 anos eu não tinha ideia, óbvio. Mas o que eu lembro claramente é isso: a mão da mulher estava envolvendo um dos seios de Clarisse. Era um gesto sexual, possessivo.

Levanto, caminho pela sala e me posto na janela que contempla a barulhenta rue de la Roquette. Descubro que não consigo falar por um ou dois minutos.

— Você ficou chocada? — pergunta ela.

— De certa forma, sim.

Mais barulhinhos das pulseiras.

— Eu tentei te contar. Não conseguia achar o momento certo, o lugar certo. Eu percebia que você sabia que alguma coisa estava errada. Então senti que não conseguia mais segurar, por isso resolvi falar no caminho de volta.

— E você falou com alguém sobre isso no dia seguinte, depois que aconteceu?

— Tentei falar para você alguma coisa, na manhã seguinte, enquanto estávamos brincando na praia com Solange. Mas você não me deu atenção. Me deu um fora. Nunca falei sobre isso com ninguém, simplesmente fui esquecendo pouco a pouco. Esqueci por completo. Nunca mais pensei no assunto, até aquela noite no hotel, 34 anos depois.

— Você voltou a ver essa mulher? Tem ideia de quem ela era?

— Não, não lembro de tê-la visto de novo. Não tenho a menor ideia de quem era.

Volto para a cadeira diante de Mélanie.

— Você acha que nossa mãe era lésbica? — pergunto em voz baixa.

— Andei me fazendo a mesma pergunta — responde com certa tranquilidade.

— Você acha que se tratava de um caso isolado ou pensa que ela talvez andasse tendo casos com mulheres há algum tempo?

— Não parei de pensar sobre tudo isso. Mesmas perguntas e nenhuma resposta.

— Você acha que o papai sabia? E nossos avós?

Ela se levanta, vai para a cozinha, ferve água e coloca saquinhos de chá em canecas. Estou atordoado, como se tivesse levado um soco forte na cabeça.

— Você lembra daquela briga que testemunhou, entre Clarisse e Blanche? Você me falou sobre ela na praia.

— Sim — digo. — Você acha que poderia ser por causa disso? Mélanie dá de ombros.

— Talvez. Não acho que nossos avós burgueses e respeitáveis fossem tão abertos em relação ao homossexualismo. E isso foi em 1973.

Ela me entrega uma caneca de chá e se senta.

— E o papai? O que ele sabe?

— Talvez todos na família Rey soubessem. Talvez fosse um escândalo. Mas não se falava do assunto. Ninguém falava.

— Então Clarisse morreu...

— Sim — diz ela. — Então mamãe morreu. E ninguém voltou a falar do assunto.

Ficamos silenciosos por um tempo, olhando um para o outro, bebericando chá.

— Você sabe o que me incomoda mais nessa história? — diz ela finalmente. — E eu sei que foi por isso que o acidente aconteceu. Só de falar no assunto começo a sentir uma dor aqui. — Ela pousa a mão aberta sobre a clavícula.

— O que te incomoda?

— Antes de te falar, *você* podia me dizer o que te incomoda.

Respiro profundamente.

— Sinto como se não tivesse a mínima ideia sobre quem era minha mãe.

— Sim! — exclama ela, sorrindo pela primeira vez, embora não seja seu sorriso habitual, relaxado. — É isso mesmo.

— E não tenho a mínima ideia de como descobrir quem ela era.

— Eu tenho — diz ela.

— Como?

— A primeira pergunta é: você quer mesmo saber, Antoine? Você quer mesmo descobrir?

— Claro que sim! Por que você está fazendo esta pergunta?

O sorriso maroto apareceu novamente no seu rosto.

— Porque às vezes é mais simples não saber. Às vezes, a verdade dói.

Lembrei do dia em que descobri o vídeo em que Serge e Astrid faziam sexo, na câmara de Astrid. O choque. A dor fulminante.

— Eu sei o que você quer dizer — disse, lentamente. — Sei bem de que dor você está falando.

— Você está preparado para encarar aquela dor mais uma vez, Antoine?

— Não sei — respondo honestamente.

— Eu estou — diz ela com firmeza. — E vou encarar. Não posso fingir que nada aconteceu. Não quero fechar os olhos. Quero saber quem nossa mãe era, de verdade.

As mulheres são tão mais fortes do que nós, os homens, penso eu, ao ouvi-la. No entanto, não há nada de fisicamente forte nela. De fato, parece mais frágil do que nunca nos jeans justos, suéter bege, mas tanta força emana dela, tanta determinação. Mélanie não está com medo. Eu estou. Ela pega minha mão em um gesto quase maternal, como se soubesse exatamente o que se passa pela minha cabeça.

— Não deixe isso te abalar, Tonio. Vá para casa e cuide da sua filha. Ela precisa de você. Quando estiver pronto, podemos voltar a falar no assunto. Não há pressa.

Faço que sim com a cabeça, me levanto, sentindo-me um pouco tonto. Há um nó na minha garganta. A ideia de enfrentar o escritório, Florence, o trabalho que me espera, parece impossível. Beijo minha irmã, dirijo-me à porta e então, quando estou a ponto de sair, viro e digo:

— Você disse que sabe onde descobrir.

— Sim.

— Onde?

— Blanche.

Nossa avó. Ela está certa, naturalmente. Blanche deve ter as respostas. Algumas respostas. Mas será que vai querer nos fornecer tais respostas? Isso é outro problema.

Capítulo 38

EM VEZ DE IR para o escritório, dirijo direto para casa. No caminho, deixo um recado para Florence, explicando sucintamente que hoje não vou para lá. Faço uma xícara de café, acendo um cigarro e sento à mesa da cozinha. O nó na garganta continua lá. Tenho dores nas costas. Percebo como estou exausto.

O rosto sem vida de Pauline fica voltando à minha mente. E a visão do que Mélanie revelou. O quarto iluminado pelo luar que eu não vi, mas posso muito bem imaginar. Nossa mãe, sua amante. Uma mulher. Estou atônito porque mamãe era infiel, ou ainda mais chocado por ela ser bissexual? Não sei o que me incomoda mais. E como Mélanie se sente em relação a isso, como mulher? Será que estou menos abalado porque imaginar uma mãe lésbica é um golpe menos duro para um homem do que ter um pai gay? Um psiquiatra ia fazer a festa com tudo isso.

Penso nos meus amigos gays, homens e mulheres. Mathilde, Milèna, David, Matthew, e o que me contaram sobre o momento em que decidiram assumir e a reação dos pais. Alguns entenderam e aceitaram, outros passaram por um processo de completa negação. Mas o que você faz, penso eu, quando descobre mais tarde na vida que um de seus pais é gay? Não importa o quanto você tenha a mente aberta, o quão tolerante você seja, aquilo cai subitamente como um raio. Especialmente se o pai ou a mãe está morto e não pode mais responder a suas perguntas.

A porta da frente bate e Arno entra a toda, seguido por uma garota mal-humorada de batom preto. Não consigo dizer se é aquela que vem sempre ou se é outra. Todas se parecem, enfeites góticos, pulseiras metálicas, roupas negras compridas. Ele acena e sorri. Ela mal me cumprimenta, olha para o chão. Vão direto para o quarto

dele. A música é ligada a todo volume. Alguns minutos depois, a porta bate de novo e Lucas aparece. Seu rosto se ilumina quando me vê. Vem correndo para os meus braços, quase derrubando o café. Digo a ele que preciso de uma folga hoje e não vou para o escritório. Esse menino é coisa séria. Ele se parece tanto com Astrid que às vezes dói só de olhá-lo. Quer saber quando a mãe vai voltar. Eu lhe digo que terça, para o enterro. De repente questiono se é boa ideia levá-lo ao enterro. Será que não é jovem demais? Deveria ir? Tem só 11 anos. O enterro de Pauline assusta até a mim. Pergunto, delicadamente, o que pensa do assunto. Ele morde o lábio. Diz que se nós dois estivermos lá, Astrid e eu, talvez ele queira ir também. Eu digo que vou precisar conversar com a mãe dele. A mãozinha dele segura a minha. O lábio inferior estremece. É a primeira vez que ele é confrontado com a morte. Alguém que conhecia bem, alguém com quem ele cresceu, pois Pauline passou incontáveis férias de verão e inverno conosco. Alguém que era só três anos mais velha do que ele.

Tento reconfortar meu filho. Será que sei fazer isso? Quando tinha a idade dele, minha mãe havia morrido e ninguém havia me consolado. Seria por isso que sou tão incompetente em me aproximar dos outros, em oferecer carinho e apoio? Não somos eternamente formados pela infância, suas cicatrizes, segredos, sua dor oculta?

Quando o sábado chega, Margaux continua com Patrick e Suzanne. Parece que ela precisa estar com eles e eles precisam estar com ela. Se Astrid estivesse por aqui, será que nossa filha teria permanecido em casa? Será que ela não está aqui porque sente que não consigo consolá-la, que não posso ajudá-la? Detesto fazer tais perguntas a mim mesmo, mas sinto que preciso fazê-las. Eu as evitei por tempo demais.

Arno sai, como sempre, resmungando algo sobre uma festa à noite e que deverá voltar tarde. Quando menciono as notas ruins, o

próximo boletim e digo que talvez ele devesse estar estudando em vez de fazer farra, ele me lança um olhar contundente, revira os olhos e bate a porta. Sinto na mesma hora ganas de agarrá-lo pelos pelinhos do pescoço e chutar seu traseiro ossudo escada abaixo. Nunca bati em meus filhos. Nunca bati em ninguém na vida. Será que isso me torna uma pessoa boa, uma pessoa melhor?, me pergunto.

Lucas está quieto e isso me preocupa. Preparo sua refeição preferida, bife, batata frita e ketchup, com sorvete de chocolate na sobremesa. Dou até permissão para tomar Coca-Cola. Faço com que prometa não dizer nada para a mãe. Como zelosa partidária da alimentação saudável, ela ficaria horrorizada. Afinal, e pela primeira vez naquela noite, ele sorri. Gosta da ideia de dividir um segredo comigo. Observo enquanto devora o jantar. Não ficamos sozinhos assim há muito tempo. Lidar com Margaux e Arno é uma batalha constante, uma luta infundável. Momentos simples e descontraídos como esses são pedras preciosas que quero reunir e recordar.

Como a noite passada foi difícil, decido ir cedo para a cama. Lucas também parece cansado e, ao menos dessa vez, não reclama quando sugiro que ele vá dormir. Ele pergunta se posso deixar a porta do quarto dele aberta e uma luz acesa no corredor. Ele não pede isso há anos. Eu concordo. Mergulho na cama rezando para não ser atormentado pelas imagens da noite passada. O rosto de Pauline morta. Suzanne vestindo o corpo da filha. Minha mãe no quarto iluminado pelo luar com uma desconhecida nos braços. Para minha surpresa, o sono vem rapidamente.

O telefone me desperta, um toque estridente no silêncio da noite. Luto para encontrar a luz e atender. Ao lado da cama, o despertador indica 2h47.

Uma voz de homem, seca.

— O senhor é o pai de Arno Rey?

Sento na cama com a boca ressecada.

— Sim.

— Comissário Bruno, do departamento de polícia, 10^o *arrondissement*. O senhor precisa vir até aqui, seu filho está encarcerado. Como menor de idade, ele não pode ser liberado sem sua autorização.

— O que aconteceu? — pergunto, sem fôlego. — Ele está bem?

— Ele está numa cela, se recuperando de uma bebedeira. Sim, ele está bem agora, mas o senhor precisa vir imediatamente.

Ele me dá o endereço, rue Louis-Blanc, 26, e desliga. Cambaleio ao levantar. Me visto mecanicamente, como um robô. Recuperando-se de uma bebedeira em uma cela. Ele está bêbado? É onde põem os bêbados? Seu filho está encarcerado... Mas como assim encarcerado? Devo ligar para Astrid em Tóquio, mais uma vez? Para quê? Não há nada que ela possa fazer de onde está. *Pois é, diz mais uma vez aquela voz interior, aquela vozinha que eu detesto, você é quem tem que resolver, companheiro, você é quem está na linha de frente, é quem tem que ir lá fora enfrentar o furacão, quem precisa enfrentar o inimigo. É sua tarefa, companheiro. Você é o papai. Você é o pai. Resolva tudo, cara.*

Lucas! Não posso deixá-lo sozinho, não é? E se ele acordar no meio da noite e descobrir a casa vazia? Terei de levá-lo comigo. *Não, diz a voz interior, você não pode levá-lo. E se Arno estiver em péssimo estado? Imagine o dano. Ele já está transtornado pela morte de Pauline. Você não pode fazer uma coisa dessas. Você não pode levar um menino frágil, de 11 anos, para a delegacia, no meio da noite, porque o irmão dele tomou um porre. Pense de novo, pai.*

Pego o telefone e ligo para Mélanie. A voz dela é tão surpreendentemente nítida que chego a questionar por um segundo se ela estava dormindo. Explico rapidamente o que está acontecendo com Arno. Se eu deixar a chave sob o tapete da porta de entrada, será que ela poderia vir e passar o resto da noite no apartamento? Não posso deixar Lucas sozinho e não há mais ninguém a quem eu

possa recorrer. Ela diz que vem, é claro, está a caminho. Vai pegar um táxi. Sua voz é calma e reconfortante.

A delegacia de polícia fica mais ou menos ali por trás da Gare de l'Est, perto do Canal Saint-Martin. Paris nunca fica vazia numa noite de sábado. Há multidões passeando pela Place de la République e o boulevard Magenta, apesar do frio. Demoro um pouco para chegar lá e estacionar. Digo para o policial na entrada que sou o pai de Arno Rey. Ele assente e me deixa entrar. O lugar é decadente e desanimador como o necrotério do hospital. Um homem pequeno e magro de olhos cinza-claros se aproxima de mim e se apresenta. Comissário Bruno.

— O senhor pode me explicar o que aconteceu? — pergunto.

— Seu filho foi preso junto com outros adolescentes.

— Por quê?

Seu jeito impassível me irrita. Ele parece gostar de fazer as coisas a seu tempo, observando todos os músculos do meu rosto.

— Eles saquearam um apartamento.

— Não estou entendendo.

— Seu filho entrou de penetra em uma festa, hoje à noite. Com alguns amigos. A festa era de uma menina chamada Émilie Jousselin. Ela mora na rue du Faubourg-Saint-Martin, ali na esquina. Seu filho não foi convidado. Assim que ele e os amigos chegaram lá, chamaram mais amigos. Coisa fácil com os telefones celulares. Assim, um bando de amigos apareceu. Amigos dos amigos. E assim por diante. Umas cem pessoas, no mínimo. E todo mundo ficou bêbado. Todos levaram bebidas alcoólicas.

— O que eles fizeram? — pergunto, tentando manter a firmeza na voz.

— O lugar foi arrasado. Alguém pixou as paredes com tinta spray, quebraram porcelana, destruíram as roupas dos pais. Coisas assim.

Engulo em seco.

— Eu sei que é um choque, meu senhor. Acredite ou não, isso acontece com frequência. Temos que lidar com coisas desse tipo pelo menos uma vez por mês. Nos dias de hoje, os pais viajam no fim de semana e não sabem que os filhos planejam fazer uma festa. Essa menina não havia dito nada aos pais. Tem 15 anos. Só disse que ia chamar algumas amigas para ir à casa dela.

— Ela estuda na escola do meu filho?

— Não. Mas falou da festa na página dela no Facebook. Foi assim que começou.

— Como você sabe que meu filho fez parte disso?

— Fomos chamados pelos vizinhos que perceberam que a festa estava ficando fora de controle. Quando os meus homens chegaram, prenderam todos os jovens que puderam. Muitos escaparam. Mas seu filho estava muito bêbado. Mal podia se mover.

Olho em volta em busca de uma cadeira para me sentar. Não há cadeiras. Olho para meus sapatos. Calçados comuns de couro. Meus sapatos de todos os dias. Meus pés calçam sapatos de todos os dias, mas hoje me levaram ao necrotério do hospital para ver o cadáver de Pauline. Depois, foram ao apartamento de Mélanie para ouvir a verdade sobre o que causara o acidente. E agora estamos aqui, no meio da noite, na delegacia de polícia, a ponto de encontrar meu filho bêbado.

— O senhor aceita um copo de água? — pergunta o comissário Bruno.

Quer dizer que ele é um ser humano, afinal de contas. Aceito e observo sua figura mirrada se afastar. Ele volta quase que imediatamente e me entrega um copo.

— Seu filho está vindo — diz ele.

Alguns minutos depois, dois policiais aparecem, amparando Arno, que arrasta os pés com o passo inseguro de um bêbado. O rosto está pálido, os olhos vermelhos. Não me olha. Sinto a vergonha e a

raiva me atravessarem. Como Astrid reagiria? O que diria para ele neste momento? Daria uma bronca? Tentaria consolá-lo? Sacudiria?

Assino alguns papéis. Arno mal consegue ficar de pé. Ele fede a álcool, mas percebo que está sóbrio o bastante para entender o que está acontecendo. O comissário Bruno me diz que vou provavelmente precisar de um advogado, para o caso de os pais da menina entrarem com uma queixa, o que provavelmente vai acontecer. Deixamos a delegacia. Não quero ajudar meu filho. Deixo que cambaleie atrás de mim até o carro. Não lhe disse uma só palavra. Não quero tocá-lo. Ele me repugna. Pela primeira vez na vida, sinto aversão pelo meu próprio filho. Observo enquanto ele entra no carro com dificuldade. Por uma fração de segundo, parece tão jovem, tão frágil, que experimento um sentimento passageiro de pena. Mas a repulsa logo retorna. Ele luta com o cinto de segurança, não consegue prendê-lo. Não me movo. Espero até que ele consiga. Está respirando ruidosamente pela boca, do jeito que fazia quando era criança. Quando era um menino bom. O menininho que eu botava nos ombros, que me admirava do jeito que Lucas ainda admira. Não o adolescente pernóstico, magricela, com aquele olhar gelado de desprezo. É tão irônico o que os hormônios podem fazer, como transformam nossos filhos de um dia para o outro em criaturas que não conseguimos mais reconhecer.

São quase quatro da manhã, agora as ruas estão vazias, as luzes de Natal brilham alegremente na escuridão fria e ninguém as vê. Ainda não disse nada para meu filho. O que meu pai teria feito nesta situação? Não consigo deixar de sorrir ironicamente. Teria me dado uma surra? Ele me batia, eu lembro. Doloridos tapas na cara. Não aconteceu com muita frequência. Eu era um adolescente contido, não era do tipo desafiador, rude, como o que está sentado a meu lado.

O silêncio cresce entre nós. Será que ele se incomoda? Tem uma ideia do que aconteceu esta noite? Está com medo de mim? Do que

lhe direi? Do sermão inevitável? Das consequências? Nada de mesada, nada de saídas, notas melhores, melhor comportamento, escrever para os pais para pedir desculpas...

Tombado na porta do carro, ele parece estar adormecido. Quando chegamos na rue Froidevaux, dou-lhe um cutucão na costela que faz com que acorde sobressaltado. Ele caminha hesitante, vacilante, escada acima. Não espero por ele. As chaves estão sob o tapete e abro a porta. Vejo Mélanie encolhida no sofá, lendo. Ela se levanta, me abraça e nós dois observamos a entrada de Arno, oscilante, sem firmeza. Ele percebe a presença da tia e abre um sorriso meio torto. Mas ninguém lhe devolve o sorriso.

— Ah, gente, pô, me dá um tempo! — resmunga.

Levo a mão para trás e dou-lhe um tapa na cara com toda a força. Acontece depressa, mas estranhamente posso ver o meu gesto em câmera lenta. Arno perde o fôlego. O desenho dos meus dedos está marcado na bochecha dele, em vermelho vivo. E ainda não pronunciei uma palavra sequer.

Ele me encara, ultrajado. Eu o encaro de volta. *Sim, diz a vizinha, está certo. Você é o pai. Você é o pai e está estabelecendo a lei, a sua lei, quer esse babaquinha do seu filho goste, quer não.*

Meus olhos perfuram os dele. Nunca olhei para o meu filho desse jeito. Ele finalmente baixa o olhar.

— Vamos lá, rapaz — diz Mélanie energicamente, agarrando seu braço. — Você vai direto para o chuveiro e dali para a cama.

Ela o tira da entrada e o afasta de mim. Meu coração bate dolorosamente. Estou sem fôlego, apesar de mal ter me movido. Eu me sento lentamente. Escuto o som do chuveiro. Mélanie volta. Ela se senta ao meu lado e pousa a cabeça no meu ombro.

— Acho que nunca te vi tão zangado — sussurra. — Você foi intimidante.

— Como está Lucas?

— Na terra dos sonhos.

— Muito obrigado — murmuro.

Sentamo-nos juntos. O cheiro dela, tão familiar, de irmã. Lavanda e especiarias.

— Astrid perdeu tanta coisa — ela aponta. — A morte de Pauline. Arno, hoje. Nossa mãe.

Estranhamente, não é Astrid que vem à minha cabeça neste momento. É Angèle. É a presença dela que anseio, seu corpo morno e ágil, sua risada sarcástica e seu carinho surpreendente.

— Quando você bateu no Arno, pareceu tanto com o nosso pai — diz Mélanie, suavemente. — Do jeito que ele ficava zangado conosco.

— Foi a primeira vez que bati no Arno.

— Você ficou mal com isso?

Suspiro.

— Não sei. Tudo o que sinto é raiva. Você está certa. Nunca senti tanta raiva.

Não admito para Mélanie que estou zangado comigo mesmo porque acho que o comportamento de Arno, de alguma maneira, é culpa minha. Por que tenho sido um pai tão fraco, tão transparente? Por que nunca bati o pé, nunca deixei as regras claras, do jeito que meu pai fazia? Por que, quando Astrid me deixou, a coisa que me assustava era achar que, se fosse autoritário com os filhos, eles me amariam menos?

— Para de pensar, Tonio — ouço a voz reconfortante de Mélanie.

— Vai para a cama. Descansa um pouco.

Nem sei se ainda estou com sono. Mélanie vai para o quarto de Margaux. Fico de pé um pouco mais, olhando para as imagens em preto e branco do antigo álbum com fotos de Noirmoutier. Vejo as fotos de minha mãe e o que enxergo é uma desconhecida. Durmo um sono leve e intranquilo.

Na manhã de domingo, Lucas e Mélanie saem para o brunch na rue Daguerre. Tomo uma chuvaçada e me barbeio. Quando Arno

finalmente sai do quarto, ainda não tenho nada para lhe dizer. Ele parece desconcertado pelo meu silêncio. Debruçado sobre o *Journal du Dimanche*, com uma xícara de café, nem levanto a cabeça enquanto ele se arrasta ruidosamente pela cozinha. Não preciso olhar para saber que ele veste as calças do pijama azul-marinho, amarrotadas e sujas, e que está sem camisa. Costas magras, costelas aparentes. Muitas espinhas avermelhadas entre as omoplatas. Cabelos longos e engordurados.

— Qual o problema? — ele finalmente resmunga enquanto mastiga *corn flakes* com estardalhaço.

Permaneço absorto na minha leitura.

— Você podia pelo menos, sabe?, falar comigo — gane.

Levanto, dobro o jornal e saio da cozinha. Preciso me afastar fisicamente dele. Sinto a mesma repugnância que senti no carro, na noite passada. Nunca pensei que tal coisa fosse possível. Você sempre ouve falar que os filhos ficam horrorizados com os pais, nunca o contrário. Será que é um tabu, algo de que ninguém fala? Será que sou o único pai que se sente assim? Astrid seria capaz de se sentir assim? Não, não seria. Ela deu à luz essas crianças. Ela as carregou.

A campainha toca. Olho o relógio. É quase meio-dia. Muito cedo para Mel e Lucas estarem de volta. Acabaram de sair. Deve ser Margaux, que esqueceu as chaves. Me sinto nervoso por ter de me confrontar com minha filha. Não sei como exprimir meu carinho por ela, toda a minha preocupação com esse momento frágil e difícil de sua vida. Abro a porta quase temeroso.

Mas não é Margaux a figura esguia que me aguarda na porta. É uma mulher alta vestida com uma jaqueta Perfecto, calças jeans pretas, botas pretas e que segura um capacete contra o quadril. Rapidamente, eu a puxo para meus braços e a aperto com força contra mim. Ela cheira a couro e almíscar, uma combinação quase inebriante. Escuto o assoalho de madeira ranger com os passos de

Arno atrás de mim, mas não ligo. Ele nunca me viu com outra mulher além da mãe dele.

— Achei que você poderia estar precisando de um tratamentozinho sexual — ela murmura na minha orelha.

Eu a trago para o calor do apartamento. Arno fica ali sem graça. O adolescente impertinente desapareceu. Ele não consegue tirar os olhos da jaqueta Perfecto.

— Oi. Sou Angèle, a fã número um do seu pai — diz ela lentamente, examinando-o da cabeça aos pés. Ela estende a mão e exhibe os dentes brancos e perfeitos em um sorriso maroto. — Acho que nos conhecemos no hospital, neste verão.

O rosto de Arno exhibe uma mistura perfeita de surpresa, choque, desconforto e prazer. Ele sacode a mão de Angèle e sai correndo como um coelhinho assustado.

— Você está bem? — pergunta ela. — Está com uma cara...

— Péssima — faço uma careta.

— Já vi você mais animado.

— As últimas 48 horas foram...

— Interessantes?

Eu a abraço de novo, acariciando o alto de sua cabeça reluzente.

— Devastadoras. Essa seria a palavra mais precisa. Nem sei por onde começar.

— Não comece — diz ela. — Onde fica o seu quarto?

— O quê?

O sorriso lento e guloso.

— Você ouviu. Seu quarto?

Capítulo 39

DEITADO NA CAMA, o perfume dela ainda na minha pele, ouço o rugido abafado da Harley romper o silêncio da noite de domingo. Ela partiu. Ficou o dia inteiro. Mas sei que vai voltar e esse simples pensamento me tranquiliza. Angèle parece injetar em mim uma nova vitalidade, da mesma forma que o fluido que injeta em seus “pacientes” restaura as cores da vida. Não estou falando só do sexo, que naturalmente é uma parte importante e excitante de nosso caso. Estou falando também da forma natural, realista com que ela lida com as questões mais cruciais da minha vida. Examinamos todas, uma a uma, na minha cama, enquanto nos abraçávamos.

Margaux. Ela já tinha se consultado com um terapeuta especializado em luto? Alguém com quem pudesse conversar sobre o fato de ter visto a melhor amiga morrer diante de seus olhos? Era absolutamente necessário. Fiz uma anotação mental. Angèle prosseguiu falando sobre a forma como os adolescentes lidam com a morte, como alguns ficam perdidos, transtornados ou em choque, e outros, como ela há tantos anos, se transformam instantaneamente em adultos, mas ganham uma certa dureza que nunca desaparece.

Arno. Esbofeteá-lo provavelmente fez com que eu me sentisse melhor, mas não ia ajudar nossa comunicação. Em algum momento, disse ela, eu teria de me sentar para conversar com ele, realmente conversar com ele. Sim, ele precisava de limites. Sim, eu tinha razão em bater o pé, mas teria de fazer valer esta inflexibilidade. Sorri quando ela disse aquilo e acariciei os contornos macios de seus quadris desnudos. O que sabia ela sobre adolescentes, eu murmurara, será que ela tinha um deles escondido em algum lugar, algum que ela tivesse esquecido de me mencionar? Ela se voltou

para me olhar com fúria na penumbra. O que sabia eu da vida dela, além do trabalho? Pouca coisa, admiti. Bem, ela tinha uma irmã um pouco mais velha, divorciada, que morava em Nantes. Nadège tinha três adolescentes rebeldes. 18, 16 e 14 anos. O pai tinha se casado de novo, não tinha mais interesse nem sentia necessidade de ajudar na educação deles. Angèle era a única que ajudava. Ela os mantinha em rédeas curtas, mas era honesta e justa com eles. Todas as semanas, ela passava uma noite em Nantes, na casa da irmã. Era fácil, pois o hospital de Le Loroux Bottereau ficava a 20 quilômetros de distância. Ela amava aquelas crianças, embora às vezes fossem muito difíceis de lidar. Sim, ela sabia tudo sobre adolescentes, muito obrigada.

Clarisse. Tinha mostrado as fotos para Angèle. Que mulher linda, ela exclamara, a imagem escarrada e cuspidada da sua irmã. Então eu lhe contara porque Mélanie havia perdido o controle do carro. Seu rosto ficara sério no mesmo instante. Percebi que estava tentando encontrar as palavras certas. Ela sabia lidar com a morte, ela sabia lidar com adolescentes, mas essa questão em particular era difícil de lidar. Ela ficara em silêncio por alguns minutos. Eu havia tentado descrever minha mãe, sua simplicidade, seus antecedentes rurais sobre os quais não sabíamos nada, o contraste entre a próspera família Rey e a sua infância camponesa, mas as palavras me falhavam, não conseguia retratá-la, explicar para Angèle quem era de fato a minha mãe. Sim, era isso, o cerne de tudo, o cerne tenebroso de tudo. Nossa mãe era uma desconhecida. Ainda mais depois das recordações de Mélanie.

— O que você vai fazer a respeito? — perguntara Angèle.

— Quando estiver pronto, o que vai acontecer logo, acho eu, depois do funeral, depois do Natal, vou visitar minha avó com Mélanie.

— Por quê?

— Porque tenho certeza de que ela sabe alguma coisa sobre minha mãe e a tal mulher.

— Por que você não fala com seu pai?

A pergunta era tão simples, tão direta. Quase me surpreendi.

— Meu pai?

— Sim, por que não? Você não acha que ele saberia de alguma coisa? Era o marido dela, afinal de contas.

Meu pai. O rosto envelhecido, a silhueta encolhida. A rigidez. A autoridade. A estátua do Comendador.

— Angèle, você tem que entender. Eu não converso com meu pai.

— Bom, eu também não falei com o meu pai — disse, arrastando a voz. — Mas foi porque ele estava morto.

Tive de sorrir.

— Você quer dizer que vocês brigaram e não se falam mais? — perguntou ela.

— Não — disse eu, sabendo muito bem como isso poderia soar estranho. — Nunca conversei com meu pai. Nunca tive uma conversa de verdade com ele.

— Mas por quê? — ela perguntara, atônita.

— Porque é o jeito que as coisas são. Meu pai não é o tipo de pessoa com quem se conversa. Ele nunca demonstra amor, nunca demonstra afeto. Quer ser chefe o tempo todo.

— E você deixa?

— Sim — admiti. — Eu deixo, porque foi a forma mais fácil. Porque ele me deixou em paz. Às vezes, eu admiro as explosões do meu filho porque nunca ousei confrontar meu pai. Ninguém conversa na minha família. Foi uma coisa que nós aprendemos a não fazer.

Ela havia beijado o canto do meu pescoço.

— Hmm. Não deixe que isso aconteça com seus próprios filhos, gato.

Foi interessante observá-la com Mélanie, Lucas, Arno e finalmente Margaux, que chegou em casa mais tarde. Eles poderiam ter sido frios com ela, poderiam ter se ressentido com sua presença, especialmente neste momento espinhoso em que tantos acontecimentos diferentes e desestabilizadores haviam nos encurralado entre a dor, o medo e a raiva. Mas o senso de humor inteligente de Angèle, suas maneiras diretas e seu calor agradaram a todos, como percebi. Quando ela se apresentou para Mélanie dizendo “Eu sou a famosa Morticia e estou muito feliz em conhecê-la”, por uma fração de segundo houve um momento desajeitado, mas Mélanie riu e pareceu genuinamente feliz em conhecê-la. Margaux fizera perguntas sobre o seu trabalho, enquanto tomava café. Eu saí da cozinha discretamente. A única pessoa que não parecia ter sido seduzida por Angèle era Lucas. Eu o encontrei de mau humor no quarto. Não precisei lhe perguntar o que estava errado. Percebi intuitivamente. Ele estava sendo leal à mãe e a visão de outra mulher em nossa casa, uma mulher com quem eu obviamente estava envolvido, o ofendera. Não tive coragem de conversar com ele na hora. Eu já tinha coisas demais para resolver neste momento. Eu encontraria um jeito, falaria com ele. Não, eu não seria como o meu próprio pai, calando-me sobre tudo.

Quando voltei para a cozinha, Margaux estava chorando em silêncio e Angèle segurava sua mão. Vaguei nas imediações da porta, sem saber bem o que fazer. Os olhos de Angèle encontraram os meus. Os olhos dourados eram tristes e sábios, quase como os de uma pessoa idosa. Afastei-me novamente. Na sala de estar, Mélanie estava lendo. Sentei-me a seu lado.

— Estou feliz que ela esteja aqui — disse minha irmã, depois de um tempo.

Eu também estava feliz. Mas sabia que ela precisaria partir logo, naquela noite. A viagem longa e fria até Vendée. E eu voltaria a contar os dias até vê-la novamente.

Capítulo 40

NA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, um dia antes do enterro de Pauline, encontro-me com Xavier Parimbert, dono de um renomado site sobre Feng Shui, em seu escritório perto da avenue Montaigne. Esta reunião tinha sido marcada havia algum tempo. Não o conhecia pessoalmente, embora tivesse ouvido falar dele. Ele é pequeno e musculoso, tem provavelmente 60 e poucos anos, cabelos tingidos à la Aschenbach³ e o físico empertigado de quem vigia o próprio peso com olhos de águia. O mesmo tipo de homem que o meu sogro, um tipo com o qual percebo ter cada vez menos paciência. Ele me conduz a seu vasto escritório em branco e prata, dispensa um assistente prestativo, faz com que eu me sente e vai direto ao assunto.

— Já vi seu trabalho, em especial a creche que você projetou para Régis Rabagny.

Em outro momento da minha vida, eu teria sentido um aperto no coração por conta dessa frase. Rabagny e eu não terminamos nossa colaboração profissional de uma forma boa. Tinha certeza de que ele não espalharia boas referências minhas. Mas de lá para cá, Pauline havia morrido, seria enterrada amanhã, uma dura verdade sobre minha mãe voltara do passado como um bumerangue, sem falar na pequena experiência rebelde de Arno. Por isso, percebo agora que a menção ao nome de Rabagny me afeta tanto quanto um pato é afetado pela água nas costas. Percebo também que não me importo que esse sexagenário janota esteja a ponto de me xingar.

Só que ele não me xinga, e sim me brinda com um sorriso surpreendentemente melífluo.

— Além de a creche ser um projeto impressionante, há outro ponto que eu ainda acho mais atraente.

— E o que seria? O fato de ser Feng Shui?

Minha ironia provoca uma risada educada.

— Me refiro à forma como você lidou com monsieur Rabagny.

— Poderia ser mais específico?

— Você é a única pessoa que eu conheço, além de mim, que mandou ele à merda.

Agora é a minha vez de dar uma risada com a lembrança daquele dia. Houve um ataque final, violento, de sua parte, mais uma vez por causa de um assunto que não envolvia nem a mim nem a minha equipe e, doente com o som de sua voz, eu tinha dito muito claramente no telefone, para a surpresa de Florence: “Vai se foder.”

Não fazia a mínima ideia de como Xavier Parimbert sabia daquilo.

Ele sorri de novo, como se fosse me dar uma explicação.

— Régis Rabagny, por acaso, é meu genro.

— Que infelicidade — comento.

Ele assente.

— É o que eu vivo pensando. Mas minha filha ama ele. E quando o amor está no meio...

O telefone sobre a sua mesa toca e ele atende com a mão elegante, cuidada.

— Sim? Não, agora não. Onde? Entendi.

Enquanto a conversa prossegue, passo os olhos no ambiente enganadoramente simples. Não entendo nada de Feng Shui, sei apenas que é uma antiga arte chinesa que fala como o vento e a água afetam o nosso bem-estar. Tem alguma coisa a ver com a influência do ambiente sobre as pessoas. Este deve ser o escritório mais arrumado que já vi na vida, sem bagunça, sem papelada, sem nada que perturbe o olhar. De um lado, um aquário ocupa toda uma parede. Estranhos peixes negros nadam languidamente para cima e para baixo, entre as borbulhas. Plantas exóticas, exuberantes, estão em um canto. Um punhado de palitos de incenso desprendem um

aroma sutil e tranquilizante. No quadro atrás da mesa, vejo fotos e mais fotos de Parimbart ao lado de celebridades.

Finalmente, Parimbart desliga o telefone e volta toda a sua atenção para mim.

— Você quer chá verde com *scones* de farelo? — diz animadamente, como se oferecesse uma guloseima especial para uma criança teimosa.

— Claro — respondo, sentindo que uma recusa talvez não fosse bem recebida.

Ele toca uma campainha especial sobre a mesa e uma elegante mulher oriental, vestida de branco, aparece segurando uma bandeja. Ela se curva, de olhos baixos, e, com ar cerimonioso, gestos graciosos e treinados, serve o chá que se encontra em um bule pesado e enfeitado. Parimbart observa a cena com expressão plácida. Oferecem-me um pãozinho de aspecto duro, que imagino ser o *scone* de farelo. Há um momento de tranquilidade enquanto ele come e bebe em silêncio quase eclesiástico. Mordo o pãozinho e me arrependo de cara. Ele tem a consistência borrachenta de goma de mascar. Parimbart dá grandes goles no chá verde, estalando os lábios com prazer. Acho a bebida quente demais para engoli-la com tal entusiasmo.

— Agora — diz ele, com um último gole — vamos tratar de negócios.

Um sorriso como o do gato de *Alice no País das Maravilhas*. O chá deixou deploráveis resíduos verdes em seus dentes, como se uma luxuriante minifloresta houvesse subitamente brotado em sua gengiva. Quero cair na gargalhada e percebo no mesmo doloroso momento que é a primeira vez que tenho vontade de rir desde a morte de Pauline. A culpa toma conta de mim. A vontade de rir passa.

— Eu tenho um plano — diz Parimbart, misteriosamente. — E, honestamente, acredito que você é a pessoa que vai realizá-lo.

Ele aguarda judiciosamente. Assinto. Ele prossegue.

— Quero que você conceba uma Cúpula do Pensamento.

Ele pronuncia as últimas palavras com um respeito trêmulo, como se tivesse dito “Santo Graal” ou “Dalai Lama”. Aguardo e assinto, tentando compreender o que será uma Cúpula do Pensamento, e rezando para não parecer burro demais.

Parimbert levanta-se, as mãos enfiadas nos bolsos das calças cinzentas perfeitamente passadas e anda pelo assoalho encerado. Então para no meio do cômodo de maneira teatral.

— Uma Cúpula do Pensamento é o lugar para onde eu levaria apenas um punhado de pessoas, pessoas selecionadas com muito cuidado, para que possamos nos reunir e refletir em harmonia. Seria aqui mesmo, neste lugar. Quero que pareça com um Iglu da Inteligência. Você compreende?

— Claro — digo. Mais uma vez, o impulso de gargalhar é irresistível.

— Não falei sobre isso com ninguém. Quero que você tenha *carte blanche*. Sei que é a pessoa certa para isso. É por isso que você foi escolhido. E será pago de acordo.

Ele menciona uma soma bastante generosa, embora eu ainda não tenha ideia do tamanho que uma Cúpula do Pensamento deva ter e em que material deve ser erguida.

— Quero que você me traga ideias. Ponha no papel e volte aqui com ideias. Deixe fluir a sua energia positiva. Seja criativo. Seja ousado. Aposte na sua força interior. Não há necessidade de ser medroso aqui. A Cúpula do Pensamento deve ser próxima ao meu escritório. Você vai receber a planta do andar.

Saio e desço a avenue Montaigne. As lojas chiques estão movimentadíssimas com a proximidade do Natal. Mulheres elegantes, carregadas com sacolas de grifes famosas, desfilam de salto alto. O trânsito é barulhento. O céu está cinza-escuro. Enquanto me dirijo para a Rive Gauche, penso em Pauline. O

enterro. A família. Penso em Astrid, a caminho de casa, aterrissando mais tarde. Penso em como, apesar da morte de uma adolescente, o Natal ainda se aproxima, inexorável, as mulheres ainda fazem compras na avenue Montaigne, e homens como Parimbert ainda se levam tão a sério.

3 Personagem principal do romance *Morte em Veneza*, de Thomas Mann. (N. da T.)

Capítulo 41

ESTOU NO VOLANTE. ASTRID, à minha direita. Os meninos e Margaux, no banco de trás. Esta é uma das primeiras vezes desde o divórcio em que estamos todos reunidos no Audi, como a família que éramos. Dez da manhã e o céu está nublado como ontem. Astrid luta contra o fuso trocado. Não falou muito. Fui pegá-la mais cedo em Malakoff. Perguntei se Serge ia junto e ela disse que não.

A viagem até Tilly, a cidadezinha onde a família de Suzanne tem uma casa, é de uma hora. A turma toda de Pauline vai estar lá. Lucas decidiu vir. Seu primeiro enterro. Qual foi o meu, depois do de minha mãe? Provavelmente o de Robert, meu avô. Depois, um amigo próximo que morreu em um acidente de carro. Outro, de câncer. Percebo que este também é o primeiro enterro de Margaux e de Arno. Observo seus rostos no espelho retrovisor. Reparo que estão sem iPods. Os rostos estão pálidos e abatidos. Vão se lembrar do dia de hoje. Vão se lembrar do dia de hoje pelo resto de suas vidas.

Desde sábado, Arno está distante. Ainda não tive a minha conversa de pai para filho com ele. Sei que preciso tê-la, não faz sentido evitar. Astrid ainda não sabe o que aconteceu com Arno. É meu dever contar para ela. Depois do enterro.

Depois do enterro. Será que o enterro trará a sensação de encerramento? Será que Suzanne e Patrick vão conseguir se recuperar? Será que Margaux vai conseguir se curar lentamente? A estrada está vazia e silenciosa. Paisagem monótona de inverno. Árvores sem folhas, sem vida. Ainda se o sol saísse e iluminasse a penumbra. Descubro estar sentindo a falta daquele solzinho matinal, do toque cálido dos raios na minha pele, de fechar os olhos para senti-lo, de desfrutar dele. Meu Deus, por favor, ou seja lá quem

estiver lá em cima, mande sol para o enterro de Pauline. Não acredito em Deus, disse Margaux raivosamente no necrotério. Deus não permitiria que uma menina de 14 anos morresse. Penso na minha educação religiosa. Missa todo domingo em Saint-Pierre de Chaillot, minha primeira comunhão, a de Mélanie. Quando minha mãe morreu, eu questioneei a existência de Deus? Me resenti por Ele ter permitido que minha mãe morresse? Quando penso em todos aqueles anos sombrios, descubro que me lembro de muito pouco. Só me voltam a dor e a tristeza. E, sim, a incompreensão. Talvez eu sentisse, como minha filha sente hoje, que Deus tinha me decepcionado. A diferença era que Margaux podia dizer aquilo para mim. Não havia como eu dizer aquilo para o meu pai. Eu nunca teria ousado.

A igreja está lotada. A turma inteira está aqui, todos os amigos de Pauline, os professores. Mas também amigos de outras turmas, de outras escolas. Nunca tinha visto um grupo tão jovem reunido em um enterro. Fileiras e fileiras de adolescentes vestidos de preto, todos segurando uma rosa branca. Na porta, Suzanne e Patrick cumprimentam todos que entram. Sua coragem me impressiona. Não posso deixar de imaginar Astrid e eu na mesma situação. Percebo que Astrid pensa na mesma coisa. Ela abraça Suzanne desesperadamente. Patrick a beija. Astrid já está em prantos.

Sentamos bem atrás deles. O barulho das cadeiras sendo arrastadas no chão diminui lentamente. Então ergue-se, de algum lugar, a voz de uma mulher cantando o hino mais puro e mais triste que eu jamais ouvi. Não consigo ver a cantora. O caixão entra, carregado por Patrick, seus irmãos, seu pai.

Margaux e eu vimos o corpo de Pauline. Sabemos que ela está dentro do caixão de camisa rosa, jeans, tênis Converse. Sabemos porque a vimos, vimos o jeito como o cabelo foi escovado para trás, o jeito como as mãos foram dobradas sobre a barriga.

O padre, um homem ainda jovem com rosto corado, começa a falar. Escuto sua voz, mas não consigo entender as palavras. Acho insuportável estar aqui. Meu coração começa a bater depressa e intensamente, de uma forma que chega a doer. Observo as costas de Patrick, bem na minha frente. Como ele pode permanecer tão altivo? De onde tira sua força? Será que é para isso que serve acreditar em Deus? Será que Deus é a única forma de lidar com essa inominável barbaridade?

A voz do padre prossegue, monótona. Sentamos e nos levantamos. Rezamos. Então chamam o nome de Margaux. Fico atônito. Não sabia que ela iria dizer alguma coisa durante a cerimônia. Astrid me lança um olhar questionador. Sacudo a cabeça.

Margaux fica em pé perto do caixão da amiga. Há um momento de silêncio. Temo que ela não consiga ir adiante. Não consiga falar, dizer nada. Então a voz da minha filha soa com um vigor que me surpreende. Não é a voz tímida de uma adolescente. É a voz de uma jovem e segura mulher.

— Parem os relógios, cortem os telefones. Com um osso suculento, impeçam o cão de ladrar. Silenciem os pianos e, com um tambor abafado, tragam o caixão, que os enlutados possam entrar.

W. H. Auden. "Blues Fúnebres". Ela não precisa ler o texto em um pedaço de papel. Recita os versos como se ela própria tivesse escrito o poema. A voz é dura, profunda, repleta de raiva e dor.

— Ela era meu Norte, meu Sul, meu Leste e Oeste. Meus dias úteis, meu fim de semana. Meu meio-dia, minha meia-noite, minhas palavras, minha canção. Pensei que fosse pela eternidade, mas não sabia que errava então.

Pela primeira vez sua voz vacila. Ela fecha os olhos. A igreja está absolutamente em silêncio. Astrid segura minha mão com tanta força que chega a doer. Margaux respira fundo e sua voz volta, como um sussurro, tão baixa que mal podemos ouvi-la.

— Dispensam-se as estrelas no momento. Que se extingam uma a uma. Guarde-se a lua, desmonte-se o sol. Despejem o mar, eliminem-se as florestas. Pois nada pode ser bom neste momento.

Quando ela volta à cadeira, a igreja se enche de um silêncio tenso e tocante que parece durar para sempre. Astrid está abraçando Lucas. Arno segurou o braço da irmã. O próprio ar se expande e vibra com as lágrimas. Então a voz do padre volta a soar e outros adolescentes vêm falar, mas mais uma vez, não consigo distinguir as palavras. Fito o chão recoberto de pedras e espero que tudo acabe, rangendo os dentes. Descubro que não consigo chorar. Lembro da torrente de lágrimas que jorrou de mim no dia em que Pauline morreu. Agora é Astrid quem está chorando na cadeira ao lado da minha. Chora como eu naquele dia, se desmanchando em lágrimas. Ponho meu braço em torno dela e a aperto. Ela me abraça com força. Lucas nos observa. Ele não nos vê desta forma desde antes de Naxos.

Lá fora, parece que minhas preces foram atendidas porque um sol pálido preguiçosamente desponta por trás das nuvens. Seguimos lentamente o caixão de Pauline até o cemitério adjacente. Tantos rostos jovens. Margaux foi se juntar aos colegas. Eles são os primeiros a ver o caixão de Pauline descendo na sepultura. Um por um, jogam rosas na abertura. Muitos choram abertamente. Pais e professores enxugam lágrimas silenciosas. Isto também parece durar uma eternidade. Uma menina desmaia com um grito fraco. Correm na sua direção. Um professor delicadamente a levanta e a leva. A mão de Astrid procura a minha mais uma vez.

Depois do enterro, há uma reunião na casa da família. Mas a maioria das pessoas se despede, ansiosa por voltar ao seu dia, às suas vidas, ao seu trabalho. Nós ficamos para o almoço porque Pauline era a melhor amiga de Margaux. Porque sentimos que precisamos e temos que estar ali. A sala de jantar se enche de amigos próximos e familiares. A maioria nós conhecemos. As quatro

adolescentes que eram as amigas mais chegadas de Pauline. Um grupinho bem unido. Conhecemos todas essas meninas. Valentine, Emma, Bérénice e Gabrielle. Conhecemos seus pais. Observo seus rostos pesarosos e posso adivinhar o que estão pensando, o que estamos todos pensando, cada um de nós. Poderia ser o enterro da nossa filha. Poderia ter acontecido conosco. Poderia ser o corpo da nossa filha, lá no pequeno cemitério, dentro da sepultura, naquele caixão coberto com pétalas brancas de rosa.

No final da tarde, quando o céu já começa a escurecer com o crepúsculo, nós partimos. Somos uma das últimas famílias a sair. Meus filhos parecem esgotados, como depois de uma longa viagem. Dentro do carro, fecham os olhos e parecem adormecer. Astrid também permanece em silêncio. Ela mantém a mão na minha coxa, como costumava fazer durante aquelas longas viagens para a Dordogne.

Quando chegamos à rua principal, que conduz à autoestrada, o carro derrapa em uma espessa camada de lama. Um som sibilante de freada. Olho a estrada, mas não consigo perceber o que a cobre. Um fedor sufocante entra no carro e desperta as crianças abruptamente. Algo podre, pútrido. Astrid aperta um lenço de papel contra o nariz. Dirigimos lentamente, as rodas ainda avançando com dificuldade. É a carcaça de um animal. Percebo agora que a estrada está coberta de vísceras. Lutando contra o cheiro fétido, mantenho as mãos firmes no volante. Lucas volta a berrar. Outra figura disforme aparece subitamente, membros partidos de outro animal. Luzes da polícia brilham, fazendo com que diminuamos a nossa velocidade. Nos informam que um caminhão com restos de animais retirados de um matadouro das imediações perdeu toda a sua carga. Baldes de sangue misturados a órgãos, peles, pelos, tecidos gordurosos, vísceras e restos de animais mortos cobrem a estrada por mais 5 quilômetros.

É como uma visão do inferno. Avançamos devagar. O cheiro de podridão é insuportável. Finalmente, a placa que indica a autoestrada aparece. Ouço suspiros de alívio. Aceleramos na direção de Paris. Eu os levo até Malakoff, até a casa na rue Émile Zola. Deixo o motor ligado.

— Por que você não fica para o jantar? — sugere Astrid.

Dou de ombros.

— Por que não?

As crianças deixam o carro. Ouço o latido alegre de Titus do outro lado da cerca.

— Serge está aí? — pergunto cuidadosamente.

— Não. Ele não está.

Não pergunto por onde ele anda. Afinal de contas, não me importo. Só estou feliz porque ele não está. Não consigo me acostumar com a ideia desse cara na minha casa. Sim, porque ainda me parece a minha casa. Minha casa, minha esposa, meu jardim. Meu cão. Minha velha vida.

Capítulo 42

NÓS JANTAMOS COMO NOS velhos tempos, na área aberta da cozinha que projetei com tanto cuidado. Titus transborda de alegria. Fica colocando sua mandíbula úmida no meu joelho, me contemplando com êxtase incrédulo. As crianças ficam conosco por um tempo e finalmente vão para a cama. Fico pensando por onde anda Serge. Fico à espera de que ele apareça pela porta da frente. Astrid não fala dele. Ela fala das crianças, do dia de hoje. Eu escuto. Como posso explicar que me sinto como se estivesse anos-luz à frente? Que eu estava lá quando tudo ocorreu?

Enquanto ela prossegue, acendo o fogo na lareira. Percebo que ninguém faz isso há muito tempo. A grade está vazia e empoeirada. A lenha é a mesma que eu comprei, há anos. Nada de aconchego à beira do fogo para Serge e Astrid. Aproximo as mãos do calor. Astrid vem e se senta a meu lado, no chão, descansando a cabeça em meu braço. Não fumo porque sei que ela detesta. Observamos as chamas. Se alguém que estivesse passando por acaso nos observasse pela janela, veria um casal feliz. Presumiria que ali havia um casamento feliz.

Conto o que aconteceu com Arno. Descrevo a delegacia, o estado dele e como fui frio na manhã seguinte. Como ele reagiu. Digo que ainda não conversei com ele, mas vou conversar. Que precisamos achar um bom advogado. Ela ouve, horrorizada.

— Por que você não ligou para mim?

— Pensei nisso. Mas o que você poderia ter feito em Tóquio? Você já estava abalada pela morte da Pauline.

Ela assente.

— Você tem razão.

— Margaux ficou menstruada — digo.

— Eu soube, ela me falou. Disse que você lidou com isso muito bem para um pai.

Sinto o orgulho me aquecer.

— Mesmo? Fico feliz. Porque eu não soube muito bem o que fazer quando Pauline morreu.

— Como assim?

— Não consegui achar as palavras certas. Não consegui consolá-la. Por isso é que sugeri que ligássemos para você. Ela ficou revoltada.

Estou a ponto de lhe contar sobre minha mãe. Mas me contenho. Agora não. Agora é hora de tratar da nossa pequena família, dos nossos filhos, dos seus respectivos problemas. Astrid vai buscar *limoncello* no freezer e volta com pequeninos cálices de cristal que eu comprei anos atrás na feirinha de Porte de Vanves. Bebemos em silêncio. Conto para ela sobre Parimbert e a Cúpula do Pensamento. Descrevo o escritório de Feng Shui, os peixes negros, o chá verde, os *scones* de farelo. Ela ri. Nós dois rimos.

Por onde anda Serge?, fico pensando. Por que não está aqui? Quero perguntar. Não pergunto. Falamos de Mélanie, como ela está se recuperando. Falamos do trabalho de Astrid. Da proximidade do Natal. Que tal um Natal conjunto em Malakoff?, sugere ela. No ano passado tinha sido tão complicado, véspera de Natal com ela, véspera de Ano-Novo comigo. Que tal fazermos tudo juntos este ano? A morte de Pauline tornou tudo tão triste, tão frágil. Sim, por que não?, eu digo. Mas e o Serge?, penso eu, onde ele vai estar? Não digo nada, mas ela deve ter imaginado meu questionamento interior.

Ela diz:

— Serge perdeu as estribeiras em Tóquio, quando você telefonou.

— Por quê?

— Ele não é o pai dessas crianças. Não tem nenhuma ligação com elas.

— Como assim?

— Ele é mais jovem. Não sabe como lidar com tudo isso.

O fogo crepita alegremente. O ronco ruidoso de Titus se faz ouvir. Eu aguardo.

— Ele saiu daqui. Precisa pensar melhor nas coisas. Está com os pais em Lyon.

Por que não sou invadido por uma onda de alívio? Em vez disso, sinto uma cautelosa insensibilidade que me confunde.

— Você está bem? — pergunto delicadamente.

Ela vira o rosto para mim. Traz marcas de cansaço e dor.

— Não muito — sussurra.

Deveria ser a minha deixa. O momento em que eu a tomo em meus braços. O momento pelo qual eu tanto esperara, há tanto tempo, o momento de recuperá-la. De recuperar tudo.

O momento com que eu sonhava naquelas primeiras noites na rue Froidevaux, quando ia para aquela cama vazia e pensava que não tinha razões para estar vivo. O momento que aguardava desde Naxos, desde que ela partiu. O momento que eu havia imaginado com tanta nitidez.

Mas não digo nada. Não consigo dizer o que ela quer que eu diga. Apenas a observo e sacudo a cabeça com ar de compaixão. Ela examina meu rosto, meus olhos. Não encontra o que está procurando, pois começa a chorar.

Pego sua mão e a beijo suavemente. Ela soluça, enxuga o rosto, murmura:

— Sabe, tem vezes que eu quero tudo de volta. Quero tanto.

— O que é que você quer de volta? — pergunto.

— Quero você de volta, Antoine. Quero a nossa antiga vida de volta. — Seu rosto se enrugava novamente. — Quero tudo de volta.

Ela cobre meu rosto com beijos febris. Beijos salgados. Seu calor, seu perfume. Quero chorar com ela e beijá-la também, mas não consigo. Alguma coisa mais forte me impede. Eu a prendo contra

mim. Finalmente a beijo, mas a paixão se foi. A paixão está morta. Ela me acaricia, beija meu pescoço, meus lábios e parece que a última vez que fizemos exatamente isso foi ontem, e não dois anos atrás. O desejo se agita, pelos velhos tempos, pelas lembranças. E então desaparece. Agora eu a abraço como abraçaria minha irmã, como poderia ter abraçado minha mãe. Eu a abraço com firmeza. Eu a beijo como um irmão beija uma irmã.

Sinto uma surpresa se manifestar sem pressa dentro de mim. Como é possível tal coisa? Eu não amo mais Astrid. Eu me importo muito com ela, é a mãe dos meus filhos, mas eu não a amo mais. Existe carinho, cuidado, respeito, mas eu não a amo como antigamente. E ela sabe. Ela sente. Ela interrompe os beijos, as carícias precisas. Ela se afasta, com dedos hesitantes cobrindo o rosto.

— Desculpe — diz, trêmula, respirando fundo. — Não sei o que aconteceu comigo.

Ela assoa o nariz. Uma longa pausa. Eu lhe dou tempo. Seguro sua mão.

— Lucas me contou sobre a sua namorada. A morena alta.

— Angèle.

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Desde o acidente.

— Você está apaixonado por ela?

Esfrego a testa. Estou apaixonado por Angèle? Claro que sim. Mas não tenho como dizer isso para Astrid neste momento.

— Ela me faz feliz.

Astrid sorri, um sorriso corajoso.

— Que bom. Ótimo. Fico feliz. — Outra pausa. — Escute, fiquei terrivelmente cansada de repente. Acho que vou dormir. Você leva o Titus na rua para fazer xixi?

Titus já está esperando na porta, balançando o rabo ansiosamente. Coloco o casaco e saímos no frio cruel. Ele bamboleia

pelo jardim, feliz, levantando a perna. Esfrego as mãos, sopro nelas para que permaneçam quentes. Quero voltar para dentro do calor da casa. Astrid foi para cima. Enquanto Titus tomba diante das brasas, subo para me despedir. A luz do quarto de Lucas está apagada. A do quarto de Arno está apagada. A de Margaux está acesa. Hesito em bater. Mas ela escuta meus passos. A porta abre com um rangido.

— Tchau, pai. — Ela esvoaça em minha direção como um fantasma, vestida de camisola branca. Me abraça rapidamente e me solta. Desço o pequeno corredor na direção do que era o meu antigo quarto. Não mudou muito. Astrid está no banheiro ao lado. Sento na cama para esperar por ela. Foi neste quarto que ela disse que queria se divorciar. Que amava ele. Que queria ficar com ele. Não comigo. Que sentia muito. Que não suportava mais as mentiras. Lembro do choque e da dor. De fitar minha aliança e pensar que aquilo não podia ser verdade. Ela discorria sobre como nosso casamento se tornara confortável e frouxo como um par de chinelos velhos e eu me crispara com tal imagem. Sabia o que ela queria dizer. Sabia exatamente o que ela queria dizer. Mas tinha sido totalmente culpa minha? É sempre culpa do marido? Porque eu havia deixado o entusiasmo se esvaír da nossa vidinha monótona? Porque eu não lhe dava flores? Porque eu deixara um príncipe ousado e mais jovem arrancá-la de meus braços? O que ela viu em Serge?, me perguntei muitas vezes. Juventude? Ardor? O fato de ele não ser pai? Em vez de lutar por ela, lutar com unhas e dentes, eu recuara. Um balão de gás esvaziado. Uma das minhas primeiras reações infantis foi ter um caso de uma noite com a assistente de um colega. Não me fez bem algum. Durante nosso casamento, não fui do tipo infiel. Eu não era bom nisso. Alguns homens são. Tive só um caso rápido, em uma viagem de negócios, com uma jovem atraente, logo depois de Lucas nascer. Eu me senti péssimo. A culpa era demais para que eu pudesse suportar. Achei o adultério uma coisa complicada. Desisti. Aí houve aquele longo período de seca no

nosso casamento, pouco antes de eu descobrir sobre Serge. Pouco acontecia na nossa cama e eu era preguiçoso, sem me preocupar em analisar o que estava se passando. Talvez eu não quisesse saber. Talvez eu já soubesse, lá no fundo, que ela amava e desejava outro homem.

Astrid sai do banheiro usando uma camiseta comprida. Ela entra na cama com um suspiro cansado. Estende a mão para mim. Eu a seguro, deitado a seu lado, completamente vestido.

— Não vai embora ainda — murmura. — Me espera dormir. Por favor.

Ela desliga o abajur. O quarto parece escuro a princípio. Mas logo dá para distinguir os móveis com a suave luz da rua atravessando as cortinas. Esperarei até ela apagar e sairei em silêncio. Uma sequência de imagens se alterna como um redemoinho. As carcaças na estrada. O caixão de Pauline. O sorriso presunçoso de Xavier Parimbert. Minha mãe com uma mulher nos braços. Quando dou por mim, um alarme está soando ensurdecidamente nos meus ouvidos. Não consigo entender que horas são, nem onde estou. O rádio berra. France Info. São sete da manhã. Estou no quarto de Astrid, em Malakoff. Devo ter caído no sono. Sinto suas mãos mornas sobre mim, sobre a minha pele, e é uma sensação agradável demais para ser interrompida. Ainda estou atordoado com o sono, incapaz de abrir os olhos. *Não, diz a vizinha, não, não, não. Não faça isso, não faça isso.* As mãos dela tirando minhas roupas. *Não, não, não.* Sim, diz a carne, sim. *Você vai se arrepender, é a coisa mais estúpida que você poderia fazer agora, vai machucar os dois.* Ah, a felicidade de sentir sua pele aveludada. Como senti sua falta. *Ainda dá tempo de parar, Antoine, ainda dá tempo de se levantar, de se vestir e sair correndo daqui.* Ela sabe exatamente como me tocar, não esqueceu. Quando foi a última vez que Astrid e eu fizemos amor? Foi provavelmente aqui, nesta mesma cama. Há dois anos. *Seu estúpido. Seu imbecil.* Acontece depressa, um estremecimento

rápido de prazer. Eu a aperto, o coração batendo. Não digo nada, nem ela. Nós dois sabemos que é um erro. Levanto-me lentamente, acaricio seu cabelo desajeitadamente. Junto minhas roupas, vou para o banheiro. Quando saio do quarto, ela ainda está na cama, de costas para mim. Lá embaixo, Lucas toma o café da manhã. Ele me vê, o rosto explodindo de alegria em um sorriso. Sinto um aperto no coração.

— Pai! Você passou a noite aqui!

Sorrio para ele, tremendo por dentro. Sei que ele sonha em ver Astrid e eu juntos de novo. Nunca escondeu isso. Ele já disse para Mélanie. Para mim. Para Astrid. Ele acha que ainda é possível.

— Passei. Estava cansado.

A esperança reluz em seus olhos.

— Você dormiu no quarto da mamãe?

— Não — minto, me odiando. — Dormi aqui no sofá. Só fui lá em cima para ir ao banheiro.

— Ah — diz ele, desapontado. — Você vai voltar hoje à noite?

— Não, garoto. Hoje não. Mas sabe do que mais? Nós vamos passar o Natal todos juntos. Bem aqui. Como nos velhos tempos. Que tal?

— Legal! — diz ele. E parece feliz com a ideia.

Ainda está escuro lá fora e Malakoff parece estar ainda adormecida enquanto dirijo pela rua Pierre Larousse, e, direto para Paris, subo a rua Raymond Losserand que vai me levar até a rue Froidevaux. Não quero pensar no que acabou de acontecer. É como uma derrota, por mais agradável que tenha sido. A essa altura, até o prazer já desapareceu. Não há nada além da dor agriçoce do arrependimento.

Capítulo 43

A NOITE DE NATAL EM Malakoff foi um sucesso. Astrid cuidou maravilhosamente de tudo. Mélanie veio, bem como meu pai, que não aparentava sua melhor forma, talvez estivesse ainda mais cansado. Régine e Joséphine também vieram. Eu não via tantos Rey no mesmo cômodo havia muito tempo.

Serge não estava lá. Quando perguntei delicadamente para Astrid como iam as coisas com ele, ela suspirou. “É complicado.” Depois que havíamos tirado a mesa, aberto os presentes, e todo mundo conversava em frente do fogo na sala de estar, eu e Astrid conversamos no escritório de Serge, lá em cima, sobre as crianças. Sobre o que estava acontecendo com elas, como achávamos que não tínhamos mais controle sobre elas. Que o que recebíamos de volta delas era desdém, nenhum respeito, nenhum amor. Margaux parecia estar envolta em um desprezo silencioso e constante, recusando-se a ir ao terapeuta que encontramos. Como havíamos previsto, Arno foi expulso do *lycée*. Nós o matriculamos em um rígido colégio interno perto de Reims.

O advogado que tomava conta do caso esperava que tudo terminasse com uma compensação financeira à família Joussein pelos prejuízos. Qual seria o valor, isso nós ainda não sabíamos. Por sorte, não éramos os únicos pais envolvidos. Tudo isso era sem dúvida normal, parte da adolescência moderna e de seus riscos. Mas pensar nisso não ajudava a tornar aquilo mais fácil de suportar. Para nenhum de nós. Senti alívio em ver que ela atravessava a mesma turbulência e tentei passar isso.

— Você não compreende — dissera ela. — É pior para mim. Eu os dei à luz.

Tentei descrever a repulsa que experimentara na noite da prisão de Arno. Ela assentira com uma mistura peculiar de alarme e perspicácia.

— Eu te entendo, Antoine, mas é pior para mim. Eles saíram de mim — ela dissera, com a mão sobre o ventre — e eu ainda posso sentir isso. Eu dei à luz, eles foram ótimos por anos, e agora isso. Só pude acrescentar debilmente:

— Eu sei, eu estava lá quando eles nasceram. — Ela tinha forçado um sorriso.

No início de janeiro, as restrições ao fumo chegaram à França. Pode parecer engraçado, mas obedecê-las foi mais fácil do que imaginei. E há tantas pessoas como eu, soltando fumaça na frente dos restaurantes e dos escritórios, sob o frio congelante, que me sinto parte de uma conspiração. Uma conspiração com manchas de nicotina. Ouvi que Serge voltou. Lucas me conta que ele agora está em casa. Não posso deixar de imaginar se Astrid contou a ele sobre nós, sobre a noite depois do enterro de Pauline. E como ele encarou aquilo. De volta ao escritório, Parimbert mostra ser um encrenqueiro, exatamente como o seu genro insolente. Sob a fachada branda e o sorriso encantador, ele comanda tudo com mão forte. Negociar com ele é uma tarefa árdua que me deixa esvaziado de qualquer vitalidade.

A única luz no meu firmamento sombrio foi a festa surpresa de aniversário, organizada para mim por Hélène, Didier e Emmanuel. Foi na casa de Didier. Ele é arquiteto também, mas a diferença entre nós é que começamos basicamente na mesma época e ele agora gravita em outra galáxia de sucesso e prosperidade. Nunca ficou metido por causa disso. Podia ter ficado. A única coisa que temos em comum no momento é que a esposa o largou por um homem mais jovem, algum banqueiro arrogante do Centro. Sua ex-mulher, de quem eu gostava bastante, virou um clone da Posh Spice. Seu impressionante nariz grego agora parece uma tomada. Didier é um

sujeito alto e magro com longas mãos finas e uma gargalhada surpreendentemente alta. Ele mora em um loft espetacular no 20^o *arrondissement*, perto de Ménilmontant, montado dentro de um enorme armazém velho entre dois prédios destruídos. Quando ele comprou tudo, anos atrás, rimos da cara dele, dizendo que ele ia congelar no inverno e assar no verão. Mas ele nos ignorou e lentamente transformou o lugar em um glorioso monumento de vidro e tijolo, com ar-condicionado e aquecimento central, e nos deixou mortos de inveja.

Eu não tinha parado para pensar no meu aniversário de 44 anos. Houve uma época, quando eu era um pai de família, em que era muito agradável receber presentes dos filhos, aqueles desenhos desajeitados e objetos tortos feitos de barro. Mas eu não era mais um pai de família. E sabia que passaria meu aniversário sozinho. Como no ano anterior. Naquela manhã, recebi uma mensagem de texto de Mélanie e uma de Astrid. Uma de Patrick e Suzanne também. Eles haviam partido em uma longa viagem para o Oriente. Acho que teria feito a mesma coisa, se tivesse perdido minha filha. Meu pai geralmente não se lembra do meu aniversário. Surpreendentemente, ele ligou para o escritório. Como sua voz parecia baixa e cansada, pensei eu. Não era mais o trombeteio em tom mandão do passado.

— Você quer aparecer para comer alguma coisa no seu aniversário? — perguntou. — Vai ser só eu e você. Régine vai jantar fora e jogar bridge.

Avenue Kléber. A sala de jantar laranja e marrom com iluminação excessiva. Meu pai e eu, cara a cara na mesa oval. Sua mão manchada e trêmula servindo o vinho. *Você devia ir, Antoine. Ele agora é um velho, provavelmente se sente sozinho. Você deve fazer um esforço, fazer alguma coisa por ele uma vez que seja. Uma vez que seja.*

— Obrigado, mas eu já tenho outro compromisso hoje à noite.

Mentiroso. Covarde.

Quando desligo, a culpa toma conta de mim. Eu devia ligar de novo, dizer que posso ir. Incomodado, me viro para o computador, de volta à Cúpula do Pensamento. Por mais que tivesse me feito rir no início, a tal Cúpula estava me consumindo muita energia, mas de forma surpreendentemente motivadora. Era a primeira vez em muito tempo que eu me via envolvido com um projeto de que gostava, que me provocava, que me estimulava. Eu havia pesquisado iglus, sua história, suas especificidades, havia examinado cúpulas, lembrado das belas cúpulas que vira em Florença e Milão. Desenhei páginas e páginas, esbocei formas e formatos que nunca supus que eu poderia imaginar, desenvolvi ideias que nunca pensei que poderia conceber.

Um bip indica novo e-mail na caixa postal. Era de Didier. *“Preciso dos seus conselhos sobre um negócio importante. Um sujeito com quem você trabalhou. Pode passar lá em casa por volta das oito? É urgente.”*

Respondi: *“É claro que sim.”*

Assim, quando cheguei à porta da casa de Didier, não estava esperando por nada. Ele me cumprimentou, me levou para dentro, sem nenhuma expressão no rosto. Eu o segui até o salão principal, que achei estranhamente silencioso, como se o silêncio tivesse desabado sobre o espaço. De repente, gritos, berros explodem de todos os lados. Surpreso, vejo Hélène e o marido, Mélanie, Emmanuel e duas mulheres que eu não conhecia e que vim a saber que eram as novas namoradas de Emmanuel e Didier. A música entrou a todo volume, apareceram champanhe, patê, tarama, saladas, sanduíches, frutas e um bolo de chocolate, seguidos por um monte de presentes. Fiquei encantado. Pela primeira vez em muito tempo, relaxei, aproveitei o champanhe, apreciei ser o centro da atenção.

Didier não parava de olhar o relógio e eu não entendia por quê. Quando a campainha tocou, ele foi correndo atender.

— Ah — anunciou ele. — *A pièce de résistance.*

E abriu a porta com um floreio.

Ela deslizou para dentro, de vestido longo branco, um vestido surpreendente para o meio do inverno, bem assim, do nada, o cabelo castanho preso para trás, e um sorriso misterioso pairando em seus lábios.

— Feliz aniversário, senhor Parisiense — sussurrou à la Marilyn Monroe e veio me beijar.

Todo mundo bateu palmas e gritou. Peguei Mélanie e Didier trocando olhares triunfantes e imaginei que tinham organizado tudo escondidos. Ninguém conseguia tirar os olhos de Angèle. Emmanuel fez uma cara de bobo e discretamente me mostrou o polegar para cima, numa demonstração de aprovação jovial. Eu percebia que as moças, Hélène, Patricia e Karine, estavam doidas para fazer perguntas a Angèle sobre o seu trabalho. Imaginei que ela estava acostumada com isso, deviam fazer perguntas desse tipo todos os dias. Quando veio a primeira pergunta tímida, alguma coisa do tipo “Como você consegue lidar com gente morta o dia inteiro?”, ela respondeu sem arrogância: “Porque ajuda as outras pessoas a continuarem vivas.”

Foi uma noite maravilhosa. Angèle de vestido branco, como uma princesa da neve. A beleza do loft de Didier, a claraboia aberta para o frio da noite. Rimos, bebemos, até dançamos. Mélanie proclamou que era a primeira vez que ela dançava havia muito tempo. Todos aplaudimos de novo. Senti-me tonto, uma mistura de champanhe e alegria. Quando Didier me perguntou como andava Arno, retruquei sem rodeios: “Um desastre.” Sua risada de hiena explodiu, o que fez todo mundo também começar a rir. Então lhes contei sobre a conversa de homem para homem que eu finalmente tivera com meu filho, quando ele foi expulso da escola. O sermão que eu fizera, com o coração apertado ao perceber o quanto eu estava parecendo com meu pai, reprovando, rejeitando, sacudindo o dedo. Então me

levantei e imitei a postura lânguida de Arno, sua careta decepcionada. Imittei até sua voz, rouca, arrastada, inconfundível de adolescente descolado. “Pô, pai, quando você tinha a minha idade, assim, não tinha internet, nem celular, vocês viviam na Idade Média. Assim, pô, você nasceu nos anos 60, o que você sabe do mundo de hoje?” Isto causou mais gargalhadas. Me senti feliz, repleto de algo que eu nunca havia experimentado. Eu estava fazendo as pessoas rirem. Eu nunca tinha conseguido fazer isso antes. Quando éramos casados, Astrid era a animada, a engraçada. Fazia piadas, fazia todo mundo se escangalhar de rir. Eu era o observador silencioso. Até esta noite.

— Vocês precisam ouvir sobre o meu novo patrão, Parimbert — disse para a minha nova plateia. Eles, naturalmente, já tinham ouvido falar nele. Seu rosto estava em todos os cartazes de todas as esquinas e não dava para ligar a tevê ou o computador sem dar de cara com o sorriso do gato de Alice. Imittei como ele desfilava pela sala, com os punhos dentro dos bolsos, ombros empertigados, a careta peculiar que eu sabia imitar tão bem, como se fosse para expressar a intensidade, a força do seu pensamento, um biquinho de velha seguido pela rápida sucção dos lábios superiores e inferiores, fazendo-o parecer uma ameixa seca. E o jeito de ele dar ênfase oral a certas palavras, destacando-as, em voz baixa: “Antoine, lembre-se de como a Montanha deve estar forte nas suas Costas. Lembre-se de como cada Partícula à sua volta está Viva, cheia de Energia e Inteligência. Lembre-se de que Purificar seu Espaço Interior é Absolutamente necessário.”

Conto a eles sobre a Cúpula do Pensamento, um projeto cuja complicação é um pesadelo e, ao mesmo tempo, uma inspiração, Parimbert examinando meus esboços, vaidoso demais para se render aos óculos. Nunca parece estar satisfeito ou insatisfeito com minhas criações, só confuso, como se elas tivessem detonado uma preocupação enorme. Começo a suspeitar que ele não tem a mínima

ideia de como deve ser uma Cúpula do Pensamento, que ele só gosta muito da *ideia*. "Antoine, lembre-se, a Cúpula do Pensamento é uma Bolha de Potencial, uma Célula Liberadora, um Espaço Fechado que, na realidade, sabe nos Libertar." Todos riam histericamente. Hélène enxugava as lágrimas. Então contei do seminário para o qual Parimbert me convidara, quando fui apresentado à sua equipe, ao longo de um dia inteiro, em um complexo moderno nos subúrbios elegantes a oeste. Seu sócio era uma figura oriental assustadora com um rosto de uma rigidez cadavérica e de sexo difícil de determinar. Todos que trabalhavam para Parimbert pareciam a ponto de ter um colapso ou sob o efeito de drogas, apresentando expressões opacas, inebriadas. Todos usavam roupas pretas ou brancas. Alguns eram muito jovens, mal saídos da faculdade. Outros já tinham idade bem avançada. Ninguém parecia normal. Quando deu uma hora da tarde, meu estômago roncava e eu esperava o almoço ansiosamente. Mas à medida que os minutos avançavam, para meu desespero, não se falava em almoço. Na frente da sala, com telas brilhando por trás dele, Parimbert não parava de falar sobre o sucesso do site e de como ele estava em Expansão para o Mundo Inteiro. Discretamente, perguntei a uma senhora abatida, mas elegante, sentada a meu lado, sobre o almoço. Ela me olhou como se eu tivesse acabado de dizer "sodomia" ou "suruba". "*Almoço*", ela repetiu em um sussurro revoltado. "Nós não almoçamos. Nunca." Perturbado, eu perguntara: "Por que não?" A barriga roncava ainda mais. Ela não se deu ao trabalho de me responder. Às quatro da tarde, chá verde e *scones* de farelo foram trazidos com pompa. Mas meu estômago reclamou. E passei o resto do dia me sentindo perigosamente fraco. Tive que correr para a *boulangerie* mais próxima assim que pude, para devorar uma baguete inteira.

— Você estava tão engraçado — disse Mélanie, enquanto nos despedíamos. Didier, Emmanuel e Hélène concordaram. Uma mistura

de admiração e surpresa. — Eu não tinha ideia de que você pudesse ser tão engraçado.

Mais tarde, ao adormecer abraçado com minha princesa da neve, eu me senti feliz. Um homem feliz.

Capítulo 44

SÁBADO DE TARDE. MÉLANIE e eu nos encontramos do lado de fora de uma imensa porta de ferro trabalhado que conduz ao prédio de nossa avó. Telefonamos de manhã, informamos ao plácido e bem-humorado Gaspard que visitaríamos Blanche. Não venho aqui desde antes do verão. Há mais de seis meses. Mélanie digita a senha e entramos em um enorme saguão com carpete vermelho. A *concierge* nos observa por trás das cortinas rendadas de seu *loge*, acena enquanto passamos. Pouco mudou por aqui. O carpete parece um pouquinho mais gasto, talvez. Um elevador de ferro e vidro, surpreendentemente silencioso, substituiu recentemente aquele antigo e barulhento.

Nossos avós viveram aqui por mais de setenta anos. Desde que se casaram. Meu pai e Solange nasceram aqui. Na época, a maior parte do imponente prédio em estilo Haussman pertencia ao avô de Blanche, Émile Fromet, rico proprietário de diversas residências na área de Passy, no 16^o *arrondissement*. Nos contavam muita coisa sobre Fromet, na nossa infância. Havia um retrato dele sobre a lareira, um homem de aparência inflexível e um queixo formidável que Blanche teve a sorte de não herdar, mas passou para a filha, Solange. Desde bem pequenos, nós sabíamos que o casamento de Blanche com Robert Rey fora um grande acontecimento, a união impecável de uma dinastia de advogados e uma família de médicos e proprietários de terras e imóveis. Um grupo de pessoas respeitáveis, muito ricas, influentes e bem consideradas, com a mesma educação, as mesmas origens, a mesma religião. O casamento de nosso pai com uma camponesa do sul provavelmente causara certa comoção nos anos 60.

Gaspard abre a porta, o rosto assimétrico corado de contentamento. Não consigo deixar de sentir pena deste homem. Ele deve ser, no máximo, uns cinco anos mais velho do que eu, mas aparenta ser meu pai. Não tem família, nem filhos, nem qualquer vida independente dos Rey. Mesmo quando jovem, parecia encarquilhado, arrastando-se pelo lugar atrás da mãe. Gaspard mora aqui há uma eternidade, em um quarto debaixo do telhado, devotado aos Rey, como foi sua mãe Odette. Odette se escravizara a serviço de nossos avós até o dia de sua morte. Ela nos aterrorizava, quando éramos crianças, nos obrigava a usar chinelos para andar no assoalho de madeira recém-encerado, insistindo para que baixássemos as vozes, pois "Madame" estava descansando e "Monsieur" estava lendo o *Figaro* no escritório e não queria ser incomodado. Ninguém sabia quem era o pai de Gaspard. Ninguém perguntava. Quando Mélanie e eu éramos pequenos, Gaspard fazia pequenas tarefas no apartamento, todo tipo de coisa, e não parecia passar muito tempo na escola. A mãe morrera havia dez anos e ele assumira os cuidados com a casa. Aquilo lhe dera uma nova responsabilidade, coisa de que ele tinha orgulho.

Mélanie e eu o cumprimentamos. Nossa chegada é o ponto alto de sua semana. Quando Astrid e eu trazíamos as crianças para visitar a bisavó, nos velhos e bons tempos de Malakoff, ele ficava em estado de êxtase.

Como sempre, quando entro na casa, fico surpreso pela escuridão. A posição do apartamento, na direção norte, não ajuda. O espaço de 450 metros quadrados jamais recebe um raio de sol. Mesmo no meio do verão, abriga uma treva sepulcral. Solange, nossa tia, vai sair. Não a vemos há muito tempo. Ela nos saúda rapidamente, de forma até gentil, dá um tapinha na bochecha de Mélanie, não faz perguntas sobre nosso pai. Irmão e irmã vivem na mesma área, ele na avenue Kléber, ela na rue Boissière, a cinco

minutos de distância, mas nunca se veem. Nunca se deram bem. Nunca se darão bem. É tarde demais.

O apartamento é uma sucessão contínua de grandes salões com teto trabalhado. O *Grand Salon* (nunca usado, por ser grande demais e frio demais), o *petit salon*, sala de jantar, biblioteca, escritório, quatro quartos, dois banheiros antigos e uma cozinha obsoleta lá no fundo. Todos os dias, Odette costumava empurrar uma mesa com rodas que rangia muito com a comida pelo infundável corredor que ligava a cozinha à sala de jantar. Ainda consigo ouvir o ruído das rodas.

Enquanto estávamos a caminho, discutimos a melhor maneira de enfrentar nossa avó. Não podíamos simplesmente chegar perguntando: “Você sabia que a sua nora tinha casos com mulheres?” Mélanie sugeriu que déssemos uma olhada no lugar. O que ela queria dizer, perguntei, ela pretendia xeretar? Sim, ela queria xeretar e a expressão era tão cômica que tive de sorrir. Senti-me estranhamente animado, como se estivéssemos embarcando em uma nova e estranha aventura. Mas o que faríamos com Gaspard?, eu tinha perguntado. Ele tomava conta de tudo como um falcão. Mélanie fez um sinal indiferente com a mão. Gaspard não vai ser problema. A questão é onde procurar.

— Ih, adivinhe! — ela havia dito com uma voz animada enquanto eu estacionava o carro na avenue Henri-Martin.

— O que foi?

— Conheci um cara.

— Outro velho tarado?

Ela revirou os olhos.

— Não, para falar a verdade, é um pouquinho mais novo que eu. É jornalista.

— E aí?

— E só.

— É tudo que você tem para dizer?

— No momento, sim.

A enfermeira que está de plantão hoje é uma que nunca tínhamos visto. Mas ela parece saber tudo sobre nós, saudando-nos pelos nomes. Ela nos informa que vovó ainda está dormindo e que não é uma boa ideia acordá-la, pois teve uma noite ruim. Será que poderíamos esperar por mais uma hora, mais ou menos? Talvez tomar um café em algum lugar, sair para fazer compras?, sugere ela com um sorriso animado.

Mélanie vai procurar Gaspard. Ele está por perto, dando ordens para uma faxineira. Ela sussurra para mim.

— Vou xeretar. Mantenha ele ocupado.

Ela escapa. Durante um tempo infundável, ouço as queixas de Gaspard sobre a dificuldade de se contratarem as pessoas certas, os preços cada vez mais altos das frutas frescas, os novos vizinhos do quarto andar que fazem tanto barulho. Mélanie finalmente volta e abre as mãos como quem diz que não encontrou nada.

Decidimos voltar em uma hora. Enquanto nos dirigimos para a porta, Gaspard diz apressadamente que adoraria fazer chá ou café para nós, que podemos ficar sentados no *petit salon* que ele trará a bebida. Está frio lá fora hoje e nós podemos ficar aqui confortavelmente. Parece tão ansioso em ter nossa companhia que sentimos que não podemos recusar. Esperamos por ele no *petit salon*. Uma faxineira varre o corredor. Ela nos saúda com a cabeça quando passa.

Este é o cômodo que nos traz mais lembranças. As janelas francesas abrindo-se para o balcão. O sofá de veludo verde-escuro e as poltronas. Uma mesa baixa de vidro. A cigarreira de prata do vovô ainda está ali. É onde meus avós se reuniam para tomar café ou assistir tevê. É onde brincávamos de mímica. Ouvíamos a conversa dos adultos.

Gaspard entra com uma bandeja. Café para mim, chá para Mélanie. Ele serve nossas xícaras cuidadosamente, nos oferece leite

e açúcar. Senta-se em uma poltrona na nossa frente, os punhos sobre os joelhos, as costas bem eretas.

Perguntamos como tem estado nossa avó nos últimos tempos. Ele diz que não anda muito bem. O coração voltou a dar problemas e ela passa agora a maior parte do tempo adormecida. A medicação a derruba.

— Você se lembra da nossa mãe, não lembra? — diz Mélanie, inesperadamente, dando goles no chá.

O rosto dele se ilumina.

— Ah, sua mãe! *Petite* madame Rey. Sim, claro que me lembro dela. Sua mãe era inesquecível.

Menina esperta, penso eu.

Mélanie prossegue.

— O que você se lembra dela?

O sorriso de Gaspard abre-se mais ainda.

— Era uma pessoa boa, gentil. Me dava presentinhos, meias novas e chocolates... Flores, às vezes. Fiquei arrasado quando ela morreu.

O apartamento todo fica subitamente em silêncio. Até a faxineira que varre o *grand salon* executa suas tarefas em silêncio.

— Quantos anos você tinha? — pergunto.

— Bem, monsieur Antoine, sou cinco anos mais velho que o senhor, portanto tinha 15 anos. Uma coisa tão triste.

— O que você se lembra do dia em que ela morreu?

— Foi terrível, terrível... Vê-la sendo carregada... Naquela maca...

— Você estava na avenue Kléber na hora? — perguntou Mélanie, surpresa.

— Avenue Kléber? — ele gagueja, confuso. — Não me lembro. Não. Foi um dia tão terrível. Não me lembro.

Ele se levanta correndo e sai da sala apressadamente. Depois de uma fração de segundo, nos levantamos e o seguimos.

— Gaspard — diz Mélanie com firmeza. — Você pode, por favor, responder a minha pergunta? Por que você disse que viu quando a levaram?

Estamos diante da entrada, só nós três, na sombra daquele local escuro. As estantes altas parecem se curvar para a frente, os rostos pálidos das velhas pinturas sobre nós têm expressões ansiosas, vigilantes. O busto de mármore na escrivaninha ao nosso lado também aguarda.

Gaspard não consegue falar, seu rosto está corado. Está trêmulo. A testa reluz subitamente, coberta de suor.

— O que houve? — Mélanie pergunta em voz baixa.

Ele engole em seco audivelmente, o grande pomo de adão subindo e descendo.

— Não, não — ele sussurra, recuando, sacudindo a cabeça. — Não posso.

Eu o seguro pelo ombro. O antebraço parece ossudo e fraco sob o tecido barato de seu terno.

— Há algo que você precise nos contar? — digo, empregando um tom de voz mais firme que o da minha irmã.

Ele estremece, enxuga a testa com a parte de trás da mão, recua mais uma vez.

— Aqui não! — ele consegue grasnar.

Mélanie e eu trocamos olhares.

— Onde então? — pergunta.

Ele já está na metade do corredor, as pernas magrelas tremendo.

Ele sussurra:

— No meu quarto. No sexto andar. Em cinco minutos.

Ele desaparece. O aspirador de pó é ligado abruptamente e levamos um susto. Nos olhamos por um momento. Então partimos.

Capítulo 45

O CAMINHO PARA OS QUARTOS dos empregados é por outra escada estreita e sinuosa, sem elevador. É onde vivem os residentes mais pobres do prédio próspero, que encaram aqueles degraus íngremes todo dia. Quanto mais alto se sobe, mais gasta é a pintura, mais forte o cheiro, o fedor de quartos minúsculos, sem ventilação, da promiscuidade, da falta de banheiros adequados. O cheiro fétido do banheiro comum no corredor. Eu nunca subira até ali. Nem Mélanie. Há um contraste desconfortável entre a opulência dos suntuosos apartamentos e esta área apertada, superpovoada, oculta sob o telhado.

Seis andares para subir. Fazemos aquilo em silêncio. Não trocamos uma palavra sequer desde que saímos da casa de Blanche. Perguntas removem minha cabeça, e tenho certeza de que o mesmo acontece com Mélanie.

Quando chegamos ao andar superior, parece outro mundo. Tacos descobertos, uma passagem sinuosa alinhada por dúzias de portas numeradas. O gemido de um secador de cabelo. Vozes metálicas e altas da televisão. Gente discutindo em uma língua estrangeira. O pio de um celular. O choro de um bebê. Uma porta se abre e uma mulher de aparência grosseira nos fita. O quarto atrás dela tem um teto inclinado, manchado, carpetes encardidos, móveis baratos. Qual é a porta de Gaspard? Ele não nos disse. Está se escondendo? Está assustado? De alguma maneira, sei que ele está nos esperando, torcendo as mãos, trêmulo. Está juntando coragem.

Olho os ombros pequenos e quadrados de Mélanie sob o sobretudo. O passo é firme, seguro. Ela quer saber, não tem medo. Por que eu tenho medo e minha irmã não?

Gaspard está no fim do corredor, o rosto ainda corado. Ele nos faz entrar com rapidez, como se não quisesse que fôssemos vistos. Seu quartinho confinado está abafado, depois da escadaria gélida. O aquecedor elétrico está a todo vapor, fazendo um zumbido suave e soltando cheiro de cabelo queimado e poeira. O quarto é tão pequeno que ele, Mélanie e eu nos esbarramos. A única coisa a fazer é sentar na cama estreita. Olho em volta, observando a limpeza cuidadosa, o crucifixo na parede, a pia rachada, o armário de cozinha improvisado com uma cortina plástica. A vida de Gaspard exposta em toda a sua desgraça. O que ele faz quando volta para cá, depois de deixar Blanche com a enfermeira da noite? Não há tevê. Não há livros. Em uma pequena prateleira, reparo em uma Bíblia e uma fotografia. Olho da forma mais discreta possível. Com um sobressalto, percebo que é uma foto da minha mãe.

Gaspard fica de pé, pois não há lugar para que se sente. Ele espera que a gente fale, seus olhos viajam entre mim e Mélanie. Ouço o rádio do quarto ao lado. As paredes são tão finas que consigo entender cada palavra do noticiário.

— Você pode confiar na gente, Gaspard — diz Mélanie. — Você sabe disso.

Ele rapidamente põe um dedo nos lábios, os olhos arregalados de medo.

— A senhorita precisa falar baixo, mademoiselle Mélanie — sussurra ele. — Todo mundo aqui escuta tudo!

Ele se aproxima de nós. Sinto o fedor de suas axilas. Instintivamente, recuo.

— Sua mãe — murmura ele — era minha única amiga. Era a pessoa que realmente... Me compreendia.

— Sim — diz Mélanie, e eu me espanto com sua paciência. Não estou interessado, quero que ele vá direto ao assunto e logo. Ela pousa uma mão tranquilizadora sobre meu braço, como se soubesse exatamente o que estou pensando.

— Sua mãe era como eu, tinha origem humilde, do sul, não era complicada nem exigente. Era uma pessoa boa, simples. Nunca pensava só nela. Era generosa, carinhosa.

— Sim — diz mais uma vez Mélanie, enquanto cerro os punhos com impaciência.

No outro cômodo, o rádio é desligado e o silêncio toma conta do lugar. Gaspard começa a ostentar aquele olhar ansioso e suado. Fica olhando para a porta, torcendo as mãos. Por que está tão desconfortável? Ele se abaixa, pega um pequeno aparelho de rádio sob a cama, luta para ligá-lo. A voz sensual de Yves Montand.

"c'est si bon, de partir n'importe où, bras dessus bras dessous..."

— Você ia nos contar sobre o dia da morte de nossa mãe — digo finalmente, ignorando os gestos pacificadores de Mélanie para mim.

Gaspard reúne coragem o bastante para me olhar diretamente.

— O senhor precisa compreender, monsieur Antoine. É... difícil para mim...

"C'est si bon...", cantarola Montand, sedutor, despreocupado. Esperamos que Gaspard continue. Ele não o faz.

Mélanie põe a mão em seu braço.

— Você não tem o que temer da gente — sussurra. — Não precisa temer nada. Somos seus amigos. Conhecemos você desde que nascemos.

Ele assente, a carne de suas bochechas tremelicando como gelatina. Os olhos se enchem de lágrimas. Para nosso horror, seu rosto se contrai e ele começa a soluçar sem fazer barulho. Não há nada a fazer além de esperar. Desvio o olhar para não contemplar o espetáculo triste proporcionado pelo rosto pálido e envelhecido de Gaspard. A canção de Montand finalmente termina. Outra começa, uma conhecida. Não consigo lembrar quem está cantando.

— O que eu vou dizer nunca falei para ninguém. Ninguém sabe. Ninguém sabe e ninguém fala sobre isso desde 1974.

A voz de Gaspard é tão baixa que nos curvamos para a frente. A cama range quando fazemos isso.

Um calafrio disfarçado. Será minha imaginação ou realmente sinto um calafrio subindo pela minha espinha? Gaspard está agachado no chão. Posso ver o alto de sua cabeça, coroada por um espaço calvo.

Gaspard sussurra mais uma vez.

— No dia em que ela morreu, sua mãe tinha vindo visitar sua avó. Era cedo, sua avó ainda estava tomando o café da manhã. Seu avô tinha saído naquele dia.

— Onde você estava? — indaga Mélanie.

— Estava na cozinha, ajudando minha mãe. Eu estava fazendo o suco de laranja. Sua mãe adorava suco de laranja fresco. Especialmente o meu suco. Lembrava a ela o Midi.⁴ — Um sorriso tocante e patético. — Fiquei tão feliz em ver sua mãe naquela manhã. Ela não aparecia muito. Para falar a verdade, ela não visitava seus avós havia muito tempo, desde o Natal. Quando abri a porta, era como se fosse a luz do sol na entrada. Eu não sabia que ela vinha. Não tinha telefonado. Minha mãe não tinha sido avisada. Ela estava incomodada, minha mãe, fez um caso por *petite* madame Rey aparecer assim, do nada. Ela vestia o casaco vermelho e estava linda com o cabelo negro e comprido, a pele pálida, olhos verdes, uma beleza. Como a senhorita Mélanie. A senhorita é tão parecida com ela que às vezes chega a doer. — As lágrimas apareceram mais uma vez. Mas ele conseguiu mantê-las sob controle. Respira lentamente, demorando-se. — Eu estava na cozinha, fazendo a limpeza. Era um lindo dia de inverno. Eu tinha tanta coisa para fazer e fazia tudo com muito cuidado. De repente, minha mãe entra correndo, o rosto branco. Ela aperta a mão contra a boca como se fosse vomitar. Eu sabia que alguma coisa horrível tinha acontecido. Tinha só 15 anos, mas sabia.

O frio sobe pelo meu peito, pelas minhas coxas, que começam a tremer. Não ousa olhar para minha irmã. Mas sinto a sua rigidez ao

meu lado.

Começa a tocar uma música idiota. Adoraria que Gaspard desligasse o rádio.

"Pop pop pop musik, pop pop pop musik. Talk about pop musik."

— Minha mãe não conseguiu falar por um momento. Então gritou: "Ligue para o dr. Dardel, rápido! Procure o número no caderno de telefones de monsieur, no estúdio, diga para ele vir imediatamente!" Corri até o estúdio e dei aquele telefonema, tremendo da cabeça aos pés, e o doutor disse que chegaria logo. Quem estava doente? O que havia acontecido? Era madame? Ela tinha pressão alta, eu sabia disso. Tinha começado a tomar uma nova medicação. Tomava todo tipo de comprimido na hora das refeições.

O nome do dr. Dardel é familiar. Era um dos amigos mais próximos de meus avós, seu médico pessoal. Morreu no início dos anos 80. Homem robusto, de cabelos brancos. Muito respeitado.

Gaspard hesita. O que ele está tentando nos contar? Por que faz tantos rodeios?

"New York London Paris Munich everyone's talking 'bout popmusik."

— Pelo amor de Deus, nos conta logo! — resmungo entre os dentes. Ele assente apressadamente.

— Sua avó estava no *petit salon*, ainda de camisola. Estava andando para um lado e para o outro. Eu não via a sua mãe. Não conseguia entender. A porta para o *petit salon* estava escancarada. Então eu vi um pedaço do casaco vermelho. No chão. Alguma coisa tinha acontecido com *petite* madame Rey. Alguma coisa que ninguém queria me contar.

O chão range com passos do outro lado da porta. Ele para, espera que sumam. Meu coração bate com tanta força que tenho certeza de que todo mundo ouve.

— O dr. Dardel chegou imediatamente. A porta do *petit salon* estava fechada. Então ouvi a ambulância. Sirenes bem na frente do

prédio. Minha mãe não respondia a nenhuma pergunta minha. Me mandou ficar calado e bateu nas minhas orelhas. Então vieram levar a *petite* madame. Foi a última vez que a vi. Parecia estar adormecida, o cabelo negro jogado no rosto. Estava muito pálida. Eles a levaram em uma maca. Mais tarde, no mesmo dia, eu soube que tinha morrido.

Mélanie se ergue desajeitadamente, derrubando o rádio com o pé. Ele se desliga. Gaspard também tropeça.

— O que você está dizendo, Gaspard? — dispara ela, esquecendo de abaixar a voz. — Você está dizendo que mamãe teve o aneurisma aqui?

Ele parece petrificado. Gagueja:

— Recebi ordens da minha mãe para nunca mencionar que a *petite* madame tinha morrido aqui.

Mélanie e eu nos espantamos.

— Mas por quê? — acabo dizendo.

— Mamãe me fez jurar não falar nisso. Não sei por quê. Não sei. Nunca perguntei.

Ele parece a ponto de chorar mais uma vez. Mélanie choraminga:

— E nosso pai? Nosso avô? E Solange?

Ele sacode a cabeça.

— Eu não sei o que eles sabem, mademoiselle Mélanie. Esta é a primeira vez que eu falo no assunto com alguém. — A cabeça dele pendeu como uma flor murcha. — Sinto muito. Sinto muito.

— Você se importa que eu fume? — pergunto abruptamente.

Vou até uma pequena janela, acendo o cigarro. Gaspard pega a foto na prateleira.

— Sua mãe confiava em mim, sabem? Eu era jovem, tinha só 15 anos, mas ela confiava. Sua mãe confiava em mim. — Ele diz isso com um orgulho infinito. — Acho que eu era das únicas pessoas em quem ela confiava. Ela costumava vir até aqui em cima me ver,

conversar comigo. Ela não tinha amigos em Paris. Então conversava comigo.

— O que ela dizia quando vinha visitar você? — pergunta Mélanie.

— Tantas coisas, mademoiselle Mélanie. Tantas coisas maravilhosas. Me contou tudo da infância dela em Cévennes. A aldeiazinha onde viveu, perto de Le Vigan, para onde nunca havia voltado depois do casamento. Me contou que o pai e a mãe vendiam frutas na feira. Ela perdeu os pais quando ainda era muito nova. O pai teve um acidente e a mãe tinha problemas no coração. Foi criada pela irmã mais velha, uma mulher dura, que não gostou quando ela se casou com seu pai, um parisiense. Às vezes era solitária. Sentia falta do Sul, da vida simples de lá, do sol. Era solitária porque seu pai passava muito tempo longe, cuidando dos negócios. Falava do senhor e de mademoiselle Mélanie. Era muito orgulhosa dos dois. Vocês eram o centro do mundo dela.

Uma pausa.

— Ela dizia que ter vocês dois fazia tudo valer a pena. Como vocês devem sentir falta desta mãe, mademoiselle Mélanie, monsieur Antoine. Muita falta. Tive uma mãe que nunca mostrou afeto. Sua mãe era toda amor. Ela nos dava todo o amor que tinha.

Não preciso olhar para ele para saber que seus olhos estão cheios de lágrimas. Não preciso olhar para Mélanie. Termino o cigarro e jogo a guimba pela janela, no pátio interno. O ar gelado entra. No quarto ao lado, a música começa assustadoramente alta. Olho para o relógio. São quase seis horas e já escureceu.

— Precisamos que você nos leve de volta ao apartamento de nossa avó — diz Mélanie com a voz ainda trêmula.

Gaspard assente humildemente.

— É claro.

Durante toda a descida, ninguém diz uma palavra.

4 Apelido do sul da França. (N. do E.)

Capítulo 46

A ENFERMEIRA NOS CONDUZ A um quarto amplo, fechado, em que mal conseguimos distinguir uma cama de hospital, ligeiramente inclinada, e a forma minúscula de nossa avó sobre ela. Educadamente pedimos à enfermeira que nos deixe, pois precisamos conversar com nossa avó em particular. Ela obedece.

Mélanie liga o abajur e finalmente conseguimos ver o rosto de nossa avó. Blanche está de olhos fechados, as pálpebras tremem quando escuta a voz de Mélanie. Parece velha e cansada, de saco cheio da vida. Os olhos se abrem lentamente e se demoram no rosto de Mélanie e no meu. Nenhuma reação. Será que ela lembra de quem somos? Mélanie pega sua mão, fala com ela. Mais uma vez os olhos pousam sobre Mel e sobre mim, em silêncio. Um espesso colar de rugas cobre o pescoço encarquilhado. Está chegando aos 94 anos, calculo.

À nossa volta, o quarto também não mudou. Pesadas cortidas cor de marfim, carpetes espessos, uma estante, uma penteadeira diante da janela com objetos familiares que estão ali desde sempre: um ovo Fabergé, uma caixa dourada de rapé, uma pequena pirâmide de mármore e as mesmas fotografias juntando poeira em suas molduras de prata: nosso pai e Solange quando crianças, Robert, nosso avô, e então Mel, Joséphine e eu. Algumas fotos de meus filhos bebês. Nenhuma foto de Astrid. Nem de Régine. E nenhuma de nossa mãe.

— Queremos conversar com você sobre a nossa mãe — disse Mélanie com clareza. — Sobre Clarisse.

As pálpebras tremem mais uma vez e se cerram. Parece que estamos sendo dispensados.

— Queremos falar sobre o dia em que ela morreu — prossegue Mélanie, ignorando as pálpebras cerradas.

As pálpebras encarquilhadas estremecem ao se abrir e Blanche olha para nós dois em silêncio, por muito tempo. Tenho certeza de que ela não vai dizer nada.

— A senhora pode nos contar o que aconteceu aqui no dia 12 de fevereiro de 1974, *Grand-mère*?

Esperamos. Nada. Quero dizer para Mélanie que isto é inútil. Não vai funcionar. Mas de repente os olhos de Blanche parecem se arregalar e há uma expressão neles, alguma coisa de réptil que me perturba. Observo o peito seco subir e descer com o esforço. Os olhos não piscam, a nos fitar, a reluzir, desafiadores, pontos negros em um semblante mortal que lembra um crânio.

Enquanto os minutos se arrastam, começo a compreender que minha avó nunca vai falar, que o que ela sabe vai levar consigo para a sepultura. E eu a odeio por isso. Odeio todos os centímetros de sua repugnante pele enrugada, todos os centímetros do que ela é, Blanche Violette Germaine Rey, née Fromet, do 16^o *arrondissement*, nascida na riqueza, nascida na prosperidade, nascida na excelência.

Olhamo-nos fixamente, minha avó e eu, pelo que parece ser uma eternidade, fazendo com que Mélanie olhe para ela e para mim, desnorteada. Faço questão de que Blanche receba minha aversão integralmente, que ela receba diretamente toda a carga que despejo em sua imaculada camisola branca. Meu desdém é tamanho que me faz tremer da cabeça aos pés. Minhas mãos sentem ganas de agarrar uma das almofadas bordadas e sufocar o rosto branco, apagar a arrogância daqueles olhos flamejantes.

É uma batalha silenciosa e feroz entre mim e ela e dura uma eternidade. Ouço o tique-taque do despertador de prata na mesa de cabeceira, os passos da enfermeira, bem atrás da porta, o rumor abafado do trânsito na avenida arborizada. Ouço a respiração nervosa de minha irmã, o silvo dos velhos pulmões de Blanche, o

bater de meu próprio coração, tão alto quanto estava no quarto de Gaspard, momentos antes.

Finalmente os olhos se fecham. Muito lentamente, as mãos crispadas de Blanche se arrastam pela coberta como um inseto dissecado e apertam uma campainha. Um toque estridente se faz ouvir.

A enfermeira entra imediatamente.

— Madame Rey está cansada agora.

Partimos em silêncio. Gaspard não está em lugar algum. Enquanto descemos a escada, ignorando o elevador, penso em minha mãe sendo carregada para fora daqui, em uma maca, vestindo o casaco vermelho. Sinto um aperto no peito.

Lá fora está mais frio do que nunca. Descobrimos que não conseguimos conversar. Estou arrasado e, pela palidez de seu rosto, sei que Mélanie também está. Acendo um cigarro enquanto ela verifica o celular. Ofereço-me para levá-la para casa de carro. Do Trocadéro até a Bastilha o trânsito está pesado, como é o normal nas noites de sábado. Não falamos, mas sei que ela está pensando a mesma coisa que eu.

A verdade sobre a morte de nossa mãe. Uma verdade tão monstruosa que, no momento, é melhor não mencionar para mantê-la afastada.

Capítulo 47

A ASSISTENTE PESSOAL DE PARIMBERT é uma mulher robusta chamada Claudia, que esconde o excesso de gordura sob um vestido preto esvoaçante que parece um manto. Fala comigo em tom condescendente, irritantemente amistoso. Segunda-feira, logo de manhã, já está me perturbando o juízo por causa dos prazos da Cúpula do Pensamento. O projeto foi aprovado por Parimbert, mas houve um novo atraso por conta de um dos meus fornecedores, que não cumpriu a data de entrega das telas luminosas especiais que encomendei, que mudam de cor constantemente e formam todo o interior da cúpula. Em outro dia, em outro momento, eu teria ficado sentado, deixando a mulher reclamar. Não é mais assim. Penso em seus dentes manchados de cafeína, no buço peludo, no cheiro de patchouli, nos guinchos de Rainha da Noite. Meu desagrado, impaciência e incômodo fervilham criando energia suficiente para uma explosão, com a precisão eficiente de uma panela de pressão. Aquilo é quase tão bom quanto a sensação depois do sexo. Na sala ao lado, dá para ouvir o susto de Florence.

Bato o telefone. Hora de um cigarrinho rápido no pátio gelado. Coloco o casaco. Então meu telefone toca. É Mélanie.

— Blanche está morta — anuncia ela, com uma voz sem expressão. — Faleceu esta manhã. Solange acabou de me ligar.

A morte de Blanche não me provoca qualquer reação. Eu não a amava. Não vou sentir sua falta. A abominação que senti no sábado, em sua cabeceira, ainda é vívida. De qualquer maneira, era a mãe de meu pai e penso nele. Sei que devo telefonar. Devo ligar para Solange. Não ligo. Vou fumar um cigarro no frio. Penso nos dias difíceis que virão, com a disputa pela herança de Blanche, em como Solange e meu pai vão brigar. A coisa vai ficar feia. Já tinha ficado

há alguns anos e Blanche nem tinha morrido ainda. Nós ficamos de fora daquilo, ninguém nos disse nada, mas soubemos que houve conflitos e complicações entre os irmãos. Solange achava que François era o favorito, que sempre tivera vantagens. Depois de um tempo, ela parou de ver o irmão. E de nos ver.

Mélanie pergunta se quero passar lá mais tarde e ver o corpo de Blanche. Digo a ela que vou pensar no assunto. Sinto uma minúscula distância se abrir entre mim e minha irmã, uma distância nova, que nunca existira entre nós, que eu nunca sentira. Sei que ela não aprova minha indiferença em relação a Blanche, a forma como a encarei no sábado, a forma como demonstrei meus sentimentos. Mélanie pergunta se já liguei para nosso pai. Digo que vou ligar. Mais uma vez, parece que ela desaprova. Ela diz que está a caminho da casa dele. E a forma como diz isso sugere que eu deveria estar fazendo o mesmo. E logo.

Quando chego finalmente à casa de meu pai, já é noite. Margaux permanece em silêncio durante a viagem, com os fones de ouvido na orelha, olhos grudados no celular, os dedos voando enquanto ela digita mensagens e mais mensagens. Lucas está no banco de trás, concentrado no Nintendo. Sinto que estou sozinho no carro. As crianças de hoje são as mais silenciosas que já existiram.

Mélanie abre a porta para nós. Seu rosto está pálido e triste. Os olhos, chorosos. Será que ela amava Blanche, penso eu, será que vai sentir sua falta? Mal víamos nossa avó nos últimos tempos. O que ela significava para Mélanie? Mas Blanche era a única avó que tínhamos, percebo. Os pais de Clarisse morreram quando ela era jovem. Nosso avô faleceu anos atrás, quando éramos adolescentes. Blanche era nosso último elo com a infância e é por isso que minha irmã está chorando.

Meu pai já está na cama. Estou surpreso com a notícia. Olho o relógio. Sete e meia. Mélanie diz em voz baixa que nosso pai está muito cansado. Há reprovação na voz dela ou estou imaginando

coisas? Pergunto o que há de errado com ele, mas ela muda de assunto quando Régine aparece, excessivamente maquiada e com um aspecto sombrio. Ela nos abraça de forma distraída, estranha, nos oferece bebidas e salgados. Explico que Arno está no colégio interno e que vai estar de volta para o enterro.

— Não me fale sobre o enterro — geme Régine, servindo-se de uma bela dose de uísque com mão trêmula. — Não quero ter nada a ver com isso. Nunca me dei bem com Blanche. Ela nunca gostou de mim. Não entendo por que deveria ter qualquer relação com o enterro dela, pelo amor de Deus.

Joséphine entra, parecendo bem mais graciosa do que o normal. Ela nos beija e se senta ao lado de sua mãe.

— Acabei de falar com Solange — diz Mélanie, com voz firme. — Ela vai cuidar de todos os arranjos para o enterro. Você não precisa se preocupar, Régine.

— Bem, se Solange vai cuidar de tudo, então não há nada que qualquer um de nós precise fazer. Nem seu pai. Ele anda cansado demais para encarar Solange esses dias. Blanche e Solange sempre foram rudes comigo, me menosprezando porque eu não tinha a figura certa, porque meus pais não eram tão ricos. — Régine prossegue, servindo-se de mais uísque e engolindo sem parar. — Sempre me dava a sensação de que eu não era boa o suficiente para François, que eu não era adequada para ser membro da família Rey. A horrenda Blanche e sua filha ainda mais horrenda.

Lucas e Margaux trocam olhares surpresos. Joséphine expira ruidosamente. Me dou conta de que Régine está mais do que só um pouco altinha. Só Mélanie mantém os olhos grudados no chão.

— Ninguém nunca é bom o bastante para a família Rey — balbucia Régine, com manchas de batom nos dentes. — Elas faziam questão de deixar isso bem claro para nós. Mesmo se você vem de uma boa família, com dinheiro. Mesmo se você vem de uma família

de gente decente. Nunca se é bom o bastante para ser a merda de um Rey.

Ela começa a chorar, o copo vazio caído sobre a mesa. Joséphine revira os olhos, mas, com firmeza e delicadeza, ergue a mãe. Vejo pela tranquilidade dos gestos que isso costuma acontecer com frequência. Ela arrasta a chorosa Régine para fora da sala.

Mélanie e eu nos entreolhamos. Penso no que nos espera. O quarto iluminado por velas na avenue Henri-Martin, onde o corpo de Blanche nos aguarda.

Mas não é a visão de minha avó morta que me assusta esta noite. Ela estava praticamente morta quando a vi há dois dias, a não ser pelos olhos terríveis e faiscantes.

O que me assusta é ter de voltar lá. Voltar para o lugar em que minha mãe encontrou a morte.

Capítulo 48

MÉLANIE LEVA MEUS FILHOS para casa. Ela já foi ver o corpo de Blanche com Solange e nosso pai, hoje, mais cedo. Apareço sozinho na casa da minha avó. Está tarde. São quase 11 horas. Estou exausto. Mas sei que Solange me espera. O único filho. É meu dever estar lá.

O *grand salon* está surpreendentemente cheio de elegantes estranhos que tomam champanhe. Amigos de Solange, suponho. Gaspard, de terno cinza austero, confirma, são mesmo amigos dela que vieram consolar Solange esta noite. Ele acrescenta, em voz baixa, que precisa conversar comigo sobre um assunto importante. Será que eu poderia esperar por ele antes de sair? Digo que vou esperar.

Sempre pensei que minha tia fosse uma pessoa solitária, isolada, mas quando vejo a reunião desta noite, suponho que estava errado. Mas o que eu sei sobre minha tia? Nada. Ela nunca se deu bem com o irmão mais velho. Nunca casou. Levou sua própria vida, e nós a vimos pouco depois da morte de nossa mãe e dos verões em Noirmoutier. Ela, no entanto, cuidou muito de Blanche, especialmente depois que Robert, seu pai, meu avô, faleceu.

Solange vem falar comigo na entrada. Ela usa um elaborado vestido de bordados que parece um tanto glamoroso para a ocasião e colar de pérolas. Ela segura minha mão. Seu rosto está inchado, os olhos cansados. Penso em como será a sua vida daqui para a frente, sem a mãe para cuidar, sem enfermeiras para contratar, sem aquele apartamento enorme para tomar conta. Ela me leva ao quarto de Blanche e a única coisa que posso fazer é segui-la. Há pessoas em volta da cama, rezando. Não as conheço. Uma vela está acesa.

Contemplo a forma silenciosa sobre a cama. Mas a única coisa que imagino ver são os terríveis olhos flamejantes. Afasto o olhar.

Agora minha tia me leva ao *petit salon*, que está vazio. Daqui, mal dá para ouvir o zum-zum-zum e as vozes dos convidados. Ela fecha a porta. Seu rosto, que me lembra tanto o de meu pai, com um queixo maior, parece subitamente rígido, menos acolhedor. De repente, me dou conta de que este talvez não venha a ser um momento agradável. Estar neste cômodo já é desconfortável. Fico olhando para o tapete. Foi aqui que o corpo de minha mãe caiu. Bem aqui, a meus pés.

— Como está François hoje? — pergunta ela, brincando com as contas do colar de pérolas.

— Não o vi. Estava dormindo.

Ela faz um sinal de assentimento.

— Ouvi dizer que ele está sendo muito corajoso.

— Em relação a Blanche? — pergunto.

Uma rápida imobilidade. As pérolas se chocam.

— Não. Em relação ao câncer.

Congelo. Câncer. Claro. Câncer. Meu pai está com câncer. Há quanto tempo? Que tipo de câncer? É muito grave? Ninguém nesta família fala nada.

O silêncio é preferível, um silêncio lento, cloroformizado, sorrateiro, que cobre tudo como uma avalanche mortal e sufocante.

Fico pensando se ela sabe disso. Se percebe, só de olhar o meu rosto, que é a primeira vez que ouço falar da doença do meu pai. A primeira vez que ela ganha nome.

— Sim — digo sem sorrir. — É verdade. Ele está sendo corajoso.

— Preciso voltar para os convidados — diz ela, finalmente. — Adeus, Antoine. Obrigada por ter vindo.

Ela sai, as costas rígidas. Enquanto caminho para a porta, Gaspard sai do *grand salon*, carregando uma bandeja. Faço-lhe um

sinal, indicando que estarei esperando por ele lá embaixo. Desço e acendo um cigarro na frente do prédio.

Gaspard aparece alguns minutos depois. Parece controlado, um pouco cansado. Vai direto ao assunto.

— Monsieur Antoine, preciso lhe contar uma coisa.

Ele pigarreja. Parece mais calmo. Diferente do outro dia, em seu quarto.

— Sua avó morreu. Eu tinha medo dela, muito medo, compreende? Agora ela não pode mais me assustar — ele faz uma pausa, ajeita a gravata. Decido não apressá-lo. — Algumas semanas depois da morte da sua mãe, uma mulher veio ver madame. Eu abri a porta para ela. Uma senhora americana. Quando sua avó a viu, perdeu o controle. Gritou para a senhora e disse que ela precisava ir embora imediatamente. Ela estava furiosa. Nunca a vi tão furiosa. Não havia mais ninguém em casa, além de sua avó e eu. Minha mãe tinha saído para fazer compras e seu avô estava fora.

Uma mulher elegante, de casaco de pele, se dirige para onde nos encontramos. Eflúvios de Shalimar. Permanecemos em silêncio enquanto ela entra no prédio. Então Gaspard prossegue, se aproximando de mim.

— A senhora americana falava francês muito bem. Ela gritou de volta para sua avó. Disse que queria saber por que sua avó nunca atendia suas ligações, por que sua avó mandara um detetive particular segui-la. E então berrou a plenos pulmões: “E agora é melhor que você me diga como foi que Clarisse morreu!”

— Como ela era, essa americana? — pergunto, o coração se acelerando.

— Tinha cerca de 40 anos, cabelos louros longos, quase brancos, alta, do tipo esportivo.

— E aí, o que aconteceu?

— Sua avó lhe disse que se ela não fosse embora imediatamente, ela chamaria a polícia. Então me ordenou que acompanhasse a

senhora até a rua. Ela saiu da sala e eu fiquei sozinho com a americana. Ela falou uma coisa em inglês que me soou horrível e bateu a porta, sem sequer me olhar.

— Por que você não nos contou isso no outro dia?

Ele corou.

— Não tive forças para lhe dizer nada até que sua avó partisse. Este é um bom emprego, monsieur Antoine, um emprego que tive pela vida inteira. O salário é decente. Eu respeito sua família. Não queria confusão.

— Há mais alguma coisa que você precise me contar?

— Sim, há. — Ele sacode a cabeça com vigor. — Quando a americana falou sobre ter sido seguida por um detetive, eu me lembrei de alguns telefonemas para sua avó, de uma agência. Não tenho natureza curiosa e não achei que as ligações fossem estranhas, mas, com a briga, me lembrei disso. Então encontrei uma coisa... ahn... útil na lixeira de sua avó, um dia depois da visita da americana.

O rosto dele ficou ainda mais vermelho.

— Espero que o senhor não pense...

Sorrio.

— Não, claro que não penso que você estivesse fazendo nada de errado, Gaspard, você estava só esvaziando a lixeira, certo?

Ele parece tão aliviado que quase solto uma gargalhada.

— Guardei isso por todos esses anos — sussurra.

Ele me entrega um papel amassado.

— Por que você guardou isso, Gaspard?

Ele se empertiga por completo.

— Por causa de sua mãe. Porque eu a reverenciava. Porque eu quero ajudá-lo, monsieur Antoine.

— Me ajudar?

A voz dele permanece firme. Os olhos estão muito solenes.

— Ajudá-lo a compreender o que aconteceu. O dia em que ela morreu.

Aliso o papel lentamente. É uma fatura, dirigida à minha avó, da Agência Viaris, Investigadores Particulares, na rue d'Amsterdam, no 9^o *arrondissement*. Percebo que o valor é bem elevado.

— Sua mãe era uma pessoa maravilhosa, monsieur Antoine.

— Obrigado, Gaspard — digo. Aperto sua mão. É um momento constrangedor, mas ele parece satisfeito.

Observo enquanto ele se afasta, as costas curvas, as pernas finas. Ele desaparece no elevador de vidro. Dirijo para casa o mais rápido possível.

Uma rápida pesquisa na internet confirma o que eu temia. A Agência Viaris não existe mais. Fundiu-se a um grupo maior chamado "*Rubis Detetives: Serviços de investigação, vigilância, operações clandestinas, verificação de atividades e crédito*". Não tinha ideia de que este tipo de negócio ainda existisse nos dias de hoje. E este vai bem das pernas, a julgar pelo site moderno, estiloso, cheio de *plug-ins* engenhosos. Os escritórios ficam perto da Opéra. Reparo que há um endereço de e-mail. Decido escrever para eles, explicando a situação. Que preciso do resultado da investigação feita para a minha avó, Blanche Rey, encomendada em 1973. Incluo o número da fatura, no recibo de vovó. Será que eles podiam me dar um retorno assim que possível? É urgente, muito obrigado. Deixo o número do meu celular. Quero ligar para Mélanie e falar sobre tudo isso, e por pouco o faço, mas é quase uma da manhã. Fico deitado na cama por muito tempo, virando de um lado para o outro até finalmente dormir.

O câncer de meu pai. O enterro próximo de minha avó. A americana loura e alta.

"E agora é melhor que você me diga como foi que Clarisse morreu!"

Capítulo 49

NA MANHÃ SEGUINTE, AO chegar ao escritório, procuro o telefone de Laurence Dardel. Ela é filha do dr. Dardel, imagino que esteja com 50 e tantos anos. O pai dela era o amigo íntimo, o médico da família que assinou o atestado de óbito de minha mãe e que, de acordo com Gaspard, foi o primeiro a chegar à avenue Henri-Martin naquele fatídico dia de fevereiro de 1974. Laurence também se tornou médica, assumindo a maior parte dos clientes do pai e suas famílias. Não a via há muitos anos, não somos particularmente amigos. Quando ligo para o consultório, me informam que ela está cuidando dos pacientes no hospital em que trabalha. Ao que parece, só o que me resta é marcar uma hora. Sou informado então de que a próxima hora vaga da dra. Dardel é daqui a uma semana. Agradeço e desligo.

Lembro que o pai dela morava na rue Spontini, não muito longe da rue de Longchamp. Ele tinha consultório ali. O dela é na avenue Mozart, mas estou bem certo de que ainda mora no apartamento da rue Spontini, que herdou do pai. Lembro-me de ter ido lá, ainda menino, depois da morte de minha mãe, tomar chá com Laurence e o marido. Ela tinha filhos, bem mais jovens do que nós. Tenho poucas lembranças deles. Laurence Dardel casou com um homem cujo nome não lembro. Manteve o sobrenome de solteira por causa do trabalho. Não há como verificar se ela ainda mora na rue Spontini sem ir lá pessoalmente.

Depois de uma manhã de muito trabalho, ligo para meu pai na hora do almoço. Régine atende o telefone e me conta que ele está com a irmã, organizando o enterro de Blanche, com missa na igreja de Saint-Pierre de Chaillot, como esperado. Informo a ela que volto a ligar de noite, ainda cedo. No final da tarde, tenho uma reunião,

uma das últimas, com Parimbart em seu escritório. Estamos no meio da instalação da Cúpula do Pensamento e pequenos detalhes precisam ser acertados.

Quando chego, percebo alarmado que Rabagny, o insuportável genro, também está lá. Fico ainda mais atônito quando o homem se apressa a apertar minha mão com um sorriso, sorriso que eu nunca vira antes, que deixa exposto um pedaço desagradável de gengiva, dizendo que fiz um trabalho fantástico com a Cúpula do Pensamento. Parimbart assiste a tudo com seu habitual sorriso convencido, e praticamente ronrona. Rabagny está todo agitado, o rosto suado, muito vermelho. Para minha surpresa, chega a gaguejar. Está convencido de que a Cúpula do Pensamento e sua estrutura de painéis de luz que mudam de cor são um conceito revolucionário com o mais profundo significado psicológico e artístico e deseja explorá-lo, com minha permissão. Isto pode virar um negócio de grande vulto, resfolega, pode ir para o mundo inteiro. Ele já planejou tudo, tem pensado muito no assunto. Preciso assinar um contrato, pedir para meu advogado examiná-lo, naturalmente, mas tudo deve andar bem rápido e, se funcionar, logo vou me tornar bilionário. Ele também. Não há muito o que fazer além de esperar que ele pare para recuperar o fôlego, o que acaba acontecendo, bufando e resfolegando. Mantenho-me indiferente, ponho o tal contrato no bolso, digo friamente que vou pensar no assunto. Quanto mais frio sou, mais ele se humilha. Afinal vai embora, depois de um momento aterrorizante em que se aproximou de mim como se fosse um filhote afetuoso e cheguei a temer que ele estivesse vindo me beijar.

Parimbart e eu começamos a trabalhar. Ele não está totalmente satisfeito com os assentos que, na sua opinião, são confortáveis demais, pouco adequados para o imenso esforço intelectual que terá lugar dentro da cúpula. Ele prefere assentos duros, ascéticos, que obriguem as pessoas a se sentarem rígidas e eretas como se

estivessem assistindo à aula de um professor durão. Nenhuma concessão às tentações da indolência.

Apesar da fala mansa, Parimbert é um cliente exigente e deixo seu escritório muito depois do que imaginara, sentindo-me como se tivesse levado uma surra. Decido dirigir direto até a rue Spontini. O trânsito, a esta hora, é lento, mas não devo levar mais de vinte minutos para chegar lá. Estaciono o carro perto da avenue Victor-Hugo e vou a um café para esperar um pouco mais. Ainda não tive notícias da Agence Rubis. Chego a pensar em ligar para minha irmã e contar meu plano. Mas no que pego o telefone, ele começa a tocar. Angèle. Meu coração dá um salto, como sempre acontece quando ela liga. Estou a ponto de lhe contar sobre minha visita à casa de Laurence Dardel, mas, no último minuto, resolvo não falar nada. Quero guardar para mim esta busca, ou seja lá o que isso for. Esta missão pela verdade. Falo sobre outra coisa, sobre nosso próximo fim de semana juntos, que está chegando.

Ligo então para meu pai. Sua voz parece fraca. Não soa como de costume. Como sempre, nossa conversa é rápida e fria. Parece que eu e meu pai estamos separados por uma enorme e espessa muralha, falamos um com o outro, mas não trocamos nada, nenhum carinho, nenhum afeto. Nenhuma intimidade. E foi assim por toda a nossa vida. Por que deveria mudar? Eu nem saberia como começar. Perguntar sobre o câncer? Dizer que eu sei? Dizer que me importo? Impossível. Ele não me programou para agir assim. E como sempre, como toda vez que desligo o telefone depois de falar com meu pai, a desesperança ergue sua cabeça cansada.

São quase oito da noite. Laurence Dardel provavelmente já está em casa. Rue Spontini, 50. Não tenho a senha para entrar e espero do lado de fora, fumando, andando para um lado e para o outro para manter-me aquecido, até que alguém finalmente sai do prédio. A lista do lado de fora da porta da concierge informa que a família Fourcade-Dardel mora no terceiro andar. Esses prédios da era

Haussman, distintos, com carpetes vermelhos, têm todos o mesmo odor, penso ao subir: o cheiro apetitoso das panelas no fogo, cera de abelha, fragrâncias florais para perfumar os ambientes.

A campainha é atendida por um jovem de 20 e poucos anos, com fones de ouvido. Explico quem sou e lhe pergunto se a mãe está em casa. Antes que ele possa me responder, Laurence Dardel aparece. Olha para mim e diz sorridente:

— Você é Antoine, não é? O filho de François?

Ela me apresenta a Thomas, o filho, que desaparece com seus fones de ouvido, e me conduz à sala de estar. Ela não mudou muito com o passar do tempo. O rosto é como eu me lembro, pequeno, penetrante, incisivo, as pestanas claras, o cabelo jogado para trás em um coque arrumado. Ela me oferece uma taça de vinho, que aceito.

— Li sobre a morte da sua avó no *Figaro* — diz ela. — Vocês devem ter ficado muito transtornados. Nós vamos estar no enterro, naturalmente.

— Eu não era muito chegado a ela — digo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Puxa, pensava que você e Mélanie fossem doidos por ela.

— Não exatamente.

Há um silêncio. O cômodo que ocupamos é convencional e burguês. Nada está fora do lugar. Nenhuma mancha no carpete cinza-claro, nenhuma partícula de poeira em lugar algum. Móvel tradicional, pinturas pouco imaginativas, fileiras e fileiras de livros médicos. Ainda assim, reparo que este apartamento poderia virar uma joia, no que meus olhos de especialista identificam tetos falsos pouco atraentes, painéis supérfluos, portas pesadas. Meu nariz capta o cheiro perene de comida cozinhando. Percebo que é hora do jantar.

— Como está o seu pai? — Laurence pergunta educadamente.

Ela é uma médica, afinal de contas. Não preciso fingir.

— Ele está com câncer.

— Sim — diz ela.

— Você sabe disso, não é?

— Sei há um tempo.

— Há quanto tempo?

Ela põe a mão sob o queixo, tensiona a boca.

— Meu pai me contou.

Sinto um leve aperto no peito.

— Mas seu pai morreu no início dos anos 80.

— Sim — diz ela. — Em 1982.

Ela tem o mesmo físico robusto do pai, as mãos curtas e grossas.

— Você quer dizer que meu pai já estava doente em 1982?

— Sim, ele estava. Mas se recuperou com o tratamento. Aí ficou bem, acho eu, durante um tempo. Até recentemente.

— Você é a médica dele?

— Não, mas meu pai cuidou dele até morrer.

— Ele parece muito cansado — digo eu. — Exausto mesmo.

— É por causa da quimioterapia — diz ela. — Derruba a pessoa.

— Está funcionando?

Ela olha para mim diretamente.

— Não sei, Antoine. Não sou a médica dele.

— Então como você sabe que ele está doente de novo?

— Porque eu o vi recentemente e percebi.

Então ela também, assim como a dra. Besson, havia percebido.

— Meu pai não contou nem para mim nem para Mélanie que está doente. A irmã dele sabe, não sei como, pois os dois mal se falam. Nem sei o tipo de câncer que ele tem. Não sabemos de nada. Ele não fala nada sobre o assunto.

Ela assente, mas não faz comentários. Termina a taça de vinho e a pausa.

— Por que você está aqui, Antoine? Como posso te ajudar?

Antes que eu possa responder, a porta da frente estala e um homem forte, careca, entra. Reconheço vagamente o marido. Laurence diz a ele quem eu sou.

— Antoine Rey. Faz muito tempo! Você se parece cada vez mais com seu pai.

Detesto quando as pessoas dizem isso. Lembro-me do nome dele, Cyril. Após alguns minutos de conversa mole, em que manifesta condolências pela morte de Blanche, ele sai da sala. Reparo que Laurence olha discretamente o relógio.

— Não vou tomar muito do seu tempo, Laurence. E sim, preciso da sua ajuda. — Faço uma pausa. Ela olha para mim, esperando. Seu olhar é vigoroso, capaz, lhe confere certa dureza. Quase como um homem. — Quero olhar o prontuário da minha mãe.

— Posso perguntar a razão?

— Há coisas que eu gostaria de verificar. Como o atestado de óbito, por exemplo.

Os olhos dela se estreitam.

— O que você precisa saber exatamente?

Curvo-me para a frente e digo em um tom resolutivo:

— Preciso saber exatamente como e onde minha mãe morreu.

Ela parece desconcertada.

— Há necessidade disso?

Sua atitude me abala. Deixo isso evidente.

— Há algum problema?

Minha voz sai mais aguda do que eu planejava. Ela dá um pulo como se eu a tivesse cutucado.

— Não há problema, Antoine. Não precisa ficar zangado.

— Então você pode me entregar o prontuário?

— Vou ter que procurá-lo. Não tenho muita certeza de onde se encontra. Pode levar algum tempo.

— Como assim?

Ela olha mais uma vez para o relógio.

— O arquivo de meu pai está aqui, mas eu não tenho tempo de procurar agora.

— E quando você vai ter tempo?

Mais uma vez a voz sai com uma entonação mordaz que não consegui evitar. A tensão entre nós dois aumenta, é uma hostilidade tangível que me surpreende.

— Assim que for possível. Ligo para você quando eu tiver achado.

— Ótimo — digo, me levantando apressadamente.

Ela também levanta, o rosto anguloso avermelhado, e ergue os olhos para mim.

— Me lembro bem da morte da sua mãe. Foi um momento terrível para a sua família. Eu tinha uns 20 anos, tinha acabado de conhecer Cyril e estudava medicina. Lembro de o meu pai ter me ligado e avisado que Clarisse Rey havia morrido de aneurisma. Que já estava morta quando ele a encontrou, que não havia nada que pudesse fazer.

— Ainda assim, eu preciso dar uma olhada no prontuário — digo com firmeza.

— Voltar ao passado nunca é uma boa ideia. Você já tem idade para saber disso.

Não digo nada. Então encontro um de meus cartões no bolso. Entrego para ela.

— Este é o meu telefone. Por favor, me ligue assim que tiver localizado a ficha.

Saio o mais rápido que consigo, sem me despedir, o rosto queimando. Fecho a porta, desço silenciosamente a escada, nem espero para sair antes de acender o cigarro.

Apesar do ressentimento, do medo do que não sei e não compreendo, enquanto corro para o carro na escuridão gelada, sinto-me próximo de minha mãe, mais próximo do que me senti em muitos anos.

Capítulo 50

RECEBO UMA LIGAÇÃO DA Agence Rubis no final do dia seguinte. Uma mulher agradável e eficiente chamada Delphine. Não há problema em me entregar o arquivo, afinal já se passaram mais de trinta anos. Tudo o que ela precisa é que eu passe no escritório deles, apresente um documento de identidade e assine um papel.

Levo um tempo para ir de Montparnasse à Opéra, preso no trânsito pesado. Ouço o rádio, respiro fundo, tento não deixar que a ansiedade tome conta de mim. Não dormi bem nas últimas semanas. Noites sem sono, perguntas sem fim. Noites de sentir-me atemorizado por algo que não consigo entender. Fico querendo ligar para minha irmã, contar tudo que descobri, mas ainda hesito. Quero saber a história toda sozinho. Quero ter todas as cartas na mão. O dossiê Rey que a Agence Rubis está para me entregar. O prontuário médico do dr. Dardel sobre minha mãe. E então me parece que vou saber o que fazer e como contar para Mélanie.

Delphine me faz esperar uns bons dez minutos em uma sala de espera elegante, em marfim e escarlate. Será que esse é o lugar onde aguardam com ansiedade e angústia os cônjuges que suspeitam que suas caras-metades os estão traindo? A essa hora, já não há ninguém ali. Delphine afinal aparece, uma criatura feminina, vestida em rubi, com um sorriso acolhedor. Os detetives particulares de hoje não se parecem com Columbo.

Assino um formulário, mostro minha carteira de identidade, e ela me entrega um grande envelope bege, selado com uma grossa camada de cera. Não é aberto há muitos anos, posso ver. "REY" está datilografado em grandes letras negras. Sou informado de que ali estão os originais do que foi enviado para minha avó. Fico ansioso por abri-lo quando entro no carro, mas me obrigo a esperar.

Em casa, faço café, acendo um cigarro, sento na mesa da cozinha, respiro fundo.

Ainda há tempo de guardar o envelope. De nunca abri-lo. De nunca saber. Corro os olhos pelo cômodo familiar. Chaleira fervendo, farelos jogados pelo balcão, um copo de leite pela metade. O apartamento está tranquilo. Lucas certamente está dormindo e Margaux está na frente do computador. Espero ainda. Espero por muito tempo.

Então pego uma faca e abro o envelope. O selo cede, se parte ao meio. Está feito.

Capítulo 51

AS PRIMEIRAS COISAS QUE caem de dentro do envelope são recortes de revistas como a *Vogue* e a *Jours de France*. Meus pais em coquetéis, eventos sociais, corridas. 1967, 1969, 1971, 1972. Monsieur e madame François Rey. Madame vestida de Dior, Jacques Fath, Schiaparelli. Seriam vestidos emprestados? Não me lembro de tê-la visto com eles. Como parecia linda. Tão jovem, tão bonita.

Mais recortes, agora do *Le Monde* e *Le Figaro*. Meu pai e o caso Vallombreux, aquele que o tornou famoso no início dos anos 70. Acho mais dois pequenos recortes: o anúncio do meu nascimento e o de Mélanie, no *Carnet du Jour* do *Figaro*. E então encontro um grande envelope de papel pardo. Dentro, há três fotos em preto e branco e duas coloridas. Má qualidade, close-ups granulados. Mas não tenho dificuldades para reconhecer minha mãe. Ela está com uma mulher alta, de cabelo longo e platinado, que parece mais velha do que ela. Três fotos são em Paris, nas ruas. Minha mãe está olhando e sorrindo para a loura. Não estão de mãos dadas, mas são evidentemente muito próximas. É outono ou inverno, as duas estão de casaco. As fotos coloridas são tiradas em um restaurante ou bar de hotel. As duas estão sentadas em uma mesa. A loura fuma. Usa blusa roxa e um colar de pérolas. O rosto de minha mãe é sério, os olhos baixados, a boca apertada. Em uma das fotos, a loura acaricia o rosto de minha mãe.

Espalho todas as fotos sobre a mesa da cozinha, cuidadosamente. Eu as olho por algum tempo. Um mosaico de minha mãe e desta desconhecida. Sei que é a mulher que Mélanie viu na cama de nossa mãe. É a americana que Gaspard mencionou.

Dentro do envelope há uma carta datilografada, dirigida à minha avó, da Agence Viaris. A data é 12 de janeiro de 1974. Um mês

antes da morte de minha mãe.

Prezada madame Rey,

De acordo com suas instruções, como consta em nosso contrato, aqui estão as informações que a senhora nos solicitou, em relação a Clarisse Rey, nascida Elzyère, e Miss June Ashby. Miss Ashby, de nacionalidade norte-americana, nascida em 1925, em Milwaukee, Wisconsin, é dona de uma galeria de arte em Nova York, na West 57th Street. Vem a Paris todos os meses a negócios e fica no hotel Régina, na place des Pyramides, no 1^o arrondissement.

Durante as semanas compreendidas entre setembro e dezembro de 1973, miss Ashby e madame Rey encontraram-se todas as vezes que miss Ashby veio a Paris, em um total de 5 vezes. Em cada uma dessas vezes, madame Rey foi ao hotel Régina de tarde e subiu direto ao quarto de miss Ashby. Madame Rey descia depois de algumas horas. Certa vez, em 4 de dezembro, madame Rey chegou depois do jantar e não saiu do hotel até o nascer do dia seguinte.

Enviamos nossa fatura anexa.

Agence Viaris. Investigadores Particulaires.

Examino com atenção as fotos de June Ashby. Uma mulher marcante. Os olhos parecem escuros, mas as fotos não são boas, não dá para saber ao certo. Ela tem maçãs do rosto altas, ombros largos de nadador. Não parece masculinizada. Há algo até mesmo intensamente feminino nela, nos longos membros esguios, no colar de contas no pescoço, nos brincos de argola. Fico imaginando o que ela disse em inglês no dia em que apareceu para se confrontar com Blanche, e que pareceu tão horrível a Gaspard. Fico pensando onde ela está agora. Fico pensando se ela se lembra de minha mãe.

Sinto um movimento e me viro rápido. Margaux está bem atrás de mim, de camisola. O cabelo está jogado para trás, o que faz com

que se pareça com Astrid.

— O que é isso aí, pai?

Minha primeira reação é querer esconder as fotos envergonhadamente, jogá-las de volta no envelope e inventar alguma história sobre separar documentos antigos. Mas não me mexo.

É tarde demais para mentir. Tarde demais para ficar em silêncio. Tarde demais para fingir que não sei.

— Me deram isso hoje à noite.

Ela assente.

— A morena, ela parece tanto com Mélanie... Não é a sua mãe?

— Sim, é minha mãe. E a loura é... amiga dela.

Margaux se senta e examina cada foto com interesse.

— Mas sobre o que é isso?

Chega de mentiras. Chega de silêncio.

— Minha avó mandou um detetive particular seguir minha mãe e essa mulher.

Margaux me olha espantada.

— Por que fazer isso? — Então a ficha cai. Ela tem só 14 anos, afinal. — Ahh... — diz ela lentamente, o rosto corando. — Elas eram amantes, não é?

— Sim, eram.

Uma pausa.

— Sua mãe estava tendo um caso com essa mulher?

— É isso.

Margaux coça a cabeça pensativamente. Ela cochicha:

— Isso é tipo um grande segredo da família que ninguém nunca fala?

— Acho que sim.

Ela pega uma das fotos em preto e branco.

— Ela se parecia tanto com a Mélanie. É incrível.

— É verdade.

— Quem é a outra mulher, a amiga? Você conheceu?

— Uma americana. Isso foi há muito tempo. Se eu conheci, não me lembro.

— O que você vai fazer com tudo isso, pai?

— Eu não sei — respondo honestamente.

Inesperadamente, tenho uma visão da Passagem de Gois sendo engolida por braços de água marinha. Logo, só os postes de resgate indicam que uma estrada jaz nas profundezas, além da superfície das águas. Um sentimento de ansiedade me invade.

— Você está bem, pai?

A mão de Margaux roça meu braço. O gesto é tão raro, vindo dela, que ao mesmo tempo me surpreende e me comove.

— Estou bem, querida. Obrigado. Você pode ir para a cama agora. Ela me deixa beijá-la. Vai embora.

Há só mais uma coisa dentro do envelope, uma folha de papel fino que foi amassada e posteriormente alisada. É do papel de carta do hotel Saint-Pierre. A data é 19 de agosto de 1973. O choque de encontrar a letra de minha mãe me atinge como um soco. Leio as primeiras linhas com o coração aos saltos.

Você acabou de sair do quarto e eu vou colocar essa mensagem debaixo da porta, sem deixá-la no nosso esconderijo habitual. Torço para que você a receba antes de pegar o trem de volta para Paris...

Capítulo 52

MINHA CABEÇA PARECE ESTAR mais clara, embora eu ainda sinta meu coração bater dolorosamente, como ocorreu no quarto de Gaspard há alguns dias. Vou ao computador e tecló "June Ashby" no Google. A primeira ocorrência é a galeria de arte que leva seu nome na 57th Street, em Nova York. Especializada em arte moderna e contemporânea feita por mulheres. Procuo informações sobre ela, mas não há nada no site.

Volto ao Google, rolo a página. Então vejo. *"June Henrietta Ashby morreu em maio de 1989 de falência respiratória, no hospital Mount Sinai, em Nova York. Tinha 64 anos. Sua renomada galeria de arte 57th Street, fundada em 1966, se concentra na arte moderna europeia produzida por mulheres, que ela apresentou aos amantes da arte na América do Norte. À frente da galeria agora, está sua sócia, Donna W. Rogers. Miss Ashby militou na defesa dos direitos dos homossexuais, foi cofundadora do clube social lésbico de Nova York e do grupo militante 'Filhas da Esperança'."*

Sinto uma profunda tristeza em saber que June Ashby está morta. Teria gostado de conhecer esta mulher, a mulher que minha mãe amou, que conheceu em Noirmoutier, no verão de 1972. A mulher que ela amou em segredo por mais de um ano. A mulher com quem minha mãe se sentia pronta para enfrentar o mundo, a mulher com quem queria nos criar. Tarde demais. Dezenove anos de atraso.

Imprimo o texto e prendo com um clipe aos demais documentos encontrados no envelope. Procuo por Donna W. Rogers e "Filhas da Esperança" no Google. Donna é uma mulher de aparência envelhecida, com uns 70 anos, de rosto astuto e cabelo curto cor de cobre. O clube social lésbico tem um site interessante e variado. Navego por ele, lendo sobre reuniões, shows, confraternizações.

Aulas de culinária, ioga, seminários de poesia, conferências políticas. Envio o link para Mathilde, uma arquiteta com quem trabalhei há alguns anos. A namorada dela, Milèna, tem um bar badalado no Quartier Latin, onde costumo ir. Apesar de ser tarde, Mathilde está no computador e responde a meu e-mail imediatamente. Ela está curiosa em saber por que lhe enviei o link. Explico que o clube teve entre suas fundadoras a mulher que foi amante de minha mãe. Então meu celular toca. É Mathilde.

— Ei! Eu não sabia que sua mãe era *goudou* — diz ela.

— Nem eu.

Segue-se um silêncio, mas ele não é desconfortável.

— Quando você descobriu?

— Há pouco tempo.

— Como você está se sentindo?

— Um pouco estranho, no mínimo.

— E ela sabe que você sabe? Foi ela quem te contou?

Suspiro.

— Minha mãe morreu em 1974, Mathilde. Eu tinha 10 anos.

— Ai, sinto muito — diz ela rapidamente. — Me perdoe.

— Deixa pra lá.

— Sobre ela ser lésbica... Seu pai sabia?

— Não sei. Não sei o que meu pai sabe.

— Você quer aparecer no bar, para a gente tomar um drinque e bater um papo?

Sinto-me tentado. Gosto da companhia de Mathilde, e o bar da namorada dela é um lugar muito divertido. Mas a exaustão me derruba esta noite e digo isso a ela. Ela me faz prometer passar por lá em breve. Eu prometo.

Mais tarde, na cama, ligo para Angèle. Cai na secretária eletrônica. Não deixo recado, tento o telefone fixo. Ninguém atende. Luto para não deixar isso me incomodar, mas incomoda. Eu sei que ela sai com outros homens. É discreta a esse respeito. Quero dizer a

ela para parar com isso. Decido falar com ela sobre isso em breve. Mas o que ela vai me responder? Que não somos casados? Que ela é alérgica à fidelidade? Que mora em Clisson e eu em Paris, e como vamos fazer com que isso funcione? Sim, como? Não tem jeito de ela se mudar para Paris, odeia a poluição, o barulho. E eu conseguiria me ver enterrado naquela cidadezinha de interior? E ela talvez possa até me perguntar (pois deve ter adivinhado) se dormi com Astrid recentemente e não disse nada a ela.

Sinto sua falta esta noite enquanto me deito na minha cama vazia, com tantas perguntas revolvendo-se em minha cabeça. Sinto falta de sua astúcia, da rapidez de seu raciocínio. Sinto falta de seu corpo, do perfume da sua pele. Fecho os olhos e gozo rapidamente, pensando nela. Aquilo me faz sentir uma espécie de relaxamento, mas não me deixa mais feliz. Sinto-me mais solitário do que nunca. Levanto e fumo um cigarro no silêncio sombrio.

Os traços finos de June Ashby voltam para mim. Posso vê-la, tocando a campainha da casa dos Rey, alta e formidável em sua fúria, em sua dor. Blanche e ela, face a face. O Novo Mundo versus *la vieille* Europa, incorporada no 16^o *arrondissement* de Paris.

"E agora é melhor que você me diga como foi que Clarisse morreu!"

Nunca ouvi sua voz e nunca vou ouvir, mas me parece que a escuto esta noite, uma voz forte e profunda, o sotaque americano intenso aparecendo no francês bem-educado. Posso ouvi-la pronunciando "Clarisse" do jeito dos americanos, acentuando a sílaba final, suavizando o R.

"E agora é melhor que você me diga como foi que Clarisse morreu!"

Mais tarde, quando finalmente adormeço, a visão perturbadora da água do mar fechando hermeticamente a Passagem de Gois jamais deixa meus sonhos agitados.

Capítulo 53

ACABOU. BLANCHE JAZ NA sepultura da família Rey, no cemitério do Trocadéro. Estamos em volta do túmulo, sob um céu surpreendentemente azul, um pequeno grupo, meus filhos, Astrid, Mélanie, Solange, Régine e Joséphine, amigos próximos, criados fiéis e meu frágil pai, apoiado em uma bengala que eu nunca tinha visto antes. Reparo como a doença gradualmente toma conta dele, a pele, de aspecto doentio e amarelado, tem consistência de cera. Ele perdeu a maior parte do cabelo, até cílios e sobrancelhas. Mélanie está ao seu lado e observo como ela nunca o deixa só, segurando seu braço, observando-o de esguelha, como uma mãe que consola uma criança. Sei que minha irmã tem um novo namorado, Eric, um jovem jornalista que ainda não conheci, mas, apesar desse novo homem em sua vida, ela parece totalmente envolvida com nosso pai e seu bem-estar. Durante a cerimônia, no frio e na escuridão da igreja, sua mão não deixou o ombro de nosso pai. Percebo como está preocupada, como ele a comove. Por que não me sinto tocado? Por que a vulnerabilidade de meu pai só me desperta pena? Enquanto estou ali, não é em meu pai que penso. Nem na minha avó. Penso na minha mãe, cujo caixão repousa naquela sepultura aberta, alguns metros abaixo da terra. Será que June Ashby chegou a vir aqui? Será que esteve aqui onde me encontro agora, contemplando o epitáfio com o nome de Clarisse? E se esteve aqui, será que não foi atropelada pelas mesmas perguntas que agora me atormentam?

Depois do enterro, nos reunimos na avenue Henri-Martin para uma festa em homenagem a Blanche. Vários amigos de Solange aparecem. A mesma turma elegante e rica que surgiu na noite em que Blanche morreu. Solange me pede para ajudá-la a levar flores

para o *grand salon*, aberto excepcionalmente para a ocasião. Gaspard e alguns criados arranjaram um bufê saboroso e observo Régine, com as bochechas cheias de *rouge*, começando a beber champanhe. Joséphine está ocupada demais conversando com um cavalheiro ruborizado e gorduroso para reparar. Meu pai, muito quieto, está sentado em um canto com Mélanie.

Fico sozinho com Solange no *office*, ajudando a achar vasos para os lírios com perfume enjoativamente adocicado que se multiplicam sempre que a campainha toca. Em um rompante, eu a enfrento enquanto ela está concentrada arrumando as flores.

— Você se lembra de uma mulher chamada June Ashby? — indago à queima-roupa.

O rosto cuidadosamente maquiado não move um músculo.

— Muito vagamente — murmura.

— Uma americana, loura, alta, tinha uma galeria de arte em Nova York.

— Me é levemente familiar.

Observo as suas mãos passearem pelas pétalas brancas, os dedos inchados e cobertos de anéis, o esmalte de unhas escarlate. Ela nunca foi uma mulher bonita, Solange. Não devia ser fácil para ela ter uma cunhada com a aparência de Clarisse.

— June Ashby passou alguns verões em Noirmoutier, no hotel Saint-Pierre. Quando estávamos lá.

— Entendo.

— Você lembra se ela ficou amiga da minha mãe?

Ela finalmente olha para mim. Não há nada acolhedor naqueles olhos castanhos.

— Não, não me lembro.

Um garçom entra, carregando uma bandeja com copos. Espero que ele saia.

— Do que você se lembra sobre ela e a minha mãe?

Novamente o olhar impassível.

— Nada. Não me lembro de nada sobre ela e sua mãe.

Se ela está mentindo, é uma mentirosa profissional. Olha-me diretamente, sem hesitação, toda a sua pessoa está composta, imperturbável. A mensagem que me envia é clara. *Não me faça mais perguntas.*

Ela sai, as costas eretas como sempre, levando os lírios. Volto ao *grand salon*, notando que o lugar está cheio de gente que nunca vi antes e que saúdo educadamente.

Laurence Dardel, em um conjunto preto que faz com que pareça mais velha do que é, me entrega discretamente um envelope pardo. O prontuário médico. Eu agradeço. Guardo junto ao meu casaco, mas estou sentindo coceira para abri-lo. Os olhos de Mélanie me seguem de longe e sinto uma onda de culpa. Digo a mim mesmo que logo vou dividir tudo isso com ela. Tudo sobre June Ashby, o papel de Blanche, o relatório dos detetives.

Reparo que Astrid também me observa, sem dúvida conjeturando por que aparento estar tão nervoso. Ela está ocupada em consolar Margaux, que se sentiu péssima no enterro, pois lhe trouxe memórias dolorosas e recentes de Pauline.

Arno vem para junto de mim. Ele deixou o internato excepcionalmente para assistir ao enterro da bisavó. O cabelo está mais curto, mais limpo e ele se barbeou.

— Oi, pai.

Ele estende a mão e dá um tapinha em meu ombro, vai até a mesa em que estão as bebidas e os *petit fours*, e se serve de um refresco de frutas. Depois de um bom tempo sem falarmos nada além do mínimo necessário, nosso relacionamento melhorou alguma coisa. Suspeito que o internato, com seus horários rigorosos, normas de higiene e esportes vigorosos e obrigatórios, esteja sendo bom para ele. Astrid também acha. Ele se abaixa e cochicha.

— Sabe aquelas fotos? Margaux me contou.

— Sobre minha mãe?

— Isso. Ela me explicou. Falou da carta da agência e tudo o mais. Pesado.

— O que você acha disso?

Ele abre um sorriso.

— Você quer dizer o que eu acho de ter uma avó gay?

Também não consigo deixar de abrir um sorriso.

— É legal de pensar — diz ele. — Mas não deve ter sido tão legal pro *Grand-père*.

— Não, acho que não foi.

— Meio difícil pro orgulho de um homem, né? Assim, a mulher dele preferir meninas.

Acho a observação madura e relevante, vinda da boca de um garoto de 16 anos. Como eu teria reagido se Astrid estivesse tendo um caso com uma mulher? Não seria o último grau de rejeição para um homem? A mais humilhante forma de adultério? A forma mais certa de fazer com que um homem se sentisse tudo, menos viril? Mas quando penso em Serge e em sua bunda cabeluda na câmera de Astrid, acho que, de alguma maneira, nada poderia ser pior do que aquilo.

— Como estão as coisas com Serge? — indago, fora do alcance de Astrid.

Arno devora um éclair de chocolate inteiro.

— Viaja muito.

— E a sua mãe? Como ela está?

Arno olha para mim enquanto mastiga.

— Não sei. Pergunta pra ela. Está olhando bem pra nós.

Sirvo-me de champanhe enquanto Gaspard se apressa em me ajudar.

— Quando você vai ver Angèle de novo? — pergunta Arno.

O champanhe está gelado e borbulhante na minha língua.

— Dentro de algumas semanas. — E quase acrescento: *mal posso esperar*.

— Ela tem filhos?

— Não. Tem alguns sobrinhos e sobrinhas da sua idade, eu acho.

— Você vai pra Nantes?

— Sim. Ela não gosta muito de vir para Paris.

— Pena.

— Por quê?

Ele cora.

— Ela é legal.

Dou uma gargalhada e o descabelo como fazia quando ele era pequeno.

— É verdade. Ela é legal.

Os minutos passam. Arno fala da escola, dos amigos novos. Escuto e faço sinais positivos com a cabeça. Então Astrid vem falar conosco. Depois de um tempo, Arno vai embora à cata de mais comida. Ela e eu temos uma conversa em particular. Ela parece mais feliz, ao que parece, Serge e ela decidiram recomeçar. Estou feliz em ouvir. Digo isso. Ela quer saber de Angèle, está curiosa, já ouviu muita coisa sobre ela das crianças. Por que não a trago para jantar em Malakoff uma noite dessas? Claro, respondo, mas Angèle não vem muito para Paris. Prefere ficar em sua querida Vendée.

E subitamente, apesar da conversa agradável com minha esposa, o tipo de conversa que não tenho com ela há algum tempo, me parece completamente impossível não dar uma olhada imediatamente, neste minuto, no prontuário médico de minha mãe. É impossível esperar até chegar em casa.

Murmuro qualquer coisa sobre ter que ir ao banheiro, recuo, pego o envelope discretamente e o ponho embaixo do casaco. Corro então para o grande banheiro no fim do corredor comprido. Lá dentro, com a porta trancada, eu o abro febrilmente. Laurence Dardel escreveu um bilhete.

"Querido Antoine, você vai encontrar anexo o dossiê médico completo de sua mãe. São fotocópias, como talvez você perceba,

mas nada foi omitido. As anotações de meu pai estão todas aí. Não acho que isto vá lhe ser útil de forma alguma, mas, como filho de Clarisse Rey, você tem o direito de olhar este arquivo. Se tiver mais perguntas, por favor entre em contato comigo. Tudo de bom, LD.”

— Vaca esnobe — me pego resmungando em voz alta. — Nunca gostei dela.

O primeiro documento é o atestado de óbito. Debruço-me sobre ele, me voltando para a luz para ver melhor. Nossa mãe realmente morreu na avenue Henri-Martin. Não na avenue Kléber. *Causa da morte: Aneurisma*. Um pensamento inesperado me vem à cabeça.

— Espera aí — balbucio em voz alta. — Espera aí... — 12 de fevereiro de 1974... Eu voltei da escola com a babá, de tarde... Fui informado, assim que chegamos, pelo meu pai, que Clarisse tinha morrido subitamente, que o corpo estava no hospital... Eu não perguntei *onde* ela morreu. Naturalmente, presumi que tinha morrido na avenue Kléber. Por isso nunca perguntei. E Mel também não perguntou.

Estou seguro. *Mélanie e eu não fomos informados porque não perguntamos*. Éramos tão pequenos. Estávamos chocados. Me lembro muito bem de papai explicando sobre o aneurisma, como tinha acontecido, uma veia explodindo no cérebro, de como Clarisse havia morrido, de uma forma muito rápida, indolor, mas aquilo foi tudo que ele diria sobre a morte. E se Gaspard não tivesse tropeçado e soltado a língua, teríamos continuado a pensar que nossa mãe tinha morrido na avenue Kléber.

Enquanto viro as páginas do prontuário, a maçaneta chacoalha e levo um susto.

— Já estou saindo! — digo, apressado, dobrando as folhas de papel e escondendo tudo sob o casaco. Dou a descarga no vaso, abro a torneira e lavo as mãos. Quando abro a porta, Mélanie está esperando por mim, com as mãos nos quadris.

— O que você está aprontando?

Os olhos dela examinam o banheiro.

— Só estava pensando. Sobre algumas coisas — digo, secando a mão com afinco.

— Você está me escondendo alguma coisa?

— Claro que não. Estou vendo uma coisa, para nós dois. Estou juntando tudo.

Ela entra no banheiro e fecha a porta silenciosamente atrás de si.

Mais uma vez, estou impressionado com sua semelhança com nossa mãe.

— Escute, Antoine. Nosso pai está morrendo.

Olho fixamente para ela.

— Ele te contou? Sobre o câncer?

Ela assente.

— Sim. Ele me contou. Recentemente.

— Você não me disse nada.

— Ele me pediu para não dizer.

Solto uma exclamação, atônito. Então jogo a toalha no chão, faíscas de raiva me atravessando.

— Isso é um acinte! Eu sou filho dele, pelo amor de Deus.

— Eu sei como você deve estar se sentindo. Mas ele não consegue falar com você. Não sabe como fazer. E você também não é bom em falar com ele.

Apoio-me contra a parede e dobro os braços contra o peito. A raiva ferve dentro de mim. Furioso, espero que ela fale.

— Não resta muito tempo a ele, Antoine. O câncer é no estômago. Eu falei com o médico. A situação não é boa.

— O que você está tentando me dizer, Mélanie?

Ela vai até a pia, abre a torneira, passa a mão na água corrente. Está com um vestido de lã cinza-escuro, meias pretas, sapatos de verniz preto de salto baixo com fivelas douradas. O cabelo grisalho está preso com um laço de veludo preto. Ela se abaixa para recuperar a toalha e seca as mãos.

— Você anda comprando briga.

— Comprando briga? — repito.

— Eu sei o que você andou fazendo. Eu sei que você pediu para Laurence Dardel o prontuário médico da nossa mãe.

O tom sério de sua voz me faz ficar calado.

— Eu sei que Gaspard te deu um documento, ele me disse. Sei que você deve saber quem era a louca. E por acaso eu te ouvi questionar Solange há pouco.

— Espera aí, Mélanie — balbucio, o rosto ruborizado, mortificado pela ideia de ela achar que eu pudesse estar escondendo detalhes importantes. — Você precisa entender que eu ia te contar tudo, eu...

Ela levanta a mão fina e branca.

— Só escute.

— Tudo bem — digo intimidado, sorrindo constrangido. — Sou todo ouvidos.

Ela não devolve o sorriso. Se curva para a frente, os olhos verdes separados por uns poucos centímetros dos meus.

— Seja lá o que for que você descobriu, eu não quero saber.

— O quê? — resfolego.

— Você me ouviu. Não quero saber.

— Mas por quê? Achei que você quisesse. Lembra? O dia em que você lembrou por que o acidente aconteceu? Você disse que estava pronta para encarar a dor de saber.

Ela abre a porta sem responder e temo que esteja prestes a sair sem dizer mais uma palavra. Mas ela se vira bruscamente e, quando me encara novamente, os olhos estão cheios de tanta tristeza que sinto vontade de abraçá-la.

— Mudei de ideia. Eu não estou pronta. E quando você descobrir... Seja lá o que for... Não conta pro papai. Não conta nada pra ele.

A voz dela falha. Ela sai correndo, com o rosto para o chão. Fico ali, incapaz de me mover. Como é que um irmão e uma irmã podem

ser tão diferentes? Como pode Mélanie preferir o silêncio à verdade? Como pode viver sem saber? Sem querer saber? Por que ela deseja tanto proteger nosso pai?

Enquanto estou ali, desconcertado, com o ombro apoiado contra a moldura da porta, minha filha aparece, vinda do longo corredor.

— Oi, pai — diz ela. Então vê a minha expressão. — Dia ruim?

Assinto.

— Então foi ruim pra nós dois.

E para minha surpresa, ela me abraça com força. Correspondo ao abraço, beijando o alto de sua cabeça.

É só mais tarde, bem mais tarde, já em casa, que a ideia me ocorre.

O bilhete que minha mãe escreveu para June Ashby está em minhas mãos e eu o leio pela enésima vez. Então olho o artigo que imprimi sobre a morte dela. O nome de sua sócia. Donna W. Rogers. Eu sei o que quero fazer. Está muito claro. Encontro o número de telefone no site da galeria de arte. Vejo as horas no relógio de pulso.

Cinco da tarde em Nova York. *Faz, diz a vizinha, faz logo. Você não tem nada a perder. Talvez ela não esteja lá, talvez não se lembre de nada sobre sua mãe, talvez nem atenda a ligação, mas faz logo.*

Depois de chamar algumas vezes, uma voz masculina atende:

— Galeria June Ashby, ao seu dispor.

Meu inglês está enferrujado. Não falo a língua há meses. Com hesitação, peço para chamar a madame Donna Rogers.

— Quem gostaria de falar com ela? — diz a voz simpática.

— Antoine Rey. Estou ligando de Paris, França.

— Posso saber o assunto?

— Por favor, diga a madame Rogers que é... É um assunto muito pessoal.

Meu sotaque francês é tão forte que faço uma careta. Ele pede que eu aguarde.

Então soa a voz firme de uma mulher e sei que deve ser ela, Donna Rogers. Fico sem palavras por alguns segundos. Então balbucio:

— Sim, alô... Meu nome é Antoine Rey. Estou ligando de Paris.

— Sim — diz ela. — Você é um dos meus clientes?

— Hum, não — respondo de forma desajeitada. — Não sou seu cliente, madame. Estou ligando por outra razão. Estou ligando para lhe perguntar... Sobre minha mãe...

— Sua mãe? — ela pergunta. Então, educadamente, diz: — Desculpe, qual é mesmo o seu nome?

— Rey, Antoine Rey.

Uma pausa.

— Rey. E o nome de sua mãe...

— Clarisse Rey.

O silêncio do outro lado da linha é tão longo que temo que a ligação tenha caído.

— Alô? — pergunto inseguro.

— Sim. Eu continuo aqui. Você é o filho de Clarisse.

— Sim, sou filho dela.

— Você pode aguardar um minuto?

— Claro.

Ouçõ algumas palavras abafadas, o farfalhar de papéis sendo arrumados.

Então escuto a voz do homem:

— Espere um momento, senhor. Vou transferir a ligação para a sala de Donna.

Finalmente ela fala:

— Antoine Rey.

— Sim.

— Você deve estar com mais de 40 anos, imagino.

— Quarenta e quatro.

— Entendo.

— A senhora conheceu minha mãe?

— Eu nunca a conheci.

A resposta me confunde, mas meu inglês está enferrujado demais para que eu reaja com rapidez.

Ela prossegue.

— Você sabe, June me contou tudo sobre ela.

— O que ela contou sobre a minha mãe? A senhora poderia me dizer?

Há um longo silêncio. Então ela fala com a voz baixa, tão baixa que preciso me esforçar para ouvir as palavras.

— Sua mãe foi o grande amor da vida de June.

Capítulo 54

DO MEU ASSENTO, A paisagem do campo passa apressada, uma mancha feiosa em cinza e azul. O trem é rápido demais para que as gotas de chuva se assentem nas janelas, mas sei que está chovendo, tem chovido muito na última semana. Um final de inverno úmido, dos piores. Anseio pela luminosidade mediterrânea, o azul e branco, o calor escaldante, ahhh, estar em algum lugar da Itália, na costa de Amalfi, aonde fui anos atrás com Astrid, o perfume seco e empoeirado dos pinheiros balançando em enseadas pedregosas, a brisa salgada, acalentada pelo sol, batendo forte no meu rosto.

O TGV para Nantes está lotado nesta tarde de sexta-feira. Meu vagão está cheio de gente estudiosa, gente que lê livros ou revistas, que trabalha em laptops, ouve música com fones de ouvido. Diante de mim, uma jovem escreve aplicada em um Moleskine preto. Não consigo deixar de olhar para ela. É incrivelmente atraente. Rosto oval perfeito, exuberantes cabelos castanhos, boca que parece uma fruta. As mãos são lindas também, com dedos longos, pulsos graciosos. Ela não levanta o olhar para mim uma vez sequer. E só quando dá uma olhada para fora, de tempos em tempos, consigo vislumbrar a cor de seus olhos. Azuis como o mar de Amalfi. A seu lado está um sujeito gorducho, vestido de preto, entretido pelo Blackberry. E do meu lado, uma mulher com uns 70 anos que lê um livrinho de poesia. Parece incredivelmente britânica, um punhado de cabelo cor de prata, nariz aquilino, sorriso dentuço, mãos e pés enormes.

A viagem de Paris a Nantes dura quase duas horas, mas eu conto os minutos, que parecem se arrastar com a velocidade de uma lesma. Não vejo Angèle desde que ela apareceu no meu aniversário, em janeiro passado, e o desejo por ela parece infundável. A senhora

ao meu lado se levanta e volta do bar com uma xícara de café e biscoitos. Abre um sorriso amistoso para mim e eu retribuo. A moça bonita continua a rabiscar no caderno e o homem de preto finalmente guarda o Blackberry, boceja e esfrega a cabeça com ar cansado.

Penso na semana que passou. O inesperado aviso de Mélanie depois do enterro de Blanche. *Seja lá o que for que você descobriu, eu não quero saber.* A hostilidade de Solange quando mencionei o nome de June Ashby. *Não me lembro de nada sobre ela e sua mãe.* E a emoção na voz de Donna Rogers. *Sua mãe foi o grande amor da vida de June.* Ela pediu meu endereço em Paris, naquele dia, no telefone. Queria me mandar algumas coisas, coisas que June havia guardado e que talvez eu quisesse ver.

Recebi um embrulho algumas semanas depois. Continha uma pilha de cartas, algumas fotos e um rolinho de filme super 8. E um cartão de Donna Rogers.

Querido Antoine,

June guardou essas coisas com todo o cuidado até morrer. Tenho certeza de que ficaria feliz em saber que agora estão sob a sua guarda. Não sei o que está neste rolinho de filme, ela nunca me contou, mas prefiro que você descubra por si.

Tudo de bom para você.

Donna W. Rogers

Ao abrir as cartas com dedos que tremiam ligeiramente e começar a ler a primeira, pensei rapidamente em Mélanie, desejando que estivesse ali, sentada ao meu lado na privacidade do meu quarto, dividindo comigo esses preciosos vestígios da vida de nossa mãe. A data é 28 de julho de 1973. Noirmoutier, hotel Saint-Pierre.

Essa noite eu te esperei no píer, mas você não apareceu. Esfriou e depois de um tempo eu fui embora, pensando que talvez tenha sido

difícil pra você sair dessa vez. Disse a eles que só precisava de uma rápida caminhada pela praia depois do jantar e não sei se acreditaram. Ela sempre me olha como se soubesse de alguma coisa, embora eu tenha certeza, certeza absoluta, de que ninguém sabe de nada. Ninguém sabe.

Meus olhos encheram-se de lágrimas e percebi que não poderia continuar a ler. Não importava. Eu sempre poderia retomar a leitura mais tarde, quando me sentisse mais forte. Dobrei as cartas e as guardei. As fotos eram retratos em preto e branco de June Ashby, tiradas em estúdio profissional. Ela parecia bem bonita, com traços fortes, arrebatadores, olhos penetrantes. Atrás das fotos, estava a letra arredondada e infantil de minha mãe: "Minha amada." Havia outras fotos, umas coloridas de minha mãe com um vestido de noite azul e verde que eu nunca vira, de pé diante de um espelho de corpo inteiro em um salão que eu não reconhecia. Ela estava sorrindo, através do espelho, para a pessoa que tirava a foto, que eu presumi ser June. Na foto seguinte, minha mãe estava na mesma pose, mas totalmente nua. O vestido jazia a seus pés, uma pilha enrugada de azul e verde. Senti meu rosto queimar e rapidamente desviei o olhar do corpo de minha mãe, um corpo que eu nunca vira nu. Fiquei me sentindo um tarado. Não quis olhar as outras fotos. Nelas, o caso de amor de minha mãe estava exposto com toda crueza. Faria diferença se June Ashby fosse um homem? Me obriguei a pensar nisso intensamente. Não, achava que não. Ao menos não para mim. Era mais difícil para Mélanie engolir que ela tinha um caso homossexual? Era pior para meu pai? Era por isso que Mélanie não queria saber? Fiquei aliviado por minha irmã não estar aqui, afinal de contas, por ela não ter visto as fotos. Então peguei o rolinho de super 8. Será que eu queria mesmo saber o que estava ali? E se fosse insuportavelmente íntimo? E se eu me arrependesse de assisti-lo? A única forma de saber era convertendo o filme para DVD. Era

fácil achar na internet um lugar que fizesse isso. Se eu mandasse o filme de manhã bem cedo, dentro de alguns dias receberia o DVD.

O DVD agora está dentro da minha mochila. Eu o peguei logo antes de partir para pegar o trem e ainda não tive tempo de vê-lo. “Cinco minutos”, é o que está escrito como informação na capa. Tiro da bolsa e o manuseio nervosamente. Cinco minutos do quê? A expressão em meu rosto deve ser tão tensa que sinto a moça bonita me observar. Seus olhos são curiosos, não maldosos. Ela afasta o olhar.

A luz do dia diminui à medida que o trem avança, balançando ligeiramente enquanto ganha velocidade. Mais uma hora até chegar. Penso que Angèle me espera na estação de Nantes, penso na viagem de Harley, debaixo de chuva, até Clisson, a trinta minutos de distância. Espero que até lá a chuva tenha diminuído. Mas ela nunca parece se importar com isso, ela tem o equipamento adequado.

Pego o prontuário médico de minha mãe na bolsa. Eu o li cuidadosamente. Não tirei qualquer conclusão. Clarisse começou a visitar o dr. Dardel na época do casamento. Tinha frequentes gripes e enxaquecas. Media 1,58 metro, menor que Mélanie. 48 quilos. Mulher mirrada. Todas as vacinas estavam em dia. As gestações foram acompanhadas pelo obstetra dr. Giraud na Belvédère Clinic, onde Mélanie e eu nascemos.

Subitamente, um golpe estrondoso, sinistro, é ouvido e o trem sacode para os lados violentamente, como se as rodas tivessem passado sobre galhos ou o tronco de uma árvore. Várias pessoas gritam em pânico. O prontuário de minha mãe escorrega para o chão e a xícara de chá da senhora inglesa se derrama sobre a mesa. Ela exclama: “Minha nossa!” e enxuga a sujeira com um guardanapo. O trem desacelera de imediato e, estremeando, para por completo. Todos esperamos em silêncio, olhando um para a cara do outro. A chuva fustiga as janelas. Algumas pessoas se levantam, tentando olhar para fora, murmúrios cheios de pânico começam de

todos os lados do carro. Nada acontece por algum tempo. Uma criança choraminga. Então uma voz cautelosa se faz ouvir nos autofalantes. "Senhoras e senhores, nosso trem está parado em razão de dificuldades técnicas. Em breve, teremos mais informações. Desculpem a demora." O homem robusto na minha frente solta um suspiro exasperado e agarra o Blackberry. Envio uma mensagem de texto para Angèle e descrevo o que aconteceu. Ela responde quase que imediatamente, e sua mensagem gela meu sangue. *"Detesto dizer, mas não é uma dificuldade técnica. Foi um suicídio."*

Levanto-me, assustando a senhora inglesa, e caminho para a frente do trem. Nosso carro está situado na parte superior, perto do motor. Os passageiros dos vagões vizinhos também estão indóceis e impacientes. Muitos usam o telefone. O barulho aumenta progressivamente. Dois fiscais de passagem aparecem de uniforme escuro. Seus rostos estão definitivamente carrancudos.

Com um aperto no coração, sei que Angèle tem razão.

— Com licença — digo, encurralando os dois no espaço apertado entre dois vagões, perto dos toaletes. — Poderiam me dizer o que aconteceu?

— Problemas técnicos — resmungo um deles, passando a mão na testa úmida com uma mão trêmula. Ele é jovem e o rosto parece terrivelmente branco.

O outro é mais velho e perceptivelmente mais experiente.

— Foi um suicídio? — indago.

O mais velho assente com ar sombrio.

— Foi. E vamos ficar aqui mais algum tempo. Algumas pessoas não vão gostar.

O mais jovem se apoia na porta do toalete, o rosto mais pálido do que antes. Sinto pena dele.

— É a primeira vez que ele passa por isso — suspira o sujeito mais velho, tirando o boné e passando os dedos pelos cabelos ralos.

— A pessoa... morreu? — consigo perguntar.

O homem me olha com ar intricado.

— Bem, quando um trem expresso está indo rápido assim, é o que costuma acontecer — resmungo.

— Foi uma mulher — sussurra o jovem, com a voz tão baixa que mal consigo escutar. — O condutor disse que ela estava ajoelhada nos trilhos, de frente para o trem, as mãos juntas como se estivesse rezando. Não houve nada que ele pudesse fazer. Nada.

— Vamos lá, menino, controle-se — disse o homem mais velho com firmeza, dando tapinhas em seu braço. — Precisamos fazer um anúncio. Há setecentos passageiros nesse trem e eles vão precisar ficar aqui por mais algumas horas.

— Por que leva tanto tempo? — pergunto.

— As partes que sobraram do corpo precisam ser retiradas uma a uma — diz o inspetor mais velho com ironia — e elas costumam se espalhar por vários quilômetros de trilhos. Pelo que eu acabei de ver, com a chuva e tudo o mais, não vai ser fácil.

O mais jovem se afasta, com ar de quem vai passar mal. Eu agradeço ao outro e me encaminho de volta para meu assento. Encontro uma garrafinha de água na bolsa e bebo apressadamente. Mas minha boca ainda está seca. Envio uma mensagem para Angèle. *“Você tinha razão.”* Ela responde. *“Esses são os piores casos de suicídio. Os mais desagradáveis. Pobre pessoa. Seja lá quem ela for.”*

Finalmente o anúncio é feito. “Devido a um suicídio na ferrovia, nosso trem deverá se atrasar consideravelmente.”

As pessoas em volta resmungam e suspiram. A senhora inglesa solta um gritinho abafado. O gordo bate o punho na mesa. A garota bonita continua com fones nos ouvidos e não ouviu o anúncio. Ela os retira.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Alguém se suicidou e agora estamos presos aqui, no meio de lugar nenhum — choraminga o sujeito de preto. — E eu tenho uma reunião dentro de uma hora.

Ela olha para ele fixamente, com seus olhos azuis de safira.

— Com licença, o senhor acabou de dizer que alguém se suicidou?

— Sim, isso mesmo — diz o sujeito, arrastando a fala e brandindo o Blackberry.

— E o senhor está reclamando porque nós vamos nos atrasar? —
chia ela, com a voz mais fria que já ouvi.

Ele a fita.

— Eu tenho uma reunião importante — resmunga.

Ela o olha impiedosamente. Então se levanta e, enquanto se dirige para o bar, vira e diz em um tom de voz suficientemente elevado para ser ouvido por todo o vagão.

— Babaca.

Capítulo 55

A INGLESA E EU TOMAMOS um drinque no bar, um pouco de chardonnay para nos reanimar. Já está escuro e a chuva parou. Imensos refletores iluminam os trilhos, acompanhados por um sinistro balé de policiais, ambulâncias e bombeiros. Ainda sinto o tranco do trem ao bater no corpo da pobre mulher. Quem era ela? Qual a sua idade? Que tipo de desespero, que falta de esperança foi capaz de trazê-la para cá em uma noite dessas, esperando sob a chuva, ajoelhada nos trilhos, as mãos postas?

— Acredite ou não, estou a caminho de um funeral — diz a senhora inglesa, de nome Cynthia. Ela solta um risinho seco.

— Que tristeza! — exclamo.

— Uma velha amiga. Gladys. Amanhã de manhã. Teve todo tipo de problema de saúde, mas foi terrivelmente corajosa. Eu a admirava muito.

O francês dela é excelente, com leves vestígios de sotaque britânico. Quando comento isso, ela sorri de novo.

— Morei na França minha vida inteira. Casei com um francês. — Ela pisca.

A garota bonita volta para o vagão do bar e se senta não muito distante de nós. Está falando ao telefone, gesticulando. Parece agitada.

Cynthia prossegue:

— Bem na hora em que o trem bateu naquela pobre pessoa que decidi dar fim à própria vida, eu estava tentando escolher um poema para ler no enterro de Gladys.

— Chegou a alguma decisão? — pergunto.

— Sim, para falar a verdade, sim. Já ouviu falar em Christina Gabriel Rossetti?

Faço uma careta.

— Lamento, mas poesia não é o meu forte.

— Nem o meu. Mas eu quis escolher algo que não fosse nem mórbido nem triste, e acho que encontrei afinal. Christina Rossetti era uma poetisa vitoriana, totalmente desconhecida na França, acho eu, o que é uma pena, porque era extremamente talentosa, na minha opinião. O irmão dela, Dante Gabriel Rossetti, roubou a cena, era bem mais famoso. Talvez você tenha visto suas pinturas. Pré-rafaelitas. Muito boas.

— Pinturas também não são o meu forte.

— Ahh, com certeza você já viu as obras dele! Aquelas mulheres sensuais e sérias com cabelos castanhos esvoaçantes, bocas carnudas e vestidos compridos.

— Talvez — dou de ombros, sorrindo com a forma expressiva com que as mãos dela sugerem peitos fartos. — E o poema da irmã? A senhora pode ler para mim?

— Vou ler. E vamos pensar na pessoa que acabou de morrer?

— Era uma mulher. Os fiscais me informaram.

— Então vou ler este poema para ela. Que Deus a abençoe.

Cynthia pega o livro de poesias de dentro da bolsa, coloca os imensos óculos de coruja sobre o nariz e começa a ler com uma voz alta e teatral. Todos no bar se viram.

*Quando eu morrer, meu amor
Não me cante cantigas tristes
Nem plante rosas na minha cabeça
Nem me deite à sombra de um cipreste
Que seja a grama verdejante a me guardar
A umidade das chuvas e do orvalho
E se murchar, lembre-se,
E se murchar, esqueça-se.*

Sua voz prossegue, ressoando no súbito silêncio, sobrepondo-se aos ruídos do que ocorre lá fora, sobre o que não quero pensar. É um poema tocante, maravilhosamente simples, e de alguma forma me enche de esperança. Quando termina de ler, algumas pessoas murmuram agradecimentos, e o rosto da menina bonita está lacrimoso.

— Muito obrigado — digo.

Cynthia assente.

— Fico feliz que tenha gostado. Acho que é adequado.

A garota se aproxima de nós timidamente. Pergunta a Cynthia informações sobre o poema e as escreve no caderno. Convido-a a se juntar a nós e ela se senta, cheia de gratidão. Diz que espera que nós não tenhamos pensado que ela era grosseira, pela forma como falou com o homem de preto anteriormente.

Cynthia desdenha.

— Grosseira? Querida, você foi admirável.

A garota sorri melancolicamente. É incrivelmente bonita. O corpo é excepcional, peitos cheios que mal são visíveis sob um suéter escuro e folgado, pernas enormes, nádegas arredondadas sob calças Levis apertadas.

— Sabe, eu não consigo parar de pensar no que aconteceu — cochicha ela. — Quase me sinto responsável, como se eu mesma tivesse matado aquela pobre pessoa.

— Não foi isso o que aconteceu — digo a ela.

— Talvez, mas eu não consigo parar de pensar nisso. Continuo a sentir o tranco. — Ela estremece. — E fico pensando no homem que guiava o trem... Dá para imaginar? Com esses trens expressos, acho que não há uma forma de frear tão rápido assim. E a família da pessoa, ouvi você dizer que era uma mulher... Fico pensando se já receberam a notícia. Ela foi identificada? Talvez ninguém saiba quem é. Talvez os parentes nem imaginem que a mãe, a irmã, a filha, a esposa, seja lá o que for, esteja morta. Não suporto essa ideia. —

Ela volta a chorar, muito mansamente. — Quero saltar deste trem horrível. Queria que nada disso tivesse acontecido. Queria que essa pessoa ainda estivesse viva!

Cynthia pega a mão dela. Eu não ousa. Não quero que essa linda criatura ache que eu estou dando em cima dela.

— Nós todos sentimos a mesma coisa — diz Cynthia suavemente. — O que houve essa noite foi terrível. Um horror. Como é que alguém poderia não ficar transtornado?

— Aquele homem... Aquele homem que ficava dizendo que ia se atrasar — diz, entre soluços — e tinha outros também, eu ouvi.

Aquele *tranco* vai ficar na minha cabeça também. Não digo isso a ela, pois sua beleza arrebatadora é mais forte que o terrível poder da morte. Esta noite, eu fui cercado pela morte. Nunca em minha vida ela perambulou por tanto tempo tão perto de mim, como o zumbido de uma mariposa teimosa. O cemitério contemplado da janela do meu apartamento. Pauline. As carcaças na estrada. O casaco vermelho da minha mãe no chão do *petit salon*. Blanche. As mãos femininas de Angèle manipulando cadáveres. Aquela mulher desesperada e sem rosto, esperando o trem sob as gotas de chuva.

E estou feliz, tão feliz, quase aliviado, de ser apenas um homem, um simples homem, que, diante da morte, sente mais vontade de passar a mão nos peitos de uma linda desconhecida do que de cair em prantos.

Capítulo 56

NUNCA ME CANSO DA aparência exótica do quarto de Angèle, o teto cor de açafrão dourado, as paredes avermelhadas, em tom de canela, aconchegantes, que contrastam de uma forma tão interessante com o necrotério em que ela trabalha. A porta, a moldura das janelas e os rodapés são pintados em azul muito escuro. Saris bordados em seda laranja e amarela ficam pendurados nas janelas e pequenas lanternas marroquinas filigranadas emanam um brilho vacilante de luz de velas sobre a cama, coberta com lençóis de linho castanho-amarelado. Esta noite, há pétalas de rosa espalhadas sobre os travesseiros.

— O que eu gosto em você, Antoine Rey — diz ela, lutando para abrir o meu cinto (enquanto eu tento abrir o dela) —, é que sob essa fachada romântica, atraente e bem-comportada, sob esses jeans limpos e camisas brancas impecáveis, sob o suéter Shetland verde, você não passa de um tarado.

— E a maioria dos homens não é assim? — pergunto, agora brigando com as botas de cano longo, de couro negro, que ela usa.

— Muitos homens são tarados, mas alguns são piores do que outros.

— Tinha uma garota no trem...

— Mmmh? — diz ela, abrindo os botões da minha camisa.

As botas finalmente caem no chão.

— Incrivelmente atraente.

Ela abre um sorriso, tirando os jeans negros.

— Você sabe que eu não sou do tipo ciumento.

— Ah, sim. Eu sei disso. Mas graças a ela, eu sobrevivi àquelas três horas de amargar esperando no trem, enquanto tiravam os restos daquela coitada das rodas.

— E como você conseguiu sobreviver àquelas três horas com a ajuda dessa garota incrivelmente atraente, posso saber?

— Lendo poemas vitorianos.

— Ah, claro.

Ela ri, aquela risada sexy e rouca que eu amo tanto e eu a agarro, a aperto contra mim, beijo-a com avidez. Trego com ela como se não houvesse amanhã, pétalas de rosa perfumadas se misturam ao cabelo dela e entram na minha boca, com sabor acre-doce, sinto como se nunca fosse me cansar dela, como se essa fosse a nossa última vez, estou louco de desejo, quero dizer que a amo, mas as palavras não me saem da boca, só gestos, gemidos e grunhidos.

— Sabe, você devia passar mais tempo em trens — balbucia ela, atordoadamente, enquanto estamos deitados nos lençóis amassados de linho, exaustos.

— E eu lamento por todos aqueles mortos com quem você se ocupa. Eles não fazem ideia de como você é boa de cama.

É mais tarde, bem mais tarde, depois de uma chuveirada, de um lanchinho da meia-noite de queijo e pão Poilane, algumas taças de Bordeaux e um ou dois cigarros, depois de nos instalarmos na sala de estar, com Angèle confortavelmente estendida no sofá, que ela finalmente diz:

— Me conta. Me conta sobre June e Clarisse.

Tiro da bolsa o prontuário médico, as fotos, as cartas, o relatório do detetive e o DVD. Ela me observa, com o copo na mão.

— Nem sei por onde começar — digo lentamente, me sentindo confuso.

— Imagine que você está me contando uma história. Imagine que eu não sei nada, nadinha do assunto, que nunca te encontrei antes e que você precisa me explicar tudo muito cuidadosamente, com todos os detalhes precisos. Uma história. Era uma vez...

Estico-me e pego um de seus Marlboro. Não acendo, só seguro o cigarro entre os dedos. Levanto-me, de frente para a velha lareira e

seu fulgor desfalecido, brasas que reluzem vermelhas na escuridão. Gosto desta sala também, do seu tamanho, das vigas, das paredes recobertas de livros, a mesa quadrada de madeira de antiquário, o jardim tranquilo que não consigo ver agora, pois as janelas de madeira ficam fechadas à noite.

— Era uma vez, no verão de 1972, uma mulher casada que vai para a ilha de Noirmoutier com os sogros e os dois filhos. Ela está de férias por duas semanas e o marido vem encontrá-la nos fins de semana, se não estiver ocupado demais. Ela se chama Clarisse, é linda, gentil, não é uma parisiense sofisticada...

Faço uma pausa. Parece estranho falar da minha mãe na terceira pessoa.

— Continue — insiste Angèle. — Está ótimo.

— Clarisse é de Cévennes e os pais dela eram gente simples, camponeses. Mas se casou com um homem de família parisiense rica, bem de vida. O marido é um jovem advogado de personalidade, François Rey, que ficou famoso pelo caso Vallombreux, no início dos anos 70.

Minha voz vacila. Angèle tem razão, é uma história. A história da minha mãe. E eu nunca a contei para ninguém. Prossigo depois de uma pausa:

— No hotel Saint-Pierre, Clarisse conhece uma americana chamada June, mais velha do que ela. Como se conhecem? Talvez uma noite dessas, ao descerem para tomar drinques. Talvez uma tarde, na praia. Talvez no café da manhã, no almoço, no jantar. June tem uma galeria de arte em Nova York. É lésbica. Será que estava lá com uma namorada? Sozinha? Só o que sabemos é o seguinte... Clarisse e June se apaixonam naquele verão. Não é só... Não é só um caso, amor de verão... Não é só sexo... É amor. Um amor inesperado, arrebatador, um tornado, um furacão na vida delas... Amor verdadeiro... Do tipo que só acontece uma vez na vida...

— Acenda o cigarro — ordena Angèle. — Vai ajudar.

Obedeço. Trago profundamente. Ela está certa. Ajuda.

— Naturalmente, ninguém pode ficar sabendo — continuo. — Há muita coisa em jogo. June e Clarisse se veem sempre que podem durante o final de 1972 e o começo de 1973, o que não acontece com tanta frequência assim, porque June mora em Nova York. Mas ela vem a Paris a negócios todos os meses e dessa forma elas podem se encontrar, no hotel de June. E aí, durante o verão de 1973, elas planejam ficar juntas de novo, em Noirmoutier. E as coisas não são tão fáceis assim, nem tão simples, para June e Clarisse naquele verão. Mesmo que o marido de Clarisse quase nunca esteja lá, porque ele trabalha e viaja, a sogra, Blanche, um dia começa a ter uma sensação estranha, a nutrir uma suspeita terrível. Ela sabe. E naquele dia, ela toma uma decisão.

— Como assim? — diz Angèle, alarmada.

Não respondo. Continuo a história, me concentrando, demorando.

— Como Blanche sabe? O que é que ela vê? Seria um olhar fugaz de desejo que durou um pouquinho mais do que devia? Uma mão carinhosa acariciando um braço? Um beijo proibido? Uma sombra que ela espiona no meio da noite, indo de um quarto para o outro? Seja lá o que for que Blanche viu, ela nunca contou para ninguém. Não falou para o marido. Não falou para o filho. Por quê? Porque a vergonha era grande demais. O horror e a vergonha de que a nora, membro da família Rey, uma mãe, tivesse um caso, e pior, um caso com uma mulher. O sobrenome Rey não podia ser manchado. Nem sob o seu cadáver. Ela tinha trabalhado demais para isso. Ela não veio ao mundo para isso. Ela, uma Fromet de Passy, casada com um Rey de Chaillot. Não, impensável. Monstruoso. Precisava acabar. Rápido.

Por estranho que pareça, estou muito calmo enquanto conto a história, a história da minha mãe. Não olho para o rosto de Angèle, pois sei que ela deve estar abalada. Sei como minhas palavras devem soar para ela, seu alcance, sua potência. Nunca pronunciei

essa história, nunca articulei aquela sequência precisa de frases, nunca disse o que estou dizendo agora, e cada palavra que sai é como um parto, o choque do ar frio em um corpo frágil e desnudo que se liberta do ventre.

— Blanche confronta Clarisse no hotel de Noirmoutier. Clarisse chora, se abala, faz cena no quarto de Blanche no primeiro andar. Blanche é assustadora, sinistra. Faz ameaças, diz que vai contar sobre o caso para o marido de Clarisse, filho dela. Diz que vai tirar os filhos dela. Clarisse soluça, sim, claro que sim, ela nunca mais vai ver June. Mas ela não consegue. É impossível para ela. Ela volta a se encontrar com June, mais uma vez e outra, e conta tudo para ela, mas June faz pouco. Não tem medo da velha esnobe. No dia em que June viaja para Paris para pegar o voo de volta para Nova York, Clarice deixa uma carta de amor sob a porta de June. Mas June nunca chega a receber a carta, que é interceptada por Blanche. E é aí que a encrenca começa de verdade.

Angèle se levanta para revolver as brasas, pois a sala está ficando fria. É tarde, não sei quão tarde, percebo um cansaço que pesa como chumbo sobre minhas pálpebras. Mas sei que preciso chegar ao fim da história, à parte que tanto temo, à parte que não quero contar em voz alta.

— Blanche está ciente de que Clarisse e June ainda são amantes. Na carta que ela roubou, descobriu que Clarisse sonha com um futuro com June e os filhos. De alguma forma, em algum lugar. Ela lê aquilo com ódio, repugnância. Não, não há futuro para June e Clarisse. Nenhum futuro é possível para essas duas. Não no mundo dela. Não há forma de os netos dela, crianças da família Rey, participarem disso. Ela procura um detetive particular em Paris e explica que quer que sigam sua nora. Paga muito por esse serviço. Mais uma vez, não conta nada à família. Clarisse pensa que está em segurança. Está esperando pelo dia em que June e ela vão ser livres. Ela sabe que precisa deixar o marido, sabe o que isso envolve e tem

medo pelas crianças, mas, na cabeça dela, está apaixonada e acredita que o amor vai encontrar um jeito. Os filhos são o que há de mais precioso na vida dela, além de June. Ela gosta de imaginar um lugar, um lugar seguro, onde ela vai poder morar um dia com June e os filhos. June é mais velha, experiente. Ela sabe. Sabe que duas mulheres não podem viver juntas como um casal e receber um tratamento normal. Isso pode acontecer em Nova York, talvez, mas não em Paris. Não em 1973. Certamente, não no tipo de sociedade em que vive a família Rey. Ela tenta explicar a Clarisse. Diz que elas precisam esperar, deixar o tempo correr, que as coisas podem acontecer em tranquilidade, lentamente, com menos dificuldade. Mas Clarisse é mais jovem, impaciente. Ela não quer esperar. Não quer deixar o tempo correr.

A dor está chegando, finalmente, como um amigo perigoso que você deixa entrar em casa com apreensão. Meu peito está pesado, pequeno demais para meus pulmões. Paro e respiro profundamente algumas vezes. Angèle fica atrás de mim. Seu corpo quente está apertado contra o meu e me dá forças para prosseguir.

— Aquele Natal é terrível para Clarisse. Ela nunca se sentiu tão solitária. Sente a falta de June desesperadamente. June tem vida ocupada, agitada, em Nova York, com a galeria de arte, o círculo social dela, os amigos, artistas. Clarisse tem só os filhos. Não tem amigos além de Gaspard, o filho da empregada da sogra. Será que ela pode confiar nele? Pode contar o que a ele? Ele tem só 15 anos, é só um pouco mais velho que o próprio filho dela, um garoto simpático, simplório. Ia entender o quê? Será que ele sabe que duas mulheres podem se apaixonar? Que isso não as transforma necessariamente em pecadoras, perversas, imorais? O marido é voltado para o trabalho, os julgamentos, os clientes. Talvez ela tente lhe contar, dê algumas deusas, mas ele é ocupado demais para ouvir. Ocupado demais com ascensão social, abrindo o caminho do sucesso. Ele a tirou do nada, era só uma jovem da Provence, tão

pouco sofisticada que fazia os pais dele tremarem. Mas era linda. Era a moça mais bonita, mais atraente, mais espontânea que ele conheceu. Não ligava para a fortuna dele, os sobrenomes, Rey, Fromet, propriedade, respeitabilidade, sociedade. Fazia-o rir. Ninguém nunca tinha feito François Rey rir.

Os braços de Angèle me envolvem o pescoço e sua boca quente beija a parte de trás do meu pescoço. Endireito os ombros. Estou chegando ao final da história.

— Blanche recebe o relatório do detetive em janeiro de 1974. Está tudo ali. Tudo. Quantas vezes as mulheres se encontraram, onde, quando. Fotos e tudo mais. Aquilo a enche de repugnância. A deixa maluca. Ela quase conta ao marido, quase enfia aquilo na sua cara, está tão indignada, revoltada, abalada. Mas não faz nada. June Ashby nota que elas estão sendo seguidas. Ela faz a ligação entre o detetive e os Rey. Telefona para Blanche, para mandar que ela cuide da própria vida, mas Blanche nunca atende. Quem atende é a empregada ou o filho. June diz para Clarisse ser cuidadosa, tenta avisá-la, explica que tudo precisa ser um pouco abafado, que as duas deviam ficar quietas, que deviam esperar. Mas Clarisse não aguenta, não suporta a ideia de estar sendo seguida, sabe que Blanche vai chamá-la para mostrar aquelas fotos comprometedoras, sabe que Blanche vai obrigá-la a nunca mais ver June, que vai ameaçar tomar as crianças dela. Então, numa manhã fria e ensolarada de inverno, em fevereiro, Clarisse espera até que os filhos tenham saído para escola, espera até o marido ir para o escritório e veste seu belo casaco vermelho e caminha da avenue Kléber à avenue Henri-Martin. Uma caminhada curta, uma caminhada que ela fez muitas vezes com as crianças, com o marido, mas não recentemente, não desde descobrir que Blanche quer que June saia da vida dela. Ela caminha rapidamente, até perder o fôlego, até o coração bater rápido demais, mas vai em frente, indiferente, decidida a chegar lá o mais rápido possível. Ela sobe as

escadas, toca a campainha com o dedo tremendo, e Gaspard, seu amigo, seu único amigo, abre a porta e sorri. Ela diz que precisa ver madame imediatamente. A madame está no *petit salon*, terminando o café. Odette pergunta se ela quer chá, café, ela recusa, diz que não vai demorar nada, que tem uma coisa a dizer a madame e que depois vai embora. Monsieur está? Não, monsieur não está em casa hoje. Blanche está sentada, lendo a correspondência. Está com o quimono de seda, tem rolinhos no cabelo. Quando levanta o olhar e vê Clarisse, não aparenta felicidade. Manda Odette fechar a porta e deixar as duas sozinhas. Então se levanta. Brande um documento na cara de Clarisse e grunhe: você sabe o que é isso? Imagina? Sim, eu sei, diz Clarisse tranquilamente, são fotos de June e de mim, você mandou nos seguirem. Blanche sente uma fúria sem precedentes. Quem essa camponesa pensa que é? Não tem educação, não tem berço, veio da sarjeta, ignorante, grosseira, camponesinha rude. Sim, tenho fotos do seu caso repugnante, está tudo aqui, posso mostrar. Está vendo? Está tudo aqui, *quando* você a vê, *onde* você a vê. E agora vou levar isso tudo direto para François, para que ele saiba quem é a esposa dele na verdade, para ver que ela não presta para ser mãe dos filhos dele. Clarisse responde, com muita calma, que não está assustada. Blanche pode fazer exatamente isso. Blanche pode mostrar tudo para François, Robert, Solange, pode mostrar para o mundo todo. Eu amo June, ela me ama, queremos passar o resto das nossas vidas juntas, com as crianças, que é exatamente o que deve acontecer, sem esconder mais nada, sem mentiras. Eu mesma vou contar a François, vamos nos divorciar, vamos explicar tudo para as crianças da forma mais cuidadosa possível. François é meu marido e eu devo contar tudo, por ter respeito por ele. A fúria de Blanche se agiganta, imensa, desproporcionada. O que você sabe sobre respeito? Sobre valores familiares? Você é só uma vadia. E não vou permitir que você suje o nosso nome com esse lesbianismo asqueroso. Você vai parar de ver

essa mulher agora mesmo, vai fazer o que eu estou mandando. Vai manter sua posição.

Paro. Minha voz está quase inaudível. Minha garganta está ressecada. Entro na cozinha e me sirvo de um copo de água, com as mãos trêmulas. Engulo tudo de uma só vez, com o vidro esbarrando contra meus dentes da frente. Quando volto para junto de Angèle, salta aos meus olhos a imagem mais inesperada e desconfortável, como se fosse um slide projetado contra minha vontade.

Vejo uma mulher, ajoelhando-se nos trilhos do trem, ao anoitecer. Vejo o trem avançando em sua direção, em grande velocidade. A mulher veste casaco vermelho.

Capítulo 57

— ODETTE ESTÁ DO LADO de fora da porta fechada, está ali desde que madame lhe ordenou que saísse, orelha colada na madeira, embora não seja necessário, pois madame grita bem alto. Ela ouviu tudo, toda a discussão, agora ouve a voz firme de Clarisse: “Não, adeus, Blanche.” Aí há um quiproquó, o som de uma rápida briga, uma respiração rápida, uma exclamação, mas ela não consegue distinguir de quem é a voz. Depois há um baque surdo, algo pesado caindo no chão. A voz de madame dizendo “Clarisse! Clarisse!” E então “Meu Deus.” A porta se abre, o rosto de madame está devastado, ela parece petrificada, parece ridícula com os rolinhos na cabeça e demora uns minutos para falar, para realmente conseguir dizer para Odette, “Houve um acidente, ligue para o dr. Dardel agora. Depressa!” Que tipo de acidente?, pensa Odette enquanto corre para chamar o filho e mandar que ele ligue para o dr. Dardel imediatamente. Ela volta correndo com suas pernas tortas para o *petit salon*, onde madame aguarda, prostrada no sofá, que acidente? O que aconteceu? Houve uma discussão, ela geme, a voz estrangulada, ela ia sair, eu a segurei, não tinha acabado o que tinha para dizer, segurei a manga dela, ela caiu estupidamente, caiu para a frente, bateu com a cabeça no canto da mesa, bem ali, olha só, onde ele é mais pontiagudo. E Odette olha e observa a ponta de vidro e vê o jeito imóvel com que Clarisse está caída no carpete, sem nenhum movimento, nenhuma respiração, o rosto despido de toda cor e ela diz: “Oh, madame, ela está morta.” O dr. Dardel chega, o confiável médico da família, amigo antigo e fiel, ele examina Clarisse e diz as mesmas palavras. Ela está morta. Blanche esfrega as mãos, ela soluça, diz ao médico que foi um terrível acidente, estúpido, absurdamente estúpido. Ele olha para Blanche

enquanto assina o atestado de óbito, a caneta em posição, e diz: "Só há uma coisa a fazer. Existe só uma solução, Blanche. Você precisa confiar em mim."

Paro. Este é o fim da minha história.

Angèle me vira delicadamente, para que eu possa ver seu rosto. Põe as duas mãos no meu rosto e apenas me olha por muito tempo.

— Foi assim que aconteceu, Antoine? — diz ela muito suavemente.

— Pensei tanto nisso. Acho que é a versão mais precisa que a gente pode achar.

Ela vai até a lareira, apoiando a testa contra sua madeira lisa, e então volta o olhar para mim.

— Você conseguiu conversar com seu pai sobre isso?

Meu pai. Como posso começar a contar para ela? Como posso descrever nossa última conversa há alguns dias? Senti-me compelido, naquela noite, enquanto deixava o escritório, a confrontá-lo. Não importava o que Mélanie havia dito. Não importava o quanto tinha sido dura ao tentar me controlar, por razões dela. Eu precisava falar com ele já. Não haveria mais espera, não haveria mais suposições. O que exatamente ele sabia sobre a morte de Clarisse? O que haviam contado a ele? Sabia sobre June Ashby?

Quando apareci, meu pai e Régine estavam jantando diante da tevê, assistindo ao noticiário. A próxima eleição presidencial americana. O homem alto, magro, pouco mais velho que eu, que as pessoas chamavam de "Kennedy negro". Meu pai estava quieto, cansado. Sem apetite. Um monte de comprimidos a engolir. Régine cochichou que na semana seguinte ele ficaria internado no hospital alguns dias. Uma temporada ruim estava por vir. Ela balançou a cabeça com desânimo. Quando a refeição acabou e Régine foi para o outro cômodo conversar com uma amiga no telefone, disse para meu pai, na esperança de que ele tirasse os olhos da televisão, que eu queria conversar com ele, se ele não se importasse. Ele assentiu

e deu uma espécie de grunhido que presumi ser uma resposta positiva. Mas quando ele finalmente voltou os olhos para mim, eles estavam tão cheios de cansaço que fui imediatamente silenciado. Olhos de alguém que sabia que estava morrendo e que não conseguia suportar permanecer mais tempo na face da Terra. Havia desgosto puro naqueles olhos, bem como uma submissão silenciosa que me tocou. O advogado de personalidade se fora. O pai ditador se fora. O censor arrogante se fora. Eu olhava para um homem velho, doente, com mau hálito, que estava pronto para morrer e que não queria ouvir nem a mim nem a ninguém.

Era tarde demais. Tarde demais para que eu me aproximasse dele e dissesse que me importava. Tarde demais para dizer que eu sabia que ele estava com câncer, que ele estava morrendo, tarde demais para perguntar sobre Clarisse e June, tarde demais para me arriscar naquele território com ele. Ele piscou devagar, sem mostrar espanto, esperou que eu falasse e, quando acabei não falando, ele deu de ombros debilmente e voltou a olhar para a tevê. Nem me perguntou o que eu queria. Senti como se ele tivesse fechado a cortina do palco. O espetáculo tinha acabado. *Vamos lá, Antoine, este é o seu pai, chegue mais perto, pegue a mão dele, faça com que ele saiba que você está aí, mesmo se você não consegue fazer mais, se esforce, diga que gosta dele, diga antes que seja tarde demais, olhe para ele, ele está morrendo, não há muito tempo. Não há tempo.*

Me lembrei de quando ele era jovem, o sorriso reluzia como um farol em seu rosto tão sério, quando seus cabelos eram negros e espessos e não essas raízes ralas e escassas de hoje. Me lembrei de quando ele nos abraçava e beijava amorosamente, quando Mélanie montava nos ombros dele no Bois de Boulogne, quando sua mão protetora, nas minhas costas, me empurrava para a frente, me fazia sentir o menino mais poderoso do mundo. Me lembrei de como, após a morte da minha mãe, ele se fechara, de como haviam acabado os beijos carinhosos, de como se tornara exigente,

inflexível, como criticava, julgava, como me fazia sentir mal. Queria perguntar a ele por que a vida o fizera tão amargo, tão hostil. Foi a perda de Clarisse? Perder a única pessoa que o fizera feliz? Foi a descoberta de que ela fora infiel? De que amava outra pessoa? Uma mulher? Foi isso, aquela humilhação final, que partiu o coração e a alma do meu pai?

Mas não perguntei nada. Absolutamente nada. Levantei e me encaminhei para a porta. Ele não se mexeu. A televisão continuou aos berros. Assim como Régine, no quarto ao lado.

— Adeus, pai.

Ele grunhiu de novo, sem sequer me olhar. Parti fechando a porta às minhas costas. Na escada, não consegui mais conter as lágrimas amargas de remorso e uma dor que parecia apunhalar a minha própria carne.

Capítulo 58

— **N**ÃO, NÃO CONSEGUI FALAR com meu pai. Não consegui.
— Não se recrimina, Antoine. Não faz tudo ainda mais difícil para você.

A necessidade de dormir me domina como se um cobertor pesado tivesse sido jogado sobre minha cabeça. Angèle me leva para a cama e me espanto com a delicadeza de suas mãos, aquelas mãos respeitadas, carinhosas, que lidam diariamente com a morte. Mergulho num sono agitado, como se afundasse em um oceano sem fundo de águas turvas. Sonhos tão estranhos vêm a mim, minha mãe ajoelhada de casaco vermelho olhando para o trem, meu pai com o sorriso feliz de antigamente, escalando um pico nevado, traiçoeiramente íngreme, o rosto queimado pelo sol, Mélanie num vestido negro comprido, boiando na superfície de uma piscina negra, de braços abertos, óculos escuros na ponta do nariz, e eu, caminhando por uma floresta cerrada, de pés descalços, num terreno lamacento e cheio de insetos.

Quando desperto, já é manhã, e por um segundo, em pânico, não sei onde estou. Então me lembro. Na casa de Angèle. Na sua casa do século XIX, extremamente bem restaurada, onde funcionou uma escola primária. Nas imediações do rio, no coração de Clisson, aquela curiosa cidade histórica perto de Nantes da qual nunca ouvira falar antes de conhecê-la. A hera escala paredes de granito, duas amplas chaminés contemplam o telhado e um encantador jardim murado, o antigo lugar de brincadeiras dos estudantes. Estou na confortável cama de Angèle. Mas ela não está ao meu lado. O espaço perto de mim está frio. Levanto, desço as escadas. O agradável aroma de café e torradas me saúda. A luz do sol pálida, amarelada, atravessa a janela. Lá fora, o jardim está coberto por

uma delicada camada de geadas, como o glacê de um bolo. De onde estou, dá para vislumbrar o alto das ruínas do castelo medieval de Clisson.

Angèle está sentada à mesa, abraçando um joelho, profundamente concentrada em um documento. O laptop aberto está por perto. Enquanto me aproximo, vejo que ela está examinando o prontuário médico de minha mãe. Quando levanta os olhos, pelos círculos escuros sob eles, posso dizer que ela não dormiu muito.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Estava esperando você. Não queria te acordar.

Ela levanta, serve uma xícara de café e me entrega. Vejo que ela já está vestida com suas roupas de sempre, jeans pretos, botas e blusa preta de gola rolê.

— Parece que você não dormiu muito.

— Li o prontuário médico da sua mãe — diz ela.

Alguma coisa na forma como ela diz isso me faz olhá-la com mais atenção.

— Você percebeu alguma coisa?

— Sim — diz ela. — Percebi. Senta, Antoine.

Sento ao lado dela. Está quente e ensolarado na cozinha e depois do sono tumultuado, com aqueles sonhos perturbadores e vívidos, não sei se consigo enfrentar mais sofrimento. Reúno minhas forças.

— O que você percebeu?

— Não sou médica, você sabe. Mas trabalho em hospital, vejo a morte todo dia. Também leio prontuários médicos, falo com médicos. Examinei o prontuário da sua mãe enquanto você estava dormindo. Tomei notas, fiz pesquisas na internet, além de enviar alguns e-mails para amigos meus que são médicos.

— E aí? — pergunto, subitamente incapaz de beber o café.

— Sua mãe vinha tendo enxaquecas havia dois anos, antes de morrer. Não eram tão frequentes, mas eram fortes. Você se lembra

disso?

— Lembro de uma ou duas. Ela tinha que ficar deitada no escuro e o dr. Dardel aparecia pra vê-la.

— Alguns dias antes de morrer, ela teve uma enxaqueca e procurou o médico. Olhe, pode ler aqui.

Ela me entrega um bilhete xerocado. A letra ruim do dr. Dardel. Eu já tinha visto aquilo, era o último registro em suas notas antes de Clarisse morrer. *Sete de fevereiro de 1974. Enxaquecas, náusea, vômito, dores nos olhos. Visão dupla.*

— Sim, eu vi isso — digo. — E daí?

— O que você sabe sobre aneurisma cerebral, Antoine?

— Bom, eu sei que o aneurisma é como uma bolha, uma bolhinha minúscula que se forma na superfície de uma artéria do cérebro. Sei que o aneurisma tem uma parede fina, se comparada com a parede mais espessa da artéria normal do cérebro. E o perigo acontece quando essa parede mais fraca se rompe.

— Isso está bem claro. Bom.

Ela serve mais café.

— Por que você está me perguntando isso?

— Porque eu acho que a sua mãe morreu em consequência do rompimento de um aneurisma cerebral.

Olho para ela em silêncio desesperado. Finalmente balbucio:

— Você não acredita que tenha havido uma briga com Blanche?

— Vou dizer o que eu acho que aconteceu. Mas depois que eu fizer isso, ainda vai ser com você, Antoine. Você vai ter que acreditar naquilo que acha que é verdade.

— Você acha que estou carregando nas tintas daquela história? Que eu estou imaginando coisas? Que estou sendo paranoico?

Ela pousa uma mão pacificadora sobre meu ombro.

— Claro que não. Fica frio. Sua avó era uma piranha escrota homofóbica. Só me escuta, tá? Dia 7 de fevereiro de 1974. O dr. Dardel visita sua mãe na avenue Kléber. Ela tem uma enxaqueca

forte. Está de cama o dia todo no escuro. Ele dá a medicação habitual e ela melhora um dia depois. É o que ele acha. É o que ela acha. É o que todo mundo acha. Mas o ruim sobre aneurisma cerebral é que ele pode se dilatar lentamente, continuamente, e talvez sua mãe já tivesse há um tempo aquilo no cérebro e ninguém soubesse, e essa fosse a causa daquelas enxaquecas ocasionais. Quando um aneurisma se dilata, antes de se romper, antes de ter hemorragia, provoca pressão sobre o cérebro ou sobre lugares perto do cérebro como os nervos óticos, por exemplo, ou músculos do rosto e do pescoço. *Enxaquecas, náusea, vômito, dores nos olhos. Visão dupla.* Se o dr. Dardel fosse mais jovem, e talvez um pouquinho mais dinâmico, diante desses sintomas ele teria enviado sua mãe imediatamente a um hospital. Meus dois amigos médicos me confirmaram isso por e-mail. Talvez o dr. Dardel tivesse uma agenda apertada naquele dia, talvez a cabeça dele estivesse voltada para outros assuntos urgentes, talvez ele não tivesse se preocupado. Mas o aneurisma no cérebro da sua mãe cresceu e se dilatou. E em 12 de fevereiro de 1974, alguns dias depois, ele se rompeu.

— Me conte como você acha que aconteceu.

— Aconteceu enquanto ela estava com a sua avó, exatamente naquela manhã do dia 12 de fevereiro. A história é a mesma, sua mãe de casaco vermelho, caminhando pela avenue Henri-Martin. Mas, provavelmente, sua mãe não caminha tão rápido porque não se sente nada bem. Ainda está enjoada, talvez tenha até vomitado naquela manhã. Se sente tonta, o passo dela é vacilante. Provavelmente, muito provavelmente, sente uma rigidez no pescoço. Mas ela quer enfrentar sua avó e, para ela, isso é só o finalzinho da enxaqueca. Ela não se preocupa com a saúde. Está mais preocupada com June. E com o fato de enfrentar sua avó.

Enterro o rosto nas mãos. É insuportável a ideia de minha mãe, com dores, lutando para chegar à avenue Henri-Martin, os braços e

as pernas pesando uma tonelada, indo enfrentar Blanche como um corajoso soldadinho que se encaminha para a batalha.

— Continua.

— A história continua bem parecida com a sua. Gaspard abre a porta, talvez perceba a palidez, a falta de fôlego dela, mas ela tem só um objetivo, lidar com a sua avó. Talvez sua avó tenha percebido alguma coisa também, que o rosto de Clarisse está assustadoramente pálido, que ela engole as palavras ao falar, que não parece conseguir ficar reta, como se tivesse bebido. A conversa é a mesma. Blanche exhibe as fotos, o relatório do detetive, Clarisse diz que vai manter a posição dela, que não vai deixar de ver June, de amar June. Então acontece. De repente. Como um raio. A pior dor de todas. Como se tivesse levado um tiro na parte de trás da cabeça. Clarisse balança bruscamente, põe a mão nas têmporas e cai bem ali. Talvez bata com a cabeça no canto da mesa, mas já está morta. Não há nada que a sua avó possa fazer. Não há nada que o médico possa fazer. Quando ele chega, ele sabe. Ele sabe que cometeu um erro quando não mandou ela para o hospital há alguns dias. Ele provavelmente carregou essa culpa pelo resto da vida.

Agora compreendo por que Laurence Dardel ficou tão incomodada quando pedi o prontuário. Ela sabia que o olhar de um médico poderia facilmente identificar o erro de seu pai.

Angèle vem se sentar em meu colo, o que não é fácil, considerando-se como são longas as suas pernas.

— Isso ajuda você? Ajuda de alguma forma? — pergunta suavemente.

Ponho meus braços em torno dela, descansando o queixo no canto do seu pescoço.

— Acho que sim. O que dói é não saber realmente o que aconteceu.

Ela acaricia meu cabelo de forma confortadora.

— Quando voltei da escola naquele dia, no dia em que meu pai se matou, não tinha bilhete. Ele não deixou nada. Aquilo nos enlouqueceu. Enlouqueceu minha mãe. E pouco antes de ela morrer, há poucos anos, ela me disse como era terrível não saber por que ele se matou, mesmo depois de tantos anos. Não havia outra mulher. Nenhum problema financeiro. Nenhum problema de saúde. Nada.

Eu a aperto com força, pensando nela aos 13 anos, ao descobrir o pai morto. Nenhum bilhete. Nenhuma explicação. Estremeço.

— Nós nunca soubemos. Tivemos que viver com isso. Eu aprendi. Não foi fácil, mas aprendi.

E fica claro para mim que é precisamente o que vou precisar aprender a fazer.

Capítulo 59

— **T**Á NA HORA — diz Angèle vigorosamente. Estamos tomando café, depois do almoço, e o sol está tão excepcionalmente cálido que estamos sentados no pátio lá fora, diante da cozinha. O jardinzinho está lentamente ganhando vida. A primavera não está distante. Posso senti-la formigando em meu nariz entupido de parisiense. Verdejante, úmida, fresca e pungente. Deliciosa.

Volto o olhar para ela, surpreso.

— Hora de fazer o quê?

— Hora de ir.

— Para onde?

Ela sorri.

— Você vai ver. Veste alguma coisa quente. O vento pode ser traiçoeiro.

— O que você está planejando?

— Não queria que você soubesse.

Eu costumava ficar pouco à vontade, inicialmente, ao andar atrás dela na Harley Davidson. Não estava acostumado com motocicletas, nunca soube para que lado deveria me jogar nas curvas e, como garoto da cidade, estava convencido de que motos eram perigosas demais para se confiar nelas. Nunca dirigira uma na vida. E nunca andara de carona com ninguém, muito menos com uma mulher. Angèle andava na Harley todos os dias, dirigindo de Clisson ao hospital de Le Loroux, com chuva ou sol, gelo na pista ou neve. Ela odiava carros, a ideia de ficar presa em engarrafamentos. Comprou a primeira Harley quando tinha 20 anos. Esta era a Harley número quatro.

Uma mulher bonita em uma Harley clássica não passa despercebida, logo notei. O ronco rouco e peculiar da exaustão da

Harley faz com que cabeças se virem, assim como uma criatura curvilínea, vestida de couro preto, sentada sobre a moto. Andar atrás dela é muito mais agradável do que havia imaginado, pois estou grudado nela em uma posição quase sexual, as coxas envolvendo as dela, a virilha colada em seu traseiro estupendo, a barriga e o peito apertados contra seus quadris e costas.

— Vamos lá, senhor Parisiense, a gente não tem o dia todo! — berra ela, jogando-me o meu capacete enquanto a Harley emite um rugido sedutor.

— Temos hora?

— Sim, temos! — ela exclama exultantemente, verificando o relógio. — E se você não andar depressa, vamos nos atrasar.

Percorremos estradinhas sinuosas e esburacadas, cercadas por campos tocados pela primeira promessa mágica da primavera. O sol com toda certeza está quente, mas o ar continua a beliscar meu rosto. Dirigimos por um tempo que presumo ser uma hora ou algo assim, mas não parece. É maravilhoso estar confortavelmente agarrado a Angèle, sentindo as vibrações do motor da Harley no meu lombo e as carícias do sol nas costas.

Só depois que vejo as placas indicando o caminho para Gois é que compreendo onde nós estamos. Nunca havia percebido como Clisson era próximo de Noirmoutier. A paisagem me parece completamente diferente no inverno, com tons mais amarronzados, beges, sem verde. A areia da costa também parece mais escura, mais cor de terra, mas não menos bela. Os primeiros postes de salvamento parecem me cumprimentar, e as gaivotas fazem círculos ao alto com gritos agudos, como se lembrassem de mim. O litoral se estende para longe, marrom-escuro, com toques de cinza, ao lado do cintilante mar azul-escuro sob a luz do sol e uma linha negra pouco uniforme de conchas, cascas e algas, lixo, cortiça e pedaços de madeira.

Não passam mais carros em Gois e a maré está subindo pela direita, as primeiras camadas de espuma do mar já começam a cobrir a passagem. O lugar está quase deserto, não é como no verão quando multidões se reúnem para assistir ao espetáculo do mar sobrepujando a terra. Angèle não diminui a velocidade; na verdade ela dirige ainda mais depressa, e puxo seu casaco para chamar atenção, pois não posso me fazer ouvir quando eu e ela estamos de capacete. Ela me ignora por completo, acelerando a Harley, e as poucas pessoas estacionadas à margem nos olham com caras atônitas enquanto passamos voando. Quase consigo ouvi-las falar: Ei, eles vão atravessar a Gois? Puxo o casaco com mais força dessa vez. Alguém aperta uma buzina estrepitosamente para nos alertar, mas já é tarde demais, as rodas da Harley enviam impressionantes jatos de água marinha para cima de nós, pelos dois lados, enquanto atingem o caminho pavimentado. Peço a Deus que Angèle saiba o que está fazendo. Quando era menino, li histórias demais sobre acidentes em Gois, na maré alta, o bastante para saber que isto é loucura. Pelo menos trinta pessoas morreram aqui nos últimos cem anos. Só Deus sabe quantas mais morreram antes disso. Me agarro com força a ela, rezando para que a Harley não derrape e nos envie de cabeça para um mergulho no oceano, para que o motor não seja inundado por uma daquelas ondas cheias de espuma, que ficam maiores a cada minuto. Angèle dirige aqueles 4 quilômetros com facilidade, com tamanha certeza arrogante que de alguma forma imagino que não seja a primeira vez que faz isso.

É um passeio maravilhoso, estimulante. E de repente, sinto-me em segurança, gloriosamente em segurança, em mais segurança do que jamais me senti em toda a vida desde o toque da mão protetora de meu pai sobre minhas costas quando eu era menino. Em segurança, com meu corpo abrigando o dela enquanto parecemos deslizar sobre a água, sobre o que não é mais uma estrada, pois não pode mais ser vista. Em segurança enquanto vejo a ilha adiante e os

postes de salvamento tão familiares que pontilham o caminho, projetando-se sobre a superfície reluzente do mar, nos saudando como um farol que conduz uma embarcação à segurança do porto. E desejo que este momento pudesse durar para sempre, que sua beleza e perfeição nunca me abandonassem. Chegamos à terra firme entre palmas e saudações entusiasmadas dos passantes que ficam perto da cruz que guarda a entrada de Gois.

Angèle desliga o motor e tira o capacete.

— Aposto que você estava se cagando de medo — diz entre gargalhadas, com um grande sorriso no rosto.

— Não! — resfolego, jogando o capacete no chão para poder beijá-la com vontade, com mais aplausos e gritos às nossas costas. — Não tive medo. Confiei em você.

— Você pode confiar. A primeira vez que fiz isso foi com 15 anos. No Ducati de um amigo.

— Você dirigiu um Ducati com 15 anos?

— Você ficaria surpreso em saber o que eu fiz com 15 anos.

— Não estou interessado — digo com leveza. — Como vamos voltar? A Gois está se fechando.

— Vamos pegar a ponte para voltar para casa. Menos romântico, lamento.

— Muito menos romântico. Eu adoraria ficar perdido em um daqueles postos de salvamento com você. Posso imaginar todo tipo de coisas para fazer com você.

A imensa corcova da ponte pode ser vista do lugar em que nos encontramos, embora esteja a mais de 5 quilômetros de distância. A estrada, agora, desapareceu, inteiramente engolida pela água. O mar recuperou sua supremacia, imenso e cintilante.

— Eu costumava vir aqui com minha mãe. Ela adorava a Gois.

— E eu costumava vir aqui com meu pai — diz ela. — Também passamos alguns verões aqui, quando eu era pequena. Mas não ficamos no Bois de la Chaise. Era chique demais pra gente,

monsieur! Fomos para a praia em Guérinière. Meu pai nasceu em La Roche-sur-Yon. Conhecia esse lugar como a palma da mão.

— Então talvez tenhamos vindo a Gois no mesmo dia, quando éramos pequenos.

— Talvez.

Sentamo-nos na colina coberta de relva, perto da cruz. Estamos sentados com os ombros unidos, dividindo um cigarro, perto do lugar em que me sentei com Mélanie no dia do acidente. Penso em minha irmã, envolta em uma bolha de ignorância por sua própria vontade. Penso em tudo que sei agora e que ela nunca vai saber, a não ser que me pergunte. Pego a mão de Angèle e a beijo. Penso em uma longa série de “e se”, que me trouxeram a esta mão. E se eu não tivesse decidido armar uma surpresa para os 40 anos de Mélanie? E se ela não tivesse tido aquela súbita recordação? E se não tivesse havido acidente? E se Gaspard não tivesse soltado a língua? E se não tivesse guardado a fatura? E outro “e se” emerge. E se o dr. Dardel tivesse internado minha mãe no hospital em 7 de fevereiro, no dia em que ela teve a forte enxaqueca? Poderia ter sido salva? Ainda estaria viva hoje? Teria deixado meu pai? Teria ido morar com June? Em Paris? Em Nova York?

— Para com isso — escuto a voz de Angèle.

— Parar com o quê?

Ela pousa o queixo nos joelhos e parece ser estranhamente jovem, subitamente, contemplando o mar, o vento batendo em seus cabelos. Então ela fala em voz baixa.

— Antoine, procurei por toda parte aquele bilhete. Enquanto meu pai estava ali com sangue e miolos espalhados por toda a cozinha, antes de pedir ajuda, procurei por aquele bilhete berrando o mais alto que podia, as lágrimas descendo pelo meu rosto, tremendo da cabeça aos pés. Procurei por toda parte, esquadrinhei aquela maldita casa, o jardim, a garagem, não parava de pensar que minha mãe ia chegar a qualquer minuto do escritório onde trabalhava e eu

precisava encontrar o bilhete antes que ela chegasse. Nunca encontrei. Não tinha bilhete. E esse POR QUE gigantesco ficou pairando sobre a minha cabeça. Ele era tão infeliz assim? Por que a gente não tinha percebido? Como pudemos ser tão cegas, minha mãe, minha irmã e eu? E se eu tivesse *percebido* alguma coisa? Se tivesse voltado mais cedo da escola naquele dia? Ou se não tivesse ido à aula? Será que ele teria se matado? Ou ainda estaria vivo hoje?

Percebo aonde ela quer chegar. Ela prossegue. A voz está mais forte agora, mas capto uma nota vibrante de dor que me emociona.

— Meu pai era do tipo calmo, tranquilo, como você, não era muito falador, bem mais calado que minha mãe. O nome dele era Michel. Eu pareço com ele. Os mesmos olhos. Ele nunca pareceu estar deprimido, não bebia, era saudável, atlético, gostava de ler, todos aqueles livros lá em casa são dele. Admirava Chateaubriand, Romain Gary, a natureza, a Vendée, o mar e parecia ser um sujeito tranquilo e feliz, ou pelo menos era o que a gente pensava. No dia em que o encontrei morto, ele estava usando o melhor terno cinza dele, aquele que eu só o via usar em ocasiões especiais, como o Natal ou o Ano-Novo. Ele estava de gravata e com o melhor par de sapatos pretos que tinha. Ele nunca se vestia desse jeito no cotidiano. Trabalhava numa livraria e usava calça de brim e suéter. Ele estava sentado na mesa quando deu o tiro. Pensei que o bilhete talvez tivesse ficado preso sob o corpo quando ele caiu para a frente depois do tiro, mas não ousei tocar nele. Eu tinha medo de cadáveres naquela época, não era como agora. Mas quando chegaram para levar ele, não havia bilhete. Nada. Então eu tive esperança de que uma carta podia chegar pelo correio, que talvez ele tivesse mandado um bilhete no dia em que morreu, mas nada apareceu. Foi só quando comecei a trabalhar como preparadora de cadáveres e peguei os primeiros casos de suicídio que o processo de cura começou, lentamente, de forma inesperada. Mas foi mais tarde,

anos mais tarde, dez anos mais tarde, pelo menos. Eu reconheci a minha angústia e o meu desespero quando encontrei as famílias daqueles que tinham se matado. Ouvi as histórias, compartilhei a dor deles, às vezes até chorei junto. Muitos me disseram por que seus parentes queriam morrer, muitos sabiam. Corações partidos, doença, desespero, angústia, medo, tantas razões. E aí me ocorreu, certo dia, enquanto eu cuidava do corpo de um homem da idade do meu pai e que tinha se matado com um tiro porque a pressão no trabalho era excessiva. Aquele homem estava morto, assim como o meu pai. A família daquele homem sabia por que ele tinha puxado o gatilho; nós não. Mas qual era a diferença? Só o que ficava era a morte. Um cadáver para ser embalsamado, colocado no caixão e enterrado. Orações a serem ditas e luto a ser vivido. Saber não ia trazer meu pai de volta. Saber nunca tornaria o luto mais fácil. Saber nunca faz a morte uma coisa mais fácil.

Há uma minúscula lágrima estremeando no canto do seu olho e, delicadamente, eu a seco com meu polegar.

— Você é uma mulher maravilhosa, Angèle Rouvatier.

— Não me trata de forma melosa, Antoine — diz ela. — Detesto isso. Vamos. Está ficando tarde.

Ela se levanta e caminha até a Harley. Eu a observo enquanto veste o capacete, as luvas e habilmente dá partida no motor. O sol parece menos forte agora e a friagem está chegando.

Capítulo 60

PREPARAMOS COM CUIDADO UM jantar, ela e eu, lado a lado. Sopa de legumes (alho-poró, cenoura e batata), limão e tomilho (do jardim), frango assado com arroz basmati, crumble de maçã. Uma garrafa fresca de chablis nos faz companhia. A casa está quente e aconchegante e tomo consciência de como aprecio a paz e a tranquilidade, o tamanho e a simplicidade bucólica deste lugar. Nunca pensei que uma criatura urbana como eu se alegraria tanto em um cenário tão rústico. Será que eu poderia viver aqui com Angèle? Nos dias de hoje, com computador, telefone celular e trem expresso, seria tecnicamente viável. Penso no trabalho que me aguarda. Rabagny está prestes a fechar um negócio lucrativo para mim, relacionado à patente da Cúpula do Pensamento. Eu logo estaria ocupado de novo, trabalhando para ele e Parimbert, em um projeto europeu, altamente ambicioso, estimulante, que vai trazer muito dinheiro. E parecia que não havia nada que eu não pudesse fazer para eles daqui. Era só questão de organização e de planejamento inteligente.

Mas será que Angèle vai me querer aqui? *Não sou do tipo que se casa. Não sou uma pessoa muito família. Não sou do tipo ciumento. Não me trate de forma melosa, Antoine.* Talvez o fascínio arrebatador de Angèle tenha origem no fato de que sei que nunca vou possuí-la por completo. Posso trepar com ela até cair para trás, coisa que ela obviamente aprecia, e sem dúvida, ela está verdadeiramente comovida pela história da minha mãe, mas nunca vai querer morar comigo. É como o gato de *Histórias Bem Assim* de Kipling. O gato que andava sozinho.

Depois do jantar, subitamente me lembro do DVD copiado do rolinho de filme super 8. Como pude me esquecer dele? Está na sala

de estar, com as fotos e as cartas. Corro para pegá-lo e entrego a Angèle.

— O que é isso? — ela pergunta.

Explico que me foi enviado por Donna Rogers, de Nova York. A companheira de June Ashby. Ela enfia o disco no drive de DVD do laptop.

— Acho que você precisa ver isso sozinho — murmura ela, acariciando meu cabelo e, antes que eu possa me decidir sobre a necessidade de sua presença, ela coloca a jaqueta Perfecto sobre os ombros e vai direto para o jardim escuro, deixando entrar uma rajada de ar frio do campo.

Sento diante do computador e aguardo ansiosamente. A primeira imagem a aparecer na tela é o rosto da minha mãe, à luz do sol, filmado em *close-up*. Seus olhos estão fechados, como se estivesse adormecida, mas um sorrisinho brinca em seus lábios. Muito lentamente, ela abre os olhos, cobre-os com a mão e, em um espasmo que mistura dor e alegria, olho dentro deles, incrédulo, como eram verdes, mais verdes que os de Mélanie, como eram gentis e delicados, olhos tão serenos, luminosos, amorosos.

Nunca tinha visto um filme da minha mãe. Aqui está ela na tela do computador de Angèle, milagrosamente ressuscitada, e mal posso respirar, tomado pelo regozijo e pela emoção. Lágrimas repentinas descem por meu rosto e eu as enxugo apressadamente. Estou surpreso com a ótima qualidade deste filme. Esperava imagens com coloração grosseira, precária. Agora ela está caminhando numa praia, e com o coração mais rápido, reconheço a Plage des Dames, o píer, o farol, as cabines de madeira e seu maiô felpudo cor de laranja. Experimento a mais estranha das sensações. De alguma forma, sei que estou ali perto construindo um castelo de areia, gritando seu nome, mas June, que sem dúvida está filmando, não se interessa pelo castelo de areia do menininho. O filme então pula para os postes de salvamento e a longa extensão da Passagem

de Gois e vejo minha mãe, distante, uma silhueta minúscula caminhando pela beira da estrada na maré baixa, em um dia cinzento e tempestuoso, vestida de suéter branco e short, o cabelo negro voando ao vento. Ela parece estar distante, a princípio, as mãos nos bolsos, mas ela caminha cada vez mais para perto com seu inesquecível passo de bailarina, os pés virados para fora, as costas e o pescoço eretos. Tão graciosa e ágil. Está caminhando exatamente no mesmo lugar em que Angèle e eu estivemos naquela mesma tarde, dirigindo-se para a ilha como nós, rumo à cruz. O rosto ainda está fora de foco, então se torna mais nítido e vejo que está sorrindo. Ela começa a correr na direção da câmera, rindo, tira uma mecha de cabelo dos olhos. Seu sorriso é transbordante de amor. Então ela põe uma das mãozinhas bronzeadas no peito, exatamente sobre o coração, a beija e coloca a palma da mão contra a câmera. A carne rosada da palma de sua mão é a última imagem do filme. A última imagem que vejo.

Clico no vídeo para ver tudo de novo, impressionado pelas imagens da minha mãe viva, movimentando-se, caminhando, respirando, sorrindo. Não sei quantas vezes vi tudo. De novo e de novo. Até que sei tudo de cor, até que sinto que estava lá. Até não conseguir mais assisti-lo, pois minha agonia é insuportável. Até meus olhos estarem tão cheios de lágrimas que não consigo mais ver a tela. Até sentir tanta falta da minha mãe morta que desejo me deitar no chão irregular de pedra e chorar. Minha mãe nunca vai conhecer meus filhos. Minha mãe nunca vai saber quem eu sou agora. No que eu me transformei. Seu filho. Um homem levando sua vida da melhor forma possível, um homem que procura fazer o melhor, seja lá o que for este melhor. Alguma coisa dentro de mim é liberada, se solta e parte. Sinto quando parte. Sinto a agonia partir. Em seu lugar, uma dor indistinta permanece e sei que vai ficar comigo para sempre.

Paro o vídeo e tiro o DVD. Guardo de volta dentro da capa. A porta do jardim está aberta, vou para lá. O ar está doce e fresco. As estrelas piscam. Um cão ladra a distância. Angèle está sentada em um banco de pedra olhando as estrelas.

— Quer falar sobre o vídeo? — pergunta.

— Não.

— Você está bem?

— Sim.

Ela se encosta em mim. Ponho um braço em volta de seus ombros e dividimos o frio silencioso da noite, o latido distante e ocasional do cão, a luminosidade estrelada que brilha sobre nós. Penso na palma da mão rosada de minha mãe, cobrindo a câmera. Penso na Harley deslizando sobre Gois. Penso nas costas flexíveis de Angèle contra meu peito, as mãos enluvadas e confiantes no guidom. E sinto-me abrigado como me senti naquela tarde, sabendo que esta mulher, com quem posso passar o resto dos meus dias ou não, esta mulher que pode me mandar embora amanhã de manhã ou me receber para sempre, esta extraordinária mulher cujo trabalho é a morte, esta mulher me deu o beijo da vida.

Fim

Muito obrigada a:

Nicolas, pela paciência e ajuda.

Sophie, por ter completado 40 anos em Dinard, em julho de 2005.

Laure, Catherine e Julia, minhas primeiras leitoras.

Abha, pelas opiniões e pelos conselhos.

Sarah, por seu olho radiante.

Chantal, por me ceder aquele espaço na rue Froidevaux.

Guillemette e Olivier, por me apresentarem a Noirmoutier.

Mélanie e Antoine Rey, por me deixarem pegar seus nomes emprestados.

Héloïse e Gilles, por confiarem em mim novamente.